



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (FIC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (PPGCOM)

ÍCARO GONÇALVES DOS SANTOS

**O JORNALISMO DE DADOS E A CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA: ESTUDO DE
CASO SOBRE O NÚCLEO *DELTA*FOLHA, DO JORNAL *FOLHA DE SÃO PAULO***

GOIÂNIA
2023

**UFG**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE
TESES****E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese ☐ Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Ícaro Gonçalves dos Santos

3. Título do trabalho

O JORNALISMO DE DADOS E A CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA: ESTUDO DE CASO SOBRE O NÚCLEO DELTAFOLHA, DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Icaro Gonçalves Dos Santos, Discente**, em 28/08/2023, às 17:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Katia Kelvis Cassiano Lozano, Professor do Magistério Superior**, em 31/08/2023, às 14:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3999256** e o código CRC **D2D2C48F**.

ÍCARO GONÇALVES DOS SANTOS

**O JORNALISMO DE DADOS E A CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA: ESTUDO DE
CASO SOBRE O NÚCLEO *DELTA*FOLHA, DO JORNAL *FOLHA DE SÃO PAULO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC-UFG), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania

Linha de pesquisa: Mídia e Informação

Orientadora: Prof^a Dra. Kátia Kelvis Cassiano

GOIÂNIA
Agosto de 2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos, Ícaro Gonçalves dos

O jornalismo de dados e a credibilidade jornalística [manuscrito] :
estudo de caso sobre o núcleo DeltaFolha, do jornal Folha de São
Paulo / Ícaro Gonçalves dos Santos. - 2023.

CCXXIV, 224 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Kátia Kelvis Cassiano.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós
Graduação em Comunicação, Goiânia, 2023.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui lista de figuras, lista de tabelas.

1. jornalismo de dados. 2. Folha de São Paulo. 3. DeltaFolha. 4.
credibilidade. 5. fake news. I. Cassiano, Kátia Kelvis, orient. II. Título.

CDU 007



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 26/2023 da sessão de Defesa de Dissertação de **Ícaro Gonçalves dos Santos** que confere o título de Mestre em **Comunicação**, na área de concentração em **Comunicação, Cultura e Cidadania**.

Aos **nove dias de agosto de dois mil e vinte e três**, a partir das **catorze horas**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **“O jornalismo de dados e a credibilidade jornalística: estudo de caso sobre o núcleo DeltaFolha, do jornal Folha de São Paulo”**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Kátia Kelvis Cassiano** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora **Rosana Maria Ribeiro Borges (PPGCOM/FIC/UFG)**, avaliadora titular interna e Professor Doutor **Alex Fabianne de Paulo (PPGADM/FACE/UFG)**, avaliador titular externo; com a participação de todos por **webconferência**. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Kátia Kelvis Cassiano**, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **nove dias de agosto de dois mil e vinte e três**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Não houve sugestão de alteração de título pela banca examinadora

*A banca examinadora recomenda a indicação da dissertação para concorrer a alguma premiação acadêmica da área



Documento assinado eletronicamente por **Katia Kelvis Cassiano Lozano, Professor do Magistério Superior**, em 09/08/2023, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosana Maria Ribeiro Borges, Professora do Magistério Superior**, em 09/08/2023, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alex Fabianne De Paulo, Professor do Magistério Superior**, em 09/08/2023, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3890965** e o código CRC **BE616313**.

Referência: Processo nº 23070.038414/2023-88

SEI nº 3890965

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho é a realização de um sonho imaginado ainda nos primeiros períodos de graduação. Mais do que isso, é o início de um projeto de vida voltado a defender a educação, com plena consciência de que é por meio da educação que poderemos construir a sociedade, o mundo e o ideal de vida que queremos um dia alcançar.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por despertar em mim o sonho de seguir esta jornada, por me dar força para enfrentar as adversidades, por permitir que eu encontrasse serenidade nos momentos difíceis, e por colocar em minha vida as pessoas certas que me ajudaram na caminhada.

À minha mãe, Maria Madalena Gonçalves de Melo, por todo seu amor, cuidado e incentivo ao longo de minha vida. Por me ensinar a importância de sermos proativos e dedicados em tudo que fazemos. A meu pai, Luiz Antônio dos Santos (*In memoriam*), por todo amor, proteção e por me mostrar que a educação é o meio para transformar vidas, sendo o único bem que jamais pode ser tirado de nós.

Agradeço a todos meus familiares e ancestrais, que possibilitaram minha existência nesta vida, na qual posso evoluir e aprender cada vez mais a ser uma pessoa melhor e um espírito mais puro.

À Isabella Valverde, minha atual companheira, com quem tenho aprendido tanto e quem muito me apoiou com carinho, paciência e incentivo ao longo dos anos de estudo. Quando eu me sentia sozinho e inseguro, encontrava em você o conforto certo e as palavras sensíveis que me acalmavam.

A todos os amigos e colegas que fiz em minha jornada acadêmica, com quem pude aprender, debater, me divertir e criar uma admirável e construtiva relação de amizade. Mas também aos que conheci ao longo da infância e adolescência, com quem pude ou posso compartilhar experiências enriquecedoras.

À minha orientadora, Profa. Dra. Kátia Kelvis Cassiano, que me acolheu com muito carinho e me mostrou caminhos quando eu estive perdido. No desenvolver do trabalho, não foram poucos os momentos de receio, mas suas palavras, conselhos e as boas conversas que tivemos sempre me ajudavam a reencontrar a trilha a ser seguida.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, com os quais pude aprender muito e, tenho certeza, continuarei aprendendo, pois a educação é uma caminhada contínua. E também a todos os professores dos ensinos fundamental, médio e técnico com quem tive contato e pude absorver conhecimento.

Esta dissertação foi parcialmente financiada pela Coordenação de Desenvolvimento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

RESUMO

Esta pesquisa investiga como as dinâmicas da produção de Jornalismo de Dados se relacionam com os pilares da credibilidade jornalística. Para tanto, o trabalho recorreu a estudos e conhecimentos ligados às Teorias do Jornalismo, a Sociologia e a Filosofia, assim como os referenciais metodológicos da Ciência da Informação e da Análise de Conteúdo. Como objeto de pesquisa, definiu-se o núcleo DeltaFolha, editoria online do jornal Folha de São Paulo que publica periodicamente reportagens produzidas a partir de práticas do Jornalismo de Dados. Para construção do *corpus* da pesquisa, extraiu-se um conjunto de 412 notícias e reportagens produzidas pelo núcleo, incluindo textos e imagens, materiais estes que foram investigados por meio de análise de conteúdo qualitativa e análise de compreensibilidade das visualizações. Quanto aos resultados, observou-se que o conjunto de textos que forma o *corpus* apresenta diferentes estratégias para gerar efeito de verdade, com extensas análises de dados e alto grau de interesse público. Nas matérias baseadas em dados, era recorrente a abordagem de temas de elevado impacto social, com dados ligados a fatos da política, saúde pública, direitos e cidadania. O núcleo também demonstrou alto grau de autonomia, com dados investigados e cruzados de maneira autoral na maioria dos casos. Além disso, era recorrente a exploração de bancos de dados extensos, com dezenas de milhares de informações. Também foi identificada, na maior parte das matérias, a produção jornalística em coautoria de dois ou três profissionais. Observou-se também o cuidado em explicar, superficialmente que seja, os métodos utilizados pelos jornalistas para a análise de dados. Na análise específica de recursos visuais, como gráficos, infografias e visualizações, identificou-se um notório esforço para a construção de recursos que complementassem as descrições textuais dos dados investigados, com a apresentação de artes complexas e, algumas vezes, extensas. Algumas visualizações tinham a capacidade de imergir o leitor nos fatos históricos descritos, como nos casos de linhas do tempo que abordaram fatos importantes da política nacional. Um ponto negativo notado foi que, por vezes, os recursos visuais apresentaram excesso de informações, o que dificultou a compreensibilidade.

Palavras-chave: jornalismo de dados; Folha de São Paulo; DeltaFolha; credibilidade; *fake news*.

ABSTRACT

This research investigates how the dynamics of data journalism production relate to the pillars of journalistic credibility. To this end, the work resorted to studies and knowledge related to Theories of Journalism, Sociology and Philosophy, as well as the methodological references of Information Science and Content Analysis. As an object of research, the DeltaFolha nucleus was defined, an online editorial of the Folha de São Paulo newspaper that periodically publishes reports produced based on data journalism practices. For the construction of the research corpus, a set of 412 news and reports produced by the nucleus was extracted, including texts and images, materials that were investigated through qualitative content analysis and analysis of the comprehensibility of the visualizations. In the results, it was observed that the set of texts that form the corpus presents different strategies to generate a sense of truth, with extensive data analysis and a high degree of public interest. In data-based articles, the approach of topics with a high social impact was recurrent, with data linked to political facts, public health, rights and citizenship. The nucleus also demonstrated a high degree of autonomy, with data investigated and crossed in an authorial way in most cases. In addition, the exploration of extensive databases, with tens of thousands of information, was recurrent. Also, in most articles, the journalistic production in co-authorship of two or three professionals was identified. It was also observed the care in explaining, even superficially, the methods used by journalists for data analysis. In the specific analysis of visual resources, such as graphs, infographics and visualizations, a notable effort was identified to build resources that complemented the textual descriptions of the investigated data, with the presentation of complex and, sometimes, extensive art. Some visualizations had the ability to immerse the reader in the historical facts described, as in the cases of timelines that addressed important facts of national politics. A negative point noted was that, sometimes, the visual resources presented too much information, which made it difficult to understand.

Keywords: data journalism; Folha de São Paulo; DeltaFolha; credibility; fake news.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diagrama da credibilidade jornalística como capital simbólico.....	35
Figura 2 - A verdade jornalística e seus conceitos circundantes	61
Figura 3 - Diagrama de Florence Nightingale sobre as causas das mortes de soldados britânicos na guerra da Criméia.....	77
Figura 4 - Etapas do surgimento do Jornalismo de Dados	86
Figura 5 - Etapas da Análise de Conteúdo	98
Figura 6 - Reportagens publicadas pelo núcleo DeltaFolha	100
Figura 7 - Página de matérias no DeltaFolha	107
Figura 8 - Página inicial da <i>Wayback Machine</i>	109
Figura 9 - Matérias mais antigas do DeltaFolha acessadas por meio do <i>Wayback Machine</i>	110
Figura 10 - Perfil do DeltaFolha no Twitter	111
Figura 11 - Dendograma do corpus textual	120
Figura 12 - Análise fatorial do corpus textual	121
Figura 13 - Grafo de similitude	123
Figura 14 - Página de uma reportagem do núcleo DeltaFolha	126
Figura 15 - Exemplo de sinalização de erros corrigidos	131
Figura 16 - Gráfico ‘10 países com mais mortes por Covid-19 nos últimos 7 dias’	146
Figura 17 - Gráfico ‘MG registra maior sobreposição de resultados’	147
Figura 18 - Principais elementos dos gráficos e infografias.....	148
Figura 19 - Exemplos de recursos visuais usados pelo DeltaFolha	156

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Índices geradores de efeitos de verdade	114
Tabela 2 - Amostragem proporcional das matérias que compõem o <i>corpus</i>	125
Tabela 3 - Total de falhas verificadas nos gráficos que compõem as 43 matérias da amostragem.....	150
Tabela 4 - Indicador de ineficiência dos gráficos com base nas editorias.....	152
Tabela 5 - Indicador de ineficiência dos gráficos com base em períodos	154

LISTAS DE GRÁFICOS E EQUAÇÕES

Gráfico 1 - Porcentagem da população brasileira que confia nas notícias	44
Gráfico 2 - Número de matérias por editoria.....	117
Gráfico 3 - Quantidade de matérias produzidas nas editorias Poder, Saúde e Esporte	117
Gráfico 4 - Engajamento dos leitores por editoria.....	119
Gráfico 5 - Indicador de ineficiência dos gráficos por período	155
Equação 1 - Fórmula do indicador de visualizações ineficientes.....	148

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Problematização	16
1.2 Objetivos	19
1.3 Justificativa.....	19
1.4 Estrutura da dissertação	21
2 CONFIGURAÇÃO HISTÓRICA DA CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA	23
2.1 O que é jornalismo?	23
2.2 O capital simbólico do jornalismo	27
2.3 A constituição da credibilidade jornalística: perspectiva histórica-processual	37
2.4 A deturpação na percepção de credibilidade	43
3 O COLAPSO DA VERDADE E A CRISE DE CREDIBILIDADE NO JORNALISMO	48
3.1 A credibilidade percebida	48
3.2 A busca pela verdade: valor, efeito e vontade	50
3.3 Delimitando conceitos: a verdade jornalística explicada em teoria	54
3.4 O contexto de pós-verdades, <i>fake news</i> e a crise de credibilidade	61
3.5 Pela reconstrução da verdade factual: possíveis caminhos.....	68
4 APROXIMAÇÃO DO JORNALISMO COM MÉTODOS CIENTÍFICOS: BUSCA POR RECONSTRUÇÃO DA VERDADE FACTUAL	71
4.1 O que é o Jornalismo de Dados.....	71
4.2 Como surgiu o Jornalismo de Dados.....	76
4.2.1 Informatização da sociedade e das redações jornalísticas	78
4.2.2 <i>Open Government</i> e direito de acesso à informação	82
4.2.3 Jornalismo de Dados na era da informação	84
4.3 Um possível caminho: Jornalismo de Dados como forma de reconstruir a verdade factual.....	86
5 ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	92
5.1 A pesquisa com abordagem quali-quantitativa.....	92
5.2 A escolha do método e instrumentos de pesquisa	94
5.2.1 Pesquisa bibliográfica.....	95
5.2.2 Mineração de dados textuais.....	96

5.2.3 Análise de Conteúdo em textos jornalísticos	97
5.2.4 Análise de compreensibilidade de gráficos, infografias visualizações.....	99
5.3 Sobre a Folha de São Paulo e o núcleo DeltaFolha	100
5.3.1 Breve histórico e políticas editoriais	101
5.3.2 A Folha e a preocupação com a estética.....	105
6 ANÁLISE DE CONTEÚDO DA PRODUÇÃO DO DELTAFOLHA	106
6.1 Pré-análise - definição do <i>corpus</i>	106
6.1.1 Primeiras impressões	116
6.2 Exploração do material	123
6.2.1 Análise das categorias	126
6.2.2 Apuração e provas	127
6.2.3 Estratégias textuais e discursivas.....	133
6.2.4 Enquadramentos e posicionamentos.....	137
6.3 Inferência e interpretação	139
7 ANÁLISE DE GRÁFICOS, INFOGRÁFICOS E VISUALIZAÇÕES.....	145
7.1 Resultados da análise de compreensibilidade	149
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
REFERÊNCIAS	162
APÊNDICE A - TABELA DE CATALOGAÇÃO DAS MATÉRIAS DO CORPUS.....	171
ANEXO - DIRETRIZES COMPILADAS POR OLIVEIRA <i>et al.</i> (2021) PARA VISUALIZAÇÕES EFICIENTES.....	209
APÊNDICE B - RELATÓRIO DE FALHAS ENCONTRADAS NA AMOSTRAGEM DE VISUALIZAÇÕES DO NÚCLEO DELTAFOLHA.....	214

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação é o resultado do desenvolvimento de uma pesquisa de Mestrado em Comunicação, na qual se investigou as práticas do Jornalismo de Dados e suas contribuições para a credibilidade de um veículo informacional, a saber, o jornal Folha de São Paulo. O interesse por tal tema surgiu como desdobramento de pesquisas anteriores realizadas pelo pesquisador-autor, sob a perspectiva da crise de credibilidade vivenciada pelos veículos jornalísticos brasileiros, engendrada especialmente por ataques por parte de políticos de extrema-direita e pela circulação de boatos que emulam a estética de notícias jornalísticas. No decorrer desta dissertação, dois conceitos centrais, ou categorias teóricas, embasam as discussões: a credibilidade jornalística e o jornalismo de dados.

Para o desenvolvimento do trabalho, definiu-se como objeto de pesquisa o núcleo DeltaFolha, editoria *online* do jornal Folha de São Paulo na qual atuam jornalistas de dados e onde são produzidas reportagens segundo práticas do Jornalismo de Dados, sendo elas: a coleta, a organização, a interpretação e a apresentação de dados ao público por meio de infográficos e visualizações.

1.1 Problematização

O jornalismo, como campo social de produção noticiosa fundamental ao exercício da democracia, sofreu um processo de perda parcial de sua credibilidade, conforme apontado por Reuters Institute (2019). O contexto social marcado pelo crescimento no número de ataques à imprensa e a profissionais do campo jornalístico, engendrados especialmente por atores políticos que utilizam de apelos a emoções e ideologias para manipulação da opinião pública, foi definido por Keyes (2018) como a “era da pós-verdade”.

No mesmo sentido, o registro da circulação de informações falsas em meio às redes sociais digitais, comumente denominadas *fake news* – que imitam o estilo de redação jornalística de forma a emular a autoridade do jornalismo perante a população –, contribuiu para uma banalização do valor de verdade do jornalismo, ou seja, do predicado correspondente à sua capacidade de construir conhecimento baseado na evidência ou na verossimilhança (Charaudeau, 2019, p. 49).

O cenário contemporâneo de desinformação se agrava quando se considera o uso das mídias digitais como fonte de informação pela população brasileira. Segundo a Pesquisa

Brasileira de Mídia de 2016¹, quase metade dos brasileiros (49%) já utilizavam a Internet como principal meio de informação naquele ano. Surgiu, neste contexto, um novo dispositivo comunicacional no qual, potencialmente, qualquer cidadão pode disseminar informação sem necessidade de intermediação jornalística (Levy, 1999). As instituições jornalísticas, abaladas por essa conjuntura social, propícia à desinformação em virtude da carência de mecanismos para validação dos conteúdos, têm buscado formas de se adequar à realidade digital e revitalizar sua credibilidade frente à população.

O campo jornalístico vem buscando formas de evitar, ou pelo menos mitigar, esses efeitos nefastos da desinformação. Uma das respostas mais comuns são iniciativas de checagem de fatos (*fact-checking*) como Aos Fatos e Lupa, que buscam apontar mentiras e meias-verdades no discurso de autoridades e de outros atores políticos. Uma outra abordagem possível e provavelmente mais eficaz é evitar que os leitores acreditem nas informações divulgadas por produtores de conteúdo sem responsabilidade jornalística ou com histórico de disseminação de informação mentirosa ou distorcida (Träsel; Lisboa; Vinciprova, 2019, p. 4).

Tendo tais fenômenos em perspectiva, esta dissertação teve como cerne a hipótese de que o Jornalismo de Dados, como uma prática relativamente nova, apresenta potencial de revitalizar o capital simbólico de credibilidade do jornalismo. Isso se deve, principalmente, ao fato de as reportagens baseadas em dados terem o potencial de construir sentidos pautados em ‘verdades factuais’, com informações passíveis de checagem por parte do público leitor e, logo, dignas de credibilidade.

O Jornalismo de Dados compreende um conjunto de processos produtivos no qual o jornalista se baseia em dados de fontes diversas para gerar informação. Sua produção caracteriza-se pelas etapas de: extração de dados, organização e sistematização desses dados com uso de *softwares* e técnicas de análise; interpretação dos dados a fim de se encontrar os fatos relevantes à opinião pública; e a apresentação dos dados explorando o uso de infográficos e visualizações (Vasconcellos, 2014).

É importante ressaltar que o Jornalismo de Dados se tornou factível a partir das potencialidades hipermediáticas da sociedade da informação, assim como ao sucesso das campanhas populares ocorridas em vários países no final dos anos 1990 que reivindicavam maior abertura e transparência nos dados governamentais, dando origem assim à cultura de dados abertos (Vasconcellos, 2014).

¹ Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. Pesquisa Brasileira de Mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília: Secom, 2016. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/obcomp/outras-producoes/1/109/pesquisa-brasileira-de-midia/>>.

Conforme aponta Vasconcellos (2014, p. 7), os novos procedimentos e as novas técnicas para redação de matérias jornalísticas pautadas em dados abertos “ajudou os jornalistas a aprimorarem o seu próprio conhecimento acerca da realidade social e política, reduzindo a dependência de fontes externas ao processo de produção e análise da informação”. Para além disso, e considerando a complexidade da população de se informar sobre temas relevantes em uma sociedade cada vez mais digital, o Jornalismo de Dados se apresenta como prática capaz de produzir ‘atalhos informativos’ aos cidadãos por meio de informações pautadas por bancos de dados públicos e, assim, contribuir para sua compreensão da realidade sócio-política na democracia. Tal prática pode “colaborar para conferir autenticidade e, por conseguinte, credibilidade a uma narrativa noticiosa embasada em dados” (Träsel, 2014, p. 226).

No Brasil, redações de veículos tradicionais e de agências jornalísticas empreendem na produção noticiosa por meio do Jornalismo de Dados. O jornal O Estado de São Paulo mantém desde 2012 o núcleo Estadão Dados, responsável por projetos de interpretação de dados da política nacional como o Basômetro, ferramenta que mede o nível de apoio de parlamentares ao Governo Federal de acordo com seus votos (Träsel, 2014). Por sua vez, a Folha de São Paulo desenvolve iniciativas investigativas por meio do núcleo DeltaFolha. Também é válido destacar o projeto Monitor da Violência, produzido pelo portal G1; a editoria (M)Dados, do portal Metrôpoles, e os esforços investigativos pautados por dados da Agência Pública e do Nexô Jornal.

Considerando os apontamentos realizados, observa-se a relevância de se investigar as características e contribuições que as iniciativas de Jornalismo de Dados no Brasil podem trazer ao capital simbólico de credibilidade de veículos jornalísticos, sendo proposta a seguinte questão-problema: Como as dinâmicas da produção de Jornalismo de Dados no núcleo DeltaFolha se relacionam com os pilares da credibilidade jornalística?

A fim de proporcionar pertinência e exequibilidade ao trabalho, a pesquisa tratou como *corpus* de análise o conteúdo noticioso produzido pelo jornal Folha de São Paulo, por meio de seu núcleo DeltaFolha. Para a escolha deste objeto de pesquisa foram considerados alguns argumentos, listados a seguir.

Primeiro, a Folha de São Paulo é um dos veículos jornalísticos que mais têm sido atacados e descredibilizados por figuras políticas e militantes partidários nos últimos anos. O jornal é citado em diferentes relatórios, como o Relatório de Violações à Liberdade de Expressão, produzido anualmente pela Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e

Televisão (Abert)²; o relatório Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)³; além do balanço de ataques contra a imprensa, produzido pela ONG internacional Repórteres Sem Fronteiras (RSF)⁴.

Segundo, a Folha de São Paulo é um dos poucos jornais brasileiros que integram o *The Trust Project* (chamado de Projeto Credibilidade na etapa brasileira), consórcio internacional de empresas noticiosas que tem por objetivo “desenvolver ferramentas e técnicas em comum para promover um jornalismo confiável e de qualidade na internet, e assim, restaurar o papel de confiança da imprensa em servir ao bem público”⁵. A participação do jornal neste projeto demonstra seu esforço na preservação de sua credibilidade perante os leitores.

Em terceiro lugar, o jornal é um dos poucos no Brasil que possuem uma editoria – ou núcleo de jornalistas – específica para produção de Jornalismo de Dados, o DeltaFolha. Por ser uma prática relativamente recente e exigir habilidades ainda escassas no campo jornalístico (conhecimento em programação, análise de dados e construção de visualizações e infografias na web), são poucos os veículos que possuem profissionais especializados nesta área.

1.2 Objetivos

O objetivo geral desta dissertação foi compreender como as dinâmicas da produção de Jornalismo de Dados no núcleo DeltaFolha se relacionam com os pilares da credibilidade jornalística. Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos quatro objetivos específicos, sendo eles: (1) Verificar os princípios deontológicos constitutivos da credibilidade de veículos jornalísticos; (2) Analisar elementos constitutivos da produção jornalística guiada por dados; (3) Analisar as práticas textuais e discursivas do núcleo DeltaFolha, do jornal Folha de São Paulo; (4) Identificar relações entre a produção baseada em dados e o capital simbólico de credibilidade jornalística.

1.3 Justificativa

A produção de Jornalismo de Dados se apresenta como prática produtiva em ampla discussão na atualidade, tanto no âmbito profissional quanto acadêmico. Em um mapeamento de trabalhos científicos sobre o tema, Bazzo, Martins e Barbosa (2020) observaram que o Jornalismo de Dados tem permeado cada vez mais debates acadêmicos, como tema que articula

² Disponível em: <<https://www.abert.org.br/pdf/ABERTRELATORIOANUAL2021.pdf>>.

³ Disponível em: <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2022/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-da-Viol%C3%Aancia-Contra-Jornalistas-e-Liberdade-de-Imprensa-2021-v2.pdf>>.

⁴ Disponível em: <https://rsf.org/sites/default/files/relatorio_ataqueaojornalismo_rsf_3.pdf>.

⁵ Disponível em: <<https://thetrustproject.org/>>.

a formação de novos pesquisadores e, progressivamente, se consolida como subcampo científico dentro do grande campo da Comunicação – embora de forma ainda incipiente.

Essas mudanças no cotidiano da produção jornalística e a apropriação do Jornalismo de Dados como ferramenta de promoção da cidadania e da democracia na era da internet têm chamado a atenção da comunidade acadêmica mundial, em especial, de pesquisadores do campo da Comunicação, mas também da Ciência da Informação e da Ciência Política. No Brasil, publica-se a primeira pesquisa densa sobre o assunto em 2007, verificando-se, nesta última década e com cada vez mais frequência, outras iniciativas e um aumento notável da produção científica em 2016 e 2017, com artigos, dissertações e teses sobre o tema (Bazzo; Martins; Barbosa, 2020, p. 2).

Considerando a emergência de tal subcampo em meio aos debates epistêmicos da comunicação e do jornalismo, a presente pesquisa se justifica pela possibilidade de contribuir com o aprofundamento de tais investigações, ao examinar e enriquecer o arcabouço teórico até então construído e levantar novas descobertas relativas ao Jornalismo de Dados e suas contribuições para o campo jornalístico, em que pese o combate à desinformação e a defesa da democracia. As descobertas da pesquisa também podem se estender a áreas profissionais correlatas, como o Jornalismo online, Investigativo e Político, além de contribuir em possíveis atualizações nas disciplinas das graduações em comunicação social.

Por sua vez, a temática da credibilidade do jornalismo, como variável dependente, exige crescente problematização no atual contexto brasileiro. Conforme observa Serrano (2013), a instituição jornalística atravessa nas últimas décadas uma severa crise de credibilidade. Especialmente a partir da metade dos anos 1990, quando empresas jornalísticas no Brasil iniciaram suas atividades na Internet, foi perceptível um ritmo cada vez mais acelerado na produção de notícias (que muitas vezes ignoram o processo de apuração das informações); um crescimento na concorrência por audiência entre essas empresas; o surgimento de jornalistas de redações online mais preocupados com o imediatismo da informação – ser o primeiro a publicá-la – do que com sua qualidade.

O mesmo fato é corroborado por Deiro (2014, p. 9) ao afirmar que “as mudanças nas rotinas de produção, com a aceleração do ritmo de elaboração de matérias, vão de encontro ao papel de filtragem criteriosa de informação que o jornalismo, em crise, poderia assumir no ambiente de rede”. Tais fatores, tanto internos quanto externos ao trabalho jornalístico, se apresentam como processos que prejudicam substancialmente sua credibilidade.

Essa queda de confiança é perceptível, por exemplo, ao se analisar os relatórios *Digital News Report*, produzidos pelo *Reuters Institute for the Study of Journalism*. Os relatórios, que

compreendem extensos estudos sobre como a população de diversos países consomem e interagem com notícias, apontam que entre os anos de 2015 e 2019 houve uma queda de 14% no número de brasileiros que confiam nas notícias jornalísticas – decréscimo de 62% para 48% (Reuters Institute, 2019). Os resultados, sintomáticos da crise de credibilidade, evidenciam a necessidade de o campo jornalístico repensar suas práticas produtivas e discursivas, especialmente em meio aos ambientes virtuais.

Diante disso, esta pesquisa se faz relevante no sentido de que, ao problematizar sobre a credibilidade, promove também reflexões e debates sobre como o acesso à informação e liberdade de imprensa se relacionam, em certo grau, à confiança que a população tem no jornalismo como porta-voz da opinião pública.

1.4 Estrutura da dissertação

A dissertação é estruturada em oito capítulos, incluindo esta introdução, os resultados de pesquisa e as considerações finais.

O Capítulo 2 apresenta a credibilidade jornalística como capital simbólico do jornalismo, discutindo como os veículos jornalísticos tiveram sua credibilidade abalada ao longo dos anos devido a fenômenos informacionais como as *fake news* e pós-verdades. Para isso, foi abordada a teoria da economia dos bens simbólicos, de Bourdieu (1986, 1989, 1996, 2004), e a revisão desse tema feita por Oliveira (2012) pela ótica do jornalismo. Também contribui para este capítulo a teorização sobre credibilidade constituída e percebida (Lisboa; Benetti, 2017) e a análise sobre os discursos das mídias (Charaudeau, 2019).

No Capítulo 3, realizou-se uma discussão sobre como os textos jornalísticos constroem apelos de verdade, num contexto onde jornalistas buscam categorizar seu trabalho como reflexo da realidade. Neste capítulo é defendida a ideia de que o ocaso da credibilidade do jornalismo se relaciona com a decorada da pretensa “verdade” jornalística, apresentando debates bibliográficos neste sentido. São utilizadas referências sobre a era da pós-verdade e das *fake news*, de D’Ancona (2018); sobre a “verdade factual” e sua relação com o jornalismo, de Arendt (1967); sobre as diferenças entre valor de verdade e efeito de verdade, de Charaudeau (2019); e sobre os fundamentos da Teoria Correspondentista da verdade, de Tombasi (2007).

Já no Capítulo 4 da fundamentação teórica, são apresentados os debates acerca da variável independente da pesquisa, ou seja, questões conceituais sobre o Jornalismo de Dados. Buscou-se apresentar os pilares do movimento em defesa dos dados abertos, com aporte de Vasconcellos (2014); o surgimento do Jornalismo de Precisão e da Reportagem com Auxílio de Computador (RAC) como base para o Jornalismo de Dados, com textos de Träsel (2014); e

contextualizar sobre quais os possíveis benefícios dessa prática para a credibilidade dos veículos jornalísticos.

No Capítulo 5 é apresentado o percurso metodológico para construção da análise, com a descrição dos instrumentos de coleta, sistematização e análise de dados. No Capítulo 6 são apresentados os resultados da análise de conteúdo – padrões discursivos encontrados em cada categoria de análise, construídas a partir de reportagens e notícias *online* produzidas pelo núcleo DeltaFolha, do Folha de São Paulo. No Capítulo 7 é feita uma análise de compreensibilidade das visualizações usadas nas notícias e reportagens que constituem o *corpus*.

Ao final, buscou-se interpretar como essa produção se relaciona com os valores historicamente constituídos da credibilidade jornalística, assim como aqueles ligados à percepção dessa credibilidade. Na sequência são apresentadas as considerações finais, onde os pontos centrais do trabalho são retomados e relacionados aos resultados da análise, e depois as referências bibliográficas.

Também fazem parte do trabalho dois apêndices e um anexo. O Apêndice A refere-se à tabela de catalogação das matérias do *corpus* da pesquisa. O Apêndice B diz respeito ao relatório de falhas encontradas na amostragem de visualizações usadas em matérias do núcleo DeltaFolha, material usado em meio à análise de compreensibilidade. Já o Anexo refere-se a um quadro de diretrizes compiladas por Oliveira *et al.* (2021) que definem parâmetros para a construção de visualizações eficientes.

2 CONFIGURAÇÃO HISTÓRICA DA CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA

Este capítulo é dividido em quatro partes. A primeira parte faz uma breve conceituação do que é o jornalismo e os papéis desempenhados pelos jornalistas na sociedade. Na segunda, são apresentadas reflexões que embasam a compreensão da credibilidade como capital simbólico do campo do jornalismo, capital este fundado a partir da conversão dos capitais social e cultural. Na terceira parte, debate-se a formação dos capitais por meio de uma retrospectiva histórica-processual, narrando-se os princípios deontológicos assimilados ao jornalismo ao longo de suas fases. Por fim, na quarta parte, foi discutido o cenário atual do campo jornalístico brasileiro, marcado por uma grave crise na percepção de sua credibilidade.

2.1 O que é jornalismo?

Iniciar um trabalho científico e investigativo a respeito de certas áreas do jornalismo leva invariavelmente à necessidade de se responder a uma pergunta fundamental: afinal, o que é jornalismo? É certo que todos os cidadãos adultos das sociedades contemporâneas devem ter em mente alguma definição já enraizada sobre o que seja este campo profissional e sobre qual o papel e a importância das notícias para a vida em comum. Mas como explicar esses entendimentos além do senso-comum?

Ocorre que explicar o jornalismo demonstra ser algo mais complexo do que aparenta. Em primeiro lugar, porque a prática profissional veio antes – muito antes – de sua consolidação teórica. Os jornais como produtos já eram centenários quando as teorias a seu respeito se firmavam nos meios acadêmicos. Outro fato complexificador é a profusão de teorias criadas para explicar ‘porque as notícias são como são’, algumas focando nas causas, outras em efeitos, relacionamentos entre sujeitos, interesses econômicos, entre outros aspectos. Dito isso, para se buscar um ponto de partida, parece proveitoso num primeiro momento levantar explicações com entendimentos mais generalistas sobre o jornalismo, posteriormente com o aprofundamento de suas teorias.

Destarte, uma primeira conceituação do jornalismo pode apresentá-lo como uma forma de saber. Ou melhor, uma forma institucionalizada de saber – um campo profissional – e uma forma de se saber – um caminho para o conhecimento das coisas. No primeiro caso, o campo do jornalismo pode ser entendido como um espaço de confrontos entre agentes com regras estabelecidas, no qual seus integrantes ocupam postos hierarquizados em disputas e tensões constantes por melhores posições e capitais específicos. Este campo é voltado para a produção e comercialização de um bem altamente perecível, as notícias, e foi se estabelecendo socialmente a partir do século XIX (Bourdieu, 1976; 1996).

Como forma de obter conhecimento ou de se saber das coisas, o jornalismo delega a si a missão de reportar fatos e acontecimentos, contextualizando-os no tempo e localizando-os geograficamente. Surge, então, uma forma de conhecimento essencialmente transitório e efêmero, que trata as questões do presente, informando, orientando e integrando os indivíduos na sociedade. Ao serem consumidas, as notícias possibilitam criar opiniões, e a partir do debate os indivíduos são capazes de formar consenso social sobre determinados temas, ou aquilo que se convencionou chamar de opinião pública (Park, 1976).

A partir de um olhar ainda mais reflexivo, até mesmo com aspirações poéticas, pode-se entender o jornalismo como um reflexo da própria vida, como uma enciclopédia que diariamente descreve os fatos dos mais mundanos aos mais emblemáticos. Nas palavras de Traquina (2005, p. 19), um olhar breve sobre os cadernos de um jornal pode anunciar ao leitor “a vida dividida em seções que vão da sociedade, a economia, a ciência e o ambiente, à educação, à cultura, à arte, os livros, aos *media*, à televisão e cobre o planeta com a divisão do mundo em local, regional, nacional (onde está a política do país) e internacional”.

Os jornalistas, integrantes e formadores do campo jornalístico, possuem uma concepção própria a respeito do que seja o jornalismo, buscando-o definir como alguma forma de representação da realidade ou mesmo como a própria realidade. Essa definição advém de sua ideologia profissional e, por mais ambiciosa que pareça, carrega consigo uma característica fundamental do jornalismo, um pilar que possibilita a existência de credibilidade de seus produtos e agentes: a ideia de que existe um acordo tácito entre jornalistas e leitores/ouvintes/telespectadores de que os produtos do jornalismo se baseiam na realidade, nos fatos do mundo, naquilo que ocorre, ocorreu ou ocorrerá. Nunca sobre o que se imagina (Traquina, 2005).

Outro aspecto importante do jornalismo e que o difere de qualquer outro campo é a sua relação ‘simbiótica’ com a democracia, até mesmo fazendo-o ser reconhecido como uma forma de ‘Quarto Poder’. Como afirma Ramonet (2013), os Três Poderes pensados por Montesquieu na concepção original de democracia (Legislativo, Executivo e Judiciário) podem ser suficientes para fazê-la funcionar. Porém, mesmo sendo democráticos, os Poderes estão sujeitos a desvios e desvirtuamentos com o passar do tempo. Nesse contexto, o jornalismo faz-se fundamental para vigiar, denunciar à opinião pública e cobrar correções necessárias. Não por acaso, os jornais foram importantes instrumentos de dissipação de ideias democráticas durante as Revoluções Burguesas.

A imprensa faz, constrói, cria opinião pública. [...] A opinião pública pressiona os poderes legítimos e, além disso, transmite a eles seu

descontentamento ou sua desaprovação em relação a tal ou qual medida, sendo um agente indispensável para o bom funcionamento da democracia atual. Sem liberdade de expressão (e de impressão) não há nem pode haver democracia, pois, do contrário, quem construiria a opinião pública? Só os dirigentes políticos? Só o discurso da propaganda? Evidentemente, isso não é aceitável. É por esse motivo que falamos em Quarto Poder, ele é uma espécie de contrapoder, um contrapeso aos poderes legítimos na democracia (Ramonet, 2013, p. 65).

A partir dessas ideias, o campo jornalístico foi ganhando cada vez mais embasamento teórico para explicar a prática. Foram criados objetos, teorias e o credenciamento de sujeitos capazes de dar sustentação a esse saber. O lado teórico ofereceu, ainda, as motivações, as explicações e as razões de ser, de forma a orientar a existência deste campo (Moraes, 2011). De modo que cabe citar algumas de suas principais teorias, tomando como referência a compilação feita por Traquina (2005).

A primeira delas, como menciona Traquina (2005), foi a Teoria do Espelho, fruto da própria ideologia profissional dos jornalistas ocidentais. Ela descreve as notícias como um “espelho da realidade”. Logo, o trabalho jornalístico seria entendido como desinteressado e totalmente objetivo, enquanto o jornalista seria visto como um agente que exprime a realidade — e apenas ela — por meio de suas palavras. Embora vista hoje como datada e insuficiente, as ideias centrais da Teoria do Espelho ainda imperam em muitas redações ocidentais.

Há também a Teoria do *Gatekeeper*, a primeira tratada no meio acadêmico, inicialmente por David White em 1950. Ela defende a ideia de que a produção de notícias atravessa uma série de escolhas, onde, para se tornar material jornalístico, uma informação precisa atravessar diferentes *gates*, ou portões. Nesse contexto, o jornalista seria justamente o *gatekeeper*, o porteiro que seleciona o que será ou não noticiado. Em sua formulação original, a teoria considera que este processo de escolha era essencialmente subjetivo e arbitrário, à mercê dos juízos de valor do *gatekeeper*.

Uma outra abordagem é a chamada Teoria Organizacional, na qual as estruturas burocrática e cultural da redação – onde o sujeito jornalista está inserido – são vistas como elementos que interferem diretamente no resultado das notícias. Apresentada por Warren Breed na década de 1950, o entendimento principal é de que os jornalistas são submetidos a constrangimentos organizacionais, como normas editoriais, hierarquia da redação, valores do jornal, entre outros. A pressão exercida por esses constrangimentos gera “conformismo” que suprime quaisquer crenças pessoais que o jornalista possa ter carregado anteriormente.

Já a Teoria da Ação Política, de influência marxista e atenta à natureza ideológica da linguagem, descreve o jornalismo como instrumento a serviço de interesses políticos (de

esquerda ou direita). O foco passa a ser as implicações políticas e sociais da prática jornalística, se interessando também pela parcialidade a que as notícias estão sujeitas, a depender da proximidade que a elite midiática tenha com agentes políticos. Ou seja, entende que notícias podem ser distorcidas ou podem criar distorções em decorrência da subordinação dos meios de comunicação aos interesses das elites políticas e econômicas.

Cabe destacar ainda a Teoria do *Newsmaking*, a qual dá ênfase para o contexto de produção de informações e suas rotinas estabelecidas. O aparato informativo define o que será notícia usando como crivo convenções produtivas a respeito dos valores-notícia, ou seja, requisitos que se exige de um fato para este ter potencial de notícia, e os critérios de noticiabilidade, que configuram um conjunto de regras editoriais, implícitas e explícitas, sobre o fluxo de transformação de acontecimentos em narrativas jornalísticas. Nesta tradição teórica, em última instância, notícias são aquilo que a comunidade jornalística define como tal (Hohlfeldt, 2015). Por fim, vale citar a existência de teorias menos lembradas, como as teorias construcionista, estruturalista e interacionista (Traquina, 2005).

Por mais datadas ou limitadas que algumas teorias possam ser, todas possuem o mérito de possibilitar explicações sobre o papel do jornalismo e das notícias na sociedade. Neste trabalho, ressalta-se que as sociedades e as instituições historicamente reservaram ao jornalismo um fundamental papel de informar os cidadãos e de vigiar os Poderes. Esses papéis, é claro, só podem ser eficientemente desempenhados em meio a um quadro de liberdades para trocas de ideias e opiniões, mas também, se a produção do jornalismo for capaz de satisfazer as expectativas por informações credíveis, ou seja, confiáveis, apuradas, correspondentes aos fatos. Desta forma, defende-se que as reflexões teóricas a respeito da credibilidade jornalística são e sempre serão atuais e pertinentes.

Ainda sobre o conceito de jornalismo, tal significante ou termo linguístico por vezes, é usado de forma a transmitir sentido similar aos termos ‘imprensa’ e ‘meios de comunicação’. Porém, é necessário destacar que suas origens e significados são distintos. O uso dos termos como sinônimos já é tão difundido que bibliografias que tratam da diferenciação de cada um são escassas.

De todo modo, além do que já foi mencionado, pode-se considerar o jornalismo como uma atividade profissional voltada à produção de notícias, que nasce do desejo e necessidade de vigiar os Poderes constituídos, de noticiar os fatos e de fomentar a sociedade com informações de interesse público. No decorrer de seu desenvolvimento, o jornalismo como profissão criou uma deontologia com regras, estruturas, cargos e funções definidas, estabeleceu disciplinas de estudo nas universidades, ganhou legislação e, até certo ponto, regulamentação.

Já o termo imprensa possui um sentido mais amplo e complexo, sendo costumeiramente usado para se referir aos jornais impressos, revistas e, em alguns casos, também aos livros e demais materiais produzidos por meio de impressão gráfica. Por via de regra, remete aos jornais pertencentes a empresas tradicionais e de forte influência política no cenário nacional (“grande imprensa”). Grupos referenciados como ‘grande imprensa’ geralmente atuam em diferentes meios, mas tendo como gênese um periódico impresso. A origem do termo remonta a criação da imprensa (ou prensa) de Johann Gutenberg, no ano de 1447, uma máquina de impressão que possibilitou a criação dos primeiros jornais.

Por sua vez, meios de comunicação (ou *media*) é o termo usado para caracterizar organizações que se utilizam de um ou mais tipos de mídia para difundir conteúdos informativos e publicitários, ou mesmo para se referir especificamente aos produtos dessas organizações, como livros, jornais, revistas, programas de rádio, televisão e *web*, discos, filmes, etc. Inclui as empresas jornalísticas, mas também pode retratar aquelas voltadas à produção de conteúdo propagandístico, entretenimento, entre outros.

2.2 O capital simbólico do jornalismo

Uma vez estabelecidos os parâmetros fundamentais sobre o que é jornalismo, cabe agora iniciar as reflexões sobre o enfoque de interesse deste trabalho: a credibilidade jornalística. Compreender o conceito de credibilidade, sem dúvida, não é trivial. Sua aura subjetiva torna complexa a busca por mensuração e interpretação de suas características. Falar em credibilidade significa, necessariamente, falar da relação entre os agentes imersos no processo comunicacional. Significa abordar os fenômenos intrínsecos a essa relação, capazes de produzir laços de confiança entre quem fala e quem ouve.

Talvez ainda mais complexo seja investigar a credibilidade em sua relação com o jornalismo, onde, de um lado, estão os agentes produtores das notícias, que buscam noticiar imersos em inúmeros conflitos de interesses mercadológicos; e do outro lado, os agentes consumidores da notícia – a sociedade –, que exigem conteúdo crível mesmo desconhecendo as complexidades de seu processo de produção.

Ora, a credibilidade pode ser considerada a principal fonte de legitimidade do jornalismo, responsável por dar autoridade e justificação social ao seu discurso como porta-voz socialmente reconhecido da “opinião pública” (Santos; Cassiano, 2021a). A existência dessa validade discursiva, capaz de posicionar o sujeito jornalista em um espaço de fala privilegiado e que detém previamente confiança e prestígio social, é engendrada por diferentes “leis de transformação” que coordenam o processo de modificação de recursos empregados pelos

jornalistas e organizações jornalísticas em bens simbólicos, como prestígio acumulado, reconhecimento e respeito, o que por consequência gera um poder de influência a esses agentes (Oliveira, 2012, p. 73).

Existem diversos aparatos teóricos que possibilitam a compreensão do conceito de credibilidade referente às organizações jornalísticas, suas imbricações sociais, os motivos de sua existência, os processos que possibilitam sua constituição, assim como sua relevância para a existência do jornalismo como prática social e profissional. Tais abordagens perpassam desde estudos psicossociais relativos às formas de confiança humana, até as estratégias discursivas engendradas pelos jornalistas para persuadir seu público. Por exemplo, pode-se estudar credibilidade a partir de um olhar histórico, entendendo-a como um princípio ético do jornalismo frente à sociedade (Peucer, 1690); como o resultado da construção de princípios deontológicos do jornalismo ao longo de suas fases (Traquina, 2005; Marcondes Filho, 2007); como um ativo capaz de garantir a sustentação mercadológica de um jornal (Meyer, 2007), ou de outras formas já investigadas pela epistemologia da Comunicação.

Nesta pesquisa, para além de se estudar como a credibilidade pode ser considerada um valor intangível e necessário à comunidade jornalística, convém também verificar as formas como este valor é construído e mantido, e como ele impacta nas demais dinâmicas entre o campo jornalístico e seu público. Para isso, uma abordagem capaz de oferecer ricas reflexões ao estudo é a do conceito de capital simbólico contida nas obras de Bourdieu (1986) em sua teoria da economia dos bens simbólicos, e a interpretação desta teoria feita por Oliveira (2012) a partir do campo jornalístico. Estas reflexões, portanto, abrirão os aprofundamentos teóricos da presente pesquisa.

Bourdieu (1986) compreende o espaço social como um ambiente de lutas e confrontações entre grupos e indivíduos. Os diferentes agentes presentes neste espaço se utilizam de estratégias múltiplas para ganharem maior espaço, evidência ou autoridade em meio ao campo social, assim como para manter ou melhorar sua posição diante os demais agentes. Essas estratégias relacionam-se com as diferentes formas de capital, conceito este que, segundo o autor, compreende-se como trabalho acumulado que pode ser materializado ou corporificado em bases privadas de indivíduos ou grupos sociais. Quando isso acontece, tal indivíduo ou grupo passa a dispor da “energia social” representada pelo trabalho acumulado em forma de capital.

Esta concepção é especialmente rica por ir além da ideia meramente econômica de capital estabelecida até então, utilizando-a, mas não limitando-se a ela. Embora a ideia de trabalho acumulado possa ser inicialmente reconhecida por sua materialização em forma de

moeda ou dinheiro, Bourdieu avança ao compreender que capital diz respeito a recursos de poder, e que poder é constantemente almejado por indivíduos e grupos que lançam mão de “uma variedade de recursos econômicos, materiais, culturais, sociais e simbólicos para manter e melhorar sua posição na ordem social vigente” (Oliveira, 2012, p. 111).

Para Bourdieu (1986), há basicamente três formas distintas de capitais, sendo elas: o econômico, o social, e o cultural. Todas as formas são intercambiáveis entre si, podendo uma forma de capital se converter em outra. Porém, o autor ainda descreve uma quarta forma, chamada de capital simbólico, resultante da conversão das demais formas de capitais. No que tange ao estudo da credibilidade jornalística, destaca-se seu valor relacionado a esta instância simbólica, à autoridade e legitimidade de fala perante um público, razão pela qual sua compreensão como capital simbólico do jornalismo será analisada mais à frente.

De início, cabe delimitar em linhas gerais o que seriam as primeiras formas de capitais, iniciando-se pelo econômico, que, como já dito, talvez seja aquele mais imediatamente cognoscível por se tratar dos recursos materiais ou potenciais de produção e de posse de bens econômicos. Segundo Bourdieu (1986), este capital diz respeito aos ativos financeiros obtidos por meio de renda ou posse de patrimônios. Compreende a renda de trabalhadores assalariados, retorno de investimentos, aluguéis, juros, e demais formas de aquisição de valores por meio do trabalho. Diz respeito ainda à posse de terras, imóveis e qualquer tipo de “material que possa ser materializado em moeda corrente ou em títulos de propriedades” (Oliveira, 2012, p. 109). Não obstante, capital econômico também pode significar os bens e serviços aos quais a posse financeira dá acesso. Dessa forma, o capital econômico:

É acumulado, reproduzido e ampliado por meio de estratégias específicas de investimento econômico e de outras relacionadas a investimentos culturais e à obtenção ou manutenção de relações sociais que podem possibilitar o estabelecimento de vínculos economicamente úteis a curto e longo prazo (Bonamino *et al.* 2010, p. 488).

Assim, o acúmulo financeiro, além de propiciar o crescimento patrimonial dos indivíduos e das organizações por meio de investimentos diversos, é capaz de inseri-los em ambientes ou esferas específicas de relacionamentos que também contribuem para o acúmulo de capital social e cultural.

No que diz respeito aos agentes do campo jornalístico, como fica claro, capital econômico diz respeito à posse de recursos financeiros ou patrimônios móveis e imóveis que tenham valor de mercado, como propriedades e edificações, veículos, equipamentos gráficos e de telecomunicação, recursos investidos, entre tantos outros exemplos.

Por sua vez, o capital social pode ser definido como os recursos efetivos ou potenciais advindos de uma rede de relacionamentos de mútuo reconhecimento, que podem ser mais ou menos institucionalizados. Como observa Oliveira (2012, p. 109-110), compreende “o conjunto de contatos, relações sociais, amizades e obrigações que podem ser mobilizados pelos indivíduos ou grupos durante sua trajetória profissional e social”. O crescimento e a eficácia do capital social dependerão da quantidade e da qualidade dos laços cultivados pelo indivíduo com sua rede ou redes de contatos.

O reconhecimento mútuo nas trocas simbólicas e a construção e multiplicação em conjunto de capital social em meio a um grupo ou instituição pressupõe uma homogeneidade mínima no perfil dos indivíduos e o esforço em conjunto por parte de seus integrantes. Essa socialização por meio de trocas simbólicas é movida com o interesse de multiplicar seu capital, seja em forma de lucro, prestígio social, ou reconhecimento entre os indivíduos, e possibilita a manutenção do grupo ou da instituição da qual fazem parte, por meio de ritos, vantagens e retribuição de benesses recebidas. Assim, o conjunto dos capitais sociais dos integrantes de um grupo ou instituição passa a ser compreendido como capital social coletivo (Oliveira, 2012).

Para Bourdieu (1986) o esforço contínuo desta socialização para construção de capital social trará progressivamente maior rentabilidade, de forma que quanto mais capital um indivíduo possuir, maior será o capital social que ele pode construir em seus relacionamentos. E quanto maior seu capital social – extensão, qualidade e engajamento com seus contatos – maior será a possibilidade de ser convertido em oportunidades de acúmulo econômico e cultural e, logo, poder.

Ainda no que tange ao capital social, as relações familiares ou o pertencimento a uma família de sobrenome socialmente relevante constituem atalhos para a apropriação de benefícios materiais ou simbólicos em redes sociais extrafamiliares, ou seja, capital social herdado. Nestes casos, os indivíduos terão maior potencial de constituir redes de contatos duradouras, maior influência nas tomadas de decisão entre seu grupo, facilidade de acesso a oportunidades de grande retorno financeiro, entre outros mecanismos na estrutura social.

No caso do jornalismo, o capital social das organizações e dos profissionais jornalistas pode ser representado pelos valores de boa reputação, influência, popularidade e competência que são atribuídos aos grupos a partir de suas relações sociais e tempo de carreira. Esses valores podem existir através de trocas simbólicas que dependem da quantidade e da qualidade dos contatos que jornalistas e veículos de comunicação estabelecem entre si e com a sociedade. Geralmente, organizações de longa trajetória e com décadas desde sua fundação possuem maior reconhecimento social, com nomes de produtos como jornais ou programas televisivos já

consolidados no imaginário social, além de possuírem maiores redes de contatos (Oliveira, 2012).

Já o capital cultural compreende os recursos, conhecimentos e ativos sociais notadamente de valor cultural e ligados à educação que possibilitam aos indivíduos mobilidade social. Na visão de Bourdieu (1986), este capital divide-se em três formas, sendo elas: corporificado, objetivado e institucionalizado.

Na vertente corporificada, o capital cultural é compreendido como a incorporação dos conhecimentos aos quais o indivíduo tem acesso desde a infância, mediante um gradual processo de aprendizagem e internalização, até que essa forma de capital seja parte de sua subjetividade, parte de seu *habitus*. Diz respeito aos seus gostos, o domínio de línguas, conhecimento de referências culturais e de informações escolares.

Como parte de uma subjetividade individual, o capital cultural corporificado não pode ser transferido materialmente para outrem (Bonamino *et al.*, 2010). Segundo Oliveira (2012), o capital cultural corporificado do jornalismo pode ser entendido como sendo o seu *ethos*, ou seja, toda a cultura e a deontologia profissional construída ao longo do tempo e que é apreendida pela subjetividade dos profissionais jornalistas, que agem definindo o modo de ser e de fazer jornalismo.

Na forma objetivada, diz respeito aos bens materiais de valor cultural tais como livros, obras de arte, esculturas, instrumentos musicais, objetos históricos, entre outros. Podem ser adquiridos mediante a disposição de capital econômico, mas para serem apropriados simbolicamente pelos indivíduos é necessário dispor dos conhecimentos e códigos para decifrá-los, por meio de capital corporificado. Pode ser interpretado como o conjunto histórico de materiais jornalísticos já produzidos e armazenados por um veículo ou jornalista, ou seja, seus jornais, revistas, livros, programas jornalísticos de rádio, TV ou *Internet*, entre outros exemplos.

Por fim, o capital cultural institucionalizado refere-se basicamente aos títulos que oferecem credenciais acadêmicas e a partir das quais as competências de um indivíduo serão reconhecidas pela sociedade e instituições. Esta forma de capital é construída ao longo do tempo por meio da escolarização. Os títulos acadêmicos são utilizados como taxa de conversão do capital cultural em capital econômico em meio ao mercado de trabalho, que dependerá do grau de complexidade para se ter acesso ao título. Assim, admite-se que quanto mais complexa for a trajetória escolar para obtenção do título, maior será o retorno provável em capital econômico relativo ao trabalho do indivíduo.

No campo jornalístico, compreende a profissionalização e a especialização de seus agentes, materializado pelos títulos que nomeiam a profissão — jornalista/bacharel em

jornalismo/mestre em jornalismo — e que são obtidos pela graduação ou outros cursos e especializações na área.

Além dessas três formas de materialização ou corporificação do trabalho acumulado em capitais – econômico, social, e cultural – há também o que Bourdieu (1986) definiu como capital simbólico, relativo à percepção e reconhecimento de autoridade, ao crédito, à honra e à legitimidade. Constitui-se a partir das inúmeras conversões que pessoas, grupos ou instituições fazem dos capitais ao longo do tempo, consolidando-se no imaginário social como forma de autoridade. Sua ordem encontra amparo numa instância cognitiva e subjetiva, e não na objetividade material. Na visão de Bourdieu (1996):

Capital simbólico é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico, econômico, cultural, social) percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor. (Bourdieu, 1996, p. 107).

Fernández (2013) afirma que qualquer forma de capital, como trabalho acumulado, mas também como elemento de força e energia social, pode se tornar capital simbólico. Isso ocorre quando, ao incorporar em si as estruturas características de um campo social específico, determinada forma de capital passa então a dispor de categorias de percepção que serão reconhecidas e valorizadas pelos agentes constituintes deste grupo, assim como aqueles externos a ele. O processo de reconhecimento se torna central aqui, pois “os inúmeros atos de reconhecimento que requerem imersão em um campo contribuem para a criação coletiva do capital simbólico [...]. É esse reconhecimento que torna qualquer propriedade simbolicamente eficiente, como uma verdadeira força mágica” (Fernández, 2013, p. 36).

Contribuindo para essa compreensão, Campos e Lima (2018, p. 118) observam que elementos corriqueiros no mundo social, como “um carro ou um aparelho celular, um recurso financeiro, um ato, um cargo ou posição em uma instituição”, que se exprimem como coisas de valor, também podem ser entendidos como elementos de “atribuição de valor”. Eles não se inscrevem somente em uma economia de bens materiais ou sociais, mas também em uma economia simbólica, em que seu reconhecimento de valor ultrapassa os processos de valoração apenas material (Campos; Lima, 2018, p. 110). Os autores ainda afirmam que o capital simbólico é, na verdade, um efeito da distribuição das outras formas de capital em termos de reconhecimento ou de valor social, é “poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento” (Bourdieu, 2004, p. 166).

Assim sendo, a partir do estudo da economia dos bens simbólicos de Bourdieu (1986; 1994), Berger (1998) e Oliveira (2012) são unânimes ao considerar que o capital simbólico do

campo jornalístico é justamente sua credibilidade, sendo o predicado responsável por dar legitimidade na forma de reconhecimento, prestígio social e confiabilidade aos jornalistas. Ressalta-se que:

O capital do campo do jornalismo é, justamente, a credibilidade. É ela quem está constantemente em disputa entre os jornais e entre estes e os demais campos sociais. E está sendo constantemente testada, através de pesquisas, junto aos leitores. A credibilidade é construída no interior do jornal assim como um rótulo ou uma marca que deve se afirmar, sem, no entanto, nomear-se como tal. Credibilidade tem a ver com persuasão pois, no diálogo com o leitor, valem os “efeitos de verdade”, que são cuidadosamente construídos para servirem de comprovação, através de argumentos de autoridade, testemunhas e provas (Berger, 1998, p. 21-22).

A credibilidade jornalística é, portanto, o resultado do acúmulo e da conversão dos outros tipos de capitais por parte dos veículos jornalísticos, de forma que, a despeito do que as ideias mais superficiais de capital podem suscitar, o aspecto econômico é o que menos possui relevância direta na construção de credibilidade. Isso porque o capital econômico do jornalismo, compreendido como os bens de valor material dos meios de comunicação, por si só não impacta diretamente na constituição de seu poder social e reconhecimento por parte da sociedade.

A credibilidade está diretamente ligada com o capital social e cultural, ou seja, ela não é resultado imediato de recursos financeiros tanto da empresa quanto do profissional jornalista, mas pode resultar tanto do capital cultural corporificado, objetivado ou institucionalizado, quanto do capital social. Esses, porém, têm relação direta com o capital econômico (Oliveira, 2012, p. 112).

A articulação das três formas de capital cultural possibilita a formação de um passivo de nível simbólico ao jornalismo, isto é, de uma “autoridade que a sociedade outorga ao lugar social ocupado pelos jornalistas e pelas empresas jornalísticas de poderem realizar o jornalismo, isto é, narrar o acontecido e legitimar pessoas, instituições etc., e que vai impactar diretamente na credibilidade” (Oliveira, 2012, p. 112-113).

Já o capital social do jornalismo pode se transfigurar em capital simbólico, ou seja, em credibilidade, ao passo que as redes de relacionamentos e de reconhecimento mútuo possibilitam o fortalecimento e a legitimação do lugar simbólico, reforçando a posição ocupada pelos agentes inseridos no campo (Oliveira, 2012).

E a posse de capital simbólico traz algo possivelmente ainda mais valioso, o poder simbólico. Para Thompson (1995, p. 21), poder deve ser entendido como um “fenômeno social penetrante”, sendo a “capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências”. No exercício do

poder, indivíduos ou instituições fazem uso dos recursos disponíveis para efetivar seus objetivos, de forma que o acúmulo de recursos pode aumentar seu poder. Algumas instituições, conceituadas como “paradigmáticas”, podem fornecer a estrutura específica para a acumulação intensiva de um certo tipo de recurso, o que por consequência lhes fornece uma base privilegiada para o exercício de uma certa forma de poder.

Thompson (1995) destaca a existência de quatro principais formas de poder: o econômico, o político, o coercitivo e o simbólico. O poder econômico se faz por meio da atividade humana produtiva, com a extração de matéria-prima e sua transformação em bens. Se concretiza por meio das trocas de recursos de valor financeiro, que como visto anteriormente, são entendidos como capital econômico. O poder político é normalmente o mais conhecido, sendo derivado da atividade de coordenação de indivíduos e regulamentação de suas interações em sociedade. Suas instituições paradigmáticas formam o que é chamado de “Estado”, com a criação de regras e leis que regulamentam ações e posições dos indivíduos. Para além do Estado, “todas as organizações implicam algum grau de coordenação e regulamentação, e por isso também um certo grau de poder político” (Thompson, 1995, p. 22).

Historicamente ligado ao poder político está o poder coercitivo, compreendido como o uso real ou por meio de ameaça da força física para a imposição de vontades. É comum geralmente em instituições militares para defesa territorial ou pacificação e controle interno. Pode ser aumentado com uso de recursos como armas, equipamentos e táticas militares.

Finalmente, o poder simbólico diz respeito à “capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas” (Thompson, 1995, p. 24). Ele nasce da atividade de produção, transmissão e recepção de significados sob formas simbólicas da comunicação, sendo característica fundamental da vida social. É exercido constantemente pelos indivíduos por meio da expressão de si e das trocas de informações, de forma a “provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descrer, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revoltas coletivas” (Thompson, 1995, p. 24).

As instituições paradigmáticas de poder simbólico, que historicamente acumularam recursos como meios de informação e comunicação, são as instituições religiosas, escolares e, em especial, os veículos de comunicação social e de jornalismo.

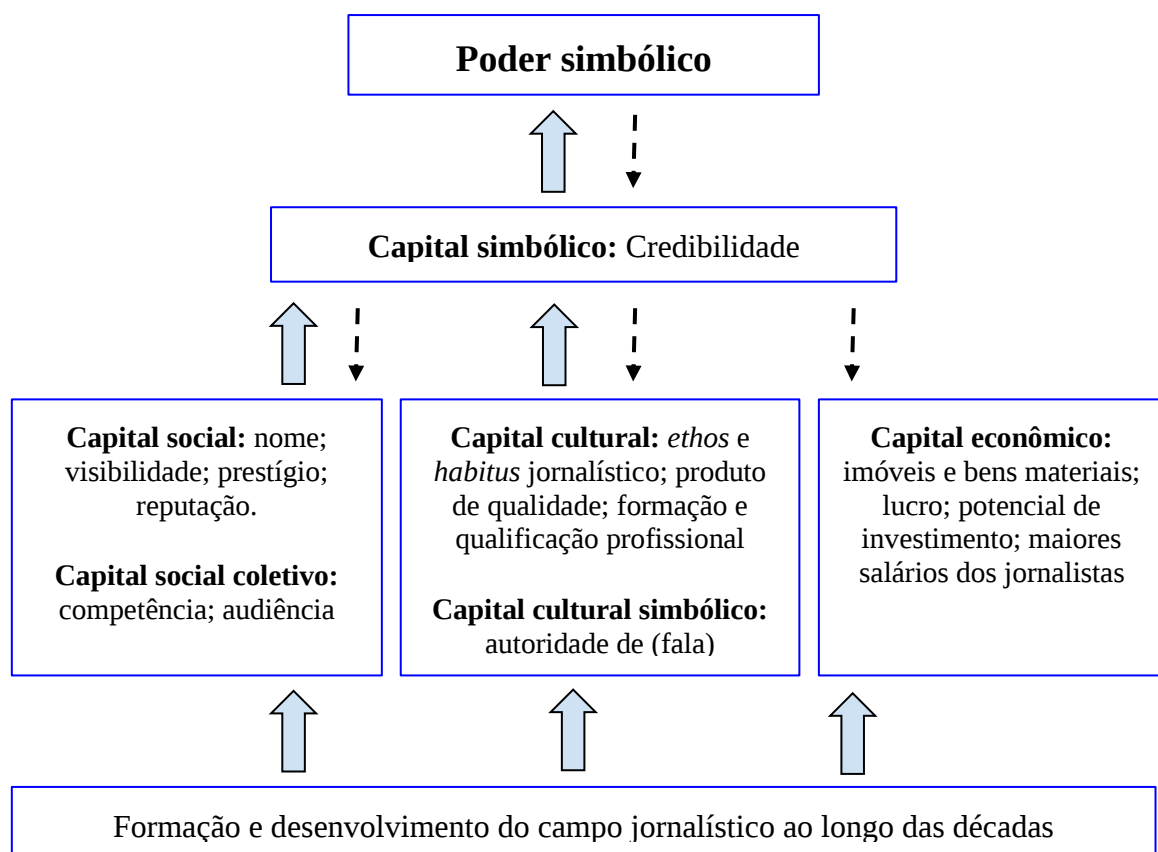
Estes recursos incluem os meios técnicos de fixação e transmissão, as habilidades, competências e formas de conhecimento empregadas na produção, transmissão e recepção da informação e do conteúdo simbólico (o que Bourdieu chama de “capital cultural”); e o prestígio acumulado, o reconhecimento e o respeito tributados a alguns produtores e instituições

(“capital simbólico”). Na produção de formas simbólicas, os indivíduos se servem destas e de outras fontes para realizar ações que possam intervir no curso dos acontecimentos com consequências as mais diversas (Thompson, 1995, p. 24, grifos do autor).

Em sentido análogo, Bourdieu (1989, p. 14) compreende o poder simbólico como uma força “quase mágica”, como um “poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo”. O que fomenta este “poder das palavras” é justamente a crença na legitimidade dessas palavras e naquele que as pronuncia (capital simbólico), ficando claro o enorme poder que as organizações midiáticas, em especial as que compreendem a “grande imprensa”, possuem na sociedade.

Como se vê, a credibilidade fomenta o poder simbólico, ou o ‘fazer crer’ do jornalismo, a partir de uma legitimidade de poder dizer e noticiar. De todo modo, é importante salientar que grandes organizações não exercem influência apenas pelo poder simbólico. Veículos de alcance nacional (ou internacional) como as grandes redes de televisão acumulam patrimônio financeiro que chegam aos bilhões, de forma que, como é de se esperar, possuem também suntuoso poder econômico e até mesmo político.

Figura 1 - Diagrama da credibilidade jornalística como capital simbólico



Fonte: Adaptado de Oliveira (2012).

O diagrama apresentado na Figura 1 evidencia tais dinâmicas da credibilidade jornalística entendida a partir da economia dos capitais, no qual as setas azuis indicam os movimentos primeiros de transfiguração e as setas pontilhadas definem os movimentos de retorno.

É possível observar que a credibilidade se materializa a partir das dinâmicas dos capitais cultural e social, sendo estes seus principais potencializadores. Além disso, a credibilidade tende a retroalimentar tais capitais, contribuindo para o fortalecimento do *ethos* e da formação dos jornalistas, além de aumentar valores como reputação, influência e popularidade dos meios de comunicação diante da sociedade, o que gera também retornos financeiros. Dessa forma:

É a partir da credibilidade que as organizações jornalísticas e os jornalistas podem alcançar sucesso empresarial e profissional, obtendo reconhecimento público e benefícios financeiros como maiores lucros e salários, mas recursos econômicos, apenas, não garantem a credibilidade. Desse modo, há uma relação dialética entre as três formas de capital, mas duas formas de capital são mobilizadas diretamente para gerar e manter a credibilidade. Por outro lado, a credibilidade sustenta as três formas de capital (Oliveira, 2012, p. 114-115).

A interpretação de Oliveira (2012) e Berger (1998), a partir de Bourdieu (1986; 1994), ilustra muito bem o complexo emaranhado de valores por trás da credibilidade jornalística. As autoras inovam ao empreender na análise dos capitais do jornalismo, explicando as dinâmicas capazes de engendrar a credibilidade deste campo social e profissional, explicação que se faz especialmente relevante por considerar a credibilidade como um verdadeiro ativo em nível simbólico dos meios jornalísticos. Como demonstram as autoras, capital econômico não necessariamente traz credibilidade a um jornal, mas credibilidade é capaz de trazer retorno econômico aos veículos comunicacionais.

Neste sentido, a acumulação de credibilidade torna os agentes do campo jornalístico hábeis ao exercício do poder simbólico, caracterizado neste campo como a capacidade de “designar, nomear, reapresentar, enfim, o mundo em quadros ou séries de significações e sentidos que sanciona/reivindica como verdades” (Oliveira, 2012, p. 71).

Todavia, apesar de trazer relevantes contribuições ao debate sobre credibilidade jornalística, parte da temática desta dissertação, a análise dos capitais jornalísticos prescinde de uma perspectiva fundamental para a compreensão do tema: a discussão a partir de um olhar histórico do jornalismo. Esferas de valor subjetivo como reputação e prestígio, que possibilitam a existência de capital social, assim como o *ethos*, a autoridade de fala e formação profissional de jornalistas, que possibilitam a existência de capital cultural, foram construídas e apreendidas pelo campo ao longo das décadas. Portanto, é factível uma investigação da credibilidade a partir

de uma perspectiva histórica-processual. Para tal empreendimento, será debatida a seguir a teorização de Lisboa e Benetti (2017) sobre credibilidade constituída e credibilidade percebida.

2.3 A constituição da credibilidade jornalística: perspectiva histórica-processual⁶

Em uma abordagem ampla, Lisboa (2012, p. 8-9) interpreta a credibilidade como sendo “um predicado epistêmico dos enunciadores e seus relatos [...] que está amparado em valores éticos e morais”. Trata-se, para a autora, de um conceito ligado às instâncias de produção, como uma propriedade discursiva capaz de caracterizar seus testemunhos como críveis, mas também de um valor que só pode ser atestado através da avaliação da instância de recepção, por meio daqueles que recebem a mensagem e a julgam conforme suas aptidões. Ou seja, credibilidade diz respeito aos valores do emissor, mas também do receptor, de forma que pode ser dividida entre credibilidade constituída e credibilidade percebida (Lisboa, 2012).

Para Lisboa e Benetti (2017, p. 54) a divisão dos conceitos é necessária para se evitar o “equivoco comum de pensar que a credibilidade pode ser somente uma qualidade auto-atribuída por quem fala”.

Para que a credibilidade seja atribuída como um predicado, é preciso haver uma correspondência entre a construção da credibilidade pelo enunciador e a percepção desse predicado por parte do interlocutor, isto é, uma relação entre o que chamamos aqui de a credibilidade constituída do orador e a credibilidade percebida pelo interlocutor (Lisboa; Benetti, 2017, p. 54).

A necessidade de tal divisão, corroborada no presente trabalho, baseia-se na distinção feita entre “coisa em si” (*númeno*) e “coisa para nós” (*fenômeno*) (Lisboa; Benetti, 2017, p. 54). Resumidamente, a ideia é que as coisas existem no mundo real e são independentes, completas em si mesmas, mas somente através da percepção humana que é possível conhecê-las. Segundo Lisboa e Benetti (2017), embora a credibilidade jornalística possa existir como um capital simbólico, construída por processos próprios do campo jornalístico, é somente a partir do contato com o público que ela passa a fazer sentido enquanto atributo de qualidade moral.

E é justamente esses processos históricos de construção da credibilidade constituída do jornalismo que podem ajudar a compreensão da existência de seus capitais social e cultural e, por decorrência, de seu capital simbólico. Neste primeiro momento, serão apresentados os debates a respeito da credibilidade constituída, a partir de um olhar histórico-processual,

⁶ A seção incorpora trechos revisados e ampliados de artigo apresentado pelo autor no 16º Ciclo de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo, integrante do XX Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, evento promovido pela Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej) em 2021.

investigando quais fatores possibilitaram a constituição de seus capitais. No próximo capítulo, será apresentada e analisada a teorização sobre o conceito de credibilidade percebida.

Dito isso, a constituição dos valores sociais e culturais do jornalismo ocorreram por meio de sua institucionalização como profissão, processo que pode ser compreendido como a contínua produção de materiais jornalísticos por meio de práticas específicas que exigem movimentos para sua repetição e seu aperfeiçoamento (Oliveira, 2012). Abrange ainda a integração e interação de múltiplos agentes com atribuições e posições específicas, o que permitiu a construção e desenvolvimento do campo num nível simbólico institucional para além das organizações⁷.

Essa construção institucional ocorre de forma gradual e ao longo do tempo. Os primeiros passos para criação de um campo jornalístico de conhecimento e de produção tiveram início antes mesmo da ideia de notícia como produto. Sua construção, como observam Moraes e Machado (2019, p. 56), relacionou-se a amplos e importantes eventos históricos, estabelecendo uma “relação dialética entre práticas discursivas e não discursivas”, o que evidencia a importância de se conhecer bem as formas como o jornalismo se desenvolveu em meio à sociedade, uma vez que, o processo de desenvolvimento da instituição relaciona-se ao desenvolvimento da prática profissional.

Conforme observa Oliveira (2012), quanto mais o jornalismo foi se consolidando como importante instrumento social e atividade comercial, fazendo com que sua prática fosse desenvolvida por profissionais especialistas, mais ele passou a ser reconhecido como instituição democrática, o que possibilitou sua legitimação perante à população. Na realidade, essa legitimidade passou a ser essencial para sua manutenção e permanência como uma instituição social.

Berger e Luckmann (2011 *apud* Oliveira, 2012, p. 45) argumentam que o primeiro passo para a legitimação o jornalismo como uma instituição social foi a construção de um “senso-comum” de conhecimento que seria assimilado pelos agentes do campo. Este conhecimento fornece aos jornalistas as regras básicas de conduta, os comportamentos esperados, os papéis a serem desempenhados e os significados e conceitos a serem subjetivados. Isso ocorreu ao longo

⁷ É necessário se distinguir os conceitos ‘instituição’ e ‘organização’. Como observa Carvalho (2010, p. 27), “o campo institucional está acima da questão organizacional, servindo de guia para a atuação das organizações que dele fazem parte através de discursos e procedimentos autorizados”. A instituição jornalística é tida, portanto, como um conceito maior e mais abstrato, do qual fazem parte as diversas organizações e empresas que têm por finalidade a produção noticiosa. Em outras palavras, cada organização é uma manifestação empírica de um campo institucional.

do tempo, desde meados da segunda metade do século XVII, razão pela qual se faz necessário um maior aprofundamento histórico a respeito da expansão do jornalismo.

A Europa pode ser considerada o berço do jornalismo. No final da Idade Média e início da Idade Moderna europeia, eram comuns as cartas volantes, periódicos distribuídos em praças e feiras nos quais eram divulgados produtos manufaturados, de modo a possibilitar acordos entre vendedores e compradores. Eram os embriões dos jornais, embora ainda não possuíssem nenhuma filosofia fundadora ou princípios deontológicos característicos do jornalismo contemporâneo. Mais tarde passaram a conter curiosidades relacionadas à vida dos nobres e da aristocracia (Moraes; Machado, 2019). Já a partir da segunda metade do século XVII, com a proliferação da classe média burguesa e a difusão de filosofias contrárias ao autoritarismo monárquico por meio de John Locke, Montesquieu, e mais tarde Rousseau e Voltaire, os periódicos passariam a incorporar os primeiros valores modernos do jornalismo, ligados à defesa de direitos civis e a luta contra a censura.

Naquele período, a burguesia citadina costumava se reunir em *saloons* e cafés para discutir temas artísticos, filosóficos e científicos, muitas vezes com a participação de alguns nobres (Ribeiro, 2016). Estes ambientes foram considerados por Habermas (1984 *apud* Ribeiro, 2016, p. 84) como uma esfera pública burguesa, um espaço público onde as pessoas podiam discutir e problematizar questões gerais e universais, construir o intelecto através da crítica e do esclarecimento, e promover os ideais Iluministas.

Adiante, no final do século XVIII e início do século XIX, conforme pontua Marcondes Filho (2000), a classe média burguesa europeia não apenas consumia jornais, mas também passou a incorporá-los ao seu cotidiano, utilizando-os como veículos para difundir seus ideais. Isso deu origem à atividade jornalística de posicionamento democrático, que buscava informar e conscientizar o público sobre questões sociais e políticas. A produção de jornais era feita de forma artesanal e atendia aos interesses de determinados núcleos políticos que eram contrários às monarquias, usando os jornais como meio para defesa de bandeiras políticas.

Suas características eram consonantes à Revolução Francesa, período de intensa mobilização popular e agitação política pela busca de direitos civis e liberdades individuais. A atividade jornalística desse período, chamado de Primeiro Jornalismo, situou-se entre 1789 e aproximadamente 1830. Os jornais deste período eram engajados, combatiam o obscurantismo religioso e os privilégios monárquicos e absolutistas, e buscavam difundir princípios republicanos.

Com o crescimento das comunidades urbanas e a ascensão da burguesia, os jornais se consolidaram como produto relevante para a vida civil. De acordo com Traquina (2005) e

Barsotti (2014), a expansão dos jornais na Europa e na América coincidiu com dois outros processos importantes para seu sucesso: o desenvolvimento dos centros urbanos e a crescente alfabetização da população. O primeiro culminou no surgimento de grandes metrópoles como Londres, Paris e Nova Iorque, onde havia público potencial para a venda dos jornais, enquanto o segundo fomentou a escolarização de massas e criação de escolas públicas. Além disso, houve também avanços tecnológicos, como a invenção dos prelos com cilindros pelo alemão Friedrich Koenig em 1814, máquina de impressão gráfica com capacidade de produzir 1.100 páginas de jornais por hora (Traquina, 2005).

Na visão de Barsotti (2014), os jornalistas desse período eram escritores, políticos e intelectuais, ambiciosos por textos críticos e opinativos. Daí surgem as primeiras ideias dos jornalistas como intelectuais que se dedicavam a ideais republicanas e com ao interesse coletivo. Embora o jornalismo deste período ainda estivesse longe das características do jornalismo moderno, foi nesse período que surgiram as primeiras tentativas de sua legitimação, ao se intitular instituição de defesa do interesse público. Ora, como se observa, as raízes do capital social dos jornalistas e dos meios de comunicação surgem justamente neste período histórico pós-Revolução Francesa e Americana, quando os jornalistas ganharam prestígio e visibilidade como profissionais que atuavam em prol dos direitos da burguesia, e os meios de comunicação como veículos de crítica e de discussão de temas de interesse público.

Conforme apontado por Traquina (2005), no decorrer do século XVIII e sobretudo no século XIX, as filosofias liberais idealizaram o conceito de opinião pública. A opinião pública seria um “instrumento de controle social”, responsável por reconhecer e julgar o que fosse justo ou injusto, correto ou incorreto para o benefício do povo. Essa ideia se tornou “parte integrante da teoria democrática do Estado”.

A partir disso, os jornalistas encontraram um espaço de legitimidade ao se declararem profissionais que proveriam a opinião pública com informações e notícias necessárias para sua existência e fomento, como representantes e porta-vozes desta opinião pública, e também guardiões dos propósitos dos cidadãos contra os abusos do poder político. Assim se originou a ideia de jornalismo como “Quarto Poder” (do inglês, *Fourth Estate*), quando nos primeiros anos de 1800, o deputado Thomas McCaulay, do Parlamento inglês, se referiu aos jornalistas presentes na Assembleia usando esta expressão, sugerindo ser a imprensa uma instituição do poder democrático (Traquina, 2005, p. 46).

Algumas décadas se passaram, trazendo ao mundo novos princípios políticos e avanços nos setores industriais e tecnológicos. Já na segunda metade do século XIX, os *penny press* norte-americanos revolucionaram o jornalismo. Eles mostraram ao mundo o potencial lucrativo

dos jornais, que se tornaram máquinas de produção em massa de notícias. Essa imprensa foi considerada por Traquina (2005, p. 35) como a primeira *mass media* e, ainda, a fase do "jornalismo amarelo". Os avanços nos setores tecnológicos abriram caminho para uma expansão nunca antes vista para os veículos jornalísticos mundo afora. No entanto, continuar com a estratégia de posicionamento partidário não garantiria a autossustentação dos jornais. Por isso, eles passaram a separar informação de opinião, fatos de posicionamentos políticos, deixariam o aspecto partidário para respaldarem-se num ideal de independência e objetividade.

Neste ponto, é válido ressaltar que, entre os jornais, teve início uma preocupação geral relacionada à confiança dos leitores no trabalho jornalístico. Segundo Santos (2019, p. 22), foi a partir de 1850 que os jornais começaram a buscar a objetividade como forma de construir credibilidade frente ao seu público. Instaurou-se um acordo informal entre jornal e leitor, onde os periódicos se afirmavam como “porta-vozes dos fatos do cotidiano dos leitores”.

Para não afastar leitores, jornais tendem a atenuar posições, mascarar preferências, criar parâmetros equilibrados de julgamento, tornar-se confiáveis testemunhas dos fatos. A objetividade começa a virar um bem valioso a negociar. É então que a indústria assume o que se poderia chamar de estratégia de sobrevivência conceitual. Instaura-se características de objetividade que virariam pilares da imprensa (Pereira Júnior, 2010, p. 53).

Desta forma, o jornalista deixaria de ser um defensor partidarista para ser um profissional a serviço dos interesses sociais, aspecto “imparcial” e objetivo que garantiu às indústrias da informação a consolidação no mercado. Assim, “ao buscar a imparcialidade, o relato dos fatos com precisão, ela garantia seu apartidarismo e não afastava anunciantes de nenhuma espécie” (Barsotti, 2014, p. 91).

Era este o chamado novo jornalismo, também citado por Marcondes Filho (2000) como Segundo Jornalismo. Esta corrente guardava o fundamento da teoria democrática, mas ia além, abarcando uma ideologia que pregava que o jornalismo deveria servir a população e não os políticos, que deveria ser instrumento útil aos interesses dos cidadãos, e não plataforma de campanha política (Traquina, 2005). A partir desse momento, os modelos jornalísticos norte-americanos passaram a influenciar cada vez mais os padrões profissionais em outros países, como o Brasil.

Os jornais tornavam-se cada vez mais lucrativos e independentes de financiamentos partidários, autonomia que lhes garantia maior legitimidade enquanto instituição social e, logo, maior confiança perante o leitor. Ainda nesta nova filosofia, o mercado jornalístico passou a entender que não poderia continuar a ser produzido pelos ativistas políticos de antigamente, visto que isso era interpretado como fragilidade tanto por leitores quanto por anunciantes. O

que se viu a partir de então foi a instituição de técnicas que assegurassem seu apartidarismo e sua objetividade, assim como uma crescente divisão e especialização do trabalho jornalístico.

Como apontado por Barsotti (2014), os jornais iniciaram uma predileção pela contratação de jovens diplomados a partir da década de 1880, uma consequência natural na busca por maior técnica e aperfeiçoamento das funções. Os primeiros cursos superiores que ensinavam jornalismo surgiram nos Estados Unidos e na França, sendo válido destacar os pioneiros cursos de treino em impressão inaugurados na atual Universidade de Washington e Lee, na década de 1860; na O’Kansas State College, em 1873, e na Universidade do Missouri, em 1878. De forma geral, as “aulas eram dadas por antigos homens dos jornais” (Traquina, 2005, p. 84).

Outra área que se desenvolveu foi a de técnicas de produção, por exemplo com a criação e aperfeiçoamento da estenografia, o uso de entrevistas para obtenção dos fatos e a abordagem a múltiplas fontes. Além disso, a busca por objetividade culminou no surgimento de uma característica essencial do texto jornalístico, ensinado ainda hoje nos cursos de jornalismo: o *lead*.

À medida que as notícias começaram a ser tratadas como produtos, uma forma nascente de “empacotamento” apareceu. As notícias tornaram-se crescentemente estandardizadas ao tomarem a forma a que chamamos hoje de “pirâmide invertida”, enfatizando o parágrafo de abertura, o *lead* (Traquina, 2005, p. 59, grifo do autor).

Com a implementação dessas novas estratégias, os jornalistas davam espaço a uma forma objetiva e padronizada de noticiar, deixando de lado a narrativa romantizada. O padrão adotado seria o de responder, logo no início do texto, as questões mais importantes buscadas pelo leitor, sendo: o que, quem, quando, onde, como e por que. Para Genro Filho (1987 *apud* Barsotti, 2014, p. 95) o *lead* se fez uma proeminente técnica jornalística, não só por hierarquizar a apresentação dos fatos conforme sua importância, mas especialmente por expor os acontecimentos de forma proporcional à “singularidade da experiência individual”, possibilitando ao leitor aproximar-se de sua “vivência cotidiana na compreensão dos fatos”.

A instauração de técnicas de escrita, a profissionalização do trabalho, a busca por objetividade discursiva e o respaldo num ideal democrático ajudaram a criar um argumento persuasivo do jornalismo perante o público, relacionando-se a um *ethos* jornalístico. Ou seja, o interlocutor estaria propenso a interpretar que, se quem escreveu a mensagem jornalística era um profissional da área e se seguiu parâmetros objetivos de produção, logo, a mensagem seria plausível de confiança. Ora, como se verifica, tais processos constituem justamente as raízes do

capital cultural do jornalismo. O *ethos*, os princípios éticos e a instituição de padrões discursivos compartilhados pelos jornalistas (cultural corporificado); a profissionalização por meio de cursos superiores e a divisão do trabalho (cultural institucionalizado); e a expansão dos produtos jornalísticos no final do século XIX (cultural objetivado) podem ser vistos como o capital cultural deste campo, capazes de dar autoridade ao jornalismo no reportar dos fatos à sociedade.

Assim, se o capital social do campo jornalístico foi constituído ao longo do período chamado por Marcondes Filho (2000) de Primeiro Jornalismo (1789~1830), seu capital cultural foi consolidado pouco tempo depois, ao longo do Segundo Jornalismo (1831~1900). Ambos, como visto anteriormente, são considerados os principais potencializadores de seu capital simbólico, a credibilidade, que foi construída a partir dos processos de transfiguração desses capitais.

Conforme se verifica, os agentes do campo jornalístico se empenharam ao longo dos séculos para construir sua legitimidade (ou justificação), de forma a serem reconhecidos como membros de uma instituição de testemunho confiável e verdadeiro. Jornalistas atribuíram a si mesmos a função de representantes do interesse e opinião pública, defenderam a existência de objetividade em seus textos, construíram técnicas que garantem, em tese, a veracidade dos relatos. Essas estratégias foram efetivas para a construção do “senso comum” de conhecimento jornalístico, proposto por Berger e Luckmann (2011) como ato primário de legitimação institucional, ajudando assim a produzir uma credibilidade constituída no jornalismo.

2.4 A deturpação na percepção de credibilidade

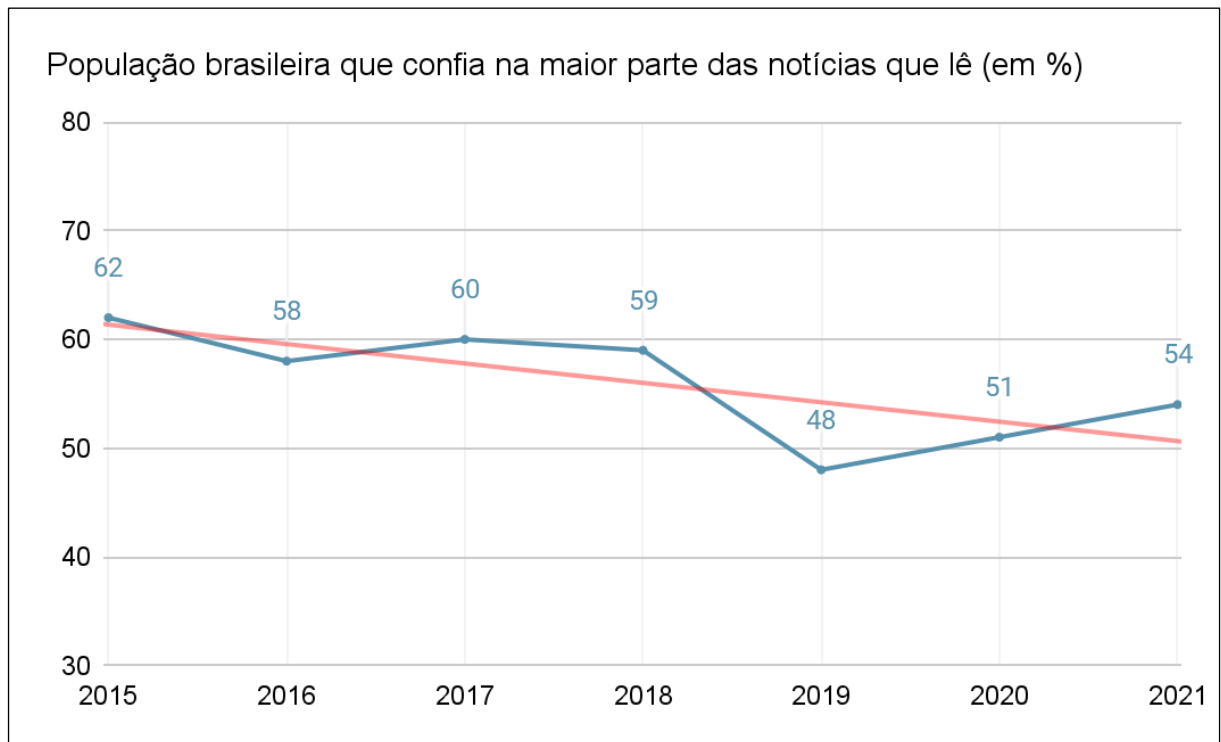
Após os apontamentos teóricos vistos até aqui, com aporte de diferentes autores, é possível considerar que o conceito de credibilidade jornalística foi suficientemente bem analisado, possibilitando o seu entendimento como capital simbólico do jornalismo, decorrente de uma série de eventos históricos-discursivos. Cabe neste instante retornar à compreensão proposta por Lisboa (2012) a respeito da necessidade de se entender credibilidade em duas instâncias, a de sua constituição (já abordada) e a de sua percepção. Cabe questionar qual a situação da percepção do público quanto a credibilidade das organizações jornalísticas brasileiras, levando-se em consideração as mudanças pelas quais o campo do jornalismo tem passado nos últimos anos.

Dito isso, é notório que nas últimas décadas diversas organizações jornalísticas ocidentais, ou mesmo o campo do jornalismo como um todo, vêm passando por uma severa crise de credibilidade e de queda de confiança perante as sociedades. É visível que até mesmo as fontes mais tradicionais de informação enfrentam um colapso nas bases de sua confiança

(D’Ancona, 2018; Santos, 2019). Tal contexto é verificável empiricamente ao se observar as peculiaridades dos sites e redes sociais de veículos jornalísticos brasileiros, especialmente os de maior alcance ou tidos como de “referência”, nos quais são comuns críticas por parte dos leitores.

O cenário de descredibilização também pode ser verificado estatisticamente, por exemplo, nos dados do *Digital News Report*, extenso relatório internacional sobre consumo e percepção dos meios de comunicação, produzido anualmente pela *Reuters Institute for the Study of Journalism*. Entre os anos de 2015 e 2021, houve uma queda de 8% no número de brasileiros que confiam nas notícias produzidas pelas organizações jornalísticas (Santos; Cassiano, 2021a), conforme se verifica no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Porcentagem da população brasileira que confia nas notícias



Fonte: Elaboração do autor com base no *Digital News Report* (2015-2021).

Ao observar os dados dos relatórios, é possível identificar uma significativa queda no número total de brasileiros que confiam na produção jornalística. Considerando as estimativas do Banco Mundial e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o total de cidadãos brasileiros em cada ano, a queda representa 11,6 milhões de brasileiros que, em 6 anos, deixaram de confiar no principal produto do trabalho jornalístico. Apesar de um leve crescimento nos anos de 2020 e 2021, a tendência (em vermelho) é de queda na porcentagem de pessoas que confiam nas notícias que leem.

Algo análogo é verificado nos relatórios anuais sobre Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, produzidos pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Conforme apontam os dados compilados pela entidade sindical, o ano de 2021 “foi o mais violento para os jornalistas brasileiros, desde o começo da série histórica dos registros dos ataques à liberdade de imprensa feitos pela Fenaj, iniciada na década de 1990”, apontando para uma escalada no número de ataques sofridos por jornalistas e veículos de comunicação. Em 2019, o relatório compilou um total de 208 ataques sofridos, dos quais 114 (54,8%) foram atos de desacreditização⁸. Até aquele ano, nenhum relatório desde 1990 havia registrado mais de 200 ataques anuais. Em 2020, foram registrados 428 ataques, sendo 152 (35,5%) casos de desacreditização⁹, e em 2021 foram 430 ataques, com 131 (30,4%) casos de desacreditização¹⁰.

A Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) também publica anualmente o Relatório de Violações à Liberdade de Expressão, compilando casos de ataques de diferentes tipos contra jornalistas e veículos de comunicação. Além de ataques presenciais, o relatório compila casos de desacreditizações ocorridas em meio às redes sociais, onde o número cresce exponencialmente. Segundo o documento referente a 2020 – relatório mais recente até a conclusão deste trabalho –, naquele ano foram registrados 42 milhões de publicações genéricas em meio ao *Twitter*, ao *Facebook*, ou em perfis abertos do *Instagram*, citando as palavras “jornalismo”, “mídia”, “jornalista” ou “imprensa”. Destas publicações, pelo menos 2,9 milhões foram ataques contra o jornalismo e seus profissionais, com palavras de baixo calão, expressões pejorativas e depreciativas. O quantitativo representou 7,9 mil ataques virtuais por dia, 331 por hora, e quase seis ataques ao jornalismo brasileiro a cada minuto¹¹.

Canalhas, escória, lixo, ratazanas... Estes e outros termos pejorativos foram usados, durante todo o ano de 2020, para depreciar a atuação da imprensa. Proferir palavras de baixo calão, xingar e até mesmo colocar em xeque o caráter e a credibilidade de profissionais da comunicação ganharam ainda mais força nas coberturas presenciais (Abert, 2021, p. 37).

Certamente existem diferentes explicações para essa crise de confiança pela qual atravessam os agentes do campo jornalístico, podendo estar relacionada a fatores internos ou externos ao jornalismo. Conforme Santos (2020), se hoje é latente um certo declínio da

⁸ Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/01/relatorio_fenaj_2019.pdf>.

⁹ Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf>.

¹⁰ Disponível em: <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2022/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-da-Viol%C3%Aancia-Contra-Jornalistas-e-Liberdade-de-Imprensa-2021.pdf>>.

¹¹ Disponível em: <<https://www.abert.org.br/pdf/ABERTRELATORIOANUAL2020.pdf>>.

credibilidade dos jornalistas diante da opinião pública, tal fenômeno certamente está ligado a dois outros processos igualmente contemporâneos: a crise estrutural do jornalismo, onde a atuação profissional do jornalista se vê abalada devido às revoluções tecnológicas, a perda de seu monopólio informativo e a primazia do imediatismo em meio aos ambientes online; e ao contexto de pós-verdades e emergência das *fake news*, que gerou sérios impactos na sociedade e nos cenários políticos ocidentais dos últimos anos.

A este último caso, soma-se o fato de as informações falsificadas se assemelharem, ou mesmo copiarem, o estilo narrativo jornalístico, o que intensifica o descrédito por parte da população com baixo letramento informacional¹².

Em sua análise a respeito dos processos recentes de descrédibilização da imprensa brasileira, Santos (2020) observou que, embora veículos atacados possam apresentar certas falhas em sua qualidade editorial, a crise de confiança que os acometia aparentava ser potencializada por algo externo ao jornalismo, algo consoante ao contexto sócio-político de pós-verdades e de circulação de *fake news*, que deturpou a percepção da sociedade sobre os capitais cultural e social dos jornalistas e, como consequência, arruína seu capital simbólico — a credibilidade.

Aparentemente, o principal gerador, mas não necessariamente o único, do processo de descrédibilização do jornalismo não está nos fatores internos à instituição jornalística, mas sim nos fatores externos, mais especificamente na forma como a mensagem jornalística é recebida pelo público e como ela é interpretada/decodificada, além dos fatores que podem influenciar nesse processo de decodificação (Santos, 2020, p. 131).

E é nesse ponto que fica evidente a centralidade dos processos relativos à percepção social para o estudo da credibilidade. Sendo o capital simbólico do jornalismo, capaz de trazer autoridade e legitimidade a seus enunciados, a credibilidade precisa ser investigada não só do ponto de vista do emissor (constituída), mas também pela perspectiva do receptor (percebida). No próximo capítulo serão investigados debates a respeito dos fatores que possibilitam a construção de confiança para com o jornalismo a partir da ótica do público receptor. Como se verá, a ideia de que o jornalismo reproduz “verdades sobre os fatos” tem sido, ao longo das décadas, protagonista no imaginário social para a construção de laços de confiança e, por

¹² Lemos e Oliveira (2020) estudaram como o público consumidor de informações interpreta seu próprio letramento informacional frente a circulação de *fake news* no WhatsApp. Os resultados apontam que a percepção individual sobre o próprio comportamento informacional está positivamente relacionada à confiança da mídia, e não à sua competência informacional. Ou seja, a confiança depositada em uma informação dependia mais da credibilidade da fonte do que de sua própria competência em distinguir conteúdos confiáveis dos enganosos.

consequência, percepção de credibilidade. E a partir do momento em que tal ideia se fragiliza, ela corrompe consigo as bases da credibilidade jornalística.

3 O COLAPSO DA VERDADE E A CRISE DE CREDIBILIDADE NO JORNALISMO

Conforme analisado por Santos (2020), os fundamentos do processo de corrosão da confiança no jornalismo aparentam residir em uma instância externa aos seus capitais. Ou seja, embora falhas possam ser verificadas na atuação dos veículos jornalísticos que sofrem descrédito, tal problemática aparenta se originar no campo da percepção, ou antes, da semiotização, fato pelo qual se torna essencial o aprofundamento teórico sobre o conceito de credibilidade percebida (Lisboa; Benetti, 2017).

Em vista disso, este segundo capítulo é apresentado em cinco partes. Na primeira seção, será apresentada uma breve conceituação do que se entende aqui como credibilidade percebida, como um dispositivo que agrega características individuais, valores coletivos e normas sociais no processo de percepção de veracidade no discurso alheio. Na segunda seção, discute-se sobre como a ideia de ‘busca pela verdade’ há muito é usada como argumento legitimador do jornalismo e fator de percepção de credibilidade, concluindo-se que a crise de credibilidade jornalística pode ser antes interpretada como uma crise na percepção de sua verdade.

Já a terceira parte do capítulo apresenta reflexões de autores que buscam explicar os fundamentos teóricos da pretensa “verdade jornalística”. A quarta parte discorre sobre como a emergência das pós-verdades e as *fake news* no contexto político corromperam as crenças em “verdades factuais”, fazendo da correspondência aos fatos um elemento coadjuvante na construção de confiança. Por fim, na quinta parte serão apresentadas estratégias que têm sido usadas pelo campo jornalístico na tentativa de reconstruir seu capital simbólico de credibilidade.

3.1 A credibilidade percebida

De acordo com Lisboa e Benetti (2017, p. 52), a credibilidade percebida pode ser entendida com uma capacidade que foi sendo desenvolvida ao longo do processo evolutivo da espécie humana, no qual os seres humanos foram aprimorando “mecanismos de percepção e de julgamento [...] que em condições normais, os tornam hábeis em perceber inconsistências no discurso alheio” e os permitem construir ou não vínculos de confiança com outrem. Tais aptidões se fizeram proeminentes recursos da humanidade, principalmente após o surgimento das primeiras comunidades e, posteriormente, das sociedades de massa, uma vez que depender unicamente das próprias ações e experiências para sobreviver já não era possível. Tornou-se necessário “confiar” naquilo que era proferido por outros indivíduos, em maior ou menor grau, fosse para pedir uma informação correta de como se chegar a tal lugar, fosse para atribuir verdade nas palavras de um candidato que requisitar seu voto.

A capacidade humana de atribuir maior ou menor confiabilidade às coisas e as pessoas é corroborada por Foley (2004 *apud* Lisboa; Benetti, 2017), que sugere o termo “níveis de confiança”, que pode ser interpretado também como níveis de credibilidade percebida. Tais níveis perpassam características individuais, valores coletivos e normas sociais no processo de percepção de veracidade dos enunciados.

O primeiro nível diz respeito aos processos de julgamento particulares dos indivíduos. Em um primeiro contato com alguém desconhecido, as pessoas tendem a julgar a veracidade de quem fala de acordo com os próprios valores morais. Ou então, não havendo para o ouvinte parâmetros prévios para aferir a índole de um desconhecido, a credibilidade do orador será julgada conforme a capacidade de argumentar de forma plausível suas “verdades”.

Por outro lado, devido à sociabilidade humana, diversos processos cognitivos utilizados para atribuir ou não crédito a alguém são construídos ao longo da vivência em comunidade. A compreensão do que é “certo” ou “errado”, honesto ou desonesto, verdade ou mentira é transmitida e apreendida pelos indivíduos no decorrer de seu desenvolvimento e de seu processo de assimilação da cultura e das tradições locais entre as quais se nasceu (Assis; Nepomuceno, 2008), formando assim um segundo nível de confiança, ligado à coletividade.

Em diversos períodos de sua vida, o ser humano se encontra imerso em estado de total dependência dos cuidados e testemunhos de terceiros, por exemplo, na relação de crianças com seus pais e professores (Lisboa; Benetti, 2017). Somente com o amadurecimento e com a ampliação dos saberes é que o ser humano conquista maior autonomia de julgamento, embora, ainda assim, sejam os relatos daqueles ao seu redor que possibilitam o conhecimento de “crenças verdadeiras”. Como observam Lisboa e Benetti (2017, p. 53), “muito do que sabemos sobre o mundo e sobre nós mesmos nos chega por meio de relatos de familiares, amigos, professores – e do jornalismo”.

Além das características individuais e dos valores coletivos inerentes à avaliação da credibilidade alheia, também existem as normas sociais e regras implícitas nas relações humanas. Nos diversos círculos sociais nos quais os indivíduos estão inseridos, como o trabalho, a família, os amigos, ou mesmo entre simples conhecidos, existem princípios subentendidos importantes para o bom convívio – como respeitar o espaço do outro, dar espaço de fala, ser cordial, etc – sendo que o ato de ser verdadeiro, ou honesto, é um dos mais essenciais. A verdade seria obrigatória por sua “utilidade social para os indivíduos envolvidos no ato de comunicação” (Lisboa; Benetti, 2017, p. 53). Logo, a presunção de que aquilo que está sendo dito é verdadeiro faz parte do sistema de julgamento e atribuição de credibilidade, de modo que a verdade corresponderia a um “dever” social implícito.

Estes três fatores – características individuais, valores coletivos e normas sociais – podem ser entendidos como os dispositivos de percepção dos indivíduos que os possibilitam construir laços de confiança com outrem e atribuir crédito a seus relatos, formando assim a base do que foi chamado de credibilidade percebida, conforme conceituação proposta por Lisboa e Benetti (2017).

Desse modo, buscar compreender quais fatores externos ao jornalismo – em meio a credibilidade percebida da sociedade – tem levado à crise de credibilidade deste campo significa entender o que em meio às características individuais, aos valores coletivos e às normas sociais tem sido corrompido e criado esse ocaso de confiança.

Dito isso, o aprofundamento bibliográfico empreendido neste trabalho demonstra uma predominância do último fator. Como enfatizado, em meio às normas sociais existe historicamente uma regra subentendida de dever de verdade. Esta predisposição humana de atribuir verdade às falas de outros indivíduos, incluindo os relatos jornalísticos, tem sido abalada, de onde parte a crise de credibilidade jornalística.

Esse pensamento é corroborado por Bucci (2018, p. 22) ao considerar que “as democracias mais estáveis do planeta estariam ingressando numa era em que os relatos sobre os acontecimentos perderam referência na verdade factual”, ou seja, as sociedades estariam num momento no qual aquilo que é considerado “verdade”, advindo da “verificação honesta e do relato fidedigno dos fatos e dos acontecimentos” perdeu significado e relevância social. Isso é especialmente preocupante ao campo do jornalismo, pois, como se verá a partir da próxima seção, o respaldo em uma “busca pela verdade” tem sido há muito tempo uma das bases da credibilidade deste campo, que permitiu a existência da percepção de credibilidade, mas também da formação de seus capitais cultural e social.

3.2 A busca pela verdade: valor, efeito e vontade

A compreensão de Bucci (2018) de que os relatos da atualidade possam estar perdendo a referência na verdade e na fidedignidade dos fatos é especialmente relevante ao se estudar a história da credibilidade percebida do jornalismo. Jornalistas afirmam incessantemente pautar-se pela busca da verdade dos fatos desde o crescimento industrial da imprensa ainda no século XIX. Tal defesa, guiada por uma deontologia positivista, embora seja problemática por desconsiderar as interferências subjetivas do sujeito jornalista, ajudou a construir razoavelmente bem uma justificação de respaldo para com a realidade ao jornalismo, consolidando sua autoridade de fala (capital social simbólico), mas também possibilitando a percepção de credibilidade por parte da sociedade.

Na realidade, conforme observa Sousa (2004), na primeira tese doutoral sobre jornalismo, do alemão Tobias Peucer (1690), já era apontada a correlação entre credibilidade e busca da verdade, sinalizando a necessidade de os relatos jornalísticos desfrutarem de uma condição de veracidade para que fossem bem aceitos pela sociedade.

Relaciono com a vontade do escritor de periódicos a credibilidade e o amor à verdade: não seja o caso que, preso por um afã partidário, misture ali [...] alguma coisa de falso ou escreva coisas insuficientemente exploradas sobre temas de grande importância (Peucer, 1690)¹³.

Para Christofolletti e Laux (2008, p. 34), em pleno século XVII a tese de Peucer (1690) levantou questões elementares da prática jornalística que vão além do princípio de relatar os acontecimentos, tangenciando conceitos como “objetividade, verdade e credibilidade”. Para os autores, Peucer identificava uma interdependência entre verdade e credibilidade na consolidação do campo jornalístico de sua época, e acrescentam que “esses são conceitos fundadores do jornalismo, e desde então essa atividade vem se erigindo muito apoiada neles” (Christofolletti; Laux, 2008, p. 34).

Lisboa e Benetti (2015 *apud* Santos; Cassiano, 2021b, p. 1) ressaltam a compreensão de que credibilidade no campo da percepção qualitativa está amparada “num compromisso moral das fontes de informação com os relatos fidedignos à realidade, compromisso esse consolidado ao longo do tempo e capaz de gerar crença tanto nos testemunhos jornalísticos, quanto na figura de quem enuncia”: os jornalistas. Neste sentido, a sociedade percebe a credibilidade do jornalismo por meio da confiança dos sujeitos de que os relatos jornalísticos reproduzem as verdades sobre a realidade, à medida que este consegue dar provas da veracidade do seu testemunho (Lisboa; Benetti, 2015, p. 12). Para as autoras, isto estaria relacionado a uma espécie de contrato implícito de confiança firmado entre jornalismo e seu público, que é bem explicado por Charaudeau (2019).

Charaudeau (2019, p. 90) avalia a correlação da credibilidade jornalística com a verdade a partir da situação comunicacional na qual jornalistas e seu público se inserem e compartilham suas intencionalidades. Para o autor, os discursos das organizações midiáticas existem e constroem sentido porque circulam em meio a um quadro referencial de reconhecimento mútuo das condições, das intenções, das restrições e dos sujeitos envolvidos no processo de troca linguageira, a que o autor dá o nome de contrato de comunicação. Neste quadro apresentam-se as convenções e as normas discursivas dos diferentes interlocutores, a partir das quais o público

¹³ Tradução por Paulo da Rocha Dias. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 1, n. 2, 2004.

poderá construir sentido, atribuir valor simbólico e avaliar o teor de cada fala das organizações jornalísticas.

Para o jornalismo, como instância midiática específica, seu contrato de comunicação com a sociedade seria baseado no fornecimento de informações úteis e socialmente relevantes, necessárias à participação popular nos processos democráticos e para conservação do Estado Democrático. Ou seja, tal contrato baseia sua legitimidade numa visada de lógica cívica, de fazer o cidadão saber as importantes informações do contexto social que o circunda – diferente da comunicação publicitária, que se baseia num contrato de fazer o público sentir, de forma a seduzir e incitar o consumo.

No contrato de informação, é a primeira visada que domina, a do fazer saber, **que está ligada à verdade**, a qual supõe que o mundo tem uma existência em si e seja reportado com seriedade numa cena de significação credível (Charaudeau, 2019, p. 87, grifo nosso).

Charaudeau (2019, p. 90) afirma que “as mídias, em sua visada de informação, estão em confronto permanente com um problema de credibilidade, porque baseiam sua legitimidade no ‘fazer crer que o que é dito é verdadeiro’”. Para tal objetivo, utilizam-se de estratégias empregadas no domínio da linguagem para significação do verdadeiro, como meio para dizer o exato em detrimento do falso; para dizer o que aconteceu em vez de inventar o que não houve; para revelar a intenção oculta ao contrário de mascarar a intenção; enfim, ao fornecer as provas da verdade em vez de dar explicações sem provas. Ou seja, utiliza estratégias comunicacionais para se adequar aos valores individuais, coletivos e às normas sociais, e assim ser percebido como credível pelo público.

Para Charaudeau (2019) é possível ainda fazer uma distinção entre valor de verdade e efeito de verdade. O valor de verdade está além do conhecimento empírico, realizando-se por meio de construções explicativas elaboradas e com o auxílio de investigações científicas exteriores à subjetividade do homem, definidas como um conjunto de técnicas de saber investigar, dizer e comentar o mundo. “A utilização dessa instrumentação permite construir um “ser verdadeiro” que se prende a um saber erudito produzido por textos fundadores” (Charaudeau, 2019, p. 49). Basicamente, é construído a partir da demonstração de evidências de verdade.

Já o efeito de verdade relaciona-se à crença pessoal, ao “acreditar ser verdadeiro”. Emerge da subjetividade dos indivíduos em contato com o mundo e com seus semelhantes, ao fazer julgamentos dos relatos, contrastando-os com o senso comum que é compartilhado pelas outras pessoas e por seu conhecimento do mundo até então. Diferente do valor de verdade, que

se baseia em evidências, o efeito de verdade baseia-se em convicção, não existindo fora dos círculos de opiniões e influência psicossocial. Para Charaudeau (2019, p. 49) “o que está em causa aqui não é a busca pela verdade em si, mas a busca de “credibilidade”, isto é, aquilo que determina o “direito a palavra” dos seres que comunicam, e as condições de validade da palavra emitida”.

O campo jornalístico utiliza-se de variadas estratégias discursivas para gerar efeito de verdade naquele que o consome, modulando-as segundo as razões pela qual uma informação é noticiada, segundo os traços característicos daquele que informa e segundo os meios utilizados para tentar provar a veracidade do que é noticiado.

No que diz respeito às razões para informar, jornalistas geram efeitos de verdade ao se posicionarem como os sujeitos incumbidos da missão de levar informações necessárias à sociedade, podendo ser essas informações solicitadas ou não. Quando não são solicitadas, aquele que recebe as informações “pode construir uma hipótese de gratuidade altruística” sobre a imagem do informador. Quanto aos traços característicos daquele que informa, jornalistas se demonstram por sua notoriedade social (jornalistas famosos são mais credíveis); posicionam-se como testemunhas dos fatos; reproduzem informações em várias mídias, reforçando as “verdades” pela pluralidade de vozes, e se apresentam como organismos especialistas no ato de informar.

Quanto os meios para provar a veracidade de seus relatos, jornalistas geram efeitos de verdade designando documentos, objetos e imagens relacionadas ao que é noticiado; reconstituindo os fatos por meio de sondagens, testemunhos e reportagens investigativas; e elucidando o porquê dos acontecimentos ao recorrer à palavra de especialistas, peritos e intelectuais, além do uso de opiniões diversas capazes de construir consenso em meio ao público (Charaudeau, 2019, p. 50-56).

Assim sendo, “os elementos do contrato de comunicação jornalístico apontam para um eixo construído sobre as noções de verdade e credibilidade” (Lisboa; Benetti, 2015, p. 19), de forma que, embora não se possa dizer com segurança que o jornalismo possua valor de verdade (como se verá no início do próximo subtítulo), é fato que as estratégias discursivas utilizadas ao longo de sua existência conseguiram um eficiente efeito de verdade frente à sociedade, gerando a credibilidade percebida. Dessa forma, verifica-se que o conceito de verdade é fundamentalmente caro ao jornalismo, pois é com o argumento de que seus agentes “buscam e noticiam as verdades do mundo” que este campo tem encontrado respaldo para ser, até certo ponto, percebido como credível.

A partir deste pensamento, é possível inferir que o lastro com a verdade que o jornalismo defende possuir foi a base de seu contrato de informação para com a sociedade. A crise de credibilidade jornalística pode ser antes interpretada como uma crise na percepção de sua verdade. Contudo, há que se questionar o que profissionais do jornalismo, sejam do campo acadêmico ou profissional, compreendem pelo conceito de “verdade”. Se faz necessário um aprofundamento investigativo nos conceitos de “verdade”, em suas diferentes concepções teóricas e históricas, e nos diferentes usos discursivos empregados pelas instâncias midiáticas.

3.3 Delimitando conceitos: a verdade jornalística explicada em teoria

A que ‘verdade’ as instituições jornalísticas se referem quando buscam legitimar seus relatos e reclamar uma credibilidade? Ora, sabe-se que a verdade das escrituras defendida pela religião é diferente da verdade buscada pela filosofia. Diferentes conceitos, embora utilizem do mesmo significante, distinguem-se e se defrontam há séculos quanto a seu significado, sendo algumas visões mais convergentes, enquanto outras mais antagônicas. Como relata Tombasi (2007, p. 36), a verdade como conceito filosófico “ora tem sido considerada absoluta, ora relativa, ora apenas um ideal a ser alcançado, ora um conceito simplesmente dispensável – quando não decretada a sua inexistência (“não há verdade”)”.

Mas antes desse aprofundamento conceitual sobre os diferentes conceitos de verdade, faz-se necessário problematizar o uso deste signo em meio ao jornalismo. Seria possível afirmar que os relatos de jornalistas, ou quaisquer que sejam os sujeitos históricos, possuem valor de verdade absoluta, ou seja, expressam entendimentos construídos completamente fora de sua subjetividade? Ora, sabe-se muito bem que não.

O campo do jornalismo é constituído de sujeitos e de instituições guiadas por interesses. Por mais que se estabeleçam princípios éticos e morais que norteiam a prática jornalística, por mais que se corporifique um capital cultural que dita regras para o alcance de objetividade, esses interesses sempre irão interferir no trabalho final dos sujeitos jornalistas – informação não-ficcional transformada em notícia – que será levado ao público de forma mais ou menos impregnada de posicionamentos ideológicos, sejam dos jornalistas, sejam das organizações midiáticas.

Desde sua época, Nietzsche já denunciava o dogmatismo das teorias do conhecimento em defender a verdade como um valor moral metafísico e imutável, legitimando determinados valores em detrimento de outros, negando à atividade histórica e construtiva do homem sua capacidade de criar valores sociais, negando inclusive que as próprias fundamentações metafísicas tenham sido também criações dos homens (Camargo, 2008).

Não por acaso, a primeira teoria científica do jornalismo foi a Teoria do Espelho, construída por ideais positivistas e que pregava que as notícias deveriam ser retratos fiéis da realidade e os jornalistas profissionais guiados pela missão de informar e de “procurar a verdade”. Tal teoria é atualmente considerada obsoleta em termos epistemológicos, embora seja “ainda hoje o padrão dominante no campo jornalístico [profissional] ocidental” (Traquina, 2005, p. 147).

Perspectivas construcionistas dos anos 1970 e 1980 revelaram as interferências que as subjetividades dos jornalistas são capazes de fazer nas notícias, assim como as interferências que as notícias fazem na constituição e interpretação da realidade por parte da sociedade. A cultura profissional dos jornalistas, suas subjetividades ativas, suas rotinas de produção e a própria cultura da sociedade passaram a ser entendidos como elementos idiossincráticos de construção e reconstrução dos sentidos no mundo (Moraes, 2011), de forma que a própria verdade de algo pode ser considerada o resultado de uma construção social e discursiva.

Dessa forma, a pretensão do jornalismo em ser considerado retrato fiel da realidade e das verdades do mundo tem sido continuamente criticada e desmistificada a partir da segunda metade do século XX. Contudo, duas compreensões a respeito do que seja a prática jornalística permanecem inalteradas tanto no meio acadêmico quanto no meio profissional. A primeira é a de que os produtos do jornalismo são caracterizados pela não-ficcionalidade. Como ressalta Traquina (2005), aceitar que notícias são construções narrativas ou mesmo histórias não significa negar seu valor como correspondentes da realidade exterior. Dizer que o trabalho jornalístico, assim como qualquer outro trabalho humano, é impossibilitado de reproduzir fielmente verdades sobre o mundo não significa dizer que ele seja mera ficção. Pelo contrário, notícias informam e auxiliam na apreensão de conhecimento por parte da sociedade justamente por ter respaldo no real.

Em segundo lugar, defende-se a existência de uma vontade de verdade em meio à prática jornalística. Foucault (1970), ao investigar diferentes sistemas de exclusão discursiva, observou que existe em diferentes instituições sociais históricas um desejo de reconhecimento social, uma busca por ter seus relatos qualificados como verdadeiros. Vontade de verdade esta que se faz como consequência de uma vontade de saber, de conhecer o que é real.

Para Foucault (1970, p. 17-18), a literatura ocidental buscou durante séculos respaldar-se no natural e na ciência; as práticas econômicas buscaram desde o século XVI justificar-se “a partir de uma teoria das riquezas e da produção”; o sistema penal buscou justificação, primeiro, numa teoria do direito, depois nos saberes sociológico, psicológico e médico. Da mesma forma, é possível considerar que o jornalismo buscou desde o século XIX sua legitimação por meio de

instrumentos de verdade, estabelecendo e consolidando práticas positivistas que o qualificavam, ao menos esteticamente, como verdadeiro perante seu público, consolidando assim seu contrato de informação junto à sociedade (Charaudeau, 2019).

Assim sendo, quando a presente pesquisa se propõe a investigar o conceito de verdade em meio à prática jornalística, não se toma como pressuposição a ideia de que o jornalismo reproduz verdades, mas sim, que o jornalismo como campo profissional historicamente institucionalizado possui uma vontade de verdade, uma visada coercitiva sobre o público que busca convencê-lo que o produto do jornalismo é verdadeiro, utilizando estratégias para então gerar efeitos de verdade.

Prosseguindo, historicamente o campo profissional do jornalismo tem tratado a questão da verdade a partir de um olhar primordialmente deontológico, como um dever ético do repórter ou dos meios de comunicação no proceder de seu trabalho, mas sem de fato demarcar o que seja uma “verdade”. Considerando que seu fundamento social tem a pretensão de escapar do aspecto subjetivo da produção noticiosa, ou seja, possui uma histórica vontade de verdade, o jornalismo não pode prescindir dos estudos epistemológicos sobre este conceito, devendo, portanto, responder que tipo de verdade seu campo afirma noticiar.

Para Tombasi (2007), o campo jornalístico situa-se num plano linguagem-mundo, discurso-realidade, ou seja, utiliza-se da linguagem para a descrição das coisas extralinguísticas, de forma que a correlação entre notícias e fatos seja um conceito central da tal verdade jornalística. Este entendimento aproxima a prática jornalística da chamada Teoria Correspondentista da verdade, ou teoria da verdade como correspondência aos fatos.

Sua concepção básica é de que uma verdade sempre terá correspondência com os fatos identificáveis no mundo, estando necessariamente relacionada com a realidade. Ou seja, uma verdade descreve algo do mundo, não exigindo dos sujeitos um conhecimento epifânico ou deontico para verificá-las, mas apenas que as coisas descritas sejam factuais e comprováveis.

Os principais teóricos da Teoria Correspondentista foram Ludwig Wittgenstein (1889-1951), Bertrand Russell (1872-1970) e John Langshaw Austin (1911-1960), trabalhando suas formulações epistêmicas no campo da filosofia. Já suas raízes se encontram na Metafísica de Aristóteles a partir do postulado “dizer do que é que não é, ou do que não é, que é, é falso, enquanto dizer do é que é, ou do que não é que não é, é verdadeiro”, de forma que um enunciado será considerado verdadeiro “se e somente se corresponder a um fato” (Tombasi, 2007, p. 37).

Em certa medida, esta seria a ‘verdade dos factos’ ou ‘verdade factual’ abordada por Arendt (1967), aquela verdade situada no nível público e que “diz respeito a acontecimentos e circunstâncias nos quais muitos estiveram implicados; é estabelecida por testemunhas e repousa

em testemunhos; existe apenas na medida em que se fala dela, mesmo que se passe em privado” (Arendt, 1967, p. 11).

Remete, portanto, a uma ideia de verdade que subsiste sob a luz do mundo público e que encontra sua legitimidade justamente na possibilidade de olhares plurais. Assim, “os fatos devem sempre estar sob a luz do mundo público, para averiguação, contestação e deliberação” (Araújo Silva, 2020, pg. 2).

Verdades factuais possibilitam a formação de opiniões esclarecidas, de tal modo que a ideia de liberdade de opinião inexistente se não houver a garantia de informações exatas sobre os fatos. Apesar de fundamentá-las, os fatos não podem ser entendidos como dependentes das opiniões, pelo contrário, fatos não dependem de acordos ou de consentimentos. “Pode-se discutir uma opinião importuna, rejeitá-la ou transigir com ela, mas os factos importunos têm a exasperante tenacidade que nada pode abalar a não ser as mentiras puras e simples” (Arendt, 1967, p. 13).

Para Tombasi (2007), o termo “fato” pode ser conceituado como qualquer elemento extralinguístico, independente do plano da linguagem por se constituir no plano real, capaz de atestar como verdadeira uma proposição que o descreva de forma exata. Gomes (1993, p. 64) compreende fatos como os eventos ou fenômenos da realidade que em tese são “mudos”, “isto é, objetos com os quais não é possível nenhuma comunicação ou interação linguística”, mas que são referenciados pelas notícias, permitindo assim aos leitores se relacionarem de forma mediata com tais fatos através do texto.

Como vimos, “corresponde aos fatos” é apenas uma abreviação para a variedade de maneiras com que as asserções podem representar o modo como as coisas são. Uma afirmação pode até mesmo ser *aproximativamente* verdadeira, caso em que a afirmação só *aproximativamente* corresponde aos fatos (Tombasi, 2007, p. 43-44, grifos do autor).

A ideia de verdade jornalística como correspondência dos fatos é corroborada por Guerra (2008) ao destacar que as pessoas em sociedade possuem a tendência de acolher as notícias como discursos verdadeiros sobre os fatos da realidade, o que possibilita a credibilidade e os laços de confiança. Expressões como “deu no jornal” ou “está no jornal” são usadas corriqueiramente para reforçar uma opinião pessoal e ilustram a confiança depositada nos jornalistas como profissionais com a missão de buscar e noticiar a verdade sobre os fatos que acontecem e que interessam às pessoas.

A credibilidade de um jornal é a sua contrapartida à confiança que o público deposita, quase de modo incontestado, em seu noticiário. Ou seja, o público acredita no jornal porque o considera digno de credibilidade [...] O que está

no fundamento da necessidade que cada jornal tem de reafirmar sua credibilidade, assim como na responsabilidade exigida dos jornais ao noticiar seus “fatos” por parte do público, dos críticos e das vítimas de erros da imprensa, é o imperativo ético que funda a instituição jornalística: o jornalista deve se ater à realidade dos fatos (Guerra, 2008, p. 30).

A correspondência aos fatos se faz um imperativo ético fundante do jornalismo, um compromisso assumido pelos integrantes deste campo por solicitação e necessidade da própria sociedade. E esse imperativo é onipotente de tal modo que, independentemente de qual abordagem teórica se recorra para explicar o fazer jornalístico, ou de qual modelo ou quais regras uma empresa jornalística decida adotar, só haverá confiança por parte do público se este imperativo existir: a ideia de que a notícia se apresenta como discurso verdadeiro sobre a realidade dos fatos (Guerra, 2008).

Guerra (2008) observa a existência de procedimentos utilizados para formar aquilo que é denominado ‘profissionalismo’, de forma que a eficácia do conhecimento verdadeiro produzido por uma notícia ou reportagem pode ser alcançada fundamentalmente a partir de três princípios básicos levantados pela ontologia realista: objetividade, neutralidade e imparcialidade.

A objetividade vai além do caráter estilístico, como os definidos pelo *lead* e a pirâmide invertida, alcançando um ponto de vista gnosiológico. Nesse nível, significa o elemento que liga o dito pela notícia e o fato real noticiado. No raciocínio lógico do termo, “objetividade é a qualidade do que é objetivo, objetivo qualifica algo que é relativo ao objeto, objeto é tudo o que é apreendido pelo conhecimento, que não é o sujeito do conhecimento” (Guerra, 2008, p. 42). E o objeto da notícia é justamente o fato.

Alcança-se objetividade com cumprimento de três prescrições metodológicas: 1) a intenção do repórter, compelido pela íntima e sincera vontade de ser objetivo e de não se deixar influenciar pelas próprias opiniões; 2) o rigor nos procedimentos de apuração, utilizando procedimentos de observação direta dos fatos, entrevistas e pesquisas documentais; e 3) a redação da notícia, com domínio da linguagem usada (textual ou imagética), das convenções textuais jornalísticas e dos conceitos específicos da área temática noticiada.

A neutralidade diz respeito à necessidade de o jornalista estar imune a pressões que o afastem da correta investigação dos fatos, não podendo se prender a interesses emotivos, financeiros, políticos, etc. A credibilidade pode ser abalada por interesses pessoais se, por exemplo, um repórter de um jornal que cobre informações sobre o cotidiano da política local for também filiado a um partido político, ou se o profissional noticiar fatos sobre uma empresa para a qual presta serviço de assessoramento de imprensa.

Por imparcialidade entende-se a postura ética de não tomar partidos entre os interessados que disputam ter conhecimento sobre os fatos, de forma a promover o debate com respeito aos argumentos das partes envolvidas e oferecer ao público um panorama claro das opiniões. É especialmente importante nas coberturas sobre situações de acusações e denúncias de diferentes tipos. “A verdade aqui poderá surgir como consequência, na medida que as partes apresentem seus argumentos com forte capacidade demonstrativa” (Guerra, 2008, p. 48). Seu exercício pode ocorrer por meio de três procedimentos básicos: 1) a apresentação dos argumentos conflitantes; 2) a garantia de espaço; e 3) a garantia de acessos iguais entre as partes envolvidas.

A partir das teses de defesa da credibilidade usadas pelo campo do jornalismo e de sua comparação com as teorias da verdade existentes, Tombasi (2007) considera em sua análise¹⁴ que a Teoria Correspondentista da verdade (ou da correspondência aos fatos) é a que melhor explica o desejo do jornalismo de ser reconhecido como instituição de discurso verdadeiro — sua vontade de verdade.

Isso pode ser confirmado ao se investigar os diversos códigos de ética e conduta jornalística mundo afora, nos quais a busca pela verdade está sempre materializada como um dever de corresponder fielmente aos fatos. Por exemplo, na primeira seção do código de ética da *Society of Professional Journalists*, organização norte-americana fundada em 1909 para representação de jornalistas, é apresentado o lema “procure a verdade e publique-a”, sendo também expressas recomendações do tipo: “nunca distorça deliberadamente fatos ou contexto, incluindo informações visuais”¹⁵ (Santos; Cassiano, 2021b).

Na Carta de Ética Profissional dos Jornalistas Franceses, com sua primeira versão publicada em 1918 pelo *Syndicat National des Journalistes*, são apresentados deveres para com a veracidade, exatidão e fiel descrição dos fatos¹⁶, ao descrever que um jornalista, digno de seu nome:

Possui pensamento crítico, **veracidade**, **exatidão**, integridade, justiça, **imparcialidade**, como pilares da ação jornalística; detém a acusação sem prova, a intenção de prejudicar, a alteração de documentos, **a distorção dos**

¹⁴ O autor ainda identifica a existência de duas teorias que tratam sobre a verdade, mas que são insuficientes para explicar este conceito em meio ao jornalismo. Uma delas é a teoria da verdade como coerência, ou teoria coerentista, que se caracteriza por compreender a correlação de enunciados com enunciados, de forma que se identificará a verdade se não houver contradição entre ambos. A segunda é a teoria pragmatista, que considera a verdade a partir da primazia de sua utilidade, de forma que determinado enunciado será considerado verdadeiro se tal finalidade for desejável para o sujeito que nele crer, ou se as consequências de tal aceitação forem úteis. Como se vê, em ambos os casos não existe a ideia de correspondência para com o mundo ou com a realidade, fundamental para se explicar a vontade de verdade no jornalismo.

¹⁵ Disponível em <www.spj.org/ethicscode.asp>.

¹⁶ Disponível em <www.snj.fr/content/charte-d%E2%80%99C3%A9thique-professionnelle-des-journalistes>.

fatos, a apropriação indébita de imagens, a mentira, a manipulação, a censura e a autocensura, **a não verificação dos fatos**, por os abusos profissionais mais graves (Syndicat National des Journalistes, 1918, grifos nossos).

Aqui não se usa o termo verdade, mas sim, veracidade. Este por sua vez pode ser compreendido como o dizer verdadeiro, o atributo ou qualidade do que é verdadeiro.

Já no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007, p. 1), de autoria da Federação Nacional dos Jornalistas, o dever de verdade também é expresso em seu primeiro e segundo capítulo, ao afirmar que “a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público” e que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação”¹⁷. O termo “fato” se repete por quatro vezes ao longo dos 19 artigos do texto.

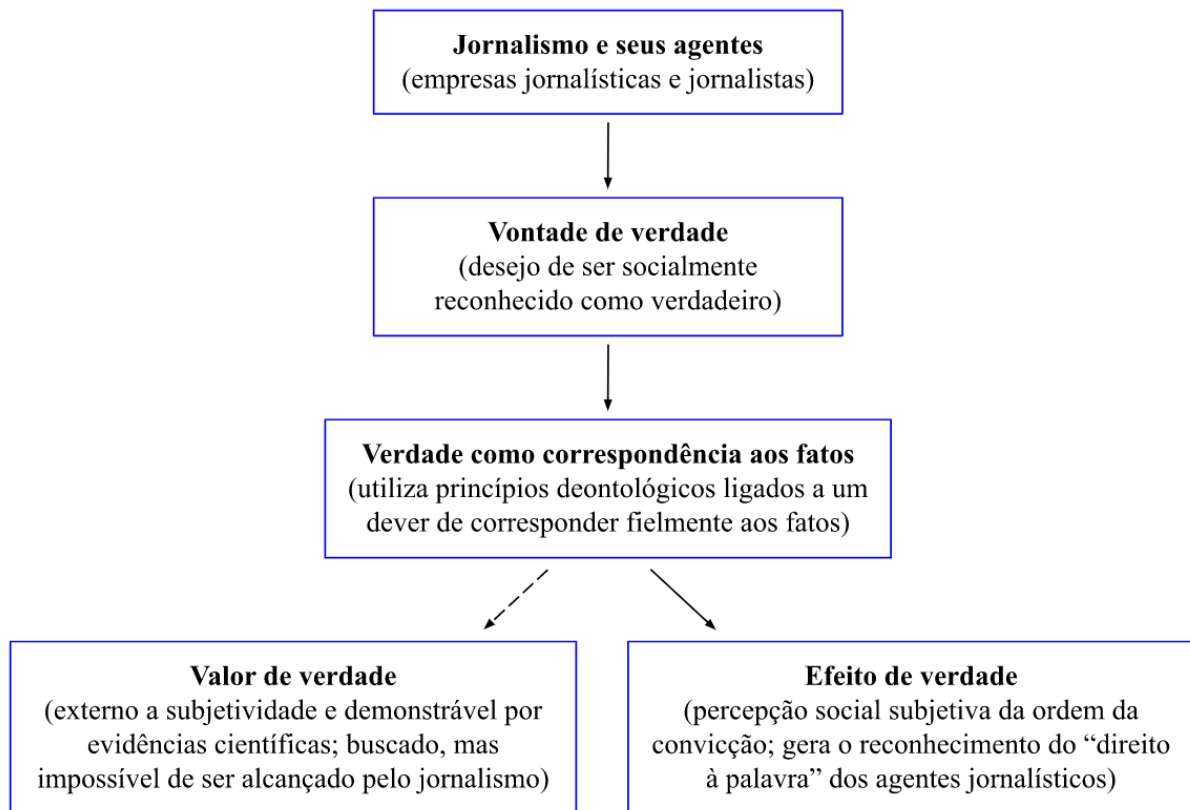
Como se constata, correspondência para com os fatos é a base dos relatos jornalísticos que se pretendem verdadeiros e, por consequência, de sua credibilidade percebida. Se o jornalismo baseia a percepção social de sua credibilidade num contrato implícito no qual se compromete a fazer o público saber as informações de sua sociedade, tendo o relato objetivo, neutro e imparcial dos fatos como o seu princípio fundamental, logo, por um ponto de vista epistemológico, a dita “verdade” a que este campo profissional recorre implica ser, necessariamente, a da correspondência. O lastro necessário da pretensa verdade jornalística não se firma por sua coerência com outros enunciados, nem por sua utilidade de fazer circular essas ou aquelas informações, mas antes por se pautar nos fatos comprováveis da realidade.

O que se verifica é que o dever de corresponder aos fatos – ou seja, o dever de ‘verdade’ – foi autoatribuído pelo campo do jornalismo ao longo das décadas, sendo um dos valores característicos de seu capital cultural e de sua deontologia, expresso nos mais diversos códigos de ética jornalística mundo afora. Tal dever é, portanto, um passivo de sua credibilidade constituída, se configurando como uma “coisa em si” (*númeno*) do jornalismo. Porém, o dever de verdade é também compreendido como uma “coisa para nós” (*fenômeno*) (Lisboa; Benetti, 2017). Isso porque, como se viu no decorrer deste capítulo, a ideia de que o jornalismo reproduz as verdades sobre os fatos é também um dos pilares de sua credibilidade percebida.

Com objetivo de sistematizar os conceitos abordados até agora, na Figura 2 são apresentados os sentidos que circulam o conceito de verdade em meio ao jornalismo.

¹⁷ Disponível em <fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>.

Figura 2 - A verdade jornalística e seus conceitos circundantes



Fonte: Elaboração do autor (2022), com base em Foucault (1970), Tombasi (2007) e Charaudeau (2019).

Desta forma, se Santos (2020) estava correto ao afirmar que a atual crise de credibilidade dos veículos jornalísticos é engendrada principalmente por fatores externos ao jornalismo, ou seja, na instância de percepção, então também será correto inferir que tal crise existe porque parte da sociedade não acredita mais que os enunciados jornalísticos correspondem aos fatos.

3.4 O contexto de pós-verdades, *fake news* e a crise de credibilidade

A desconfiança sobre o dever de corresponder aos fatos não ocorre só no campo do jornalismo, mas sobre a maioria das instituições sociais tradicionais. Conforme já dito por Bucci (2018), as democracias ocidentais atravessam um período histórico hostil à racionalidade e à realidade dos fatos. Nos últimos anos as sociedades passaram a conviver num contexto no qual a lógica e a veracidade possuem menor peso do que os apelos emocionais e crenças pessoais para formação da opinião pública, contexto chamado por Keyes (2004) e D’Ancona (2018) de “era da pós-verdade”.

Embora sua definição ainda seja discutida, pós-verdade pode ser compreendida como “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública

do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (Oxford Dictionaries, 2016). Ou seja, se no jornalismo a busca pela verdade é, em tese, um objetivo central, no contexto de pós-verdade a realidade dos fatos é deixada de lado e busca-se convencer o público apelando às ideologias e às credências, inflando as crenças pessoais dos ouvintes em detrimentos dos fatos.

Além do contexto de pós-verdades, democracias consolidadas se viram nos últimos anos imersas em um cenário sócio-político de circulação de informações falsas, teorias da conspiração e deturpação de verdades que demonstraram seu apogeu no Reino Unido, no período de aprovação do *Brexit*; nos Estados Unidos, nas eleições de 2016 e vitória de Donald Trump; e no Brasil, com a eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República em 2018.

Especificamente no contexto brasileiro dos últimos anos, a sociedade observou o debate público ser inundado por uma profusão sem igual de inverdades trajadas de notícias, as chamadas *fake news*¹⁸, que poluíram especialmente redes sociais digitais como o *Facebook* e o *WhatsApp*, e geraram suspeitas da população sobre a imagem de agentes políticos e meios de comunicação em geral. As *fake news* encontraram terreno fértil para sua proliferação nos países da América pela crescente perda de confiança nas instituições, aliada a um clima político cada vez mais polarizado (Souza, 2017).

Muitas vezes elas mimetizam as notícias e confundem o leitor, fazendo uso dos mesmos recursos narrativos e visuais já tradicionais nos textos jornalísticos. Segundo Zuckerman (2017), embora *fake news* possa ser entendido em um primeiro momento como desinformação posta em uma roupagem jornalística, seu conceito está inserido em um cenário político e midiático contemporâneo mais complexo, podendo assim ser interpretado em três sentidos distintos.

No primeiro nível, *fake news* diz respeito a informações que reportam questões reais, mas que receberam mais atenção do que realmente mereciam, ou seja, foram superestimadas. Em um segundo entendimento, o termo é compreendido como sinônimo de propaganda, especialmente a política, como uma mensagem “utilizada como arma que mistura discurso verdadeiro, enganoso e falso, e é projetada explicitamente para fortalecer um lado e enfraquecer o outro” (Zuckerman, 2017, tradução nossa). Como destaca Zuckerman (2017), a propaganda política em forma de *fake news* é especialmente eficiente nas redes sociais, uma vez que até

¹⁸ Como alertam Träsel, Lisboa e Vinciprova (2019, p. 6), do ponto de vista do campo jornalístico, o termo *fake news* (notícias falsas em tradução literal) se trata de um oxímoro ou paradoxismo, ou seja, uma frase ou termo que reúne sentidos contraditórios. Isso porque “se um texto é produzido sem base factual ou com a intenção de levar seu leitor ao engano, não é uma notícia. O relato jornalístico de um acontecimento pode ser equivocado – com frequência ocorrem erros em notícias, mesmo quando produzidas seguindo estritamente as regras profissionais –, mas a distorção intencional ou a mentira excluem necessariamente um determinado texto da categoria de notícia”.

mesmo os cidadãos mais céticos com relação a temas políticos são mais propensos a aceitar como verdadeiras as notícias compartilhadas por seus amigos, como é comum em redes como o *Facebook*.

Há também um terceiro entendimento, no qual as *fake news* podem ser compreendidas como instrumentos de *disinformatzya*, ou seja, informações falsas produzidas de modo a desacreditar os veículos jornalísticos da “grande mídia” e reduzir a credibilidade dessas organizações. Para isso, as *fake news* “tentam poluir o ecossistema de notícias, para tornar difícil ou impossível confiar em qualquer coisa” (Zuckerman, 2017, tradução nossa¹⁹). Nesse caso, fica claro a violência empreendida especialmente contra agentes do jornalismo.

Para D'Ancona (2018, p. 46), a produção das *fake news* parte de uma estruturada “indústria da desinformação”, sendo difundidas por “organizações de fachada que atuam a favor de grupos de interesse que desejam suprimir a informação precisa ou impedir que outros grupos ajam contra eles”.

Os interesses podem ser de ordem financeira ou política. No primeiro caso, a produção e disseminação de informações falsas se mostra um negócio lucrativo por meio do sistema de anúncios do *Google*. Sites e blogs produzem conteúdo de forma apelativa, com títulos chamativos e textos sensacionalistas, para aumentar assim o fluxo de acesso em suas páginas, estratégia essa chamada de *clickbait* (ou caça-cliques). As matérias são divulgadas em redes sociais como *Facebook* e *WhatsApp*, sendo compartilhadas e ganhando alcance em escala exponencial, rendendo alguns centavos para seu responsável a cada acesso.

Já as *fake news* de interesse político, produzidas em forma de propaganda política, ganharam especial destaque nos períodos eleitorais, por exemplo nos Estados Unidos e no Brasil. No contexto norte-americano, *fake news* foram amplamente disseminadas no ano eleitoral de 2016, visando prejudicar a imagem de determinados agentes ou partidos políticos e enaltecer a imagem de outros. Em dezembro de 2016, uma pesquisa do instituto Ipsos que ouviu mais de 3 mil norte-americanos “verificou que 75% daqueles que viram as manchetes das notícias falsas as julgaram como verdadeiras” (D'Ancona, 2018, p. 55).

Já uma análise do site *Buzzfeed News* nos últimos três meses de campanhas daquelas eleições mostrou que as notícias falsas com melhor desempenho no *Facebook* geraram mais engajamento que as *top stories* de veículos de comunicação como *The New York Times*,

¹⁹ A third category of "fake news," relatively new to the scene in most countries, is *disinformatzya*. This is news that's not trying to persuade you that Trump is good and Hillary bad (or vice versa). Instead, it's trying to pollute the news ecosystem, to make it difficult or impossible to trust anything (ZUCKERMAN, 2017).

Washington Post, *Huffington Post*, *NBC News*, entre outros²⁰. No caso em questão, as 20 notícias falsas com melhor performance na rede social geraram cerca de 8,7 milhões de compartilhamentos, reações e comentários, enquanto as 20 principais notícias sobre as eleições de 19 sites jornalísticos da “grande mídia” obtiveram 7,4 milhões das mesmas interações.

A mesma tendência pôde ser vista no Brasil a partir de 2015 e com apogeu nas eleições de 2018. Informações enganosas foram produzidas e espalhadas em massa em aplicativos mensageiros como *WhatsApp* e *Telegram*, além do já citado *Facebook*. Em geral, as mentiras giravam torno de duas temáticas: colocar em dúvida a segurança do voto eletrônico no Brasil por meio de teorias conspiratórias, e a criação de um cenário maniqueísta entre os candidatos presidenciais por meio do confronto de pautas como: agenda LGBT *versus* família tradicional; ou direito ao aborto *versus* cristianismo (Santos, 2019).

Na semana que antecedeu a abertura do processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, em abril de 2016, três das cinco notícias mais compartilhadas no *Facebook* eram falsas, de acordo com o Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Acesso à Informação da Universidade de São Paulo (USP). O estudo investigou o desempenho de 8.290 reportagens, publicadas por 117 jornais, revistas, sites e blogs noticiosos entre 12 e 16 de abril de 2016 (Silveira; Sanchotene; Lavarda, 2016, p. 1).

Dunker (2017 *apud* Santos, 2019) afirma que o que se presencia é a “ascendência de um novo tipo de irracionalismo que conseguiu recolocar em pauta temas como: o criacionismo contra o darwinismo, a relatividade da “hipótese” do aquecimento global, a suspeita sobre a indução de autismo por vacinas e tantas outras teorias [...] conspiratórias”. Os relatos falsos e mentirosos se capilarizam nos diversos círculos sociais, por vezes com maior força e ressonância que os verdadeiros. Como ressalta Gomes (2019, p. 9), “a força popular de uma teoria conspiratória não depende de provas, mas do sentimento, que é, afinal, a essência da pós-verdade”.

Nota-se neste ponto o grande risco pelo qual passam o campo jornalístico e demais instituições responsáveis pela geração de conhecimento em meio à sociedade. Se a imprensa baseia a percepção de sua credibilidade num fazer crer que o que é dito corresponde aos fatos, o contexto de pós-verdades, no qual os fatos pouco importam, representa em última instância o fator principal da crise de credibilidade. Isso porque, para que o uso de pós-verdades fosse efetivo, era necessário descredibilizar a verdade dos fatos, caracterizá-la como insignificante,

²⁰ Disponível em: <<https://www.buzzfeednews.com/article/craigsilverman/viral-fake-election-news-outperformed-real-news-on-facebook#.uc9gevywE>>.

ou mesmo ridicularizá-la. Nos últimos anos, agentes políticos passaram a relativizar a realidade e empregar um enérgico sensacionalismo retórico, além de atacar e desacreditar a atuação das organizações jornalísticas por serem elas, em tese, representantes de verdades factuais.

Priolli (2017 *apud* Santos, 2019, p. 52) afirma que as “instituições que se encarregavam de formar consensos na sociedade, como escolas, ciência, justiça e mídia, foram abaladas pelas novas dinâmicas sociais da era digital e enfrentam uma desconfiança crescente”. De fato, a era digital catalisou a circulação de boatos e inverdades. Circulam pela internet opiniões e argumentos infundados de forma incontrolável e com alto potencial de disseminação, totalmente desconectados da realidade dos fatos e muitas vezes ganhando valor de verdade, o que foi chamado por Marcondes Filho (2000) de “circulação anárquica de dados na rede” muito antes dos termos “pós-verdade” ou “*fake news*” ganharem relevância nos debates sociais.

As redes sociais digitais, que são hoje os principais meios para consumo de informação²¹, utilizam-se de algoritmos capazes de criar “bolhas” de conteúdo, nas quais os indivíduos não são expostos a posicionamentos contraditórios, reforçando assim suas convicções pessoais e potencializando os danos causados por informações falsas e *fake news*. Além disso, a superabundância das fontes de informação em meio à Internet banaliza o efeito de verdade das organizações, mesmo daquelas que realmente pautam sua produção pela correspondência aos fatos.

De forma ampla, Marcondes Filho (2000, p. 26-27) previu o contexto social de superação da verdade, observando em seu tempo o crescimento de uma decadência da agonística geral que fazia os indivíduos do século XX se empenharem em prol de uma “política, às investidas econômicas, o desenvolvimento da ciência, o campo de batalha cultural, mesmo a arte, a poesia, a música, a literatura, a subjetividade” como instrumentos de progresso social. Tais empenhos foram substituídos por um desencanto social, por um massificante estilo de vida pós-moderna guiada por uma “ação sem convicção, nem vontade”, no qual a preocupação com o passado, com o futuro ou mesmo com a realidade perdeu espaço para a simples vivência do presente imediato.

Poder-se-ia até mesmo considerar que o contexto de pós-verdade não se trata de uma superação da verdade como correspondência aos fatos, mas antes de uma troca da valorização deste por um outro modelo teórico de verdade, no caso, a Teoria Pragmatista da verdade.

²¹ Segundo o relatório Digital News Report de 2022, produzido pela Reuters Institute, as redes sociais já são mais usadas como fonte de informação pelos brasileiros do que a TV (64% contra 55%).

Segundo Tombasi (2007), a Teoria Pragmatista da verdade considera tal conceito a partir da primazia de sua utilidade. Sua fundação parte dos autores Charles S. Peirce (1839-1914), William James (1842-1910) e John Dewey (1859-1952), que junto a autores posteriores defendiam que a crença de que algo é verdadeiro contribui significativamente para o êxito das ações. A verdade estaria então ligada a uma teoria da ação, de forma que quando um sujeito ou mesmo uma coletividade acredita defender um posicionamento verdadeiro, suas ações seriam empregadas com maior devoção e tenacidade, tendo assim maior propensão ao sucesso de suas tarefas. Concepção perigosa, uma vez que utilidade e sucesso são parâmetros demasiadamente vagos e subjetivos para se definir uma verdade, por serem facilmente alterados de acordo com a arbitrariedade da instância responsável por atestá-la (Tombasi, 2007).

A substituição do fundamento correspondentista pelo pragmatista por parte da sociedade imersa no contexto de pós-verdades aparenta ser uma hipótese plausível, considerando que, ao mesmo passo que nos últimos anos as organizações jornalísticas perderam credibilidade, também surgiram em cena figuras políticas que claramente utilizam de discursos pautados por “verdades utilitaristas”, ganhando destaque nas esferas públicas das democracias ocidentais. Na medida em que a sociedade foi minando sua confiança nas instituições historicamente responsáveis pela geração de conhecimento social, em especial o jornalismo, os sujeitos sociais foram buscar o alicerce da verdade em outros lugares e onde não deveriam, como por exemplo, na política.

E a concepção utilitarista historicamente é a que predomina em meio a racionalidade dos sujeitos envolvidos nos processos políticos. Para Seixas (2018, p. 125), o campo político é pautado por um “desinteresse dos sujeitos de estabelecerem um movimento heurístico de verificação dos fatos [...] porquanto mais vale a manutenção das convicções e das identidades do que um verificacionismo a todo custo”. Isso é observável desde *O Príncipe*, de Maquiavel, até a profusão de pós-verdades e *fake news* na política ocidental contemporânea.

Arendt (1967) já alertava que a verdade dos fatos tem um caráter despótico frente ao campo político. Segundo a filósofa, a verdade dos fatos é “odiada pelos tiranos, que temem, com razão, a concorrência de uma força coerciva que não podem monopolizar; e goza de um estatuto relativamente precário aos olhos dos governos que repousam sobre o consentimento e que dispensam a coerção” (Arendt, 1967, p. 13).

Fica evidente que, no pensamento da filósofa, aqueles que pretendem trabalhar com a busca da verdade factual devem situar-se fora do domínio político. Fica evidente, também, que confiar à política o papel de estabelecer a verdade dos fatos é flertar com o autoritarismo, ou mesmo com o totalitarismo (Bucci, 2018, p. 25).

Figuras políticas brasileiras do espectro político conservador e guiadas por uma racionalidade utilitarista têm demonstrado tal risco repetidamente. Aproveitaram a crescente desconfiança social para difundir suas pretensas verdades, por exemplo, ao longo da pandemia de Covid-19 no Brasil, quando muitas pessoas buscavam algo em que confiar e caíram nas falácias de políticos com falas fundamentadas mais em moralismo e ideologia do que em fatos científicos.

Emerge de tal cenário uma necessidade imperativa do campo jornalístico de buscar meios para reconstruir sua credibilidade. Contudo é necessário ir além da correspondência nua e crua dos fatos. Em primeiro lugar, porque é necessário entender o contexto financeiro atravessado pelas empresas jornalísticas atuais, que competem por audiência e atenção contra mídias mais diversas e acabam caindo no eterno dilema do jornalismo: a necessidade de vender jornal e a de fazer jornalismo de qualidade. Segundo Guerra (2008, p. 33), "na ânsia das grandes vendas, para sustentar a saúde financeira da empresa, a informação pode se converter em ficção, ou em interpretações precipitadas sobre os fatos. Eis a credibilidade e o imperativo ético fundante da instituição jornalística indo para o ralo". Um modelo de negócio economicamente sustentável e necessariamente credível precisa ser alcançado pelos veículos jornalísticos.

Outro ponto de necessária atenção é o contexto psicoemocional contemporâneo no qual os sujeitos estão inseridos. Segundo D'Ancona (2018, p. 110), para que o combate ao contexto de pós-verdades seja eficiente, as instituições sociais responsáveis por gerar conhecimento devem criar estratégias que reconstruam a credibilidade de forma a considerar "o mundo como ele é, em vez do mundo como ele era outrora".

Para D'Ancona (2018, p. 110), "é um erro imaginar que a pós-verdade repetida de modo incessante e ubíquo se esfacelará sob o peso de informação recém-verificada". Por si só, informações e dados que correspondam aos fatos dificilmente conseguem alcançar um eficiente efeito de verdade em meio ao público, que se encontra narcotizado pela profusão sem igual de informações inverídicas na Internet.

Nas circunstâncias corretas, uma mentira pode ser derrotada pela aplicação habilidosa dos fatos. No entanto, a pós-verdade é, acima de tudo, um fenômeno emocional. Diz respeito à nossa atitude em relação à verdade, e não à própria verdade. A partir disso, deveria ficar claro que o contra-ataque tem de ser emocionalmente inteligente e também rigorosamente racional (D'Ancona, 2018, p. 110-111).

Entre outros pontos, D'Ancona (2018) afirma que não é suficiente aos jornalistas, mas também para agentes como professores e cientistas, defenderem uma tese unicamente intelectual. "Em muitos contextos (talvez na maioria), os fatos precisam ser comunicados de

modo a reconhecer os imperativos emocionais e também os racionais” (D’Ancona, 2018, p. 112). D’Ancona (2018, p. 114) ainda defende a ideia de que, “mais do que nunca, a verdade requer um sistema de entrega emocional, que fala à experiência, à memória e à esperança”.

Conforme o que foi discutido até aqui neste trabalho, o campo do jornalismo incorporou em seus capitais técnicas discursivas para gerar crença de verdade e, logo, percepção de credibilidade. Porém, suas provas de verdade e de justificação aparentam não ter mais tanta importância na contemporânea era da pós-verdade. Cabe a todos os profissionais do jornalismo, do campo acadêmico e profissional, refletirem a respeito das bases de sua credibilidade, de forma que o grande desafio atual do jornalismo pode ser expresso na seguinte questão: de que forma as organizações jornalísticas podem reconstruir a credibilidade percebida, fazendo com que a população reacredite que os relatos jornalísticos correspondem fielmente aos fatos da realidade?

3.5 Pela reconstrução da verdade factual: possíveis caminhos

Apesar dos efeitos deletérios que foram vistos até aqui, os agentes do campo jornalístico não podem ser considerados inertes frente aos graves problemas relacionados à crise na percepção de sua credibilidade. Formas de se defender contra as pós-verdades e as *fake news* têm sido levantadas, tanto pela área profissional quanto pela área acadêmica do jornalismo.

No contexto acadêmico, alternativas e hipóteses sugerem a necessidade do campo se reconectar com antigas práticas do processo produtivo, que priorizavam a qualidade em detrimento da urgência de publicação, como forma de romper com as falhas inerentes à produção imediatista característica do jornalismo online (Deiro, 2014). É o caso do movimento chamado de “*Slow Journalism*”, ou “Jornalismo Lento”, que defende uma posição mais prudente e cautelosa do jornalista frente aos fatos que serão noticiados, onde se faz necessária “uma apuração mais consistente e demorada, que priorize a explicação, contextualização e reflexão da notícia” (Santos, 2019, p. 59).

A solução seria reduzir o ritmo, gastar mais tempo na verificação e contextualização das informações para evitar que o fenômeno das *fake news* (jargão americano) assuma proporções catastróficas comprometendo ainda mais a credibilidade da imprensa (Castilho, 2017 *apud* Santos, 2019, p. 59).

No contexto profissional, tem-se visto o crescimento das chamadas agências de *fact-checking*, organizações jornalísticas especializadas em checar boatos e *fake news* que se espalham na Internet, comprovando e apresentando ao público o que há de verdadeiro ou de

falso nos rumores. São exemplos de agências de *fact-checking* no Brasil: Agência Lupa, Aos Fatos, G1 Fato ou Fake e Estadão Verifica.

Outra importante iniciativa, dessa vez de plano internacional, é o projeto chamado *The Trust Project*, que engloba mais de duzentos sites de notícias como parceiros, operando como um consórcio de empresas jornalísticas “dedicadas a restaurar o papel de confiança da imprensa em servir ao bem público”²².

No site oficial do projeto, o principal objetivo declarado é “ampliar o compromisso do jornalismo com a transparência, precisão, inclusão e justiça para que o público possa fazer escolhas informadas sobre as notícias” (*The Trust Project*, 2018). Isso ocorre por meio da implantação de oito “indicadores de confiança” na rotina produtiva das organizações jornalísticas parceiras, sendo eles: a especialidade do jornalista; rótulos que definem o tipo de texto; transparência quanto às fontes utilizadas; valorização do conhecimento local; diversidade de vozes como fontes; *feedback* acionável pelos leitores; transparência dos métodos de apuração e busca por melhores práticas produtivas.

No projeto global, as principais empresas jornalísticas assinantes são: *The Washington Post*, *El País*, *The Economist*, *The Canadian Press* e *BBC*. No Brasil, assinam o projeto a Folha de São Paulo, O Povo, Nexo Jornal, Agência Lupa, entre outros, com apoio da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e com coordenação do Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor).

Mas para além de agências de checagem ou indicadores que balizam a apresentação das notícias, outras iniciativas focam na reformulação dos procedimentos da produção noticiosa, especialmente em meio à Internet, objetivando estratégias para confluir a produção de informações confiáveis com a exploração das potencialidades hipermediáticas. Esse é o caso do Jornalismo de Dados.

O assim designado Jornalismo de Dados compreende um conjunto de processos produtivos no qual o jornalista se baseia em dados disponíveis na Internet para gerar informações potencialmente mais confiáveis aos olhos do público receptor. Conforme aponta Vasconcellos (2014, p. 7), os novos procedimentos e as novas técnicas para redação de matérias jornalísticas pautadas em dados abertos “ajudou os jornalistas a aprimorarem o seu próprio conhecimento acerca da realidade social e política, reduzindo a dependência de fontes externas ao processo de produção e análise da informação”.

²² Disponível em: <<https://thetrustproject.org/>>.

Para além disso, e considerando a complexidade da população de se inteirar dos temas públicos relevantes em uma sociedade cada vez mais informatizada e inundada por diversas fontes de informação, o jornalismo guiado por dados se apresenta como prática capaz de produzir ‘atalhos informativos’ aos cidadãos por meio de informações pautadas por bancos de dados públicos e, assim, contribuir para sua compreensão da realidade sócio-política na democracia. Tal prática pode “colaborar para conferir autenticidade e, por conseguinte, credibilidade a uma narrativa noticiosa embasada em dados” (Träsel, 2014, p. 226).

Destarte, a hipótese que move o desenvolvimento desta pesquisa é a de que o Jornalismo de Dados, como um subcampo profissional relativamente novo, possui em suas práticas o potencial de revitalizar o capital simbólico de credibilidade do jornalismo, razão pela qual seus conceitos serão aprofundados no capítulo a seguir.

4 APROXIMAÇÃO DO JORNALISMO COM MÉTODOS CIENTÍFICOS: BUSCA POR RECONSTRUÇÃO DA VERDADE FACTUAL

Conforme discutido, é evidente a necessidade das empresas e profissionais do campo jornalístico criarem formatos eficientes de combate às narrativas pautadas em pós-verdades e *fake news*, fontes deletérias da credibilidade jornalística. É necessário criar instrumentos e procedimentos que possam reconectar os enunciados jornalísticos a uma ideia de verdade factual, de forma a demonstrar que aquilo que está sendo noticiado corresponde aos fatos independentemente dos jogos de interesses mercadológicos nos quais as empresas estão inseridas, mas também, a partir de uma abordagem que compreenda os imperativos emocionais nos quais os indivíduos foram inseridos a partir da era da pós-verdade. É necessário ao jornalismo investir em meios e iniciativas que possam restaurar um nível pleno e sustentável de seu capital simbólico — a credibilidade —, contexto no qual o Jornalismo de Dados pode ser um dos caminhos a ser seguido.

Dessa forma, dando sequência às reflexões apresentadas nos capítulos anteriores, este quarto capítulo será dividido em três seções. Na primeira será apresentado o que é entendido em meio à literatura acadêmica por Jornalismo de Dados, suas primeiras menções, os fundamentos deontológicos, qual o conceito do termo “dados” e quais as diferenças entre Jornalismo de Dados e termos análogos. A segunda seção apresenta uma retrospectiva histórica dos primeiros empreendimentos com dados em meio ao jornalismo, remontando ao século XIX, assim como as iniciativas mais recentes que fomentaram o surgimento desse gênero, a saber: o Jornalismo de Precisão, a Reportagem com Auxílio de Computador (RAC) e a cultura de Dados Abertos.

Na terceira e última seção, faz-se uma defesa de como as características do Jornalismo de Dados podem beneficiar a credibilidade jornalística, evocando as discussões sobre a crise de credibilidade e a verdade factual do jornalismo.

4.1 O que é o Jornalismo de Dados

A construção de conhecimento científico a respeito do conceito e das práticas do Jornalismo de Dados se aprofundaram nos últimos anos, de forma que já se pode afirmar que tal prática apresenta contornos relativamente definidos, tanto nos meios produtivos — redações jornalísticas — quanto no meio acadêmico.

Träsel (2014, p. 106) compreende o Jornalismo de Dados (JD), também chamado por alguns autores de Jornalismo Guiado por Dados (JGD) (Träsel, 2014; Medeiros, 2016), como sendo o gênero jornalístico que reúne “diversas práticas profissionais, cujo ponto em comum é

o uso de bases de dados como principal fonte de informação para a produção de notícias”. Em suas rotinas é comum o uso de “visualizações de dados e infografias, a criação e manutenção de bases de dados e a política de acesso à informação e transparência pública de governos” (Träsel, 2014, p. 107).

Para Vasconcellos (2014), embora o Jornalismo de Dados ainda seja uma área carente de aprofundamento sobre suas bases teóricas e sobre suas limitações e conceitos, já é possível aos profissionais e cientistas que estudam essa área definir o perfil de atuação e algumas rotinas produtivas em voga. Nesse sentido, o autor é consoante a Träsel (2014) ao afirmar que entre as características do Jornalismo de Dados estão o emprego de técnicas de busca e de análise de dados com o objetivo de

transformá-los em notícia e apresentá-los na *web* com o uso de recursos que podem ser fatores decisivos na disseminação do conhecimento produzido, bem como de redução do esforço cognitivo necessário que o cidadão deve empreender para compreender a mensagem (Vasconcellos, 2014, p. 7-8).

Embora possam ter ligeiras variações de autor para autor, as etapas de produção características do Jornalismo de Dados se definem por: coleta de dados ou informações numéricas existentes em planilhas e documentos virtuais em meio à *web*; organização e padronização desses dados com uso de *softwares*; contextualização e interpretação dos dados com uso de cálculos estatísticos, a fim de se encontrar os fatos relevantes à opinião pública; combinação dos dados analisados com outras bases e a apresentação dos resultados na forma de reportagens, notícias ou demais formatos jornalísticos, explorando o uso de gráficos, infografias e visualizações (Vasconcellos, 2014).

Neste sentido, o jornalista que se especializa nessa área, adquirindo a alcunha de jornalista de dados, lida de forma recorrente com o cruzamento de informações em planilhas que, por vezes, apresentam quantidade elevada de dados. Para isso, os profissionais usam plataformas como computadores, *tablets* e *smartphones*, aliadas a *softwares* para análise de dados e criação de visualizações e infografias, explorando as potencialidades hipermediáticas existentes na Internet.

As técnicas de JGD permitem ao jornalista encontrar informação com valor noticioso em bases de dados com milhares ou milhões de registros, dificilmente manejáveis sem a ajuda de computadores. Facilitam, ainda, o trabalho de comparar diferentes bases de dados, para a produção de novo conhecimento sobre a sociedade, criando *mash-ups* ou relatando os resultados em texto, audiovisual e imagem (Träsel, 2014, p. 110).

Para Bounegru (2012 *apud* Träsel, 2014, p. 109), a primeira referência e o primeiro esforço no sentido de conceituar o termo Jornalismo de Dados ocorreram em 2006 pelo

programador Adrian Holovaty. Em seu artigo *Um aspecto fundamental em que os websites de jornais precisam mudar*, o autor recomenda o uso de técnicas de gerenciamento de bases de dados em meio às redações como forma de possibilitar o reaproveitamento de informações coletadas e apuradas no dia a dia dos jornalistas. Ou seja, Holovaty propõe que os jornalistas implementem em suas rotinas a criação de bases de dados estruturados sobre os assuntos dos quais estão noticiando. “Esses dados livres, armazenados em bases, poderiam ser posteriormente agregados, cruzados, analisados e transformados em visualizações gráficas” (Träsel, 2014, p. 110).

Holovaty (2006 *apud* Träsel, 2014) cita como exemplo hipotético o caso de repórteres que geralmente cobrem temas ligados a crimes ou acidentes, comuns em editorias de assuntos gerais. Os profissionais poderiam iniciar a construção de um banco de dados no qual sejam compiladas informações sobre os incêndios na cidade, registrando o dia, local, número de vítimas, causa dos incidentes conforme perícia, idade dos imóveis incendiados, entre outros fatos relevantes. Esses dados seriam reunidos ao longo dos meses, até que:

A partir de uma determinada quantidade de registros, algumas tendências poderiam começar a ser percebidas. Por exemplo, ao filtrar e classificar as causas de incêndios e cruzá-las com a idade média dos prédios atingidos, o repórter poderia perceber que após um certo limite de idade podem começar a ocorrer falhas elétricas. De posse desta informação, o repórter poderia então realizar uma reportagem a respeito da prevenção deste tipo de falha, acompanhada de visualizações gráficas sobre as causas mais frequentes de sinistros na série histórica disponível em seus registros (Holovaty, 2006 *apud* Träsel, 2014, p. 110).

Posteriormente, em 2011, o jornalista Paul Bradshaw publicou um segundo texto considerado fundamental à área, intitulado *A pirâmide invertida do jornalismo de dados*. Nele o autor explica as rotinas do Jornalismo de Dados a partir de cinco etapas, quais sejam: a) compilação; b) limpeza; c) contextualização; d) combinação; e) comunicação.

A primeira etapa, a de compilação, Bradshaw (2011) explica ser o processo de coleta de dados, o qual pode ser feito pelo próprio jornalista construindo uma base de dados a partir de questionários, investigação de documentos ou de forma automatizada na *web* usando técnicas de *webscraping*. As bases também podem ser fornecidas por terceiros, como por instituições públicas ou privadas, organizações dedicadas à pesquisa, entre outros casos. Com uma ou mais bases de dados em mãos, o jornalista pode iniciar sua investigação.

A etapa de limpeza diz respeito à eliminação de possíveis erros humanos e a padronização da descrição dos dados. O jornalista deve se certificar de que não existam erros nos dados que possam comprometer a análise, a criação de visualizações, além é claro, da

confiança no que for noticiado. Para Träsel (2014, p. 112) “trata-se de um processo análogo ao da checagem durante a edição de uma reportagem tradicional, em termos de sua função na rotina produtiva”. É necessário também dispor as bases de dados em formatos de arquivos padronizados (CSV, XLSX, por exemplo), de forma a possibilitar posteriores combinações.

A terceira etapa é a contextualização. Aqui o objetivo é analisar o grau de confiança que os dados expressam, assim como aplicar o “faro noticioso” a fim de se encontrar informações com valor-notícia. Ou seja, nessa etapa o jornalista busca encontrar o que nos dados pode ser socialmente relevante para se tornar notícia, seja por si só ou comparado a outras informações. Como apontam os autores, uma base de dados dificilmente apresentará conteúdo informativo relevante por si só. Muitas vezes, seu potencial noticioso só vai se revelar quando for contrastada com outras informações as quais o jornalista possa usar para dar contextualização. Como exemplifica Bradshaw (2011):

Por exemplo, saber o número de crimes numa cidade é interessante, mas só se torna significativo quando você o contextualiza comparando com a população, ou o número de policiais, ou os níveis de criminalidade de 5 anos atrás, ou a percepção de criminalidade, ou níveis de desemprego, e assim por diante (Bradshaw, 2011a, s.p.).

E em se tratando de base de dados, aplicar o “faro noticioso” significa que o jornalista deverá recorrer a operações matemáticas básicas e estatísticas para extrair uma ideia de pauta a partir dos dados, assim como empreender um processo analítico baseado em interpretações e experiências pretéritas.

A quarta etapa, chamada por Bradshaw (2011) de combinação, é considerada a parte final da apuração sobre os dados. É quando o jornalista irá combinar a base de dados em análise com outra ou outras que possuam dimensões compartilhadas. No exemplo apresentado pelo autor sobre o número de crimes em uma cidade, o jornalista poderia compilar esses números em todos os municípios de um estado e, posteriormente, combiná-los com outra base de dados que apresente a população total de cada um. Assim, seria possível inferir quais os municípios com maior taxa de crimes proporcionalmente à sua população.

Por fim, é essencial no Jornalismo de Dados apresentar as informações resultantes de forma compreensível ao leitor, o que é feito na etapa nomeada por Bradshaw (2011) de comunicação. Assim como nos formatos jornalísticos tradicionais, haverá a apresentação das informações em uma narrativa textual, explorando não somente o consolidado modelo de pirâmide invertida, mas também narrativas mais modernas com uso de *storytelling*. Mas o diferencial aqui será a apresentação dos dados analisados por meio de gráficos, mapas e outros formatos de infografias.

A preocupação em como esses dados serão apresentados aos leitores é fundamental, pois essas infografias irão afetar como os leitores compreendem o que é noticiado e constroem sentido sobre a informação. Como destacam Mancini e Vasconcellos (2016, p. 76), no Jornalismo de Dados as apresentações gráficas dos dados “não são meros gráficos a ocupar um espaço na página, são gráficos que contam parte da história apresentada na página”.

Também cabe nesta parte do trabalho esclarecer o que é entendido pelo termo *dado* em meio ao Jornalismo de Dados. Como explica Ribeiro *et al.* (2018), o substantivo *dado* por vezes é usado como sinônimo de número, porém apresenta um entendimento mais aprofundado, sendo representativo de uma série de informações estruturadas. Pode ser usado para descrever informações numéricas quantitativas, como valores financeiros; numéricas não-quantitativas, como um conjunto de endereços expressos por latitude e longitude ou códigos de armazenamento de documentos; e, apesar de serem números, os dados ainda podem ser representações de palavras ou nomes, como em um conjunto de Cadastro de Pessoas Físicas (CPFs).

Segundo a Escola de Dados (2018), dados também podem ser classificados como categóricos, discretos e contínuos. Os primeiros, os dados categóricos, são aqueles que dão indicação de rotulagem ou que agregam informações a certos grupos. Podem ser complementares a outros dados categóricos, determinando as relações de pertença e de não pertença entre diferentes grupos. Por exemplo, se um banco de dados reúne informações a respeito do ensino nas escolas de um município, os dados categóricos desse banco podem ser aqueles que rotulam os grupos existentes, como ‘alunos’, ‘professores’, ‘servidores administrativos’, ‘notas’, entre outros.

Os dados discretos são os dados numéricos que se relacionam a informações preexistentes. Aparecem em padrões dentro de uma escala definida, sempre em números inteiros não negativos, variando de acordo com as alterações de elementos agregados. No mesmo exemplo, podem ser considerados dados discretos a contagem de alunos e professores em cada escola, ou o número de turmas em andamento em cada uma delas.

Já os dados contínuos “são abertos a todas as possibilidades de valores e de divisões, ao contrário dos dados discretos” (Ribeiro *et al.*, 2018, p. 35). Permitem a existência de frações e suas operações matemáticas. No exemplo sobre o banco de dados das escolas, os dados contínuos podem representar as médias das notas obtidas pelos alunos em cada disciplina.

Quanto às nomenclaturas utilizadas, pode-se observar a existência e uso de três termos da literatura estrangeira sobre o tema, sendo eles: *data journalism*, *data-driven journalism* e *database journalism*, que em tradução livre podem ser lidos como Jornalismo de Dados,

Jornalismo Guiado por Dados e Jornalismo de Base de Dados, respectivamente, sendo os dois primeiros os mais usados. Para Träsel (2014), à época de seu estudo, inexistia bibliografia e discussão sistemática sobre as diferenças conceituais entre os termos, de forma que jornalistas dessa área e até alguns pesquisadores os usavam como sinônimos. Mais recentemente, Ribeiro *et al.* (2018, p. 65) esclarece que o *data journalism* estaria ligado ao uso de dados como apoio às reportagens, enquanto o *data-driven journalism* pressupõe “os dados como elementos centrais nas narrativas, ou seja, são definidores do fluxo do trabalho jornalístico”. Nesse caso, o foco estaria, portanto, no ‘contar’ ou ‘narrar os dados’.

Já no *database journalism* a centralidade deixaria de ser a narrativa para radicalizar o enfoque às bases de dados. Para Martinho (2014 *apud* Ribeiro *et al.*, 2018, p. 65), o *database journalism* se utiliza das bases de dados como elementos essenciais capazes de “disponibilizar produtos em formatos que tradicionalmente não estão ligados às práticas jornalísticas, por exemplo, simuladores com atualizações em tempo real, filtros de dados dinâmicos, etc”.

No presente trabalho, considera-se que embora existam diferenças na gênese e na justificação de cada termo, os princípios produtivos que perpassam o fazer jornalístico nos três conceitos são os mesmos. Assim sendo, aparenta ser pouco relevante priorizar o uso de uma nomenclatura ou outra tão somente pelo aspecto significativo a que ela remete, ou melhor, pelo seu “dar a entender”. Antes, dá-se aqui preferência pelo uso do conceito em sua forma mais simplificada, considerando também aquele que perceptivelmente tem uso mais rotineiro em meio às iniciativas brasileiras, a saber, o termo Jornalismo de Dados.

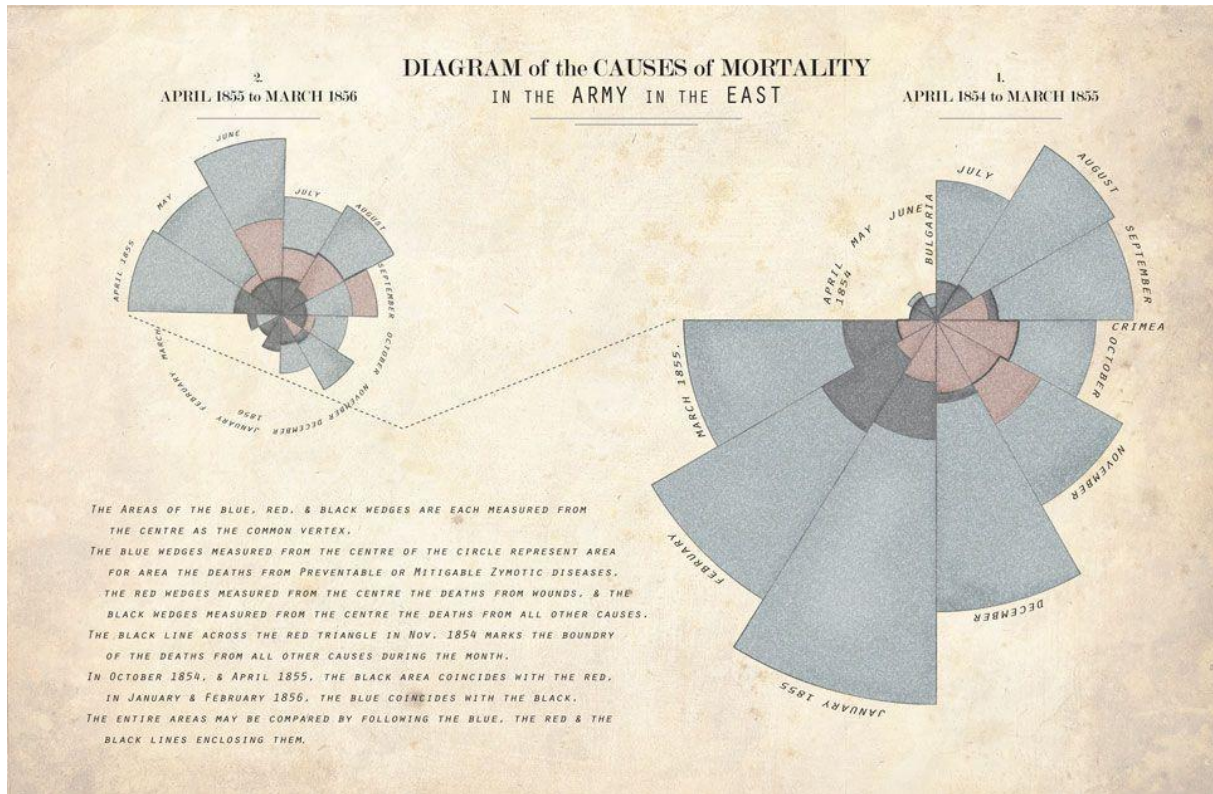
4.2 Como surgiu o Jornalismo de Dados

Afirmar que o uso de dados estruturados como base de reportagens investigativas só começou nos últimos anos, com o advento do Jornalismo de Dados (JD), seria incorrer em grave equívoco. Como relata Ribeiro *et al.* (2018, p. 13), o “uso de números, documentos, gráficos e outros dados não é recente na história da humanidade” para a construção de informação. É possível citar, por exemplo, que em maio de 1821, mais de 200 anos atrás, o jornal britânico *The Guardian* publicou reportagem com uso de informações estruturadas para apresentar aos leitores dados sobre as escolas da cidade de Manchester, como o número de instituições ativas, os custos de funcionamento de cada uma e a quantidade de alunos nelas matriculados (Ribeiro *et al.*, 2018).

Outro exemplo recorrente na literatura sobre Jornalismo de Dados data de 1858, também no Reino Unido, quando a enfermeira-chefe do exército britânico Florence Nightingale

publicou um estudo com elaborados gráficos no qual eram mapeadas as causas das mortes dos soldados britânicos durante a Guerra da Crimeia.

Figura 3 - Diagrama de Florence Nightingale sobre as causas das mortes de soldados britânicos na guerra da Criméia



Fonte: Rogers (2011) *apud* De Lima Santos (2019).

O trabalho de Nightingale, apresentado na Figura 3, foi o primeiro a representar visualmente as estatísticas sobre as mortes de soldados em meio a guerra. Em duas imagens de fácil compreensão ela apresentou uma série de informações que, se fossem descritas apenas textualmente, precisariam de mais espaço para discussão dos dados, de mais tempo para leitura e interpretação, além de dificultar a associação temporal das informações. Como resultado, o diagrama mostrou que a maioria das mortes decorreram de “infecção e que as doenças contraídas pelos soldados ocorreram em hospitais, algo que rotineiramente era subestimado na época, convencendo o parlamento britânico a criar normas de higiene que puderam salvar muitas vidas” (De Lima Santos, 2019, p. 3).

Essas e outras importantes iniciativas foram predecessoras do atual Jornalismo de Dados e de campos científicos como a Ciência de Dados. Mas apesar dos importantes projetos que remontam ao século XIX, a formulação do conceito de Jornalismo de Dados é recente, o que gera o questionamento: se dados já são usados há tempos para construção de notícias, o que

justifica a conceituação do JD como especialização relativamente autônoma e recente em meio ao campo do jornalismo?

Ora, o que dá base para a existência do Jornalismo de Dados como uma especialização ou talvez até um subcampo emergente é o fato de, só recentemente, terem surgido “uma infinidade de fatores tecnológicos, tanto na forma de produção quanto na circulação de informações, que acarretou alterações na perspectiva jornalística” (Ribeiro *et al.*, 2018, p. 14). O que se observa é que nas últimas décadas ocorreram uma série de transformações paradigmáticas que reformularam as bases do fazer jornalístico, na forma como jornalistas lidam com dados, mas também na forma como a sociedade consome e interage com a informação. Essas transformações podem ser explicadas a partir de dois olhares: um para as transformações internas ao campo do jornalismo e outro para transformações em meio a sociedade e a política.

4.2.1 Informatização da sociedade e das redações jornalísticas

A primeira vertente, a das transformações em meio ao jornalismo, diz respeito a todo processo pelo qual as sociedades passaram a partir da informatização e da digitalização das comunicações, em especial a partir da década de 1970. A criação e popularização dos primeiros computadores possibilitou a automação de tarefas do dia a dia, a diminuição do tempo necessário para comunicações de longa distância, além do consumo cada vez maior de conteúdo informativo por parte dos cidadãos. E as redações jornalísticas participaram ativamente deste processo.

Conforme aponta Silva (2013, p. 7), a introdução dos sistemas informatizados nas redações possibilitou maior agilidade no processo de produção de notícias, assim como também proporcionou maior rapidez de pesquisa e um crescente volume no fluxo de informação. As antigas máquinas de escrever, os amontoados de laudas à espera de edição, os papéis carbono, as régua de *Pica* e demais equipamentos característicos do trabalho jornalístico da primeira metade do século XX aos poucos foram cedendo espaço para os computadores, capazes de operar várias funcionalidades em um só equipamento e em um curto período de tempo.

Como observam Ribeiro *et al.* (2018, p. 13), os computadores e as subsequentes tecnologias possibilitaram aos jornalistas reunir e analisar de forma automatizada e simplificada as informações que antes eram coletadas lentamente nas ruas através de entrevistas, em pilhas de papéis, em arquivos internos do jornal e em outros arquivos físicos existentes.

Foi o desenvolvimento representado pelo uso de computadores nas redações jornalísticas - bem como o surgimento da internet e a massificação de seu uso

- o responsável por dar espaço a fenômenos como o jornalismo de dados (Ribeiro *et al.*, 2018, p. 14).

A partir de então, contam Mancini e Vasconcellos (2016, p. 72), as primeiras ideias de se usar rotineiramente técnicas de análise de dados como base de reportagens jornalísticas ganharam mais vigor e exequibilidade. Uma dessas ideias beneficiadas pela informatização foi o subgênero ‘Jornalismo de Precisão’, criado no início da década de 1970 pelo jornalista norte-americano Philip Meyer. O subgênero pregava a “aplicação de métodos científicos para apuração e análise de dados que indicam, sobretudo, comportamentos e relações sociais” (Ribeiro *et al.*, 2018, p. 38). Para Meyer, a proposta seria capaz de reduzir as chances de erros na apuração das reportagens, além de dar maior relevância e confiabilidade às reportagens produzidas.

A proposta partiu de diferentes experiências profissionais de Meyer, uma delas em especial rendeu a ele e à equipe do jornal no qual trabalhava, o *Detroit Free Press*, um prêmio Pulitzer²³. O caso em questão ocorreu em julho de 1967, quando a cidade norte-americana de Detroit passou por uma série de distúrbios sociais após casos de violência policial contra cidadãos negros dentro de um bar clandestino. Após cinco dias de manifestações violentas, o saldo era de 43 mortos e mais de 7 mil pessoas detidas. Os jornais locais sugeriam a possibilidade de os manifestantes “serem parte das camadas sociais excluídas, ou imigrantes do Sul dos Estados Unidos ainda pouco assimilados à cultura local” (Rosegrant, 2011 *apud* Träsel, 2014).

Meyer, que há pouco tempo havia passado um ano estudando ciências sociais em Harvard, decidiu investigar a identidade e a atitude política dos manifestantes a partir da aplicação de questionários sobre uma amostra representativa da população dos bairros afetados. Com ajuda do psicólogo Nathan Caplan, Meyer redigiu o questionário, organizou as entrevistas e, após três semanas e um total de 437 questionários respondidos, iniciou a análise dos dados coletados, dando início também à redação de sua reportagem sobre o caso (Träsel, 2014).

Meyer descobriu que, ao contrário do que a imprensa local pressupunha, “não havia correlação entre condição econômica e participação nos distúrbios; e que nativos da cidade eram três vezes mais propensos a ter participado de saques, agressões, homicídios e incêndios do que os imigrantes do Sul” (Träsel, 2014, p. 97-98). Em seu livro *Precision Journalism*, publicado seis anos após a cobertura das manifestações em Detroit, Meyer defendia que o uso de técnicas de ciências sociais e computação podiam ser usadas por jornalistas para que “errem

²³ Considerado o principal prêmio a nível internacional dado a jornalistas e a empresas jornalísticas.

com menos frequência”. Defendia ainda que o Jornalismo de Precisão poderia representar o ressurgimento da objetividade em meio à produção jornalística.

Embora fosse anterior e independente do uso de computadores, o Jornalismo de Precisão se beneficiou da informatização por ser ela capaz de acelerar o trabalho de tabulação de questionários, facilitar a análise dos dados coletados pelos jornalistas, dando também maior confiabilidade à análise feita através das máquinas. Entre as metodologias importadas das ciências sociais e comumente utilizadas estavam as “entrevistas de sondagem, pesquisa qualitativa e quantitativa, *survey* e levantamento de campo, questionários estruturados, entrevistas semidirigidas, enquetes, análises de conteúdos e outras mais” (Ribeiro *et al.*, 2018, p. 40).

Em pouco tempo o subgênero ganharia adeptos, passando a ser usado como manual por alguns repórteres norte-americanos. Como relata Träsel (2014, p. 99), Meyer e os repórteres que aderiram ao Jornalismo de Precisão “viam as técnicas das ciências sociais como um caminho para aproximar o jornalismo o máximo possível da verdade”.

Trata-se, na verdade, de uma abordagem jornalística específica frente aos acontecimentos, embasada numa tradição positivista, segundo a qual os jornalistas devem se preocupar em coletar evidências sobre os fatos seguindo protocolos claros e reproduzíveis, emprestados das ciências sociais, para **revelar a verdade sobre um determinado acontecimento ou fato social**. O Jornalismo de Precisão é definido pela aplicação de métodos de pesquisa social e comportamental à prática do jornalismo, o que pode, ou não, incluir o uso de computadores (Träsel, 2014, p. 99, grifo nosso).

Com o tempo as práticas ganharam mais força e maior domínio por parte dos jornalistas, até que nos anos 1990 foi criada a técnica chamada de ‘Reportagem com Auxílio de Computador’ (RAC), que rapidamente se popularizou entre jornalistas investigativos que usavam sistemas computacionais e estatísticas em suas checagens (Mancini; Vasconcellos, 2016, p. 72). Se no Jornalismo de Precisão o computador era um instrumento opcional, na RAC ele se tornou fundamental. Isso porque seu uso possibilitou extrapolar os limites humanos na etapa de análise dos dados. Além disso, a RAC fez uso de um novo elemento que entrava em cena: a Internet e a sua popularização. O acesso à *web* ampliou as possibilidades de pesquisa, mas também alterou as formas de se produzir e publicar notícias. Bancos de dados passariam a ser consultados não só a partir de tabulação própria, mas também aqueles produzidos por terceiros e acessíveis na *web*.

Outro ponto de distinção entre os conceitos, embora tênue, é apontado como sendo a mudança do argumento para sua existência. Para Träsel (2014, p. 107), a RAC retirou o foco do projeto de atribuir um caráter científico ao jornalismo, basilar na defesa de Meyer pelo

Jornalismo de Precisão, “passando a concentrar-se principalmente no desenvolvimento e disseminação de aplicações da informática ao trabalho de reportagem”. O mesmo é defendido por Ribeiro (*et al.*, 2018) ao dizer que a preocupação da RAC não está em ressaltar o uso de métodos científicos na análise — embora faça uso deles —, mas em ampliar o formato de pesquisa com auxílio de computadores conectados à Internet.

A RAC não se desenvolveu de uma forma repentina, é claro. Foi acompanhando o crescimento da *web*, que pouco a pouco foi demonstrando novas possibilidades a serem utilizadas pela sociedade, assim como pelos jornalistas investigativos. Para Coddington (2014), a RAC foi uma continuidade do Jornalismo de Precisão por dar prosseguimento ao uso de metodologias as quais tinham raízes nos métodos de ciências sociais.

Entende-se, contudo, que a RAC também se apropria de técnicas mais simples – uma busca avançada no Google, por exemplo, pode ser considerada um procedimento próprio, assim como troca de e-mails e outras pesquisas na internet, procedimentos hoje recorrentes. Em resumo, Stavelin (2013) aponta como ferramentas da RAC o uso de planilhas, a gestão de bancos de dados e recursos disponíveis na internet. Na mesma linha, Crucianelli (2013) entende que técnicas da RAC são úteis, na atualidade, para manusear volumes menores de informação, pois é considerado qualquer processo que utiliza computador em seus procedimentos (Gehrke, 2018, p. 43).

De forma geral, considera-se que a Reportagem com Auxílio de Computador, assim como o Jornalismo de Precisão, foram importantes subgêneros para as práticas de jornalismo investigativo, capazes de instituir formas de aguçar o rigor analítico dos repórteres na produção de reportagens que saíam do corriqueiro, do opinativo e do declaratório. As práticas possibilitaram a aproximação do jornalismo às ciências sociais e à aplicação do olhar científico na interpretação e explicação dos fenômenos sociais.

A análise de bancos de dados cresceu nas redações junto às tecnologias da informação e ao uso e dependência das redes telemáticas para produção de notícias, ajudando a criar novas competências dos profissionais jornalistas ligadas à estatística e a programação. Tais competências se mostraram cada vez mais importantes para a construção de reportagens socialmente relevantes e para a redução nas chances de erros na apresentação das informações.

Isso ganha uma nova importância quando o contexto muda de um cenário de escassez, no qual jornalistas tinham enormes dificuldades para obter informação, para um momento de abundância, no qual o problema deixa de ser encontrar a informação, mas saber qual deve ser buscada, analisada e utilizada para subsidiar a notícia jornalística (Mancini; Vasconcellos, 2016, p. 72).

As técnicas empregadas nesses gêneros foram iniciativas para o jornalismo manter a base de sua legitimidade em meio à Internet e à superabundância informativa que ela acarretou. Marcondes Filho (2002) descreveu em 2002 o potencial que a *web* tinha de impulsionar a “circulação anárquica de dados na rede”, ou seja, de abrir caminho a uma movimentação imprevisível e incontrolável de informações não checadas e de rumores. Em pensamento análogo, Meyer (1999) já considerava que “a era da informação criou um burburinho tão confuso de vozes que nos tenta a todos para sacrificar qualquer coisa em nome da atenção – incluindo a verdade”. Para o autor, ao comentar o desenvolvimento do Jornalismo de Precisão e da Reportagem com Auxílio de Computador,

O que os praticantes da RAC têm buscado – conscientemente ou não – é um padrão mais elevado de veracidade. Nossa resposta à era da informação tem sido aprender a gerenciar grandes volumes de informação com ferramentas analíticas cada vez mais poderosas, **levando a uma definição mais exata da verdade**. Por acaso, o computador é útil nesta tarefa. Mas o computador em si não é o objetivo, nem define o que estamos tentando fazer. Nós estamos tentando empurrar o jornalismo em direção à ciência (Meyer, 1999 *apud* Träsel, 2014, grifo nosso).

De fato, a RAC e o JP ainda são relevantes, embora hoje tais conceitos tenham pouco uso em meio ao campo profissional. As práticas somaram-se a um outro fenômeno social, chamado de cultura da transparência, que garantiu a abertura de dados governamentais em diversos países ocidentais e possibilitou aos jornalistas o acesso a banco de dados públicos ainda mais relevantes.

4.2.2 *Open Government* e direito de acesso à informação

Como apresentado anteriormente, o jornalismo tradicional sofreu influência progressiva de diferentes vertentes: primeiro, a apropriação de métodos originários das ciências sociais e da estatística auxiliaram a investigação e interpretação de fenômenos sociais a partir das análises de dados manualmente tabulados. Depois, a incorporação do computador, de *softwares* de análise e o acesso à Internet ampliaram o potencial investigativo e permitiram o cruzamento de dados com informações encontradas na *web*, dando maior agilidade e alcance de busca pela informação. Em suma, metodologia e rigor científico aliados à tecnologia e domínio de bases de dados já estavam disponíveis aos jornalistas, mas faltava um fator para que essa soma resultasse no Jornalismo de Dados: a transparência de dados de origem governamental na Internet (Ribeiro *et al.*, 2018).

A cultura de dados abertos diz respeito às transformações políticas que emergiram nas sociedades no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Estados de diferentes democracias

mundo afora, especialmente as ocidentais, se viram cada vez mais pressionados pelos seus cidadãos a aumentar seus instrumentos de transparência e controle público. Com isso, aponta Ribeiro *et al.* (2018, p. 49), jornalistas investigativos que já seguiam as ‘escolas’ do Jornalismo de Precisão e da Reportagem com Auxílio de Computador passaram a cada vez mais se instalar “nesse espaço de exploração de informações públicas”.

Os movimentos foram crescendo até o surgimento do *Open Government Partnership* (OGP) em 2011, uma iniciativa internacional criada com a finalidade de assegurar compromissos por parte dos governos de diversos países para promover a transparência, a participação cívica, o combate à corrupção e o uso de novas tecnologias para tornar a gestão pública mais aberta, eficaz e responsável. Governos de países como Brasil, Estados Unidos, México, Reino Unido, Noruega, África do Sul, entre outros, passariam a divulgar seus dados de forma aberta à população por meio de sites governamentais (Freitas; Dacorso, 2014).

Para o alcance do *Open Government Partnership* (OGP) diversos avanços precisaram ocorrer na legislação do Brasil e demais países integrantes. A origem desses avanços remonta aos debates sobre a liberdade de informação. Em 1946, a Assembleia Geral da ONU formalizou a noção de “liberdade de informação” como direito humano fundamental, sendo este ratificado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, da qual o Brasil foi signatário. Na Constituição Brasileira de 1988, a Assembleia Constituinte marcou no Art. 5º o compromisso do governo brasileiro com os direitos humanos, entre eles o direito de receber de órgãos públicos informações de interesse particular, coletivo ou geral — ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.

Posteriormente foi sancionada a Lei Complementar 101/2000, conhecida como Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), outro importante marco na legislação de transparência pública e da gestão das contas públicas. A LRF estabeleceu regras de transparência a serem seguidas pelos gestores públicos, como “os planos, orçamentos e leis de diretrizes orçamentárias; as prestações de contas e o respectivo parecer prévio; o Relatório Resumido da Execução Orçamentária e o Relatório de Gestão Fiscal” (Instituto Legislativo Brasileiro, 2021). Já em 2009, seria sancionada a Lei Complementar 131/2009, chamada de Lei da Transparência, na qual foram estabelecidas outras normas de responsabilidade na gestão de finanças públicas, “a fim de determinar a disponibilização, em tempo real, de informações pormenorizadas sobre a execução orçamentária e financeira da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios” (Instituto Legislativo Brasileiro, 2021).

Por fim, os dispositivos legais de transparência pública avançaram no Brasil até a promulgação da Lei 12.527/2011, conhecida como a Lei de Acesso à Informação (LAI), tida

como a maior ferramenta de transparência pública ativa e passiva no Brasil e que garante a qualquer cidadão o direito à informação independente de requerimentos. Subordinam-se ao regime da LAI os órgãos públicos integrantes da administração direta dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, incluindo Cortes de Contas e Ministério Público, “bem como as autarquias, fundações públicas, empresas públicas, sociedades de economia mista, entidades controladas direta ou indiretamente pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios” (Instituto Legislativo Brasileiro, 2021).

A LAI responsabiliza os órgãos públicos pela transparência ativa e passiva de seus dados, o que significa dizer que os órgãos devem divulgar informações tanto por iniciativa própria quanto por provocação direta do cidadão. Define ainda que a transparência ativa deve, por princípio, ser de tal forma que o uso do recurso da transparência passiva para atendimento das demandas dos cidadãos seja a exceção (art. 3º, II, Lei de Acesso à Informação).

Como afirma Träsel (2014), hoje a LAI é um dos principais instrumentos usados por jornalistas de dados para a apuração de dados e informações que possam embasar denúncias sobre fraudes ou irregularidades em meios aos órgãos públicos. Mas também, os dados são usados para construção de reportagens que possibilitem a avaliação da população sobre problemas sociais, eficiências dos investimentos públicos em certos setores, impacto de políticas públicas, entre outras coisas. Como aponta Ribeiro *et al.* (2018, p. 54), a LAI tem promovido a divulgação de informações de interesse público, como “repasses e transferências financeiras, dados sobre a estrutura organizacional, registros de despesas, processos licitatórios e editais, respostas e perguntas mais recorrentes da sociedade relacionadas ao Poder Público, entre outras informações”.

4.2.3 Jornalismo de Dados na era da informação

Como se viu, as transformações paradigmáticas internas e externas ao jornalismo — informatização e digitalização das redações, surgimento do Jornalismo de Precisão e da Reportagem com Auxílio de Computador, e avanços legais na garantia do acesso à informação — contribuíram para o avanço da produção jornalística e para o delineamento do Jornalismo de Dados. Mais do que isso, esses processos criaram um contexto no qual o Jornalismo de Dados não só se fez possível, mas também necessário.

Isso porque as informações facilmente acessadas por meio da Internet, computadores e *smartphones*, ou as informações de órgãos públicos disponibilizadas pelos gestores, não acarretam necessariamente em cidadãos mais informados. Conta-nos Vasconcellos (2014), ao revisar estudos de Lupia e McCubbins (1998), que um dos grandes dilemas das democracias

atuais é o fato de haver uma quantidade gigantesca de fontes de dados, mas, ao mesmo tempo, cidadãos pouco ou mal informados. Ou seja, o fato de haver informações cada vez mais abundantes disponíveis em meio à Internet e à *Big Data*, porém, poucos indivíduos com habilidades para compreendê-las. E os danos deste cenário são claros:

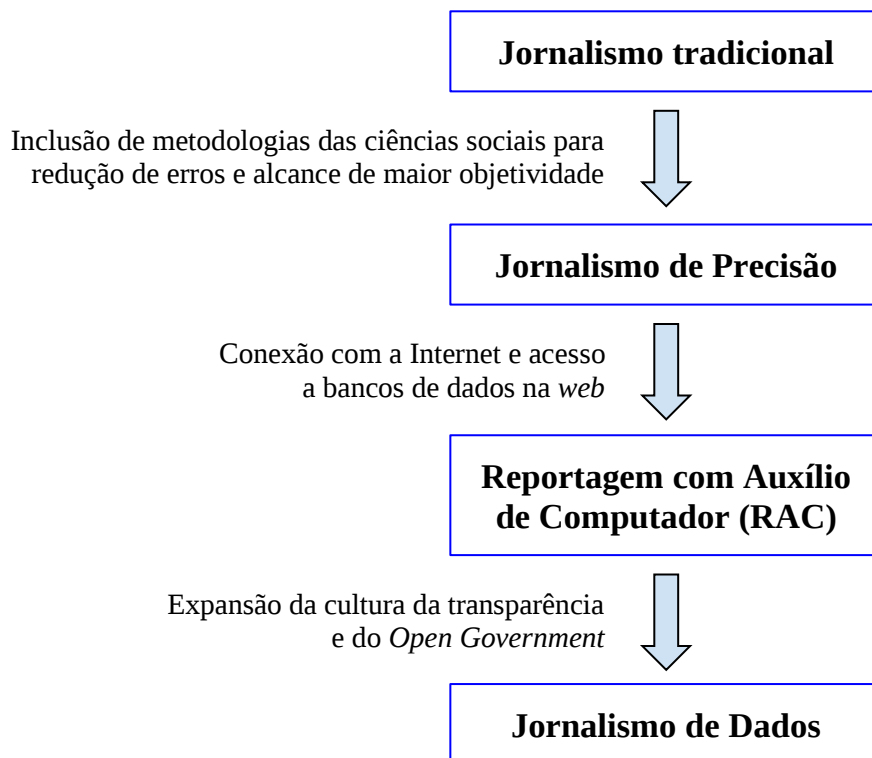
Sem saber o que as instituições e o poder político fazem ou deixam de fazer, restringimos e muito a nossa capacidade de tomar decisões, como a de punir políticos que não atendem às nossas expectativas, ou a de premiar aqueles que avaliamos positivamente. [...] A maneira pela qual ela [informação] está à disposição do cidadão e como ele pode se apropriar das informações afetam a sua capacidade de decisão em assuntos públicos. Em linhas gerais, e até com certo exagero, poderíamos dizer que a qualidade e a diversidade da informação produzida pelo jornalismo interferem direta ou indiretamente na relação entre representante e representado, espinha mestra da democracia tal qual a conhecemos (Vasconcellos, 2014, p. 4).

Este dilema ocorre devido à escassez de tempo que cidadãos dispõem em suas rotinas para se inteirar dos fatos que os cercam e pelo alto custo cognitivo que a interpretação de temas sociais complexos demanda, como política, economia, além dos próprios dados disponibilizados pelos governos. Neste sentido, e como a resultante desses diferentes movimentos, o Jornalismo de Dados pode ser visto “como a área do jornalismo capaz de produzir atalhos informativos ao cidadão comum a partir de bases de dados que o ajudam a entender e a explicar a realidade política e social das democracias” (Vasconcellos, 2014, p. 7).

Ou seja, o Jornalismo de Dados nasceu e cresceu nos últimos anos especialmente por seu potencial de dispor aos cidadãos as informações relativas aos governos e ao funcionamento da democracia representativa. Informações claras e checáveis – por se basear em dados públicos e abertos – e em infografias e visualizações atrativas e de fácil compreensão, servindo, portanto, como um essencial instrumento de *accountability* político (prestação de contas, transparência dos atos políticos). Neste sentido, a prática do Jornalismo de Dados se torna relevante pelo seu auxílio ao processo democrático deliberativo, o que pode beneficiar o capital simbólico de credibilidade das organizações que o produzem.

Na Figura 4 é apresentado o fluxo que desencadeou o surgimento do Jornalismo de Dados.

Figura 4 - Etapas do surgimento do Jornalismo de Dados



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Conforme o que foi discutido até aqui, jornalistas de dados atuais já empregam em suas rotinas de trabalho programas de computador capazes de analisar planilhas com milhares, por vezes milhões de linhas de dados estruturados, possibilitando o cruzamento e a descoberta de informações socialmente relevantes. Também utilizam *softwares* capazes de construir infografias e visualizações nas quais são exibidos os dados de forma facilmente compreensível pelo cidadão leitor. As notícias e reportagens construídas a partir de dados podem ser publicadas e lidas nos portais da Internet, possibilitando a interação e o compartilhamento entre uma infinidade de leitores.

4.3 Um possível caminho: Jornalismo de Dados como forma de reconstruir a verdade factual

Até o presente momento neste trabalho, foram apresentadas teorizações sobre como a credibilidade pode ser compreendida como o capital simbólico do jornalismo e de seus agentes, sobre os processos de construção da credibilidade em suas vertentes constituída e percebida, sobre como a percepção de credibilidade está ligada a uma ideia de reprodução da ‘verdade’ e como essa tal verdade pode ser entendida no jornalismo como o dever de corresponder aos fatos. Discutiu-se também como os processos sociais ligados ao cenário da pós-verdade e das

fake news deturparam a confiança nos meios de comunicação e quais iniciativas em meio ao jornalismo podem ser eficientes para reconstruir a credibilidade, sendo o Jornalismo de Dados uma dessas hipóteses. Cabe neste momento levantar a discussão sobre como o Jornalismo de Dados pode ser um caminho para reconstruir a busca por uma verdade factual nos meios de comunicação e, por conseguinte, revitalizar a credibilidade jornalística.

Assim sendo, o primeiro ponto no qual o Jornalismo de Dados se destaca é na capacidade das reportagens baseadas em dados transmitirem informação relevante aliando o credível com o interessante e atrativo. Charaudeau (2019), ao falar do contrato de comunicação entre mídias e sociedade, destacou a visada de informação como elemento legitimador da imprensa, que ajuda no processo de conquista de credibilidade. Mas o autor também deixa claro a existência da visada da captação, aquela que leva os meios de comunicação a criarem estratégias para atrair a maior parcela de público possível, fazendo sutis apelos às emoções, de modo a desencadear interesse pela informação.

Charaudeau (2019) entende que as mídias são atravessadas continuamente por uma contradição entre os pólos de credibilidade, baseada na austeridade racionalizante da informação, e da captação, baseada na imaginação dramatizante. Para Charaudeau (2019, p. 93) não faz sentido levar a eterna discussão sobre a objetividade pura da informação, pois, “uma mídia que só satisfizesse ao rigor sóbrio e ascético do fazer saber estaria condenada a desaparecer”.

Em sentido próximo, mas trazendo a discussão para o contexto da pós-verdade, D’Ancona (2018) entende o fenômeno como sendo algo de ordem emocional, de forma que seria inútil tentar combatê-lo a partir da frieza objetiva dos dados verificados ou das estatísticas, por mais factuais que sejam. Nas palavras do D’Ancona (2018, p. 110), “é um erro comum confundir dados com verdade: os primeiros permeiam o último, mas não são a mesma coisa”.

Nas circunstâncias corretas, uma mentira pode ser derrotada pela aplicação habilidosa dos fatos. No entanto, a pós-verdade é, acima de tudo, um fenômeno emocional. Diz respeito à nossa atitude em relação à verdade, e não à própria verdade. A partir disso, deveria ficar claro que o contra-ataque tem de ser emocionalmente inteligente e também rigorosamente racional (D’Ancona, 2018, p. 110-111).

Dessa forma, D’Ancona (2018) deixa claro àqueles que se responsabilizam pela comunicação dos fatos e transmissão de conhecimento a necessidade de se adaptar aos imperativos emocionais e racionais das sociedades contemporâneas, uma vez que a verificação rotineira e a defesa de ideias puramente intelectuais já não surtem efeito. Defender a verdade factual como remédio para a “doença cognitiva de nosso tempo” exige uma entrega que se

adapte ao contexto, que conquiste a atenção e, com isso, a torne apta a de fato ser consumida e compreendida.

É nesse ponto que a produção de Jornalismo de Dados pode se distinguir dos modelos tradicionais de fazer jornalismo, nos quais o apelo a uma objetividade e a imparcialidade foram, no passado, suficientes para construir a percepção de credibilidade. A análise de dados, muitas vezes públicos, garante à informação o necessário respaldo nos fatos. Por sua vez, o uso de visualizações, gráficos e infografias possibilita uma entrega visualmente atrativa e cativante, o que é dificilmente alcançável pela transmissão unicamente textual da informação.

Como destacam Mancini e Vasconcellos (2017), o jornalista de dados exercita um trabalho que vai além das dimensões investigativa e interpretativa da construção da informação. Perpassam a coleta, a discussão e criação de relações entre os dados, mas o trabalho ganha sentido ao leitor na sua dimensão comunicativa, onde o jornalista procede com a “escolha dos gráficos, cores, seleção de ícones, montagem de infográficos e elaboração de demais elementos presentes na parte de visualização da reportagem” (Gullich; Siqueira, 2018, p. 4).

Essa capacidade de impacto sensorial e emocional das visualizações é de grande importância para o Jornalismo de Dados, uma vez que, como destacam Paschoarelli, Campos e Santos (2015 *apud* Gullich; Siqueira, 2018), a estética “não afeta apenas a percepção visual, mas também pode proporcionar a sensação de prazer, conforto, bem-estar, alegria e satisfação”. O despertar dessas sensações guiam a leitura, tornando o leitor apto não só a compreender o que é descrito, mas também a receber o conteúdo com uma experiência mais agradável, o que pode beneficiar a criação de vínculos de confiança.

Outro ponto em defesa da produção do Jornalismo de Dados está relacionado à sua proximidade com os métodos e com a transparência científica e, portanto, da confiança que as ciências possuem. Como visto, as bases do Jornalismo de Dados residem no gênero Jornalismo de Precisão, pensado por Phillip Meyer (2002) como uma proposta para aproximar as estratégias de elaboração noticiosa dos métodos científicos. Dessa forma, a informação poderia ganhar autoridade por ser elaborada a partir de um ferramental metodológico que se aproximasse da ciência e se afastasse do senso comum.

A questão do jornalismo como atividade localizada entre o senso comum e a ciência já foi discutida por Park (1976), quando o autor entendeu serem as notícias formas de conhecimento enquadradas no *continuum* entre o “conhecimento de” e o “conhecimento acerca de”. O primeiro diz respeito a conhecimentos que os seres adquirem através do contato habitual com o mundo circundante e das experiências individuais, um conhecimento pouco articulado e

pouco comunicável. O segundo está relacionado a conhecimentos formais e analíticos, baseados na observação sistemática e rotulada das coisas, sendo também mais comunicável e inteligível.

Para Park (1976), as notícias produzidas pelos jornalistas a partir de seus rituais deontológicos se aproximam do “conhecimento acerca de”, mais especificamente o conhecimento construído pela História, mas sem de fato ser história. Isso porque, na visão do autor, o conhecimento jornalístico trata-se de algo altamente precível e que aborda somente acontecimentos isolados, sem relacioná-los uns aos outros.

A notícia não é História e seus fatos não são fatos históricos. Não é História porque, em primeiro lugar, se refere, em conjunto, a acontecimentos isolados e não procura relacioná-los uns aos outros nem como sequências causais nem como sequências teleológicas. A História não só descreve os acontecimentos, mas também procura colocá-los no lugar que lhes cabe na sucessão histórica e, fazendo-o, descobrir as tendências e forças subjacentes que neles encontram expressão (Park, 1976, p. 174).

O jornalismo tradicional já era entendido por Park (1976) na década de 1970 como uma forma de transmissão dos fatos que construía um conhecimento próximo do científico, mas que ainda resguardava certa distância. Com o desenvolvimento do Jornalismo de Precisão e as evoluções posteriores até a emergência do Jornalismo de Dados, essa distância pode ter sido ainda mais encurtada.

Como já discutido anteriormente, Philip Meyer considerou a utilização de metodologias das ciências sociais por parte do jornalismo como forma de buscar uma maior veracidade e objetividade ao que é noticiado. Como relatado por Tuchman (1971), a preocupação com a objetividade é antiga no jornalismo, sendo usada como argumento contra as críticas e acusações de parcialidade. Geralmente as estratégias para essa objetividade envolvem a apresentação de opiniões e possibilidades conflitantes (expor ‘os dois lados’); o uso de provas auxiliares ou fatos suplementares; o uso rigoroso de aspas e a estruturação da informação numa sequência lógica, o *lead* (Tuchman, 1971).

Porém, tal objetividade é usada no jornalismo tradicional meramente de forma mecânica, como um “ritual estratégico”, bem explicado na frase “se todos os repórteres reunirem e estruturarem os ‘fatos’ de um modo descomprometido, imparcial e impessoal, os prazos serão respeitados e os processos de difamação evitados” (Tuchman, 1971, p. 77). O que aparenta ser novo com o Jornalismo de Dados, é a busca por uma objetividade disciplinar, que busca consenso a partir do conhecimento científico gerado, ou seja, do “conhecimento acerca de” um fato.

Porter (1995 *apud* Träsel, 2014) explica a diferença entre esses tipos de objetividade. Para o autor, existem três tipos: absoluta, mecânica e disciplinar. A primeira se relaciona “à abstração filosófica da realidade como ela é”. A segunda diz respeito à “aplicação de procedimentos e condutas no desempenho de tarefas científicas ou profissionais”, enquanto a terceira “remete ao consenso a respeito de premissas e pressupostos dentro de uma comunidade científica”.

A objetividade disciplinar aparenta ser comum nos círculos fechados das comunidades científicas, com o alcance de consensos sobre novas descobertas. Porém, adaptá-la ao contato com o grande público, com a sociedade, público-alvo do jornalismo, foi considerado algo complexo demais para ser alcançado. A saída foi recorrer à objetividade mecânica, baseada na aplicação rotineira dos métodos (Träsel, 2014). Como resultado, no jornalismo tradicional impera as notícias baseadas nas declarações de fontes oficiais e na superficialidade informativa.

Retomando a discussão de Park, o que o Jornalismo de Dados aparenta fazer é ir além da construção do conhecimento perecível e da divulgação de acontecimentos isolados. Ele faz apelo à transparência dos métodos utilizados na coleta, limpeza e análise de dados como forma de recorrer a uma objetividade disciplinar capaz de proporcionar replicabilidade transpessoal, como forma de permitir a existência de uma verdade verificável. Mas também alcança um nível além, o da contextualização social da informação. Como relata Träsel (2014, p. 106), “as técnicas de pesquisa social e a aplicação da informática a bases de dados públicas podem fornecer os números necessários para estabelecer um consenso em relação aos fatos relatados e conferir credibilidade à reportagem”.

Por fim, cabe destacar mais um fator na prática do Jornalismo de Dados que pode beneficiar a credibilidade dos meios de comunicação, a saber, sua capacidade de promover o acesso à informação de interesse público proveniente de dados governamentais. Como abordado por Vasconcellos (2014), as reportagens baseadas em dados promovem a compreensão de dados públicos de forma a demandar um baixo custo cognitivo, ou seja, de fácil compreensão, facilitando assim a participação cívica e a promoção de *accountability* político.

Para Jamil (2019), a prática do jornalismo há muito é defendida como uma forma de investigar e informar a sociedade sobre questões de interesse público. Esse aspecto, inclusive, já alçou o jornalismo a um status de *Quarto Poder* nas repúblicas ocidentais e posicionou os jornalistas como “cães de guarda/*watchdogs*” do interesse público. Essas ideias, que nas últimas décadas estão em decadência (Marcondes Filho, 2005), podem estar passando por um reavivamento com a difusão de técnicas computacionais para a construção de reportagens

baseadas em dados públicos, promovendo a transparência, a vigilância e responsabilização governamental e a criação de políticas públicas.

Os jornalistas desempenham um papel crucial como *watchdogs* da democracia e o surgimento do jornalismo de dados tem um papel significativo a desempenhar nesse sentido, especialmente na reportagem e na investigação de questões de interesse público. O “papel de cão de guarda” também é ampliado, pois as possibilidades que os dados criam para manter o público informado sobre histórias importantes, permite investigações mais complexas usando dados numéricos e *softwares* (Jamil, 2019, p. 4, grifos do autor, tradução nossa²⁴).

Assim sendo, os jornalistas de dados são capazes de “transformar a enxurrada de dados disponíveis publicamente em *insights* úteis que mobilizam a participação dos cidadãos no processo democrático” (Jamil, 2019, p. 16, tradução nossa²⁵), o que aparenta ter potencial de beneficiar a credibilidade dos agentes jornalísticos.

²⁴ Journalists play a crucial role as watchdogs on democracy and the emergence of data journalism has a significant part to play in this regard, especially in reporting on and investigating issues in the public interest. The “watchdog role” is also amplified, as possibilities that data creates to keep the public informed about important stories, permits for far more complex investigations using numerical data and software (JAMIL, 2019).

²⁵ Data journalists have a crucial role to play as the watchdog of public’s interests. They can transform the flood of publically available data into useful insight that mobilizes citizens’ participation in the democratic process (JAMIL, 2019).

5 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Tendo sido apresentados ao longo da fundamentação teórica os conceitos-chaves e as discussões teóricas que dão respaldo a este trabalho, além da hipótese central de pesquisa, cabe neste instante apresentar o processo metodológico para a compreensão das características da produção jornalística do núcleo DeltaFolha e o quanto contribui para o fortalecimento do capital simbólico de credibilidade constituída do jornal Folha de São Paulo. Neste sentido, serão apresentados alguns apontamentos para melhor delimitar as características do referido processo, a saber, a definição da abordagem, do método e dos instrumentos de pesquisa.

5.1 A pesquisa com abordagem quali-quantitativa

Para que os objetivos fossem atingidos, este trabalho empregou uma metodologia de natureza quali-quantitativa, abrangendo a descrição e a interpretação dos fenômenos comunicacionais estudados de forma interativa e não definitiva, mas também fazendo uso de técnicas para precisão de medidas e classificação de eventos que possam auxiliar no alcance de resultados.

De acordo com Godoy (1995), uma pesquisa qualitativa pode ser empregada para se estudar fatos que envolvam os seres humanos nas suas mais diversas relações sociais ou ambientais. Os focos de interesses são amplos e vão se definindo com o decorrer do desenvolvimento do trabalho. Estudar qualitativamente um fenômeno envolve a “obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender segundo a perspectiva dos sujeitos”, ou seja, dos participantes da situação em estudo (Godoy, 1995, p. 58).

Godoy (1995a, p. 62) ressalta que pesquisas qualitativas podem ser diversas, com diferentes referenciais teóricos, objetivos e/ou métodos de pesquisa, mas que via de regra possuem características em comum, a saber: (1) o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; (2) o caráter descritivo; (3) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; (4) o enfoque indutivo.

Proetti (2017) corrobora com essa visão ao defender que uma pesquisa qualitativa normalmente é construída com a análise sendo feita diretamente no local de origem dos fatos (objetos de estudo). Além disso, conta o autor, esse tipo de pesquisa visa “demonstrar os resultados pelo sentido lógico/coerente que eles apresentam, ou seja, o sentido lógico que resulta do tratamento científico empenhado pelo pesquisador” (Proetti, 2017, p. 7).

Esse tipo de pesquisa possibilita investigar os fatos e compreendê-los no contexto em que eles ocorreram ou ocorrem, pois o pesquisador vai a campo

para levantamento e coleta de dados, analisa-os e pode entender a dinâmica dos fatos (Proetti, 2017, p. 7).

Já as pesquisas ditas quantitativas se preocupam em mensurar fatos divisíveis, por meio da coleta e da análise numérica dos dados, que resultará na identificação de padrões característicos. De herança positivista, as pesquisas quantitativas buscam afastar a análise das interferências subjetivas dos pesquisadores, que irão conduzir seus trabalhos a partir de planos estabelecidos *a priori*, buscando uma medição objetiva dos dados.

A pesquisa quantitativa tem por objetivo demonstrar, de forma quantificada, a importância dos dados coletados em uma verificação. Essa pesquisa se fundamenta no princípio de que a ciência é meramente quantitativa, pois os estudiosos/cientistas acreditam na importância da demonstração de estudos de forma metódica e numérica. Trata-se de mensurar para comprovar medidas de forma precisa e confiável por análise estatística (Proetti, 2017, p. 8).

Embora possuam pressupostos distintos, abordagens qualitativas e quantitativas não são necessariamente excludentes. Seu uso conjugado pode contribuir para a melhor compreensão e interpretação dos fatos e fenômenos estudados, gerando conhecimento sobre algo. Neste trabalho, conforme mencionado anteriormente, foram utilizadas ambas as abordagens, porém em momentos distintos.

Para o pré-teste de pesquisa, foi utilizada uma abordagem mais quantitativa, mas que também possibilita interpretações a nível qualitativo. Essa etapa do trabalho foi realizada com aporte de ferramentas e técnicas de mineração de dados sobre o *corpus* textual, o que possibilitou ao pesquisador suscitar impressões iniciais e características gerais do objeto de estudo. Posteriormente, foi utilizada uma abordagem qualitativa de pesquisa com uso da técnica Análise de Conteúdo (Bardin, 1979).

A escolha por se estudar o *corpus* de pesquisa em dois momentos e com duas abordagens distintas — mas complementares — se deve a dois motivos. Primeiramente, pelo intento de contribuir com a aproximação das pesquisas da Ciência da Comunicação aos notórios avanços trazidos pela Ciência da Informação. Pesquisas da área da Comunicação que utilizam métodos tradicionais, como a Análise de Conteúdo aplicada em textos jornalísticos, podem ganhar inferências mais refinadas ao se estudar *corpus* mais extensos com o auxílio de ferramentas computacionais já consolidadas na área da Informação.

Em segundo lugar, pela correlação simbólica que a pesquisa faz com a prática de Jornalismo de Dados. O uso de ferramentas computacionais as quais os jornalistas de dados recorrem tem ampliado os horizontes das práticas jornalísticas tradicionais. Narrativas jornalísticas antes puramente textuais ganham camadas informativas mais profundas a partir de

visualizações e infografias baseadas em dados. Igualmente, resultados de pesquisas em Comunicação antes puramente textuais se enriquecem ao usar a análise de dados como aporte para as investigações.

5.2 A escolha do método e instrumentos de pesquisa

Conforme definido anteriormente, o trabalho buscou investigar a produção de Jornalismo de Dados do núcleo DeltaFolha, do jornal Folha de São Paulo, e compreender as dinâmicas de sua produção no que tange à relação com os pilares de credibilidade jornalística. Considerando o que foi debatido nos capítulos teóricos, responder a tal questão-problema significa entender como os textos produzidos pelo núcleo DeltaFolha constroem dispositivos capazes de fazer apelos a ‘verdades factuais’, ou seja, narrativas que podem provocar no leitor a percepção da credibilidade do que é lido por meio de instrumentos que atestem a correspondência aos fatos.

Nesse itinerário investigativo, optou-se pela escolha do método descritivo-exploratório, que proporciona a descrição das características de determinado fenômeno, a verificação de relação entre variáveis e o desenvolvimento e esclarecimento de conceitos acerca do tema de pesquisa.

Como observa Gil (2008), pesquisas exploratórias geralmente são construídas com objetivo de levantar uma visão geral e aproximativa sobre determinado fato. O método é recorrido especialmente quando o tema escolhido ainda é incipiente, o que torna difícil a formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico, documental e estudos de caso. Já as pesquisas descritivas têm como característica mais significativa a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, visando identificar associações entre variáveis e, até mesmo, a natureza dessas relações. “As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática” (Gil, 2008, p. 28).

Há também o método explicativo, que não se aplica ao caso desta pesquisa, mas que é válido mencionar. As pesquisas explicativas preocupam-se em identificar os fatores determinantes para a ocorrência de um fenômeno, explicando a razão e o porquê das coisas. Como destaca Gil (2008), é o tipo de pesquisa mais complexo e o que mais contribui para o assentamento do conhecimento científico. “Isto não significa, porém, que as pesquisas exploratórias e descritivas tenham menos valor, porque quase sempre constituem etapa prévia indispensável para que se possam obter explicações científicas” (Gil, 2008, p. 28).

Quanto aos instrumentos de pesquisa, optou-se pelo uso do levantamento bibliográfico, a análise descritiva por meio de mineração de dados textuais, a análise de conteúdo e a análise de compreensibilidade de gráficos, infografias e visualizações.

5.2.1 Pesquisa bibliográfica

Conforme destacado por Gil (2008, p. 60), “qualquer que seja a pesquisa, a necessidade de consultar material publicado é imperativa”. Esta fase visa, primeiramente, auxiliar na construção do sistema conceitual da pesquisa e da sua fundamentação teórica. Num segundo momento, também possibilita ao pesquisador se inteirar dos trabalhos já publicados que sejam relacionados ao tema da pesquisa e, assim, identificar o estado da arte em que se encontram os conhecimentos investigados.

Neste sentido, a pesquisa bibliográfica é entendida como uma modalidade de pesquisa de caráter qualitativo que possibilita o desenvolvimento de um trabalho científico a partir da revisão sistemática de literatura já publicada (Gil, 2008). Todos os estudos exigem alguma etapa de consulta a fontes, enquanto alguns são desenvolvidos exclusivamente a partir da interpretação e cruzamento de bibliografias pré-existentes.

A pesquisa bibliográfica é considerada uma metodologia essencial para o satisfatório desenvolvimento de uma investigação científica, uma vez que se apresenta como uma etapa que subsidia teoricamente todas as demais metodologias. A partir dela o investigador será capaz de questionar, problematizar e atualizar conhecimentos anteriores junto a novos conhecimentos. Como destacado por Silva, Oliveira e Silva (2021, p. 96), “uma pesquisa bibliográfica em conformidade com os rigores científicos é imprescindível para a construção de um trabalho científico de qualidade, atualizado, consistente e fundamentado teoricamente”.

Uma de suas principais vantagens relaciona-se ao fato de permitir ao investigador abarcar um amplo espectro de fenômenos, maior do que aquele alcançável caso a pesquisa fosse operada diretamente.

Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre a população ou renda *per capita*; todavia, se tem à sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas (Gil, 2008, p. 50).

Em contrapartida, o uso de fontes secundárias com dados coletados ou processados de forma inadequada podem comprometer a qualidade da pesquisa. Neste ponto, cabe ao investigador analisar cautelosamente cada informação descrita na fonte bibliográfica para

descobrir possíveis incoerências, além de cotejar fontes diversas como forma de reduzir eventuais riscos.

As fontes bibliográficas podem ser diversas, mas em geral compõem livros, “obras de referência, teses e dissertações, periódicos científicos, anais de encontros científicos e periódicos de indexação e resumo” (Gil, 2008, p. 61). Vale ressaltar que os periódicos ou revistas científicas constituem as principais fontes de divulgação científica, permitindo ao pesquisador atualizar-se quanto ao estágio atual do conhecimento discutido.

Com relação às etapas de uma pesquisa bibliográfica, Salvador (1986) aponta a existência de quatro fases distintas para o seu desenvolvimento: 1) Elaboração do projeto de pesquisa, definindo-se o assunto, o problema de pesquisa e elaboração de um pré-planejamento; 2) Investigação das soluções, quando será feito o levantamento bibliográfico pertinente e das informações contidas na bibliografia; 3) Análise explicativa das soluções, que consiste na exploração e análise da documentação levantada; 4) Síntese integradora, que se refere ao produto final da investigação resultante na análise e reflexão dos documentos.

Lakatos e Marconi (2003) ampliam as fases da pesquisa bibliográfica descritas por Salvador (1986) para oito etapas, que consideram ser: 1) escolha do tema; 2) elaboração do plano de trabalho; 3) identificação das fontes; 4) localização dos trabalhos; 5) compilação e leitura crítica das informações; 6) fichamento do material lido; 7) análise e interpretação; 8) redação do texto com o resultado das leituras.

No presente trabalho, a pesquisa bibliográfica foi utilizada como instrumento de pesquisa inaugural, que possibilitou a consolidação da fundamentação teórica da dissertação.

5.2.2 Mineração de dados textuais

Resumidamente, uma análise por meio de mineração de dados textuais busca sumarizar ou resumir um conjunto de sentenças por meio de técnicas estatísticas e de representação visual. O objetivo é revelar padrões (temáticas) nos textos analisados e descrever suas características. É uma análise introdutória, que possibilita um mapeamento geral do *corpus*, a identificação de tendências e relações que, posteriormente, serão utilizadas no desenvolvimento da Análise de Conteúdo.

De acordo com Dean (2014, p. 178), “a mineração de texto é uma disciplina que combina mineração de dados e análise de texto ao tratar dados não estruturados ou textuais junto com dados estruturados para fins de exploração, descoberta e modelagem ou classificação”. Com auxílio de ferramentas computacionais, a mineração textual possibilita descobrir quais as temáticas mais significativas presentes em um *corpus* textual, a partir de

métricas de relevância. Análises que manualmente levariam semanas para serem feitas, podem ser automatizadas e executadas em segundos. Para seu desenvolvimento, pode-se fazer uso de soluções próprias, desenvolvidas em linguagem de programação *Python*, ou *softwares* proprietários, como o IRaMuTeQ²⁶ ou o Microsoft Power BI²⁷.

O desafio aqui reside na etapa de pré-processamento, ou seja, em preparar os textos antes de serem analisados pelas ferramentas. Conforme Dean (2014), “um dos principais obstáculos no uso de dados não estruturados [como textos] é resumi-los em uma forma processável, que possibilite a descoberta de tópicos e modelagem preditiva. [...] Os dados textuais podem exigir preparação adicional para serem eficazes na análise subsequente”. Técnicas e boas práticas em mineração de dados podem ser usadas para que a ferramenta computacional proceda da melhor maneira possível, como associar palavras sinônimas a um mesmo sentido, a exclusão de termos pouco significativos do ponto de vista semântico - como as classes gramaticais - artigos, preposições, conjunções, entre outras.

5.2.3 Análise de Conteúdo em textos jornalísticos

Em um momento posterior à mineração textual, optou-se por aprofundar em uma abordagem mais qualitativa sobre o *corpus*, por meio da Análise de Conteúdo em sua vertente francesa, pautada principalmente pelos estudos de Bardin (1977). O método de Análise de Conteúdo tem sido muito utilizado nas pesquisas das Ciências Sociais e Ciência da Comunicação, por permitir interpretar diferentes tipos de amostragens, como reportagens em texto, áudios, entrevistas e matérias televisivas transcritas, além de possibilitar o alcance a consistentes análises nas pesquisas em questão.

Para Bardin (1977, p. 95), a realização de uma análise de conteúdo ocorre em torno de três polos cronológicos, sendo eles: 1) a pré-análise, 2) a exploração do material, e 3) a inferência e a interpretação.

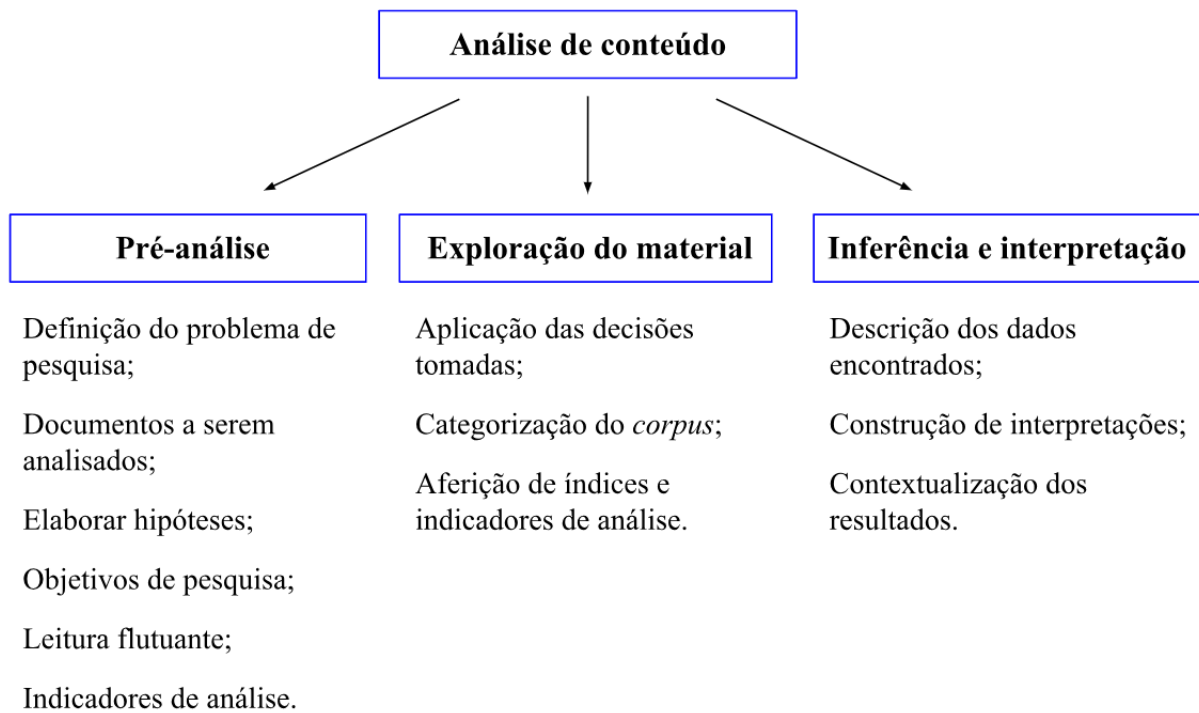
No primeiro momento, chamado de pré-análise, Bardin (1977, p. 95) afirma ser aquele que “tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise”.

²⁶ O IRaMuTeQ (sigla para *Interface em R para Análise Multidimensional de Textos e Questionários*) é um software gratuito de código fonte aberto que viabiliza diferentes tipos de análise de dados textuais, desde as mais simples, como a lexicografia básica com cálculo de frequência de palavras, até análises multivariadas, como a classificação hierárquica descendente e análises de similitude. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/>>.

²⁷ O Microsoft Power BI é um software de análise de dados que possibilita visualizações interativas, com uma interface simples para que os usuários finais criem os seus próprios relatórios e *dashboards*. Disponível em: <<https://powerbi.microsoft.com/>>.

Aqui, serão definidos os documentos a serem analisados, elaboradas as hipóteses e os objetivos de pesquisa e, ainda, definidos os indicadores de análise.

Figura 5 - Etapas da Análise de Conteúdo



Fonte: Elaboração do autor (2023), com base em Bardin (1977).

Bardin (1977) observa que os fatores a serem definidos na etapa de pré-análise não precisam seguir obrigatoriamente uma ordem cronológica, mas todos possuem estreita relação entre si. Isso porque, embora na pré-análise se busque a organização dos materiais que serão analisados, ela pode ser compreendida e executada de forma ‘aberta’, de maneira que o pesquisador possa tomar as decisões mais adequadas às suas necessidades.

Já a etapa de exploração do material corresponde à realização da análise propriamente dita. Conforme afirma Bardin (1977, p. 101), se os procedimentos da pré-análise tiverem sido rigorosamente executados, a análise “não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas”. Será a etapa mais longa e repetitiva, na qual o analista muitas vezes deverá executar as ações de forma manual.

Aqui serão empregadas operações de categorização dos textos (Bardin, 1977, p. 101). O processo de categorização da análise qualitativa é compreendido como a “classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (Bardin, 1977, p. 117). Essas categorias são classes que recebem títulos genéricos e nas quais se reúnem as unidades

de análise que apresentem índices de características comuns e relevantes aos objetivos da análise.

Por fim, o processo de inferência e interpretação diz respeito à construção de interpretações baseadas na indução pelos índices e indicadores. Ou seja, por meio dos indícios latentes nos documentos, organizados através da categorização, o analista buscará interpretar seus motivos de existência. Inferir é “investigar as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores; referências no texto)” (Bardin, 1977, p. 137).

Conforme aponta Bardin (1977, p. 133), a inferência da análise de conteúdo permitirá ao analista “saber mais” a respeito dos contextos que envolvem os documentos que são lidos. Geralmente, esse “saber mais” corresponde aos elementos clássicos do processo comunicativo (o emissor, o receptor, a mensagem, o canal), também chamados de pólos de atração. Após a realização da inferência, o analista estará apto a realizar suas considerações a respeito da pesquisa, a responder à questão-problema que guiou o estudo, a cruzar suas descobertas com as de outras análises, assim como validar ou não suas hipóteses apresentadas. Assim, todo o processo de construção da Análise de Conteúdo procura ser iterativo, aberto a novos questionamentos epistemológicos e inovações metodológicas.

5.2.4 Análise de compreensibilidade de gráficos, infografias visualizações

Como complemento à Análise de Conteúdo, a pesquisa também utilizou um método específico para analisar a compreensibilidade de gráficos, infografias e visualizações utilizados nas matérias feitas pelos jornalistas de dados. O método, baseado em Oliveira *et al.* (2021), diz respeito à avaliação quantitativa da compreensibilidade de um grupo de recursos visuais empregados em determinado texto. Isso é feito, em um primeiro momento, com o levantamento bibliográfico de diretrizes que guiam a construção de visualizações eficientes e compreensíveis e, em um segundo momento, com a construção de um indicador (ou artefato) de ineficiência, que visa comparar os níveis de ineficiência na compreensibilidade de diferentes grupos de visualizações.

O método construído por Oliveira *et al.* (2021) e importado nesta pesquisa se baseia no *Design Science Research Methodology* (DSRM). Segundo Peffers *et al.*, (2007), a DSRM deve se guiar por seis etapas: (1) Identificação e justificativa para a busca de solução de um problema ligado a área do design; (2) Definição dos objetivos de uma solução; (3) Construção de um artefato a ser usado na análise, que possibilitará a quantificação de medidas de desempenho; (4) Demonstração do uso do artefato para resolver uma ou mais instâncias do problema; (5)

Avaliação dos resultados obtidos com o uso do artefato, e (6) Comunicação dos resultados alcançados.

5.3 Sobre a Folha de São Paulo e o núcleo DeltaFolha

A fim de se usar informações oficiais sobre como o jornal Folha de São Paulo define o núcleo DeltaFolha, buscou-se dentro de seu site (www.folha.com.br) textos que declaram as características, os princípios editoriais, o corpo de jornalistas, entre outras informações, porém pouco conteúdo significativo foi encontrado.

Assim sendo, sob a ótica desta pesquisa, o núcleo DeltaFolha pode ser definido como uma editoria de produção de textos jornalísticos embasados em dados e que se enquadram nas rotinas definidas por Vasconcellos (2014) como características do Jornalismo de Dados, quais sejam: coleta de dados ou informações numéricas existentes em documentos virtuais em meio à web; organização e sistematização desses dados com uso de softwares e cálculos estatísticos; interpretação dos dados a fim de se encontrar os fatos relevantes à opinião pública; e a apresentação dos dados na forma de reportagens, notícias ou demais formatos jornalísticos, explorando o uso de infográficos e uma diversidade de elementos visuais.

Figura 6 - Reportagens publicadas pelo núcleo DeltaFolha



Fonte: Folha de São Paulo (2022).

Segundo as informações mais recentes disponibilizadas pelo jornal Folha de São Paulo por meio de seu site institucional, o periódico encerrou o ano de 2021 com circulação total (digital e impressa) em 366.089 exemplares diários pagos, conforme números auditados pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC). No site, a média mensal de páginas vistas, que refletem quanto de conteúdo foi consumido pelos leitores, ficou em 171,5 milhões, segundo a Comscore, empresa americana especializada em análise de tráfego. As visualizações acumuladas de janeiro a dezembro daquele ano ultrapassaram 2 bilhões. Em relação aos usuários únicos, a média mensal de 2021 ficou em 22,2 milhões²⁸.

O jornal é controlado pelo Grupo Folha, que se autointitula “um dos principais conglomerados de mídia do país”. Além do jornal impresso e do site, o grupo possui o instituto de pesquisas Datafolha, a agência de notícias Folhapress e o Centro Tecnológico Gráfico-Folha (CTG-F). Também é sócio da SPDL, empresa de distribuição e logística estabelecida com o jornal *O Estado de S. Paulo*. Há ainda participação minoritária, indireta e em ações sem direito a voto no Universo *online* (UOL), empresa brasileira de conteúdo, produtos e serviços de Internet. Em 2021, o jornal Folha de São Paulo completou 100 anos de existência, já tendo sido administrado por pelo menos quatro famílias de empresários.

O site, especificamente, foi criado em 1995 e é intitulado pelo grupo como “o primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa”, embora existam autores que delegam esse pioneirismo ao *Jornal do Brasil*, que ingressou na *web* em 28 de maio de 1995 (Barsotti, 2014; Soster, 2006). O site da Folha tem por objetivos “a criação, a produção e o desenvolvimento de conteúdo jornalístico, além de serviços, com destaque para áreas de interatividade [...] com a mesma qualidade histórica da Folha, seguindo os princípios editoriais: pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independente” (Folha De S.Paulo, 2021). Atualmente, faz a publicação de cerca de 160 notícias por dia.

5.3.1 Breve histórico e políticas editoriais

O marco inicial da atual Folha de São Paulo se deu em 1921, com a fundação do jornal Folha da Noite por Olival Costa, Pedro Cunha e um grupo de jornalistas egressos do jornal O Estado de São Paulo. Embora tenha sido bem recepcionado pela classe média urbana paulistana que emergia na época, sua proposta era a de atingir um público diverso e mais amplo do que a concorrência. Em 1925 o grupo societário lança o matutino Folha da Manhã, ampliando as tiragens e a periodicidade das publicações com dois jornais diários (Oliveira, 2012).

²⁸ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml?fill=5>>.

Já em 1931, os jornais são adquiridos por Octaviano de Lima, empresário membro de uma família ligada à produção e comercialização de café, o que fez com que o jornal adotasse uma linha editorial de defesa dos interesses dos cafeicultores paulistas. Em 1945 a organização é novamente vendida, desta vez para Alcides Ribeiro Meireles, Clovis Medeiros Queiroga e José Nabantino Ramos. O trio inovou ao implementar normas de trabalho e publicar o “Programa de Ação para as Folhas”, em 1948, no qual era conceituada a atividade do jornal em termos editoriais e empresariais (Oliveira, 2012).

Sob a gestão de Nabantino, a empresa criou um terceiro periódico em 1949, a Folha da Tarde, e em 1960 integrou os três diários em um só, o qual passou a ser chamado Folha de S. Paulo. Pouco depois, em 1961, uma greve de jornalistas acentuou a crise que abalava o sistema financeiro e administrativo do jornal, que precisou novamente ser vendido em 1962 (Oliveira, 2012).

Os compradores foram Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira, que assumiram o jornal em franca crise administrativa e financeira, mas dando continuidade à política editorial definida por Nabantino. O jornal inicialmente foi um apoiador do golpe militar ocorrido em 1964 — como a maior parte da grande imprensa brasileira — considerando que o modelo econômico defendido e adotado pelos militares favoreceu o crescimento das empresas de comunicação (Romancini; Lago, 2007).

Entre os anos 1968 e 1974 o jornal passou por um processo de modernização tecnológica que possibilitou a reorganização da estrutura do grupo. A partir daquele momento, a preocupação dos dirigentes voltou-se para a criação de princípios editoriais e de redação próprios. Em 1974, novas estratégias e metas passaram a ser implantadas, com o jornalista Cláudio Abramo como diretor da redação. Em 1977, a prisão do jornalista Lourenço Diaféria pelas Forças Armadas, à época um membro do corpo editorial do jornal, fez com que Octávio Frias de Oliveira decidisse por se afastar da presidência do grupo. A interferência do Exército também fez com que Cláudio Abramo fosse afastado da direção da redação (Oliveira, 2012).

A prisão de Diaféria, junto a casos de censura já sofridos, fez com que o jornal passasse a fazer “uma importante revisão de seus projetos, políticos principalmente” (Capelato, 2003, p. 41), afastando-se do antigo apoio ao governo militar e adotando gradualmente apoio à abertura política.

Em maio de 1978 foi criado o Conselho Editorial e, posteriormente, o documento “Levantamento de Pontos Indicativos de Posição Editorial e Avaliação Sintética do Movimento Político”. Como destaca Lins da Silva (2005), o texto não se referia diretamente ao jornal, mas foi capaz de constatar uma “tendência” editorial na Folha. O documento delegou ao Conselho

Editorial a tarefa de definir essa tendência com mais precisão, até que em 1981 é lançada a primeira versão do chamado Projeto Folha, projeto editorial próprio que explicitou os princípios norteadores nos quais a redação basearia a produção informativa, intitulado 'A Folha e alguns passos que é preciso dar'²⁹.

Aquilo que mais tarde seria conhecido como “Projeto Folha” começa a se delinear em papel no mês de junho de 1981, quando circula um documento do Conselho Editorial intitulado “A Folha e Alguns Passos Que É Preciso Dar” (Lins da Silva 2005, p. 76).

O documento abordava como o jornalismo da Folha deveria ser, afirmando que o “objetivo de um jornal como a Folha é, antes de mais nada, oferecer três coisas ao seu público leitor: informação correta, interpretação competente sobre essa informação e pluralidade de opiniões sobre os fatos” (Folha De S.Paulo, 1981).

Em 1984, Otávio Frias Filho assume a direção da redação e acelera a implantação dos princípios editoriais. Desde então, outros seis projetos foram publicados, com atualizações dos anteriores e estabelecimentos de novos princípios. Em maio daquele ano houve a publicação do Projeto ‘A Folha depois das Diretas-Já’³⁰, influenciada pelo movimento em prol da redemocratização e considerado o mais importante projeto, matriz do subsequentes. Em agosto do mesmo ano entrava em vigor o “Manual Geral da Redação”. Os dois documentos definem o modelo de jornalismo que a Folha tem procurado pôr em prática, “um jornalismo crítico, pluralista, moderno e apertidário”.

Em 1985, um novo documento é lançado, chamado apenas de ‘Novos rumos’³¹ passando a incluir os princípios de serviço público e didatismo à política editorial. Quanto ao didatismo, o projeto afirma ser “fundamental que os textos partam sempre do pressuposto de que o leitor não está familiarizado com o assunto e pode nunca ter lido sobre ele antes” (Folha De S.Paulo, 1985). Em 1986, o documento ‘A Folha em busca da excelência’ impõe a necessidade de se obter informações exclusivas, inéditas e de impacto. “É preciso que todos os esforços estejam mais voltados para a informação exclusiva, inédita, completa, exata, escrita de modo despojado e conciso, editada com inteligência, rapidez e audácia” (Folha De S.Paulo, 1986).

²⁹ Disponível em: <<https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projetos-editoriais-antiores/1981-a-folha-e-alguns-passos-que-e-preciso-dar.shtml>>.

³⁰ Disponível em: <<https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projetos-editoriais-antiores/1984-a-folha-depois-da-campanha-diretas-ja.shtml>>.

³¹ Disponível em: <<http://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projetos-editoriais-antiores/1985-novos-rumos.shtml>>.

A edição seguinte seria publicada em 1988, com o documento ‘A hora das reformas’, onde a direção do jornal explicita uma necessidade de impulsionar a produção jornalística num caminho de “criatividade, de sofisticação, de imaginação e de crítica levados a seu ponto extremo de inteligência e arte” (Folha De S.Paulo, 1988). Os novos desafios passam a ser a maior qualificação dos recursos de arte (mapas, infográficos, quadros, etc), estimular a especialização jornalística e investir numa máxima diferenciação de enfoques em cada caderno.

A sexta edição do Projeto Folha só viria nove anos depois, em 1997, com a publicação ‘Caos da informação exige jornalismo mais seletivo, qualificado e didático’. A nova edição destacava a necessidade de combater acusações ligadas à superficialidade e o jornalismo invasivo e pessimista. Como princípios estabelecidos, se impõe o dever de publicar matérias mais compreensíveis “em seus nexos e articulações, exatamente para garantir seu trânsito em meio à heterogeneidade de um público fragmentário e dispersivo” (Folha De S.Paulo, 1997).

A edição mais recente do Projeto Folha é de 2017, intitulada ‘Jornalismo profissional é antídoto para notícias falsas’, a qual, segundo o próprio periódico, atualizou compromissos da Folha em uma “era de mudança de hábitos dos leitores”. Entre as alterações do projeto, está a divulgação de uma lista de “12 princípios que sintetizam os compromissos editoriais, políticos e éticos” do veículo, que são:

1. Confirmar a veracidade de toda notícia antes de publicá-la
2. Praticar um jornalismo que ofereça resumo criterioso e atualizado do que acontece de mais relevante em São Paulo, no Brasil e no mundo, com ênfase na obtenção de informações exclusivas
3. Priorizar temas que, por afetarem a vida da coletividade ou de parcelas expressivas da população, sejam considerados de interesse público
4. Promover os valores do conhecimento, da solução pacífica dos conflitos, da livre-iniciativa, da equalização de oportunidades, da democracia representativa, dos direitos humanos e da evolução dos costumes
5. Abordar os assuntos com disposição crítica e sem tabus, no intuito de iluminar problemas, apontar falhas e contradições, questionar as autoridades públicas e os poderes privados, sem prejuízo de buscar conteúdos proveitosos ou inspiradores
6. Cultivar a pluralidade, seja ao divulgar um amplo espectro de opiniões, seja ao focalizar mais de um ângulo da notícia, sobretudo quando houver antagonismo entre as partes nela envolvidas; registrar com visibilidade compatível pontos de vista diversos implicados em toda questão controvertida ou inconclusa
7. Obrigá-lo a ponderar os argumentos da parte acusada e, publicando uma acusação, garantir espaço ao contraditório
8. Manter atitude apartidária, desatrelada de governos, oposições, doutrinas, conglomerados econômicos e grupos de pressão
9. Preservar o vigor financeiro da empresa como esteio da independência editorial e garantir que a produção jornalística tenha autonomia em relação a interesses de anunciantes; assegurar, na publicação, características que permitam discernir entre conteúdo jornalístico e publicitário

10. Estabelecer distinção visível entre material noticioso, mesmo que permeado de interpretação analítica, e opinativo
11. Rechaçar censura e outras agressões à liberdade de expressão, reconhecendo, no caso de abuso comprovado dessa liberdade, a responsabilização posterior dos autores, nos termos da lei
12. Identificar e corrigir com destaque erros de informação cometidos; publicar manifestações de crítica ao próprio jornal; manter mecanismos transparentes de autocontrole e correção (Folha De S.Paulo, 2017).

De acordo com a divulgação, o jornal mantém uma perspectiva liberal diante da economia, da política e dos costumes, onde, entre os princípios de destaque estão: confirmar a veracidade de toda notícia antes de publicá-la; priorizar temas que afetem a vida da coletividade ou de parcelas expressivas da população; abordar os assuntos com disposição crítica e sem tabus; cultivar a pluralidade de lados e manter atitude apartidária e identificar e corrigir com destaque erros de informação cometidos (Folha De S.Paulo, 2017).

5.3.2 A Folha e a preocupação com a estética

Um ponto de necessário destaque e que conflui com um dos temas deste trabalho é a respeito da preocupação — pioneira, há que se dizer — do jornal com relação a aspectos estéticos e iconográficos. Logo na primeira versão do Manual Geral da Redação, de 1984, a política editorial já dizia que “tudo o que puder ser dito sob a forma de mapa, gráfico ou tabela não deve ser dito sob a forma de texto” (Folha De S.Paulo, 1984). Conforme defendido no Projeto de 1988:

Fomos pioneiros na valorização desses recursos. Eles ocupam hoje uma posição de destaque no conjunto de cada edição da Folha e são reconhecidos como instrumento altamente eficaz para tornar a leitura dos jornais mais atraente, mais rápida e mais proveitosa. Foi à custa de muito esforço que esses recursos se impuseram e hoje aparecem ao lado dos textos, em pé de igualdade com eles –mas ainda fracamente integrados a eles. Os recursos de arte não constituem apenas um complemento do texto; devem formar um todo com ele e a preocupação do arte-finalista com a reportagem deve ter por contrapartida uma idêntica preocupação do jornalista com o aproveitamento ao menos de parte das informações que ele apurou sob a forma de tabelas, quadros, gráficos etc. (Folha De S.Paulo, 1988).

Aqui fica evidente a semelhança entre as práticas do Jornalismo de Dados, com a construção de recursos visuais como gráficos e mapas atrativos e informativos em meio ao jornalismo *online*, com o que já era uma preocupação editorial do jornal impresso da Folha, ainda em 1984. O documento chega a dizer que “mais do que nunca é necessário investir, agora, na qualidade do acabamento e na eficácia da concepção dos nossos mapas e quadros, que são tantas vezes deficientes” (Folha De S.Paulo, 1988).

6 ANÁLISE DE CONTEÚDO DA PRODUÇÃO DO *DELTA*FOLHA

Definidos a abordagem, o método e os instrumentos de pesquisa, cabe neste momento estabelecer o percurso para construção da análise propriamente dita. Conforme observa Bardin (1977, p. 95), a realização de uma Análise de Conteúdo ocorre em torno de três polos cronológicos, sendo eles: 1) a pré-análise, 2) a exploração do material, e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

6.1 Pré-análise - definição do *corpus*

No primeiro passo, a pré-análise, convém inicialmente estabelecer critérios para a construção do *corpus* de pesquisa. Como observado por Bardin (1977, p. 96-97), “o *corpus* é o conjunto dos documentos a serem submetidos aos procedimentos analíticos e sua constituição implica, muitas vezes, escolha, seleções e regras”.

Como destacado pela autora, a constituição do *corpus* deve seguir critérios justificáveis e de verificável rigor metodológico, nos quais não se admitem recortes ou escolhas baseadas em decisões arbitrárias, ou demasiadamente subjetivas. Na produção de uma Análise de Conteúdo recomenda-se seguir, segundo Bardin (1977), regras de seleção para a constituição do *corpus*.

A primeira é a regra da exaustividade, na qual se afirma que, após definidos os temas, os gêneros e o período de tempo que irão balizar o levantamento do *corpus*, será necessário analisar todos os documentos existentes neste recorte. Isso significa que, nas palavras de Bardin (1977, p. 97), “não se pode deixar de fora qualquer um dos elementos por esta ou por aquela razão (dificuldade de acesso, impressão de não interesse), que não possa ser justificável no plano do rigor”.

Já a regra de representatividade destaca que, não sendo possível pesquisar todo o universo amostral, este pode ser reduzido em uma amostra, desde que sejam respeitadas e representadas as nuances do universo. Uma amostra apresentará fidedignidade se, ao se olhar para seus elementos, o analista puder supor com razoável precisão as características e especificidades do universo pesquisado. Neste sentido, um universo heterogêneo exigirá uma amostra maior que um universo homogêneo. A amostragem pode ser feita pelo analista através do acaso (amostragem definida por sorteio) ou por quotas (reduzindo-se em proporções as frequências heterogêneas das características de um universo).

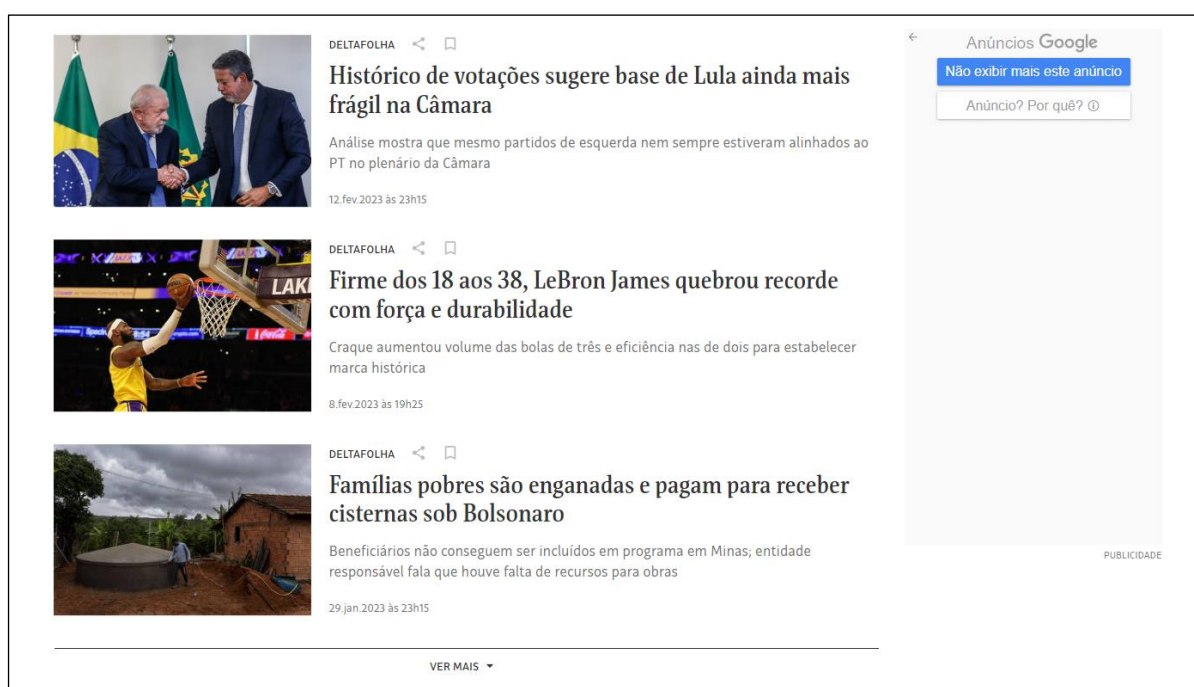
A chamada regra da homogeneidade diz que os documentos levantados e submetidos a recorte pelo analista devem ser homogêneos entre si e entre os critérios utilizados para selecioná-los. Por fim, ainda deve-se observar a regra da pertinência. Mais autoexplicativa, esta

regra afirma que os documentos que vierem a fazer parte do *corpus* deverão ser adequados como fontes de informação para a análise em questão, de forma que possibilitem o alcance de respostas para as questões levantadas.

Se, como já explicitado, o objeto desta pesquisa é o núcleo DeltaFolha, o *corpus* implica ser um conjunto razoável de matérias, entre notícias e reportagens, produzidas pelos jornalistas de dados integrantes do núcleo. Essas matérias deveriam ser extraídas pelo pesquisador para posterior análise das características dos textos jornalísticos, ou melhor, das características da produção.

Partiu-se então para a página do DeltaFolha dentro do site do jornal Folha de São Paulo, onde foi avaliada a viabilidade de se extrair os textos. Ao se defrontar com o arquivo de matérias do núcleo, ou seja, o conjunto de matérias publicadas das mais recentes para as mais antigas, foi possível constatar que o número de textos armazenados era limitado a 100. A página inicialmente apresenta as 10 matérias mais recentes publicadas e também a opção de “Ver mais”, como apresentado na Figura 7. Ao selecionar esta opção algumas vezes, chega-se ao limite de 100 matérias armazenadas, não sendo possível acessar e nem ler publicações mais antigas.

Figura 7 - Página de matérias no DeltaFolha



Fonte: Núcleo DeltaFolha, jornal Folha de São Paulo (2023).

A quantidade de matérias disponíveis, porém, foi considerada insatisfatória para a pesquisa. Por isso, buscou-se formas de se ter acesso aos textos mais antigos, de forma a

alcançar uma quantidade de matérias mais expressiva e representativa para o *corpus* da pesquisa. A saída encontrada foi buscar o auxílio da *Wayback Machine*³², ferramenta virtual que oferece a capacidade de recuperar o conteúdo histórico de diferentes sites. O recurso é mantido pela organização sem fins lucrativos *Internet Archive*, com sede nos Estados Unidos, e existe desde 2001. Segundo o informe mais recente da *Internet Archive*, a ferramenta já fez a varredura e o arquivamento de aproximadamente 801 bilhões de páginas de todo o mundo³³.

Como relata Arora *et al.* (2015, p. 1), o “*Wayback Machine* oferece uma valiosa fonte de dados em larga escala para analisar informações da *web* ao longo do tempo”. Através dele, usuários ou pesquisadores podem visualizar a versão original de cada site, assim como as datas e conteúdos de atualizações posteriores. Para isso, basta digitar ou colar o *link* (ou URL) do site desejado na caixa de endereço da página inicial da ferramenta. O *Wayback Machine* então retorna a data de criação do site original, o número e as datas em que foram feitas varreduras e arquivamentos do site, assim como os *links* para o acesso das versões arquivadas.

Ao observarem o aumento de pesquisas das Ciências Sociais que utilizavam a *Wayback Machine* como fonte de dados, Murphy, Hashim e O’Connor (2008) buscaram testar a validade (ou fidedignidade) de três medidas fornecidas pela ferramenta: as páginas da *web* arquivadas, a idade do site pesquisado e as atualizações do respectivo site. Os autores observaram que, apesar da ferramenta ter limitações, por exemplo, ter dificuldade para arquivar sites dinâmicos ou protegidos por senha, os testes “mostraram validade de conteúdo para três medidas — conteúdo do site, idade do site e número de atualizações — bem como validade preditiva, nomológica e convergente para a idade e número de atualizações do site”³⁴ (Murphy; Hashim; O’Connor, 2008, p. 70, tradução nossa).

Finalmente, agora que a *Wayback Machine* parece validada como uma ferramenta de pesquisa viável, surge uma gama interessante de possibilidades de pesquisa. Os pesquisadores agora podem ter mais confiança nos dados gerados pela ferramenta e podem incorporar esses dados em suas pesquisas [...] Conforme sugerido em outra parte deste artigo, o WM facilita os estudos de desenvolvimento de sites ao longo do tempo (Murphy; Hashim; O’Connor, 2008, p. 7, tradução nossa).

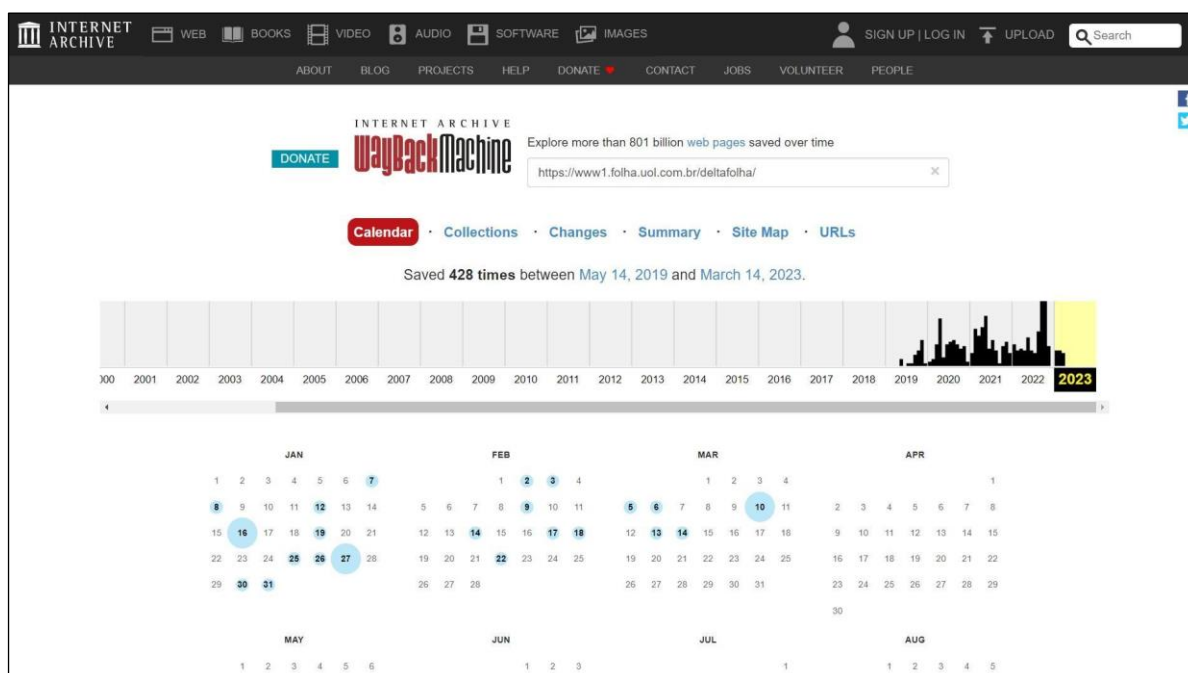
³² Disponível em: <<http://web.archive.org/>>.

³³ Número de páginas da *web* salvas relatadas em <<https://archive.org/web/>> — acessado em 16 de março de 2023. Mais informações sobre a história e operação do *Internet Archive* e *Wayback Machine* disponíveis em <<https://archive.org/about/>>.

³⁴ Although the Wayback Machine has limitations such as not indexing some websites, the results of this study showed content validity for three WM measures — website content, website age, and number of updates — as well as predictive, nomological, and convergent validity for website age and number of website updates (MURPHY; HASHIM; O’CONNOR, 2008).

Desta forma, a utilização da *Wayback Machine* como ferramenta validada possibilitaria o acesso e a extração de matérias antigas, que já não eram apresentadas na página do núcleo. Ao inserir o link <<https://www1.folha.uol.com.br/deltafolha/>> na ferramenta, foi possível ter acesso a uma *timeline* de todas as vezes em que foi feita uma varredura dos textos publicados pelo DeltaFolha. A varredura mais antiga data de 14 de maio de 2019, sendo que, a partir de então, foram feitas outras 441 varreduras até o mês de março de 2023 (mês em que foi iniciada a extração de matérias para formação do *corpus*), como apresentado na Figura 8.

Figura 8 - Página inicial da *Wayback Machine*



Fonte: *Wayback Machine* (2023).

Ao acessar a versão mais antiga arquivada, o pesquisador ainda pôde fazer uso do recurso “Ver mais”. Retrocedendo cada vez mais nas matérias publicadas, chegou-se à matéria mais antiga a qual foi possível ter acesso, publicada em 14 de janeiro de 2018, como mostrado na Figura 9.

Com isso, foi possível ter acesso a todas as notícias e reportagens do núcleo de Jornalismo de Dados publicadas a partir de então. Entre o dia 14 de janeiro de 2018 e o mês de março de 2023 foram publicadas 499 matérias, quantidade agora expressiva e representativa, tanto no aspecto quantitativo quanto temporal. Esses textos passaram a ser considerados o universo amostral.

Figura 9 - Matérias mais antigas do DeltaFolha acessadas por meio do *Wayback Machine*



Fonte: *Wayback Machine* (2023).

O universo amostral, porém, não pode ser considerado o *corpus* da pesquisa. Isso porque, se uma quantidade muito pequena de textos pode ser pouco representativa, um universo muito grande também inviabiliza a realização da análise. Outro ponto levado em consideração foi que nem todos os textos ali presentes poderiam ser do núcleo. Em algum momento do passado a página acessada poderia ter sido usada para abrigar textos de outras editorias do jornal. Algum recorte não-subjetivo deveria ser feito para a constituição de uma quantidade adequada de textos a serem analisados, e que fossem exclusivos do núcleo DeltaFolha.

Partiu-se então para a leitura “flutuante” das matérias, considerada por Bardin (1977) outra tarefa a ser feita na etapa de pré-análise. Nesta leitura, é estabelecido o primeiro contato com os documentos que poderão ser investigados, deixando-se invadir por impressões e orientações. Nesse processo, surgiram as primeiras considerações a respeito dos textos e das técnicas que deveriam ser empregadas na pesquisa.

Com a leitura “flutuante”, foi possível encontrar um importante crivo que serviu de baliza para o *corpus*, a saber, a data na qual a editoria que reunia diferentes jornalistas de dados do jornal foi batizada de “DeltaFolha”.

Na matéria de número 413 (da mais recente para a mais antiga publicada), intitulada “Analisar e categorizar ideologicamente mais de um milhão de perfis do Twitter é algo

ambicioso”³⁵ e publicada no dia 13 de maio de 2019, o jornalista Fábio Takahashi anuncia a criação do ‘GPS Ideológico’, ferramenta desenvolvida com programação e capaz de analisar ligações de milhões de perfis no *Twitter* para posicioná-los ideologicamente. Ao final do texto o jornalista anuncia que “a ferramenta marca o lançamento do novo nome da equipe de jornalismo de dados da Folha, agora chamada de ‘DeltaFolha’”, dando a entender que foi ali o nascimento do núcleo.

O fato é corroborado por outro anúncio, feito poucos dias antes no perfil oficial do DeltaFolha no *Twitter*. Com o nome de usuário @DeltaFolha³⁶, a primeira publicação do perfil foi feita no dia 8 de maio 2019, na qual, assim como na matéria citada, é divulgado o lançamento do novo nome do núcleo de jornalismo de dados do jornal³⁷, como mostrado na Figura 10.

Figura 10 - Perfil do DeltaFolha no Twitter



Fonte: Perfil do DeltaFolha no Twitter (2019).

³⁵ Disponível para acesso em: <<https://www1.folha.uol.com.br/deltafolha/2019/05/analisar-e-categorizar-ideologicamente-mais-de-um-milhao-de-perfis-do-twitter-e-algo-ambicioso.shtml>>.

³⁶ Disponível para acesso em: <<https://twitter.com/DeltaFolha>>.

³⁷ Disponível para acesso em: <<https://twitter.com/DeltaFolha/status/1126259039267164162>>.

Os dois anúncios possibilitaram concluir que, embora não se possa precisar o dia exato do início dos trabalhos do DeltaFolha, foi a partir da primeira quinzena de maio de 2019 que o núcleo teve seu lançamento oficial. Como a pesquisa se propõe a analisar especificamente a produção do núcleo DeltaFolha, e não todos os trabalhos envolvendo Jornalismo de Dados que o jornal já tenha feito, parece um crivo razoável incluir no *corpus* somente as notícias e reportagens produzidas a partir desse anúncio de lançamento.

Assim, ficou definido que o *corpus* seria constituído por todas as matérias produzidas e publicadas entre 13 de maio de 2019 e 28 de fevereiro de 2023. Com os critérios estabelecidos, chegou-se ao número total de 412 matérias publicadas³⁸. Prosseguiu-se, então, para o próximo procedimento dentro da etapa de pré-análise, a saber, a preparação do material. Este é o momento em que documentos que serão investigados passam por preparação material ou mesmo formal (edição). Como menciona Bardin (1977), a preparação do material envolve, a depender da pesquisa: a transcrição de entrevistas, mantendo as gravações originais conservadas em local seguro; o recorte de textos da imprensa, se de mídia impressa, ou a cópia na íntegra, se de mídia online, igualmente mantendo sua conservação.

Todas as 412 matérias foram catalogadas manualmente em uma planilha, na qual foi descrito a ordem de publicação, o título, a data de publicação, o *link* de acesso, a editoria a qual pertencia, se possui mais de 10 comentários de leitores, a quantidade exata e o *link* específico de acesso aos comentários. A tabela completa de catalogação das matérias do *corpus* se encontra no Apêndice A deste trabalho.

Um *script* computacional foi desenvolvido em linguagem de programação Python para extrair e acomodar em um arquivo do tipo texto (.txt) todo o conteúdo das matérias catalogadas, material que posteriormente seria usado na análise. Decidiu-se por extrair os textos completos, as infografias e visualizações, além dos comentários feitos pelos leitores em cada matéria que constituiu o *corpus*. O processo de extração ocorreu por meio de técnicas de *web scraping*, com posterior armazenamento em arquivos de texto (.txt), documento do *Microsoft Word* (.docx), em planilhas do *Microsoft Excel* (.xlsx) e arquivo de dados estruturados (.json).

Conforme Mitchell (2019), *web scraping* significa a coleta de dados da Internet de forma automatizada. O conceito não é novo, já tendo sido chamado de *screen scraping*, *web harvesting*, ou sendo confundido com conceitos parecidos, como *data mining*. Geralmente, o *web scraping* é realizado por meio de “um programa automatizado que consulta um servidor

³⁸ O número exato foi 416 matérias, mas quatro destas eram republicações literais em espanhol e inglês de matérias originalmente em português. Por serem apenas republicações e por não possuírem a opção de comentários de leitores, como as matérias originais, decidiu-se por excluí-las do *corpus*.

web, requisita dados, (em geral, na forma de HTML e de outros arquivos que compõem as páginas *web*) e então faz *parse*³⁹ desses dados para extrair as informações necessárias” (Mitchell, 2019, p. 20). Deste modo, a posse da planilha de catalogação e a extração de todas as informações contidas nas matérias possibilitaram a verificação das primeiras características do *corpus*.

Antes de passar para a próxima etapa da Análise de Conteúdo, com a exploração do material e construção de categorias analíticas, um último movimento feito em meio à pré-análise foi a definição de índices e de indicadores para a pesquisa. Afirma Bardin (1977, p. 99-100) que ao se considerar “os textos como uma manifestação contendo índices [vestígios] que a análise vai fazer falar, o trabalho preparatório será o da escolha destes — em função das hipóteses, caso elas estejam determinadas — e sua organização sistemática em indicadores”.

Por exemplo: supõe-se que a emoção e a ansiedade se manifestam por perturbações da palavra durante uma entrevista terapêutica. Os índices retidos (“Hã”, frases interrompidas, repetição, gaguez, sons incoerentes...) e a sua frequência de aparição, vão servir de indicador do estado emocional subjacente (Bardin, 1977, p. 100).

Conforme apresentado anteriormente, o trabalho se propôs a caracterizar as dinâmicas de produção de matérias baseadas em dados do núcleo DeltaFolha e compreender de que forma elas se relacionam com os pilares da credibilidade jornalística. Segundo o que foi discutido ao longo da fundamentação teórica, alcançar tal objetivo significa entender como os textos produzidos pelo núcleo constroem dispositivos capazes de fazer apelos a ‘verdades factuais’. Ou ainda, como as narrativas jornalísticas levam o público leitor a perceber credibilidade naquilo que é lido por meio de instrumentos que atestem a correspondência aos fatos.

Para a definição dos índices e dos indicadores usados na Análise de Conteúdo, foi necessário fazer uma importante ressalva. Estudar como o Jornalismo de Dados pode “interferir nos pilares da credibilidade de um jornal” exige uma metodologia muito mais ampla e complexa do que uma Análise de Conteúdo. Isso porque esse tipo de análise trabalha no plano textual (e numérico), mas como apontado na fundamentação teórica, as ideias de credibilidade nas vertentes constituída e percebida compreendem questões que extrapolam esses planos. Como visto, credibilidade envolve fatores que se relacionam aos capitais cultural e social do jornal e dos jornalistas, fatores estes que não podem ser mensurados, ao menos nas condições de construção desta pesquisa.

³⁹ Em programação, *parse* significa uma análise sintática de uma quantidade de símbolos em alguma linguagem. O programa automatizado interpreta um conjunto de caracteres, fazendo com que seu conteúdo seja lido e interpretado corretamente, por exemplo, diferenciando palavras de números.

A produção textual e o domínio de técnicas específicas do Jornalismo de Dados, esses sim, aspectos mensuráveis pela Análise de Conteúdo, aparentam ser apenas frações do capital cultural dos jornalistas, de forma que não podem ser considerados os únicos fatores para construção ou modificação do capital simbólico de credibilidade de uma organização.

Levando esses pontos em consideração, a definição dos índices e indicadores de análise por parte do analista, assim como a Análise de Conteúdo propriamente dita, teve tão somente o objetivo de apontar tendências construídas pela produção textual do DeltaFolha, tendências essas que coincidiram ou não com as práticas descritas como benéficas à credibilidade da imprensa (ou melhor, práticas benéficas à percepção de ‘verdade factual’), como as abordadas por diferentes autores ao longo da fundamentação teórica.

Feita a ressalva, alguns índices foram listados a partir de Charaudeau (2019), que discorre sobre o contrato de comunicação das mídias e as estratégias usadas por jornalistas para gerar efeito de verdade; de Guerra (2008), que debate a correspondência aos fatos como o imperativo ético fundante do jornalismo, e dos potenciais próprios do Jornalismo de Dados.

Tabela 1 - Índices geradores de efeitos de verdade

Charaudeau (2019)	1. Razões pelas quais uma informação foi veiculada, de forma a fazer o público saber de direitos, deveres, da organização política, etc. a. Se pedida, o solicitante atribui ao informador um saber e uma competência; b. Se não pedida, há a ideia de gratuidade altruística ou de missão intelectual. 2. Posição social do informador: a. Informadores com maior notoriedade têm também maior autoridade; b. Informadores como testemunhas pessoais dos fatos e acontecimentos; c. Informadores plurais reproduzindo uma mesma informação geram efeito de confirmação pelo consenso; d. Informadores se apresentam como organismos especializados no ato de informar; e. Informadores apresentam diferentes graus de engajamento: desengajado, onde a informação é dada como evidente e objetiva; engajado, apostando a credibilidade pessoal no valor de verdade da informação; e engajado cético, gerando confiança por sua posição de prudência e ponderação sobre a informação. 3. Recurso a provas objetivas que atestem o que é dito: a. Autenticidade, por meio da apresentação de documentos, objetos e imagens que funcionam como prova concreta; b. Verossimilhança, por meio da reconstituição dos fatos com uso de sondagens, testemunhos e investigação;
-------------------	--

	c. Explicação, elucidando o porquê dos fatos por meio da palavra de especialistas, peritos e intelectuais, mas também entrevistas, interrogatórios, confrontos e debates
Guerra (2008)	1. Objetividade, indo além do caráter estilístico definido pelo <i>lead</i> e a pirâmide invertida, alcançando metodologicamente: a. a intenção do repórter, compelido pela íntima e sincera vontade de ser objetivo e de não se deixar influenciar pelas próprias opiniões; b. o rigor nos procedimentos de apuração, utilizando procedimentos de observação direta dos fatos, entrevistas e pesquisas documentais; c. a redação da notícia, com domínio da linguagem usada (textual ou imagética), das convenções textuais jornalísticas e dos conceitos específicos da área temática noticiada. 2. Neutralidade, sendo dever do jornalista estar imune às pressões que o afastem da correta investigação dos fatos, não podendo se prender a interesses emotivos, financeiros, políticos, etc. 3. Imparcialidade, com o informador adotando uma postura ética de não tomar partidos entre os interessados, recorrendo a: a. Apresentação dos argumentos conflitantes; b. Garantia de espaço igualitário aos interessados; c. Garantia de acessos iguais entre as partes envolvidas.
Estratégias específicas do Jornalismo de Dados	1. Reportagens baseadas em dados com a capacidade de transmitir informação credível, mas também interessante e atrativa. a. O uso de visualizações, gráficos e infografias possibilita uma entrega visualmente atrativa e cativante, comunicando à razão e também à emoção. 2. Uso dos métodos e da transparência científica e, portanto, da confiança e autoridade que as ciências possuem. a. O Jornalismo de Dados recorre a uma objetividade disciplinar, capaz de criar consenso a partir do conhecimento científico gerado. Também proporciona replicabilidade transpessoal, como forma de permitir a existência de uma verdade verificável. 3. Capacidade de promover o acesso à informação de interesse público proveniente de dados governamentais. a. Reportagens baseadas em dados promovem a compreensão de dados públicos de forma a demandar um baixo custo cognitivo, ou seja, de fácil compreensão, facilitando assim a participação cívica e a promoção de <i>accountability</i> político.

Fonte: Elaboração do autor (2023).

Uma vez definidos os índices, estes não foram considerados absolutos. Isso porque o processo de análise é itinerante, estando aberta a possibilidade de outros índices surgirem durante o contato direto do analista com o *corpus*. Por sua vez os indicadores de análise foram

estabelecidos como sendo: (1) frequência de aparição dos índices (regularidade), verificada quando diferentes unidades de análise apresentam índices parecidos ou repetidos; (2) a contradição entre diferentes índices (discrepância), verificada quando uma unidade de análise apresenta algo que destoa da maioria das outras unidades; e (3) a transgressão/descumprimento dos índices.

6.1.1 Primeiras impressões

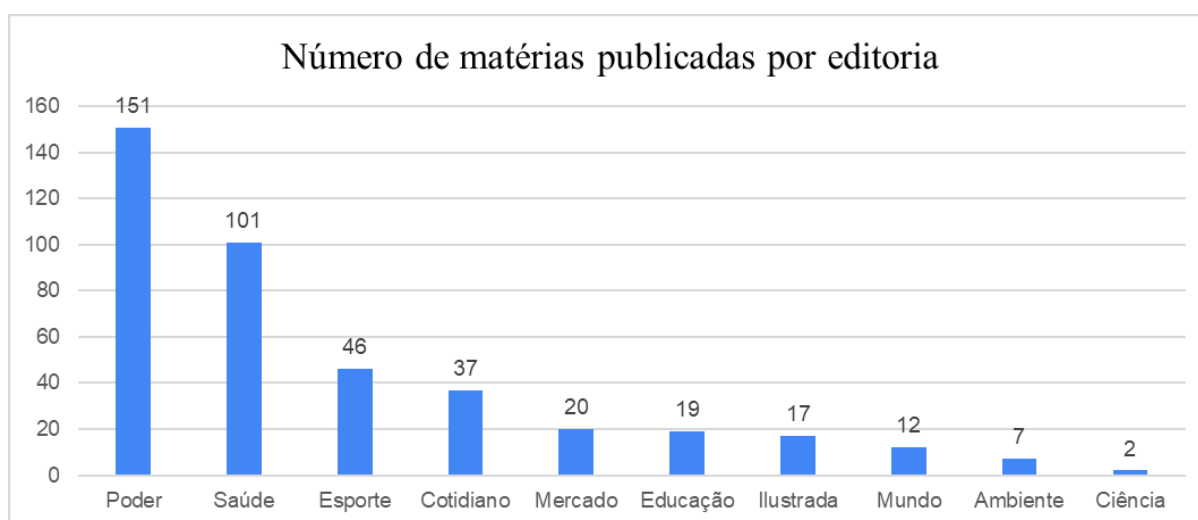
O primeiro ponto observado é com relação às editoriais das matérias. Editorial representa o tema central do qual aquele texto discorre. No caso das notícias e reportagens publicadas pelo DeltaFolha, essas editoriais são apresentadas no canto superior esquerdo da página, logo acima do título da matéria, e também na URL⁴⁰ (ou *link*) de acesso à página. Foram identificadas 10 editoriais, descritas a seguir, junto aos principais temas identificados durante a leitura flutuante:

- **Poder** - engloba reportagens com dados relacionados à política, eleições e candidatos; integrantes e questões relacionadas aos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário; diversidade étnica de eleitos, etc.
- **Saúde** - saúde pública; dados sobre vacinação e contaminados pela Covid-19, etc.
- **Esporte** - esportes em geral; futebol; jogadores profissionais; times e seleções da Copa do Mundo; Olimpíadas e conquistas de medalhas, etc.
- **Cotidiano** - empregos; moradia; concentração de renda; Enem e vestibulares; violência urbana; trânsito; imigração; registros de doenças; eventos; clima e meteorologia, etc.
- **Mercado** - economia; comércio varejista e atacado; Black Friday; mercado de trabalho e greves; reforma trabalhista; habitação e construção civil; aviação civil; demografia do Brasil e Censo demográfico.
- **Educação** - ensino e estudantes de escolas; creches; ensino médio; vestibulares; SiSU e reserva de cotas; resultados do Enem; diversidade étnica nas escolas.
- **Ilustrada** - música; ritmos e artistas brasileiros; cinema; festivais e premiações de filmes; redes de *streaming*; Carnaval.
- **Mundo** - eleições no exterior; casos de Covid-19 em países do mundo.
- **Ambiente** - multas ambientais; Amazônia Legal; política e legislação ambiental.
- **Ciência** - pesquisas sobre racismo e dados sobre Covid-19.

⁴⁰ Sigla para *Uniform Resource Locator*. Pode ser traduzido para o português como Localizador Uniforme de Recursos.

A maioria dos textos se agrupam nas editorias de **Poder** (151 matérias ou 36,6%) e em **Saúde** (101 matérias ou 24,5%), seguidas pela editoria de **Esportes** (46 matérias ou 11,1%). Na sequência vem: **Cotidiano** (37 matérias), **Mercado** (20 matérias), **Educação** (19 matérias), **Ilustrada** (17 matérias), **Mundo** (12 matérias), **Ambiente** (7 matérias) e **Ciência** (2 matérias).

Gráfico 2 - Número de matérias por editoria

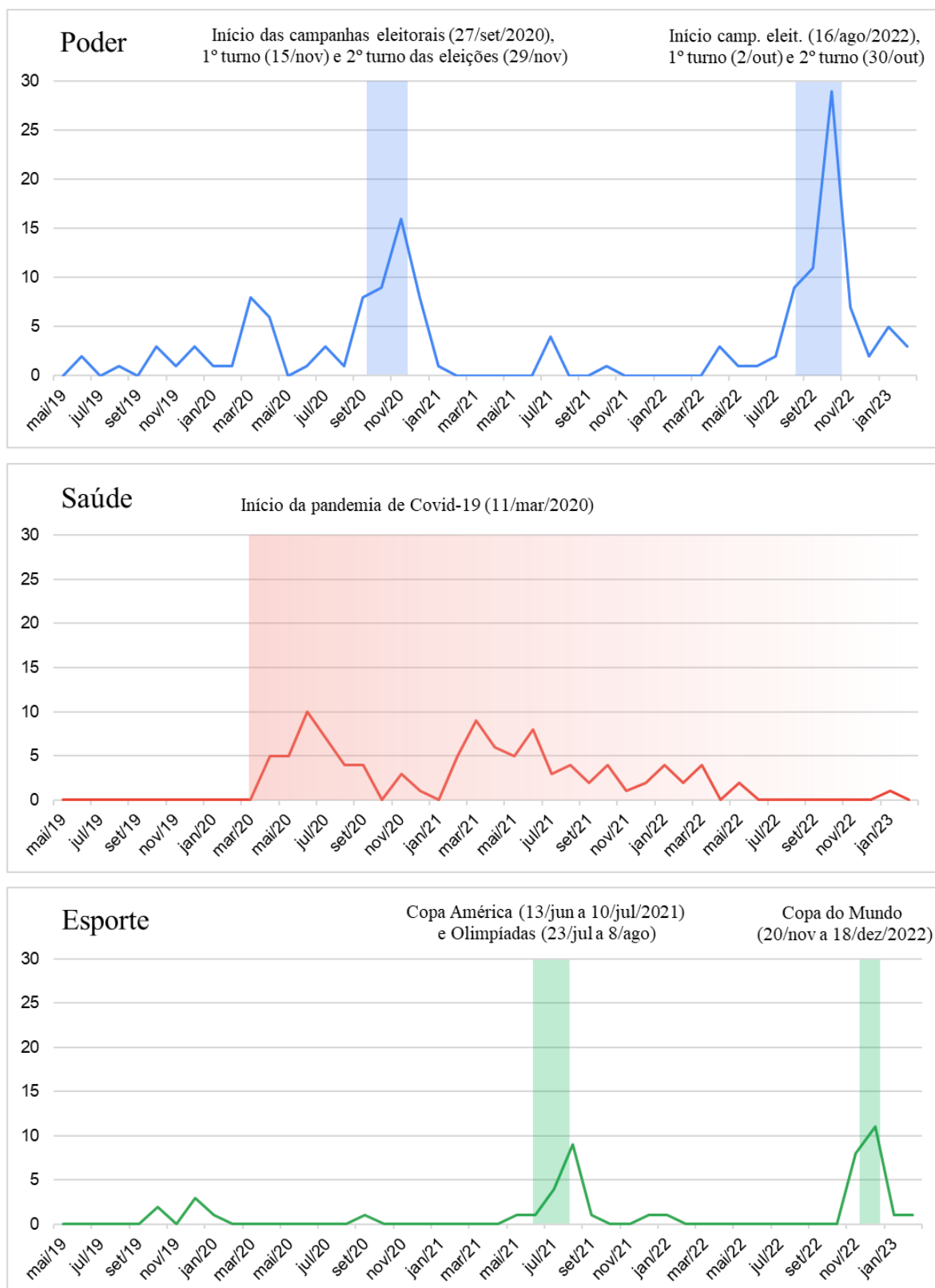


Fonte: Elaboração do autor (2023).

Nesse ponto, é interessante notar que grandes eventos relacionados às editorias com maiores números de publicações (**Poder**, **Saúde** e **Esporte**) ocorreram nos quase quatro anos que compõem o *corpus*. Por exemplo, no que diz respeito à editoria Poder, houve duas eleições entre os anos de 2019 e 2023, as municipais em 2020 e as estaduais, distrital e nacional em 2022. Quanto à Saúde, houve a pandemia de Covid-19, que afetou todo o mundo. Relacionado à Esportes, houve a Copa América e Olimpíadas de Tóquio 2020, celebrada entre julho e agosto de 2021, e a Copa do Mundo FIFA de futebol em 2022.

O destaque quantitativo destas editorias pode sugerir que a produção de matérias e reportagens do núcleo é influenciada por grandes eventos nacionais e internacionais. Essa hipótese ganha força ao se observar os gráficos temporais, nos quais os picos de produção de matérias destas três editoras coincidem com os eventos.

Gráfico 3 - Quantidade de matérias produzidas nas editorias Poder, Saúde e Esporte



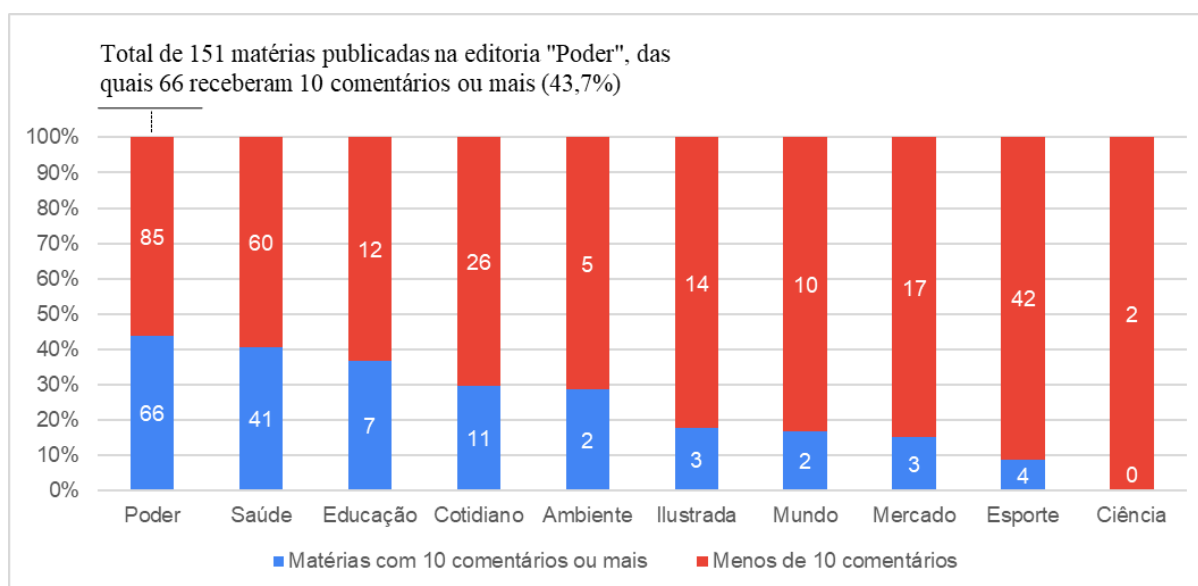
Fonte: Elaboração do autor (2023).

Outro ponto observado foi com relação aos comentários feitos pelos leitores. Em todas as 412 matérias foram feitos 5.126 comentários, uma média de 12,4 comentários por matéria. Analisando-se a recepção dos leitores por editoria, foi possível notar que **Poder** e **Saúde**

novamente se destacam, sendo as editorias com o maior número total de comentários recebidos (Poder = 2.662 e Saúde = 1.387) e a maior média de comentários por matéria (Poder = 17,6 e Saúde = 13,7). Isso pode sugerir um maior interesse dos leitores por matérias relacionadas a esses temas.

Também foi observado quais editorias costumavam receber dez comentários ou mais por matéria, ou seja, quais editorias tinham a tendência de gerar maior engajamento nos leitores.

Gráfico 4 - Engajamento dos leitores por editoria



Fonte: Elaboração do autor (2023).

Uma outra técnica utilizada para verificar as características gerais do *corpus* foi a análise por meio de mineração de dados, utilizando a técnica de classificação, a partir do método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) com apoio do *software* IRaMuTeQ.

Criado em 2009, o IRaMuTeQ (sigla para *Interface em R para Análise Multidimensional de Textos e Questionários*) é um *software* gratuito de código-fonte aberto utilizado no estudo das Ciências Humanas e Sociais. O programa viabiliza diferentes tipos de análise de dados textuais, desde as mais simples, como a lexicografia básica com cálculo de frequência de palavras, até análises multivariadas, como a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e análises de similitude.

Inicialmente, um *script* computacional foi desenvolvido para extrair o conteúdo das notícias a partir dos links. O referido *script* implementa técnica *webscraping*, que consiste em extrair dados de sites da *web* e convertê-los para a forma estruturada, facilitando a análise.

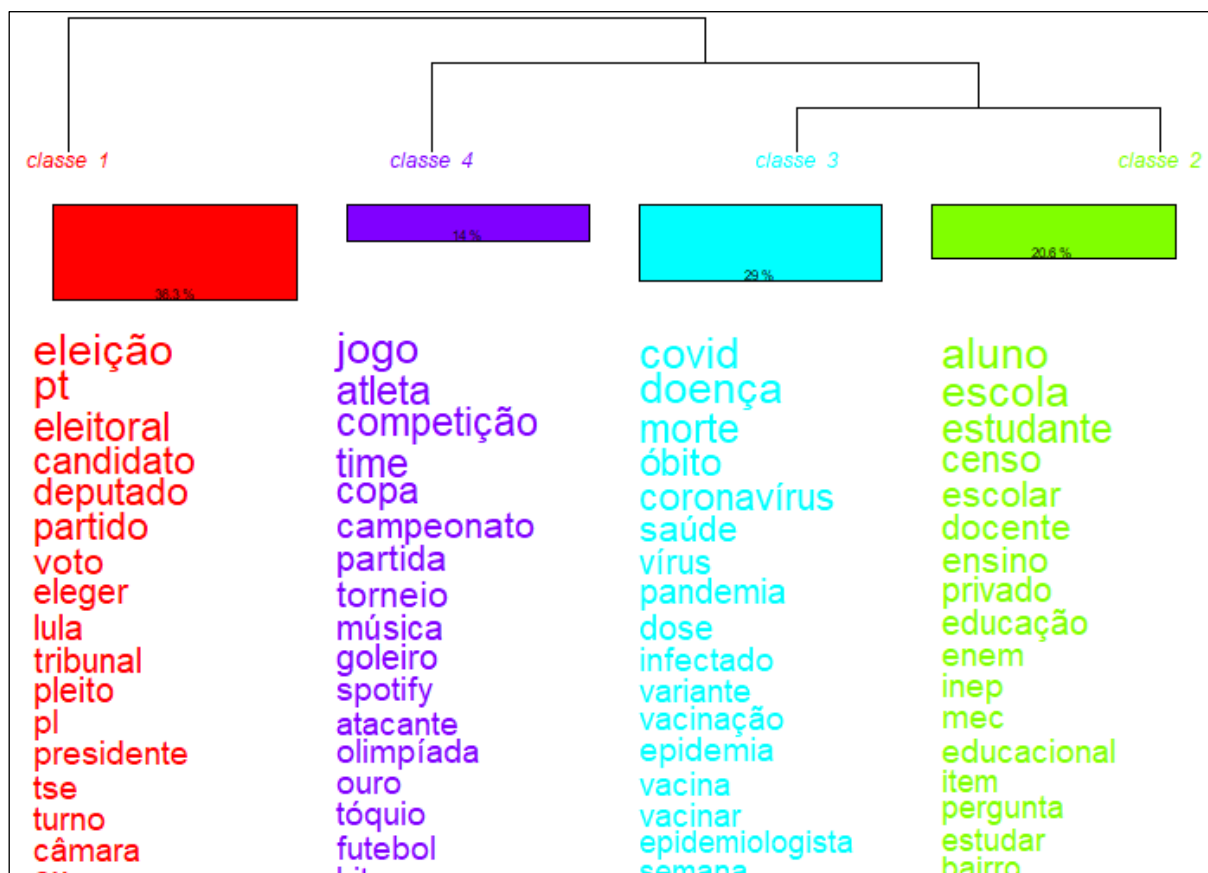
A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) utiliza o método de Reinert (1990), um algoritmo capaz de classificar hierarquicamente a ocorrência de termos (ou palavras), em

um segmento específico do texto. Como relata Cervi (2018, p. 8), o método verifica os termos presentes nos textos para realizar duas tarefas analíticas simultaneamente: identificar coocorrências de termos nos segmentos, distribuindo textos em classes por proximidade e hierarquizar a presença relativa de cada termo nas classes de palavras criadas.

A fundamentação teórica do algoritmo de Reinert é inspirada nas propostas de Benzécri (1992) para análise léxica, que consiste em analisar a distribuição de vocábulos em um *corpus* textual qualquer. “Não se trata de uma análise sintática, mas sim uma verificação dos termos presentes nos textos, da forma como eles se organizam e os elementos constitutivos deles” (Cervi, 2018, p. 8).

Para a referida análise, o *corpus* é dividido em segmentos de texto (ST), compondo unidades de análise. Os segmentos são classificados de acordo com a similaridade entre si, considerando a frequência de termos em cada segmento. A partir do dendograma (Figura 11) é possível observar que o *corpus* textual, composto pelas 412 matérias, foi dividido em 4 classes, caracterizadas pelas cores roxo, ciano, verde e vermelho.

Figura 11 - Dendograma do corpus textual

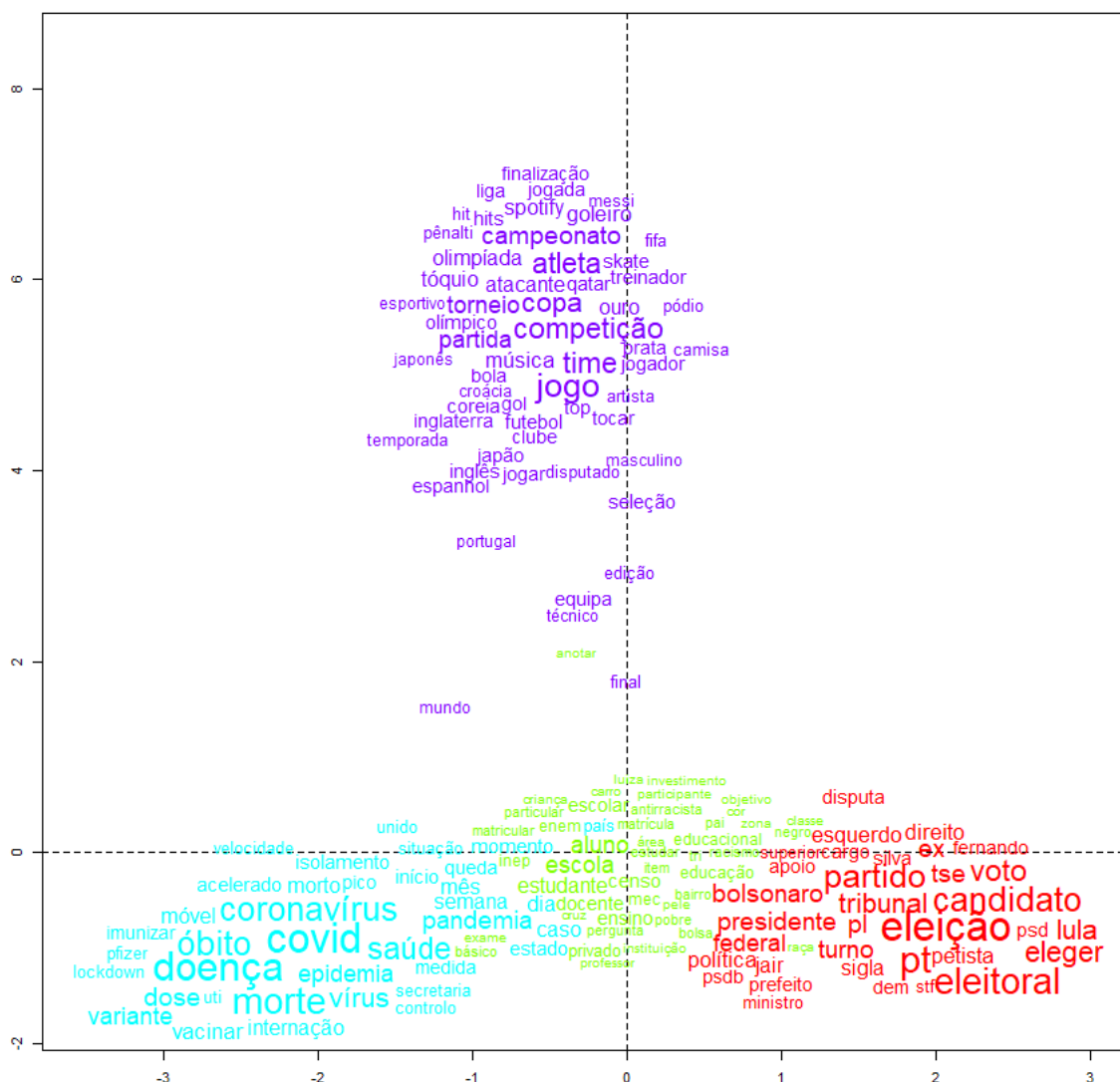


Fonte: Elaboração do autor (2023).

O dendrograma apresenta as partições/iterações que foram executadas na classificação dos segmentos de texto, além de indicar as palavras mais comuns em cada classe. A primeira partição dividiu a classe 1 do restante do material. Em seguida, a segunda partição deu origem à classe 4. Já a terceira e última partição separou as classes 2 e 3. A maior parte dos segmentos de textos (36,3%) foi agrupada na classe 1. Observando algumas das palavras mais frequentes, como “eleição”, “pt”, “eleitoral”, “candidato” e “deputado” é possível interpretar que essa classe reuniu matérias jornalísticas que utilizaram dados relacionados a **política** como eleições, partidos políticos e personalidades políticas do cenário nacional.

Em seguida, o *corpus* textual é representado em um plano fatorial (Figura 12), possibilitando distribuir as matérias com base na ocorrência e frequência dos termos. Observa-se uma clara distinção das matérias relacionadas à temática **esportes** (classe 4), desconectada das demais.

Figura 12 - Análise fatorial do corpus textual



Fonte: Elaboração do autor (2023).

Na classe 4, que reuniu 14% dos segmentos, predominam termos como “jogo”, “atleta”, “competição”, “time”, “copa”, entre outros. Diante do agrupamento de tais palavras, é possível extrair padrões de matérias jornalísticas relacionados a esportes, mais especificamente os Jogos Olímpicos de 2020 (realizados em Tóquio em 2021) e a Copa do Mundo de 2022.

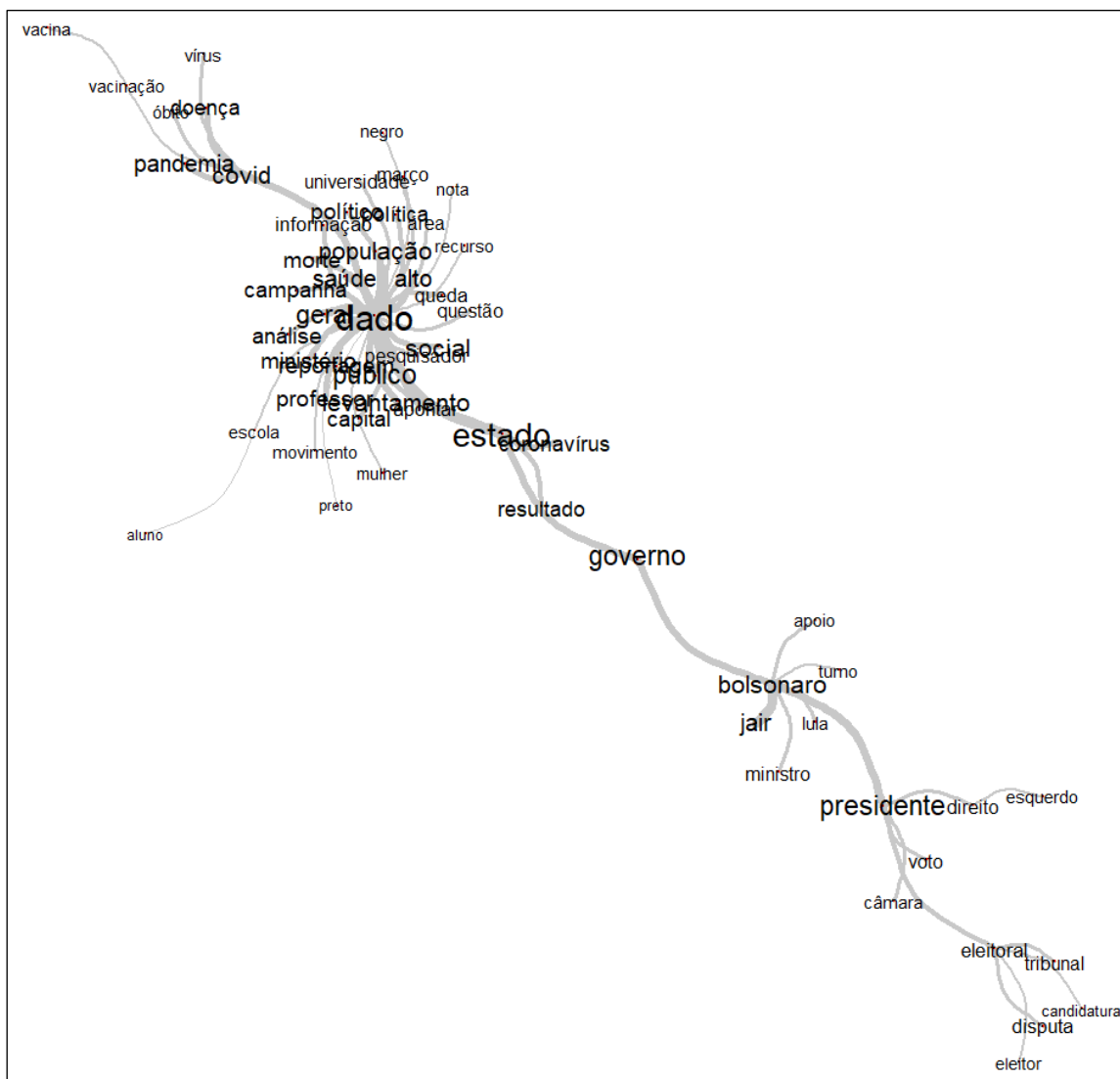
As classes 2 e 3 são as mais próximas entre si, com alto grau de similaridade de ocorrência de termos. Na classe 2, termos como “aluno”, “escola”, “estudante”, “censo”, “escolar” e “docente” deixam claro o tema **educação** nos textos que a compõem. Já a classe 3, com termos como “covid”, “doença”, “morte”, “óbito”, “coronavírus” e “saúde”, aponta para matérias que abordavam a temática **saúde**, dados sobre as mortes causadas pelo coronavírus e o colapso que a pandemia causou no sistema de saúde brasileiro. É importante ressaltar a conexão destas classes à classe 1, que trata de aspectos da temática **política**.

Por fim, como resultado da mineração textual foi gerado o gráfico de similitude (Figura 13). Este tipo de análise permite “identificar as coocorrências entre as palavras e seu resultado traz indicações da conexidade entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura do conteúdo de um corpus textual” (Flament, 1981 *apud* Camargo; Justo, 2018). A análise de similitude forma uma “árvore” semântica que aponta para a estrutura e as relações entre os termos.

Observa-se no grafo da Figura 13 que a ferramenta criou ramificações semânticas, possibilitando estabelecer contextos a partir da identificação dos termos mais expressivos e o peso das relações, expressos pela espessura das arestas.

É possível observar 3 grupos semânticos, centralizados pelos termos “covid”, “dado” e “bolsonaro”. No primeiro, o termo “covid” tem relação semântica direta com os termos “doença”, “pandemia”, “vírus”, entre outros. No segundo grupo, o termo “dado” apresenta forte conexão com os termos “levantamento”, “análise”, “informação”, “pesquisador”, “reportagem”, revelando a estratégia adotada para obter conhecimento a partir dos dados. Por fim, o grupo revelado pelo termo central “bolsonaro” se conecta semanticamente aos termos “jair”, “turno” e “ministro”.

É importante, ainda, observar ramificações menos expressivas relacionadas ao grupo centralizado pelo termo “bolsonaro”. Nesse sentido, se observa termos relacionados à temática política como “presidente”, “voto”, “câmara”, “eleitoral”, “candidatura”, “disputa”, “eleitor”.

Figura 13 - Grafo de similitude

Fonte: Elaboração do autor (2023).

Diante dos resultados apresentados a partir da mineração de dados, destaca-se a relevância da produção das matérias jornalísticas pelo núcleo DeltaFolha, da Folha de São Paulo, consolidando padrões na construção de narrativas.

6.2 Exploração do material

A etapa de exploração do material corresponde ao processo de construção de categorias de análise e de identificação dos índices e indicadores estabelecidos. Em outras palavras, é a análise propriamente dita. Conforme afirma Bardin (1977, p. 101), se os procedimentos da pré-análise tiverem sido rigorosamente executados, a análise “não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas”.

Naturalmente, esta será a etapa mais longa e repetitiva de todo o processo, na qual o analista muitas vezes executa as ações de forma manual, embora em alguns momentos a ajuda de ferramentas eletrônicas se mostrará eficiente.

Sobre a construção das categorias de análise, Bardin (1977, p. 117) explica ser a “classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos”. Essas categorias são classes que recebem títulos genéricos e nas quais são agrupadas as unidades de análise que apresentem índices com características comuns e relevantes aos objetivos da análise.

Por sua vez, unidades de análise são trechos retirados do *corpus* e definidos pelo analista como elementos unitários dos quais se extraem os índices (se cada texto, ou parágrafo, ou frase, ou documento, ou evento, etc). Só se reúne unidades em uma mesma categoria se apresentarem indícios em comum (vestígios que confirmem ou não uma hipótese) e que sejam relevantes à pesquisa.

O processo de categorização pode ser feito de duas formas distintas. No primeiro caso, chamado de “categorização por caixas”, o analista, primeiro, irá formular o sistema de categorias (ou recebê-lo de outrem) para, após isso, incorporar da melhor maneira as unidades de análise a cada uma (Bardin, 1977).

Outra possibilidade é o sistema de “categorização por milhas”, feito a partir da leitura dos documentos que compõem o *corpus*. O analista usa de suas impressões e dos índices identificados para formular as categorias e, após isso, incluir as unidades de análise.

Entre as qualidades que caracterizam “boas” categorias, podem ser listadas: a exclusão mútua, que propõe a categorização com uso de unidades de análise que contenham índices relativos a uma única categoria, de forma a evitar ambiguidades; a homogeneidade, que pressupõe que em uma mesma categoria só devem existir elementos organizados sob um mesmo princípio de classificação; a pertinência, com categorias criadas de forma que reflitam as intenções da investigação, correspondam aos fundamentos teóricos apresentados e sejam adaptadas ao material utilizado.

Também podem ser mencionadas as qualidades de objetividade/fidelidade, que recomendam que “as diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grelha categorial, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises” (Bardin, 1977, p. 120); e por fim a produtividade, que ocorrerá quando uma categoria for capaz de “fornecer resultados férteis: férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos” (Bardin, 1977, p. 120-121).

No presente trabalho, a criação das categorias de análise seguiu o modelo de “categorização por caixas”. A partir da definição dos índices geradores de efeitos de verdades (Tabela 1) que poderiam ser encontrados no *corpus*, definiu-se a criação de três categorias de análise: (1) ‘Apuração e provas’, que reuniu unidades de análise que apresentaram índices ligados a apuração dos fatos narrados ou elementos de comprovação das informações; (2) ‘Estratégias textuais e discursivas’, que reuniu unidades com marcas textuais ou discursivas que pudessem ser interpretadas como estratégias para dar maior confiabilidade ao texto; (3) ‘Enquadramentos e posicionamentos’, que reuniu índices que demonstraram marcas de posicionamento ou graus de engajamento dos jornalistas, ou ainda os enfoques e enquadramentos dados aos textos.

No decorrer do processo itinerante de formulação de categorias, outra importante decisão foi tomada. Dada a dimensão das 412 notícias e reportagens que deveriam ser analisadas manualmente, decidiu-se por se extrair uma amostragem estratificada proporcional, de forma a tornar o trabalho exequível. A amostragem seguiu a regra de representatividade, definida por Bardin (1977), a partir da amostragem por quotas, na qual se reduz em proporções as frequências heterogêneas em análise. A quantidade total de todos os textos distribuídos nas dez editorias identificadas no núcleo foi reduzida à proporção de 10%, arredondando-se alguns casos e mantendo-se ao menos um texto quando a editoria tinha número inferior a 10 matérias. Para a inclusão na amostra de 10%, foram consideradas as matérias que receberam mais comentários em ordem decrescente, respeitando assim a relevância em termos de recepção do público leitor.

A escolha da amostragem no percentual de 10% do *corpus* considerou fatores de conveniência ao pesquisador. Isso porque, para que a amostragem tivesse um nível de confiança de 95% com margem de erro de 3%, níveis recomendados para a maioria das pesquisas, seria necessário que a amostragem incluísse 271 matérias ou mais, o que ainda seria inviável para uma análise manual que demandaria processos de leitura e releitura de todos os textos. Assim, optou-se por extrair 10% do *corpus*, o que representa algo em torno de 43 matérias, este, sim, quantitativo exequível para uma análise manual. Com esta escolha, o grau de confiança ficou em 90%, com uma margem de erro de 12%.

Tabela 2 - Amostragem estratificada proporcional das matérias que compõem o *corpus*

Editorias	Total de matérias	Amostragem de 10%
Poder	151	15
Saúde	101	10

Esporte	46	5
Cotidiano	37	4
Mercado	20	2
Educação	19	2
Ilustrada	17	2
Mundo	12	1
Ambiente	7	1
Ciência	2	1
Total	412	43

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Quanto à descrição das inferências realizadas, seguiu-se a estrutura: apresentação dos índices encontrados, explicação e análise do que foi encontrado, e exposição das unidades de análise (enunciados) nas quais os indícios foram encontrados. Para facilitar a legibilidade e a compreensão, apenas os enunciados dos índices mais relevantes foram apresentados, com a codificação do texto e do parágrafo (Ex.: **T152/ P8**, código para definir a unidade de análise referente ao oitavo parágrafo do texto de número 152 do *corpus*). Em alguns momentos, optou-se também pela inclusão de figuras ou imagens para a melhor contextualização da análise. Os resultados estão expressos a seguir.

6.2.1 Análise das categorias

Antes mesmo de entrar na parte específica de cada categoria, um primeiro ponto observado no conjunto de notícias e reportagens analisadas foi com relação a quantidade de textos produzidos pelo núcleo DeltaFolha e que foram publicados tanto no site quanto na edição impressa do jornal. Do total de 43 textos que formam a amostragem, 41 deles (95,3%) foram sinalizados como publicados também no jornal impresso. Essa sinalização aparece no canto esquerdo das notícias e reportagens, próximo ao título, como demonstrado no destaque em vermelho na Figura 14.

Figura 14 - Página de uma reportagem do núcleo DeltaFolha



Fonte: Núcleo DeltaFolha, jornal Folha de São Paulo (2023).

A elevada taxa de aproveitamento das matérias produzidas pelo núcleo no jornal impresso pode demonstrar que seu conteúdo, em geral, possui alta relevância e interesse público. Diferentemente de um site, um jornal impresso possui critérios de noticiabilidade mais rigorosos, com crivos mais exigentes para definir o que estará estampado na edição do dia seguinte. Isso parece razoável, uma vez que, diferente de um site na Internet, um periódico impresso possui espaço para publicação limitado a sua quantidade de páginas⁴¹. Em geral, somente as informações de elevado interesse público serão noticiadas em um impresso, o que aparenta ocorrer com as matérias do núcleo DeltaFolha.

6.2.2 Apuração e provas

O primeiro índice encontrado de forma regular no conjunto de segmentos de textos que formam a categoria ‘Apuração e provas’ diz respeito à profundidade da apuração das informações, com etapas de organização, contextualização e interpretação de dados feitas por parte dos próprios jornalistas integrantes do núcleo. Este ponto foi considerado, pois algumas matérias noticiaram dados já analisados por terceiros, como empresas de consultoria. Assim, a apuração aprofundada e autoral de dados foi verificada em 33 matérias (76,7%). O trabalho aprofundado para a produção de reportagens, com investigação a diferentes dados, possibilita a melhor reconstituição e explicação dos fatos, o que beneficia uma ideia de verossimilhança construída no imaginário do leitor.

⁴¹ Vide as teorias do jornalismo, brevemente apresentadas no capítulo 2, subitem 2.1, deste trabalho.

Na sequência, buscou-se identificar quais as principais fontes de dados utilizadas nas matérias, se fontes ligadas a órgãos públicos ou outras como dados de redes sociais, empresas privadas, etc. Em 7 matérias (16,2%) não houve a descrição clara ou específica sobre a origem dos dados utilizados. Naquelas que era explícita a origem dos dados, 21 matérias (48,8%) fizeram uso de dados de um ou mais órgãos públicos, como dados de secretarias estaduais de Saúde, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Tribunal Superior Eleitoral, portais oficiais, órgãos ligados ao Governo Federal, entre outros.

Destes, 14 foram baseadas apenas em dados de órgãos públicos, enquanto outros 7 usaram dados de órgãos públicos em conjunto com os de empresas privadas. Como ressalta Vasconcellos (2014), o uso de dados governamentais se faz importante por contribuir com a compreensão facilitada de informações governamentais, o que possibilita a participação cívica e a promoção de *accountability* político.

T11/ P10 - Dados do **IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)** descartam a hipótese de uma concentração anormal dos partos de meninos em janeiro, fevereiro e março. O total de registros no país variou entre 8% e 9% em cada um dos meses de 2002 a 2007, anos de nascimento dos inscritos na Copinha.

T104/ P4 - Dados da **Justiça Eleitoral** analisados pela Folha, no entanto, reforçam ser Minas Gerais a parte que melhor representa o todo, com os resultados mais semelhantes aos do país em diferentes indicadores.

T119/ P2 - Levantamento da Folha com dados do **Ministério da Saúde** revela que o número de crianças menores de 12 anos atendidas com complicações da doença saltou de 284 em dezembro para 2.232 em janeiro. Uma escalada de 686%.

T230/ P7 - O volume de pessoas internadas com Covid em UTIs no estado cresceu 22%, comparando esta quarta (25) com duas semanas atrás, segundo dados da **Secretaria de Saúde de São Paulo**.

Já as matérias que usaram dados compilados e divulgados por entidades que não fossem órgãos públicos geralmente recorreriam a dados de consultorias, entidades representativas, pesquisas universitárias e redes sociais. Por exemplo, foi o caso da reportagem ‘Entenda por que Anitta e ‘Envolver’ não são o sucesso tão global que parecem’, que usou dados do *streaming*⁴² de músicas Spotify; da matéria ‘Copa América vai da Argentina ao Brasil, mas pouca coisa muda em relação à pandemia’⁴³, que usou dados da plataforma *Our World in Data*, da Universidade Oxford; da matéria ‘Com aprovação de vacina, Bolsonaro cai e Doria cresce

⁴² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/04/entenda-por-que-anitta-e-envolver-nao-sao-o-sucesso-tao-global-que-parecem.shtml>>.

⁴³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/05/copa-america-vai-da-argentina-ao-brasil-mas-pouco-coisa-muda-em-relacao-a-pandemia.shtml>>.

em popularidade digital'⁴⁴, com dados de um Índice de Popularidade Digital elaborado pela consultoria Quaest; e de 'Brasil vai na contramão da quarentena e vê explosão de mortes por Covid-19'⁴⁵, que se baseou em dados da empresa de tecnologia Apple sobre movimentação de pessoas.

Um importante índice mencionado pelos autores na fundamentação teórica como capaz de gerar efeitos de verdade é a entrevista a fontes especializadas. Para Charaudeau (2019), as matérias jornalísticas que recorrem a palavras de especialistas, peritos ou intelectuais contribuem com a explicação dos fatos e acontecimentos e fazem apelos a ideias de verdade a partir da explicação de uma autoridade no assunto. Na maioria das matérias, ou 25 textos (58,1%), os jornalistas consultaram ao menos uma fonte especialista, sendo que em 15 matérias (34,8%) foram duas fontes ou mais. No geral, os entrevistados e entrevistadas eram pesquisadores e professores de universidades, médicos, cientistas políticos e representantes de entidades de classes.

T11/ P14 - Tal distorção provoca erros de avaliação e perda de talentos promissores, diz à Folha Júlio Garganta, **professor da Universidade do Porto**, consultor da Federação Portuguesa de Futebol e um dos principais pesquisadores do mundo na área.

T51/ P18 - **Professor titular do Instituto de Energia e Ambiente da USP**, Pedro Cortes diz que o ex-ministro tem uma grande facilidade de comunicação, até pelo fato de ser advogado. "Consegue articular de forma direta as ideias que defende. No entanto, a pauta que coloca é muito defasada em termos de aproveitamento racional da Amazônia", afirma.

T134/ P16 - Para Brigina Kemp, **doutora em saúde coletiva**, ex-coordenadora do departamento de vigilância em saúde de Campinas e membro do Observatório Covid-19 BR, o maior desafio hoje que o estado enfrenta é exatamente aplicar a segunda dose nessas pessoas.

T209/ P9 - Para o cientista político Felipe Nunes, **professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e diretor da Quaest**, os resultados momentâneos não significam necessariamente que Doria conseguiu se firmar na corrida pela preferência dos brasileiros em 2022.

T230/ P26 - Para Suzana Lobo, **presidente da Amib (Associação de Medicina Intensiva Brasileira)**, o aumento de casos e internações também causa outra preocupação: o esgotamento dos profissionais de saúde.

No mesmo sentido das entrevistas a fontes especializadas, as entrevistas a fontes que sejam envolvidas nos fatos narrados (comumente chamadas de personagens) são mencionadas

⁴⁴ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/01/com-aprovacao-de-vacina-bolsonaro-cai-e-doria-cresce-em-popularidade-digital.shtml>>.

⁴⁵ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2020/06/brasil-vai-na-contramao-da-quarentena-e-ve-explosao-de-mortes-por-covid-19.shtml>>.

como algo que beneficia a percepção de credibilidade do trabalho jornalístico. Por exemplo, se uma reportagem fala sobre a falta d'água em regiões do agreste nordestino, convém aos jornalistas — ou até mesmo se torna fundamental — ouvir alguns moradores afetados pelo problema. Além de humanizar as informações narradas, tal princípio jornalístico reforça os fatos pelo apelo testemunhal.

Essas entrevistas ocorreram em 8 matérias (18,6%). No geral, as personagens consultadas eram moradores afetados por problemas de infraestrutura; pessoas questionadas sobre posicionamentos políticos; estudantes e professores questionados sobre políticas de equidade racial, ou vítimas de violência.

T8/ P9 - Entre os moradores que tiveram que assumir os custos está o **casal Eva Pereira Silva, 54, e Antônio Aguiar da Silva, 60**, de Vertente, uma das comunidades isoladas de Coração de Jesus (a 450 km de Belo Horizonte), município contemplado pelo convênio.

T51/ P15 - Em Moema, a **fonoaudióloga Joice Moura de Campos, 28**, é uma das que se contrapõem ao ex-ministro, mas diz que não se surpreende com a votação de Salles no bairro. Ela conta que chegou a pensar que o próprio Bolsonaro ganharia no primeiro turno. "É sufocante. Perto da minha casa, estava um inferno no domingo de manhã, todo mundo de verde e amarelo, camisa do Bolsonaro."

T111/ P9 - A **comerciante Francielle Rodrigues, 30**, que vende salgados na via asfaltada pela Codevasf, conta que nos dias de altas temperaturas é comum ter que ajudar clientes a se levantarem quando eles resolvem parar suas motos próximas a sua mesa de quitutes.

T203/ P29 - O **estudante Kaique dos Santos, 19**, mora no Capão Redondo, zona sul da capital paulista, e sempre estudou em escola pública. Ele não tem boas memórias com relação ao inglês.

T262/ P12 - "A sociedade começa a perceber que sem ações específicas não vamos eliminar o racismo estrutural, que não é exclusividade das escolas privadas, mas está presente em todas as esferas da nossa vida", diz a **produtora cultural Iramaia Gongora**, que tem filhos no Colégio Equipe e é uma das coordenadoras do "Escolas Antirracistas".

A apuração *in loco* dos fatos noticiados foi outra regularidade encontrada, embora em poucos textos, apenas 5 (11,6%). Desses, 4 se tratavam de denúncias contra figuras ou órgãos do Poder Público. Nos casos em questão, os jornalistas se posicionam como testemunhas pessoais dos fatos, tendo-os "visto com os próprios olhos", evidenciando ao leitor sua presença no local da apuração ou investigação. Esse foi o caso, por exemplo, da reportagem 'Famílias pobres são enganadas e pagam para receber cisternas sob Bolsonaro'⁴⁶, na qual os jornalistas

⁴⁶ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/familias-pobres-sao-enganadas-e-pagam-para-receber-cisternas-sob-bolsonaro.shtml>>.

revelam casos de moradores do semiárido mineiro que estavam sendo cobrados para participar do Programa de Cisternas do governo federal, cujo orçamento já incluía todas as despesas relacionadas. Ou ainda da reportagem ‘Codevasf tem obra parada, asfalto 'movediço' e indícios de fraude em série’⁴⁷, que revela asfalto precário construído por uma estatal no estado de Tocantins.

A rememoração de fatos e acontecimentos também foi outro ponto observado regularmente nos textos produzidos pelo DeltaFolha. Após a apresentação inicial de algumas informações extraídas dos dados, os jornalistas geralmente faziam a contextualização das informações, rememorando fatos relacionados. Essa estratégia foi identificada em 31 matérias (72%).

O uso de imagens foi outro ponto altamente explorado pelo núcleo e que foi observado na análise. Um total de 41 matérias (95,3%) fizeram uso de imagens isoladas, mas também de galerias de imagens distribuídas em meio aos textos. O total foi de 759 imagens usadas em galerias (desconsiderando as imagens isoladas), em sua maioria fotografias, mas também com a presença de alguns *prints*, perfazendo uma média de 17,6 imagens apresentadas em cada matéria. Apenas duas matérias não fizeram uso de galerias de imagens, apresentando apenas uma imagem isolada ou montagem.

Outra regularidade notada foi com relação ao comprometimento do núcleo com a correção de erros. Como destacado no 12º princípio ético e editorial descrito no Projeto Folha de 2017, um dos compromissos do jornal é “identificar e corrigir com destaque erros de informação cometidos; publicar manifestações de crítica ao próprio jornal; manter mecanismos transparentes de autocontrole e correção” (Projeto Folha, 2017). A correção e a transparência com relação ao cometimento de erros também são boas práticas listadas pelo *The Trust Project* como capazes de tornar o conteúdo informativo mais credível.

Figura 15 - Exemplo de sinalização de erros corrigidos

⁴⁷ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/04/codevasf-tem-obra-parada-asfalto-movedico-e-indicios-de-fraude-em-serie.shtml>>.

CORONAVÍRUS • DELTAFOLHA

Estado de SP tem mais vacinados contra Covid que EUA, Reino Unido e Alemanha

Estado é líder de vacinação no país e tem desafio de diminuir diferença entre pessoas com uma e duas doses dos imunizantes, afirmam especialistas

27.out.2021 às 20h55
Atualizado: 28.out.2021 às 15h15

EDIÇÃO IMPRESSA

ERRAMOS

Ouvir o texto A- A+

[Ana Bottallo](#)
[Diana Yukari](#)
[Flávia Faria](#)

SÃO PAULO A imunização [contra a Covid-19](#) em São Paulo tem sido tão eficiente quanto em países ricos com alta cobertura vacinal. Em todo o estado, 87% da população adulta já foi completamente vacinada até esta quarta (27), mais do que no Reino Unido (86%), Alemanha (79%) e Estados Unidos (75%).

Fonte: Núcleo DeltaFolha, jornal Folha de São Paulo (2023).

A correção ocorreu em 4 textos (9,3%), com a sinalização no canto esquerdo das páginas das matérias, como demonstrado na Figura 15, e explicação do conteúdo corrigido ao final da página.

T14/ Erramos - Miguel Lombardi (PL) obteve 71.969 votos (46,5% dos válidos na cidade) em Limeira, não Mogi das Cruzes, **como constou de versão inicial do texto.**

T134/ Erramos - **Versão anterior deste texto errou** ao afirmar que a cobertura vacinal no Reino Unido é de 68% da população acima de 12 anos, pois usou no cálculo um dado defasado. Foi vacinado 79% desse grupo. O texto também deixou de dizer que o ranking no qual SP, com 87%, supera EUA, Reino Unido e Alemanha é o de população adulta vacinada, no qual os três países apresentam, respectivamente, as seguintes proporções: 75%, 86% e 79%. Além disso, o nome da infectologista Rosana Richtmann foi grafado de forma incorreta.

T202/ Erramos - **Diferentemente do publicado inicialmente**, os EUA têm, nesta quinta-feira (4), 520.071 mortes por Covid-19, e não 331 mil. **A informação foi corrigida.**

T381/ Erramos - O recurso de Lula andou mais rápido do que 76% dos processos, e não do que 85%, **como afirmou versão anterior desta reportagem.** Além disso, o processo de Lula levou 120 dias para chegar à revisão, e não 71. **O texto foi corrigido.**

As quatro correções se tratavam de erros estatísticos, ortográfico, numérico e de localidade. Em todos os casos as correções ocorrem em menos de 24 horas após a publicação original da matéria.

6.2.3 Estratégias textuais e discursivas

Na categoria ‘Estratégias textuais e discursivas’, a primeira regularidade encontrada nos segmentos de textos relaciona-se à produção das matérias em coautoria. Das 43 matérias, apenas 3 delas (6,9%) foram assinadas — e, portanto, produzidas — por um(a) único(a) repórter do DeltaFolha. A maioria das matérias foi feita por dois (32,5%) ou por três (44,1%) repórteres em conjunto. A reportagem ‘1 em cada 10 escolas privadas de SP não tem nenhum professor negro’⁴⁸ foi a que demandou maior trabalho em equipe, sendo assinada por seis pessoas, incluindo três cientistas de dados, dois jornalistas e um designer. Mais do que uma necessidade para reportagens que exigem extensa investigação, apuração e análise de dados, o trabalho em conjunto também pode ser uma estratégia que traz benefícios à credibilidade da informação, uma vez que é natural uma reportagem ser mais bem apurada e possuir menor chance de erros quando passa por vários profissionais.

No que diz respeito à exploração de visualizações de dados, gráficos e infografias, 40 matérias (93%) usaram ao menos um dos recursos. O total foi de 92 visualizações, gráficos e/ou infografias usadas⁴⁹, sendo que a média foi de 2,3 por texto. No geral, as imagens foram construídas com elevado refinamento estético, o que era de se esperar já que, como mencionado há pouco, o DeltaFolha possui não só jornalistas, mas também cientistas de dados e designers gráficos à disposição para construção das matérias. Embora tenha sido difícil identificar os tipos de cada elemento visual, foi possível notar que o gráfico do tipo linhas foi o mais utilizado, em 27 ocasiões. Na sequência vem gráficos de barras (15), mapas (11), colunas (8), dispersão (7), área (7), bolhas (6), radial (3), mapa de calor (2), pizza (2), visualização de imagens ilustrativas (2) e gráfico estilo parlamento (1).

Também foi identificada uma estratégia de autorreferenciação nos textos do núcleo. Em diversos momentos as matérias fazem citação ao nome do próprio jornal por meio da terceira pessoa do singular (ele/ela), com referências a matérias ou análises já publicadas pela “**Folha**”.

⁴⁸ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/09/1-em-cada-10-escolas-privadas-de-sp-nao-tem-nenhum-professor-negro.shtml>>.

⁴⁹ Foi considerado como uma única unidade as visualizações, infografias e/ou gráficos que fizessem parte de um mesmo arquivo de imagem e que não estivessem separados por parágrafos textuais. Ou seja, por vezes, uma mesma visualização poderia ter mais de gráfico. No caso das visualizações, infografias e/ou gráficos que abrigavam mais de um tipo, por exemplo, um gráfico de linhas e outro de bolhas, então foram consideradas como duas unidades.

O total foi de 80 menções à Folha ou ao DeltaFolha distribuídas em 37 matérias (86%), uma média de aproximadamente duas citações por texto. Com a estratégia, o jornal busca ressaltar e legitimar sua própria imagem, impondo sua posição no cenário noticioso, mas também de modo a afastar o sujeito (jornal e jornalistas) do objeto de fala. Em todos os momentos, o uso dos verbos “mostrar”, “revelar”, entre outros, reforça a construção de um sentido de descobrimento dos fatos, fazendo apelo a uma ideia de trabalho investigado (*watchdog*) e contribuindo para o valor de verdade da informação.

T5/ P2 - **Análise da Folha mostra** que o arco de alianças do novo governo reúne partidos com retrospecto antagônico ao do PT no Legislativo. Isso vale não só para legendas de direita, como seria esperado, mas também para algumas de esquerda.

T104/ P4 - Dados da Justiça Eleitoral **analisados pela Folha**, no entanto, reforçam ser Minas Gerais a parte que melhor representa o todo, com os resultados mais semelhantes aos do país em diferentes indicadores.

T113/ P15 - Em parte das concorrências da Codevasf, a Engefort teve a companhia de uma empresa que **a Folha descobriu** ser de fachada: a Del Construtora Ltda., registrada em nome de um dos irmãos dos sócios da líder Engefort.

T256/ P2 - **Levantamento da Folha** em 871,2 mil contracheques de magistrados, remetidos ao CNJ (Conselho Nacional de Justiça) por tribunais do país de setembro de 2017 a agosto deste ano, mostra que, de R\$ 35,2 bilhões brutos desembolsados pelas cortes, R\$ 12,6 bilhões cobriram “indenizações, direitos pessoais e eventuais”.

T262/ P2 - **Levantamento feito pela Folha** nos dados do Censo Escolar de 2019 revela que, pelo menos em São Paulo, os dados confirmam a percepção dessas famílias. Uma em cada dez escolas privadas da capital paulistana (10% do total) informou ao Ministério da Educação não contar com um único professor negro.

Outro ponto observado como regular é com relação à exploração de hiperlinks nos textos. Um total de 395 hiperlinks foram utilizados nas 43 matérias, uma média de 9,1 por texto. Em 73 unidades de análise foram usados dois ou mais hiperlinks. Conforme o que foi verificado, os links são indexados sobre nomes, substantivos, verbos, ou mesmo frases inteiras e possibilitam ao leitor explorar mais informações sobre o tema em questão, direcionando-o a outra matéria anteriormente publicada pelo site, em uma arquitetura de informação próxima à pirâmide deitada, proposta por Canavilhas (2006).

A exemplificação foi outra estratégia identificada nas matérias. Assim como a rememoração de fatos, foram observados alguns textos nos quais os jornalistas demonstram a preocupação de exemplificar as informações aos leitores, em especial nos textos políticos,

contextualizando o que é noticiado e facilitando a compreensão. Unidades de análise que apresentavam tal estratégia foram observadas em 16 matérias (37,2%).

T102/ P10 - A realização de motociatas em 2021 e a declaração em rede nacional no dia 24 de março de 2020, em que o presidente comparou a Covid-19 a uma "gripezinha" e pediu a volta à normalidade, **são exemplos** que motivaram pedidos de liminares que foram negadas.

T104/ P7 - Em 2002, **por exemplo**, as escolhas dos mineiros refletiram perfeitamente o ranking nacional, com Lula (PT) em primeiro, José Serra (PSDB) em segundo, e assim sucessivamente, até Rui Costa Pimenta (PCO) na última colocação. Essa coincidência perfeita se repetiu no estado em 2010 e 2014.

T231/ P2 - O desequilíbrio ocorre mesmo em distritos onde a fatia de estudantes pretos e pardos é alta. No Itaim Paulista, **por exemplo**, crianças e jovens negros somam 49% dos estudantes, mas são apenas 24% dos alunos das instituições particulares locais.

T336/ P13 - Uma pessoa que estava em Madri e voou para Lisboa, para daí trocar de avião e vir ao Brasil, **por exemplo**, pode ser contabilizada pela agência como um passageiro que veio de Portugal.

A análise também buscou identificar se os jornalistas tinham o cuidado de apresentar e explicar a metodologia de análise de dados utilizada para a construção das matérias. A proximidade que o Jornalismo de Dados possui com métodos científicos, inclusive importando algumas técnicas das Ciências Sociais, como já mencionado por Meyer (1999), contribui sobremaneira para a percepção de credibilidade do conteúdo noticiado. Isso porque as ciências construíram nos últimos séculos métodos que permitem aos cientistas se distanciar da subjetividade em um nível suficiente para a explicação objetiva de fatos do mundo visível. Jornalistas de dados podem se “aproveitar” dessa credibilidade científica desde que consigam demonstrar aos leitores que a notícia ou reportagem apresentada tenha seguido certo rigor objetivo de análise dos dados.

Assim, tal preocupação por explicar, superficialmente que seja, os métodos utilizados, foi observada em 28 matérias (65,1%). No geral, as descrições incluíam a fonte dos dados, o período avaliado, os recortes feitos e, em alguns casos, citação de modelo estatístico usado como referência.

T119/ P34 e 35 - O levantamento da Folha considerou somente as internações por Srag com diagnóstico confirmado para a Covid e dadas como encerradas, seja por alta ou óbito. Foram excluídos registros com evidente erro de preenchimento das idades ou datas de nascimento, bem como das datas de internação, notificação e encerramento.

T203/ P51 e 52 - As análises foram feitas considerando os alunos concluintes do ensino médio regular que tinham informação sobre suas escolas nos

microdados. Verificação de um viés em cada item foi feita para cidades com mais de mil alunos, de escolas públicas e privadas, utilizando o teste de Mantel-Haenszel, que mede a diferença na porcentagem de acertos entre alunos com notas próximas dos dois grupos.

T231/ P3 - Os cálculos foram feitos pela Folha com base no Censo Escolar de 2019 e consideram apenas as informações de estudantes cuja cor da pele foi informada pelas instituições de ensino. Foram excluídos da amostra estabelecimentos privados conveniados ao governo.

T281/ P29 e 30 - O levantamento da Folha e Talanoa foi feito por meio de extrações de dispositivos publicados no Diário Oficial que continham palavras-chave selecionadas. Para o tema meio ambiente, foram consideradas palavras como “extrativismo”, “biodegradável” e “carga poluidora”. A metodologia permite analisar temas mais focados, como as relacionadas apenas às florestas (normas que continham termos como “desmatamento”, “arco de fogo” e “área de preservação permanente”).

T395/ P37 e 38 – Para análise dos dados foram retirados registros duplicados a partir de combinações de informações idênticas na base de dados - número de notificação, data de ocorrência, sexo, data de notificação, código da regional de saúde e data de Nascimento (este último para os microdados de 2018). Para analisar a violência a mulheres cometida por homens, levou-se em conta a declaração do sexo da vítima e do possível agressor. Neste último caso, foram considerados tanto as opções que o identifica do sexo masculino e ambos os sexos (nos casos que há mais de um agressor).

Também foi investigado se no conjunto de textos era seguido o dever ético dos jornalistas de ceder espaço para personagens citados em matérias com cunho de denúncia ou com enquadramentos negativos. Como explica Guerra (2008), dar espaço para posicionamento de personalidades ou empresas denunciadas é um procedimento imperativo na conduta do jornalista, posicionando-o num lugar de imparcialidade, como um ato para demonstrar ao leitor que ele(a) “não tomou partido”. Desta forma, de 24 matérias que citaram personagens com este enquadramento, apenas 11 delas deram espaço para posicionamento, mesmo que, em alguns casos, os citados tenham preferido não se pronunciar. Dos outros 13 textos que não deram espaço para posicionamento — ato considerado na análise como transgressão —, 12 faziam citação a políticos, sendo que 10 destes eram citações ao ex-presidente da República Jair Bolsonaro e/ou integrantes de seu governo, como ministros e assessores.

No que diz respeito ao domínio da linguagem utilizada, todos os textos apresentaram adequado nível de domínio textual. Nas 43 matérias não foi encontrado nenhum erro ortográfico, apenas pontuais casos de supressão de palavras ou repetição inadequada, como nos exemplos a seguir.

T102/ P7 - Na esfera cível, onde o presidente não tem foro, a reportagem identificou, a partir de ferramenta da empresa Digesto para **consulta de processos públicos tribunais em primeira instância**, dez processos por

danos morais e por condutas relacionadas à pandemia em que Bolsonaro foi alvo direto no decorrer do mandato.

T177/ P7 - Se na média móvel de óbitos apresenta situação levemente melhor do que a vista nas sedes estabelecidas anteriormente, o Brasil empata com a Argentina na proporção da população vacinada com a primeira dose, 21%. Ambos estão à frente da Colômbia, que iniciou a vacinação apenas em 13% de seus moradores —**vale ressaltar que a imunização só se com duas doses.**

T202/ P6 - **No total da pandemia, os americanos ainda são os que mais perderam pessoas devido à pandemia.** Mas, neste momento, os números indicam que a situação brasileira é pior.

Outra regularidade identificada, embora em quantidade reduzida, foi a apresentação de argumentos conflitantes, algo que se relaciona ao ideal de imparcialidade descrito por Guerra (2008). Em unidades de análise de 9 matérias (20,9%) foram identificados trechos nos quais os jornalistas apresentam falas de entrevistados que se posicionam de forma favorável a determinado tema, e em outros trechos entrevistados que se posicionavam contrariamente, choque de opiniões descrito na fundamentação teórica como benéfico ao debate público e formação de opinião pública por meio do consenso.

6.2.4 Enquadramentos e posicionamentos

Na categoria ‘Enquadramentos e posicionamentos’, foi possível identificar e classificar as matérias em quatro enquadramentos diferentes, conceito entendido aqui como algo diferente de temática. Por enquadramento, entende-se como o foco dado pelo jornalista no descrever das informações. Por exemplo, um texto pode usar da temática política, mas ter como enquadramento a divulgação de curiosidades sobre os resultados de uma eleição em diferentes estados. Ou mesmo, em outro caso, seguir na temática política, mas ter como enquadramento uma denúncia sobre indícios de corrupção por parte de um agente público.

Isto posto, 19 matérias (44,1%) tiveram como enquadramento a divulgação de curiosidades a partir de dados, das quais 7 foram curiosidades envolvendo temas políticos, 5 envolvendo temas esportivos, 3 com temas sobre cidadania e direitos, 2 com temas sobre saúde pública e 2 sobre cultura e entretenimento. Alguns títulos que deixam evidente tais enquadramentos são apresentados a seguir.

T11 - Nascidos no início do ano têm até o triplo de chance de chegar à elite do futebol

T51 - Ministro 'da boiada', Salles teve votos em bairros ricos e arborizados de São Paulo

T104 - Entenda por que Minas Gerais é o espelho do Brasil na eleição presidencial

T375 - Pesquisas brasileiras sobre racismo e desigualdade racial crescem 28 vezes em 20 anos

T388 - Brasileiros são os que mais ouvem a própria música entre todos os países

Outro enquadramento recorrente foi o de denúncias de interesse público, aparecendo em 13 textos (30,2%). As matérias que usaram deste enquadramento abordaram casos de mal uso ou desperdício do dinheiro público, como na reportagem ‘Codevasf tem obra parada, asfalto ‘movediço’ e indícios de fraude em série’⁵⁰; indícios de corrupção por parte de agentes do poder público, como na reportagem ‘Empreiteira usa empresa de fachada e domina licitações sob Bolsonaro’⁵¹; ou ainda, os reflexos do racismo estrutural e da exclusão de pessoas negras na sociedade, como na reportagem ‘Apenas 1 em cada 10 alunos de escolas privadas de São Paulo é negro’⁵².

Também foram identificados 6 textos (13,9%) que tinham como enquadramento principal a organização e movimentação política (diferente das curiosidades por não abordar fatos com um apelo de “descoberta” feita pelo jornalista a partir dos dados, mas noticiar informações mais corriqueiras e de conhecimento do público) e, por fim, 5 matérias (11,6%) que abordaram a situação da saúde pública em meio a pandemia de Covid-19.

Outro ponto de interesse da análise foi com relação ao posicionamento assumido pelos jornalistas e seu grau de engajamento com o valor de verdade presumido das informações noticiadas. Charaudeau (2019) define três diferentes graus de engajamento, sendo eles: (1) desengajado, onde a informação é dada como evidente e objetiva e a posição do sujeito-informador é encoberta; (2) engajado, apostando a credibilidade pessoal no valor de verdade da informação dada, sob o modo da convicção; (3) engajado cético, gerando confiança por sua posição de prudência e ponderação sobre a informação, deixando-a sempre num lugar de dúvida e suspeita.

Considerando as três possibilidades, o grau desengajado foi o que mais marcou presença nos textos, sendo o principal em 39 matérias (90,6%). Isso foi notado na forma como os jornalistas descreviam as informações e os fatos apresentados nas notícias e reportagens, com frases afirmativas e objetivas, sem dar espaço para dúvida ou contestação.

⁵⁰ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/04/codevasf-tem-obra-parada-asfalto-movedico-e-indicios-de-fraude-em-serie.shtml>>.

⁵¹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/04/empreiteira-usa-empresa-de-fachada-e-domina-licitacoes-sob-bolsonaro.shtml>>.

⁵² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/11/apenas-1-em-cada-10-alunos-de-escolas-privadas-de-sao-paulo-e-negro.shtml>>.

O engajamento definido como engajado cético foi identificado em 4 matérias (9,3%). Nestes casos, os jornalistas complementaram as informações apresentadas com advérbios de dúvidas ou frases que demonstravam ressalva, como os exemplos a seguir.

T102/ P30 - Mesmo sem o foro especial, a avaliação é que dificilmente Bolsonaro seria preso pelas acusações já feitas contra ele. Isso, porém, pode mudar.

P294/ P20 - Ainda é cedo para fazer prognósticos. É preciso avaliar como esses estados-chave estarão impactados pela pandemia e pela crise econômica no segundo semestre antes de apostar no desfecho de uma das eleições mais imprevisíveis da história americana.

T336/ P4 - Os países citados são aqueles em que, segundo os critérios da OMS, o vírus já circulava, enquanto em outros locais os doentes haviam sido contaminados em viagens ao exterior. Não é possível dizer quantos dos viajantes são brasileiros nem quantos são turistas.

T365/ P1 - Entrar em choque com o presidente Jair Bolsonaro parece ser fatal, ao menos nas redes sociais. A deputada Joice Hasselmann (PSL) e os governadores João Doria (PSDB-SP) e Wilson Witzel (PSC-RJ) são grandes exemplos disso, aponta índice de popularidade digital, feito pela consultoria Quaest.

Não foram identificadas matérias nas quais os jornalistas se posicionaram de forma engajada, conforme definição de Charaudeau (2019).

6.3 Inferência e interpretação

A etapa final, que envolve o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, diz respeito à construção de conhecimento a partir da indução pelos índices e indicadores identificados. Ou seja, após a categorização e o levantamento dos índices, o analista buscará interpretar seus motivos de existência. Inferir é “investigar as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores; referências no texto)” (Bardin, 1977, p. 137).

Supondo que, ao analisar a transcrição de uma palestra, o analista deseja descobrir o posicionamento político implícito do palestrante (variável inferida/causa), isso poderá ser respondido investigando-se as características específicas presentes em seu discurso, interpretando índices como: as qualidades atribuídas a conceitos de diferentes origens políticas, a entonação e gesticulação empregada para referir-se aos diferentes posicionamentos, tempo empregado para explicação de cada posicionamento, entre outros. Para tanto, é necessário basear-se em um quadro teórico previamente estabelecido.

Como destaca Bardin (1977, p. 133), a inferência da análise de conteúdo permitirá ao analista “saber mais” a respeito dos contextos que envolvem os documentos estudados.

Geralmente, esse “saber mais” corresponde aos elementos clássicos do processo comunicativo (o emissor, o receptor, a mensagem, o canal), também de pólos de atração. Com a realização da inferência, o analista estará apto a fazer suas considerações a respeito da pesquisa, cruzar suas descobertas com as de outras análises, assim como validar ou não suas hipóteses apresentadas.

Assim sendo, no que concerne ao conjunto de textos que formaram a amostragem analisada, chamou atenção a quantidade de textos que foram publicados tanto no site quanto no jornal impresso da Folha de São Paulo. Como debatido anteriormente, a interpretação que isso gera é a de que o conteúdo produzido pelo núcleo possui alta relevância e interesse público. O jornalismo tradicional tem como um de seus preceitos a avaliação de valor dos fatos e acontecimentos para que estes possam ser considerados dignos de ser notícia. Comumente chamados de valores-notícia dentro do linguajar jornalístico, eles são definidos por Wolf (1987) como “a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (Wolf, 1987, p. 173).

Neste sentido, é inegável o alto grau de relevância dos temas abordados pelo núcleo, conclusão verificável não somente por seu conteúdo ser muito aproveitado pelos *gatekeepers* do impresso, mas também pela observação de seus temas. Mesmo nas matérias que tiveram como enquadramento a divulgação de curiosidades a partir de dados, era recorrente a abordagem de temas de elevado impacto social, como dados ligados a fatos da política, saúde pública, direitos e cidadania.

Isso também é reforçado pela investigação feita na pré-análise, onde foi identificado que os textos mais produzidos faziam parte das editorias com maior engajamento, com mais comentários feitos pelos leitores. Ou seja, o jornal prioriza os temas de alto impacto e interesse social.

As denúncias de interesse público também marcam presença no núcleo, sendo o enquadramento de mais de 30% das matérias analisadas, o que demonstra que a ideia de jornalista *watchdog* se mantém firme junto aos seus integrantes e à linha editorial do jornal. A análise de dados de órgãos públicos muitas vezes expõe o que figuras políticas tentam esconder, e quando um veículo noticioso faz essas denúncias está implicitamente chamando para si o papel social de defensor dos interesses dos cidadãos.

Soma-se a isso a exploração de dados provenientes de órgãos públicos, o que ocorreu em quase metade das matérias analisadas. Isso deixa evidente que as matérias cumprem um papel de fomento ao *accountability* político. Por exemplo, relevar que ‘Famílias pobres são

enganadas e pagam para receber cisternas sob Bolsonaro’ faz não só uma grave denúncia, mas também conclama os leitores e a sociedade a cobrar respostas do Poder Público.

Considerando especificamente as etapas de apuração dos fatos e o recurso a provas, o núcleo também demonstrou alto grau de autonomia, com dados investigados e cruzados de maneira autoral em três a cada quatro matérias analisadas. Além disso, era recorrente a exploração de bancos de dados gigantescos, com dezenas de milhares de informações. Investigar elevada quantidade de dados é tarefa complexa, há que se destacar, porém isso não pareceu limitar o trabalho dos jornalistas do núcleo.

Também é importante observar que quase 60% das matérias citaram ao menos uma fonte especialista para comentar sobre os temas abordados, como pesquisadores e professores de universidades, médicos, cientistas políticos e representantes de entidades de classes. Recorrer à explicação de uma autoridade demonstra interesse por debater os fatos de forma responsável. Rememoração de fatos e uso de galerias de imagens também foram outros recursos muito explorados pelo núcleo.

Quando investigadas as estratégias textuais e discursivas, chama atenção o fato de que mais de 76% das matérias analisadas foram feitas por “várias mãos”, em coautoria de dois ou três profissionais. Algumas vão além, como um caso em que seis profissionais assinaram uma mesma matéria. Não se sabe se isso é um princípio editorial ou somente a consequência de uma necessidade, fato é que aparenta ser algo benéfico à qualidade do trabalho final. Também se destaca a estratégia de autoreferenciação, com o jornal mencionando a si mesmo em média duas vezes por matéria.

Oliveira (2012) notou este ponto ao investigar os sentidos ligados à credibilidade construídos especificamente nos editoriais do jornal. Em seu trabalho, a autora considerou que a autoreferenciação fez com que a Folha representasse a si mesmo em dois papéis: como sujeito e como referente.

Ao funcionar como referente, observamos que um interessante efeito de sentido é produzido: o sujeito-Folha não é o que faz saber, mas a reportagem do jornal, o levantamento produzido para ela, as vozes outras que emergem no dizer na figura de especialistas, professores, ministros etc. Quando remete para materiais jornalísticos do jornal, a designação “Folha” parece operar qualificando/autenticando esses materiais. Nesse sentido, o nome próprio funciona como uma forma de legitimar o trabalho realizado pela Folha. [...] Funcionando como sujeito ou objeto referente, no entanto, “Folha” produz um efeito de sentido similar. Não se trata do efeito de apagamento do sujeito, mas o de reforço do sujeito do discurso jornalístico da Folha. Ao enunciar sobre si próprio ou sobre seu fazer como se estivesse de fora desse dizer, como se falasse de outro, reforçando este dizer pelos pontos de heterogeneidade, acreditamos que o efeito de exterioridade produz como consequência um

reforço da autoridade deste sujeito enquanto instituição jornalística. [...] Com isso, produz-se um aumento da visibilidade do sujeito-Folha, tornando-o não apenas um jornal autorizado a enunciar do modo como enuncia, mas que é também uma referência para outros jornais da grande imprensa brasileira – efeitos de sentidos que são essenciais para sua credibilidade (Oliveira, 2012, p. 201-202).

Como já narrado por teorias como a do *agenda-setting*, um jornal é pautado pelo que ocorre na sociedade, mas também pauta temas para serem debatidos por ela. E nesse sentido, o jornal fala do que é importante, do que é necessário ser conhecido e, claro, não inocentemente, fala também daquilo que seus gestores querem que seja debatido nos espaços sociais. Assim, ao falar de si a partir de uma posição de exterioridade, o núcleo reforça a imagem da **Folha** como um sujeito do emaranhado social que merece ser debatido, do qual a sociedade deve comentar e reconhecer. Simplificando, é a Folha querendo ocupar um espaço na boca e na mente de seus leitores e, mais do que isso, querendo legitimar esse espaço.

Não menos importante foram os cuidados empreendidos para possibilitar um melhor entendimento aos leitores sobre os fatos noticiados, como a exploração de hiperlinks (aproximadamente 9 por matéria) e a exemplificação. No que se referente à utilização de hiperlinks, a estrutura da informação característica do DeltaFolha aparenta ser rica em possibilidades de navegação. Ao questionar o uso da técnica de pirâmide invertida nas notícias para *web*, Canavilhas (2005) defendeu a necessidade de um modelo que aproveitasse a infinitude de espaço virtual. Diz o autor:

Consideramos que a técnica em causa [pirâmide invertida] está intimamente ligada a um jornalismo muito limitado pelas características do suporte que utiliza – o papel. Usar a técnica da pirâmide invertida na *web* é cercar o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitectura noticiosa aberta e de livre navegação (Canavilhas, 2005, p. 7).

Como alternativa, o autor propõe um modelo de arquitetura que explore as potencialidades virtuais não limitadas ao espaço, o que chamou de pirâmide deitada. Nela, no lugar de todas as informações serem apresentadas em um único texto e organizadas por grau de importância, elas seriam divididas em vários textos que formariam camadas de profundidade e que seriam conectados por hiperlinks. Para o autor, durante o consumo de uma notícia na *web*, é o leitor quem define o seu próprio percurso de leitura, não o jornalista.

Considerando tal debate, é fato que os textos do DeltaFolha ainda guardam muita proximidade com a pirâmide invertida, tanto que muitos vão para o impresso, mídia que ainda exige tal arquitetura. Contudo, o alto uso de hiperlinks em meio aos textos, que redirecionam para outras matérias sobre o tema tratado, permitem um aprofundamento nas informações e isso

feito de acordo com o interesse de cada leitor. A avaliação é que a estratégia se apresenta como positiva e enriquece a experiência do consumo de informação.

Prosseguindo, outro ponto positivo das matérias analisadas foi que na maioria delas havia explicação, superficialmente que seja, dos métodos utilizados para análise de dados. Em último caso, tencionando a desconfiança de um leitor ao máximo, explicitar o caminho percorrido permite que ele mesmo replique a análise feita, podendo comprovar as informações extraídas. A transparência aqui reforça o laço de confiança.

Mais do que isso, a transparência das estratégias usadas para analisar os dados que suscitam uma reportagem ou uma denúncia atua de forma a se afastar da mera objetividade mecânica para se aproximar de uma objetividade disciplinar. Se o trabalho do jornalista tradicional era visto como objetivo unicamente por ter seguido métodos mecânicos de produção textual, como o *lead* ou a própria pirâmide invertida, isso não mais aparenta ser suficiente para enfrentar a era da pós-verdade. Ciente disso, o núcleo se esforça para demonstrar ao leitor as etapas do trabalho investigativo feito, de tal forma que, em alguns casos, o próprio leitor possa replicar a análise feita.

Um ponto que, segundo a avaliação, foi aquém do esperado, foi com relação aos espaços dados a personagens citados em matérias de denúncia. Das 24 matérias que citaram personagens com este enquadramento, apenas 11 delas deram espaço para posicionamento, mesmo que, em alguns casos, os citados tenham preferido não se pronunciar. Ao não dar espaço para que o(s) citado(s) se posicionasse(m), o veículo impediu a exposição de sua defesa. Um ponto interessante e de necessária reflexão é que dos 13 textos que não deram espaço para posicionamento, 10 faziam citação ao ex-presidente da República Jair Bolsonaro e/ou integrantes de seu governo, como ministros e assessores.

A relação do Grupo Folha e do ex-presidente é, há muito, conflituosa. A título de exemplo, ao longo de sua campanha eleitoral em 2018, Bolsonaro acusou o jornal e seus jornalistas de serem mentirosos, atacando sua credibilidade. Um dia após ser eleito, durante entrevista ao vivo no Jornal Nacional (Rede Globo), atacou a Folha, dizendo: “Por si só este jornal se acabou, não tem prestígio mais nenhum, quase todas *fake news* que se voltaram contra mim partiram da Folha de São Paulo”⁵³. Ou seja, considerando o conflito existente, é razoável imaginar que o citado possa ter certa indisposição em responder quando o jornal fazia algum questionamento.

⁵³ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7123920/>>. Acesso em: 17 jun. 2023. Trecho transcrito a partir de 6’58”.

Por fim, na categoria que investigou os enquadramentos e posicionamentos, destaca-se o fato de que em 90% das matérias analisadas os jornalistas se posicionaram em um nível chamado por Charaudeau (2019) de desengajado, de forma que as informações são dadas como evidentes e objetivas e a posição do sujeito-informador é encoberta.

7 ANÁLISE DE GRÁFICOS, INFOGRÁFICOS E VISUALIZAÇÕES

A construção da análise de conteúdo sobre a amostragem de 43 notícias e reportagens do núcleo DeltaFolha possibilitou importantes interpretações a respeito das características do que é produzido pelos jornalistas de dados do jornal, incluindo suas tendências, principais temáticas e estratégias para fomentar a percepção de credibilidade. Porém, um ponto que o método utilizado demonstra ser insuficiente para o alcance de resultados é com relação à investigação específica dos gráficos, infografias e visualizações, que, como já debatido, são elementos fundamentais no processo noticioso que segue as práticas do Jornalismo de Dados.

Para além do estudo da produção textual das reportagens e notícias, a pesquisa objetivou também estudar as características desses elementos visuais utilizados pelos repórteres em meio aos textos. Como observado no estudo teórico, o uso de gráficos pode auxiliar o jornalista no contar da história, apresentar uma ampla gama de informações em espaço reduzido, facilitar a compreensão do leitor sobre dados e, principalmente, contribuir positivamente na percepção de credibilidade.

Porém, isso só ocorrerá se a apresentação dos dados for eficiente e compreensível, de forma que faça sentido para o leitor e que exija baixo custo cognitivo para sua compreensão. Em um cenário onde 29% da população brasileira é analfabeta funcional e apresenta dificuldade na leitura, escrita e reconhecimento de significados simples de representação gráfica, conforme o Indicador de Analfabetismo Funcional (2018)⁵⁴, a clareza das informações expressas pelos gráficos se torna ainda mais relevante.

Assim, buscou-se construir uma nova análise, dessa vez específica para os gráficos, visualizações e infografias presentes na mesma amostragem (43 notícias e reportagens), usando algum método que possibilitasse mensurar a compreensibilidade das visualizações das matérias. Isso foi alcançado com apoio de bibliografia de Oliveira *et al.* (2021). Em um trabalho que objetivou analisar as visualizações criadas por sites governamentais relacionadas à contaminação e vacinação da Covid-19, os pesquisadores desenvolveram um indicador de visualizações ineficientes a partir da metodologia *Design Science Research Methodology* (Peffer *et al.*, 2007).

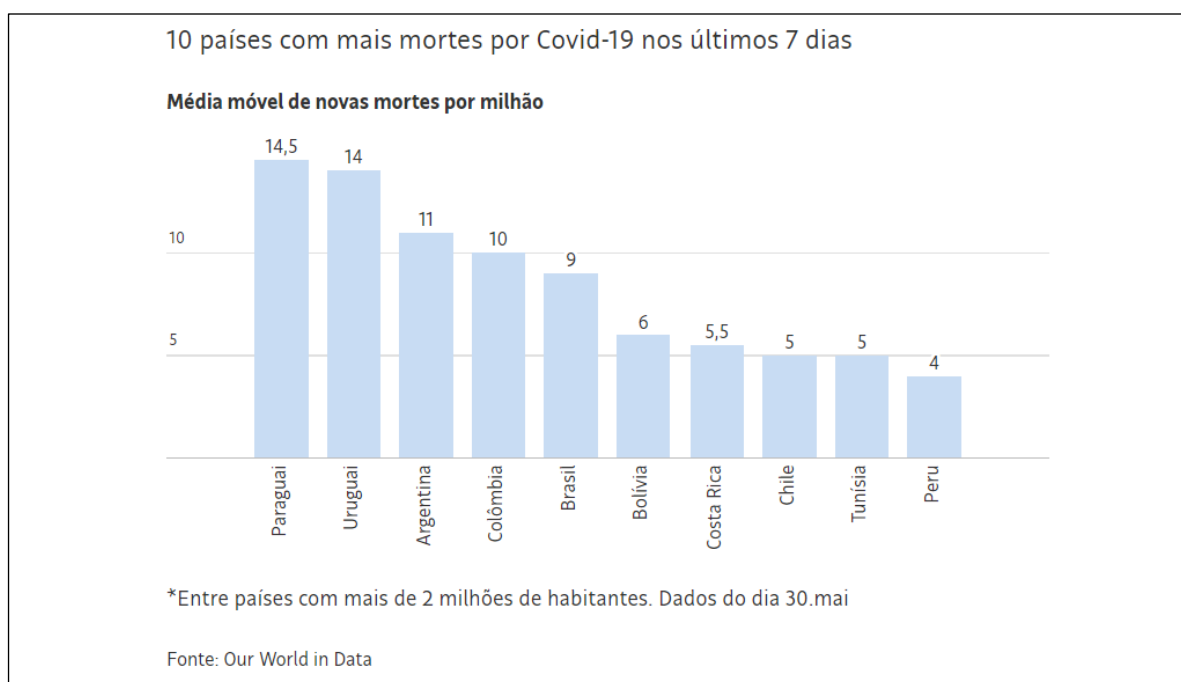
Em resumo, os pesquisadores percorreram as etapas de: (1) Definição de um conjunto de diretrizes que qualificam visualizações e infografias como eficientes e compreensíveis, através de uma revisão da literatura; (2) Busca das visualizações e infografias que formariam o

⁵⁴ Disponível em: <<https://alfabetismofuncional.org.br/alfabetismo-no-brasil/>>.

material a ser avaliado; (3) Formalização do indicador de visualização ineficiente, juntamente com sua fórmula e regras de pontuação.

Os autores consultaram nove artigos e três livros de referência para a extração de diretrizes (ou recomendações de boas práticas) que facilitam a compreensão dos dados pelos cidadãos a partir da leitura de gráficos. Ao todo foram levantadas 157 diretrizes, que posteriormente foram condensadas em um conjunto final de 55 diretrizes por meio do agrupamento por similaridade ou abrangência de mesmo princípio, como legendas, cores ou canais visuais. As diretrizes incluem recomendações gerais sobre a forma de apresentação, canais visuais, uso de cores, design, eixos, marcas visuais e legendas; e recomendações específicas para os gráficos mais comuns, sendo eles os de barras, de pizza, de mapas e de linhas. Como ressalta Oliveira *et al.* (2021), “a ausência de qualquer uma delas [diretrizes] é considerada uma falha, prejudicando a compreensão do gráfico em algum aspecto ou deixando de torná-lo mais transparente ou de fácil leitura possível”.

Figura 16 - Gráfico 10 países com mais mortes por Covid-19 nos últimos 7 dias



Fonte: Folha de São Paulo (2021).

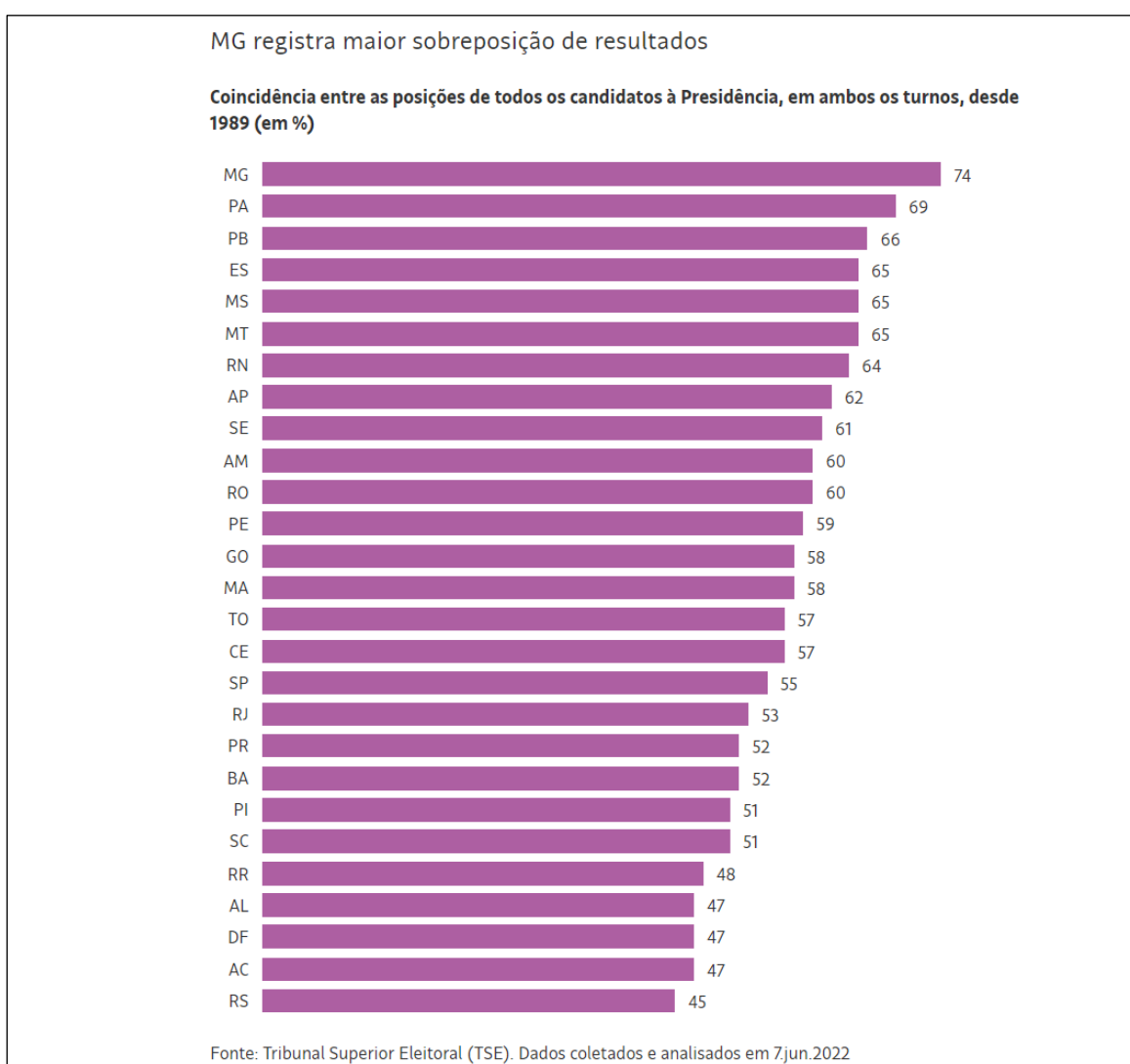
Por exemplo, no gráfico de barras ‘10 países com mais mortes por Covid-19 nos últimos 7 dias’ (Figura 16), apresentado em uma reportagem do DeltaFolha intitulada ‘Copa América vai da Argentina ao Brasil, mas pouca coisa muda em relação à pandemia’⁵⁵, o uso rotacionado

⁵⁵ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/05/copa-america-vai-da-argentina-ao-brasil-mas-pouco-coisa-muda-em-relacao-a-pandemia.shtml>>.

dos rótulos com os nomes de cada país pode ser considerado uma falha de acordo com o conjunto de diretrizes levantadas pelos autores, justamente por dificultar a experiência de leitura e, por conseguinte, a interpretação.

Ou ainda, também a título de exemplo, o gráfico ‘MG registra maior sobreposição de resultados’, da reportagem ‘Entenda por que Minas Gerais é o espelho do Brasil na eleição presidencial’⁵⁶, demonstrado na Figura 17. O gráfico falha ao apresentar um número excessivo de barras, sendo que, de acordo com Oliveira *et al.* (2021) e as diretrizes levantadas por revisão de literatura, o número máximo recomendado é de 25 barras. Neste caso, como se trata de estados, os jornalistas poderiam usar estratégias alternativas, como um gráfico de mapa.

Figura 17 - Gráfico *MG registra maior sobreposição de resultados*



Fonte: Folha de São Paulo (2021).

⁵⁶ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/entenda-por-que-minas-gerais-e-o-espelho-do-brasil-na-eleicao-presidencial.shtml>>.

O conjunto total de diretrizes levantadas por Oliveira *et al.* (2021) se encontra no Anexo deste trabalho, cada uma relacionada a um código usado para identificação e contabilização. Os autores ressaltam, entretanto, que elas não representam de forma completa todas as boas práticas existentes, sendo apenas um conjunto mínimo e essencial de referência.

Por exemplo: não usar gráficos em 3D, adicionar sempre um título ao gráfico, adicionar cores legíveis a pessoas com daltonismo. Há práticas mais contextuais, como: retirar informações irrelevantes do gráfico, ou destacar itens com cores culturalmente aceitáveis, por exemplo, vermelho para perigo ou verde para positivo. Essas recomendações se restringem aos tipos de gráficos mais usados como: barras, pizzas, linhas e mapas, não considerando a interatividade em sua análise. Não foi realizado um julgamento de valor sobre as diretrizes, assume-se que todas têm igual significância (Oliveira *et al.*, 2022).

Já o indicador criado para mensurar a compreensibilidade das visualizações de dados representa o total de falhas encontradas em um mesmo grupo de visualizações — ausência de diretrizes — sobre o número total de visualizações neste grupo, com o resultado multiplicado por 100, como apresentado na Equação 1.

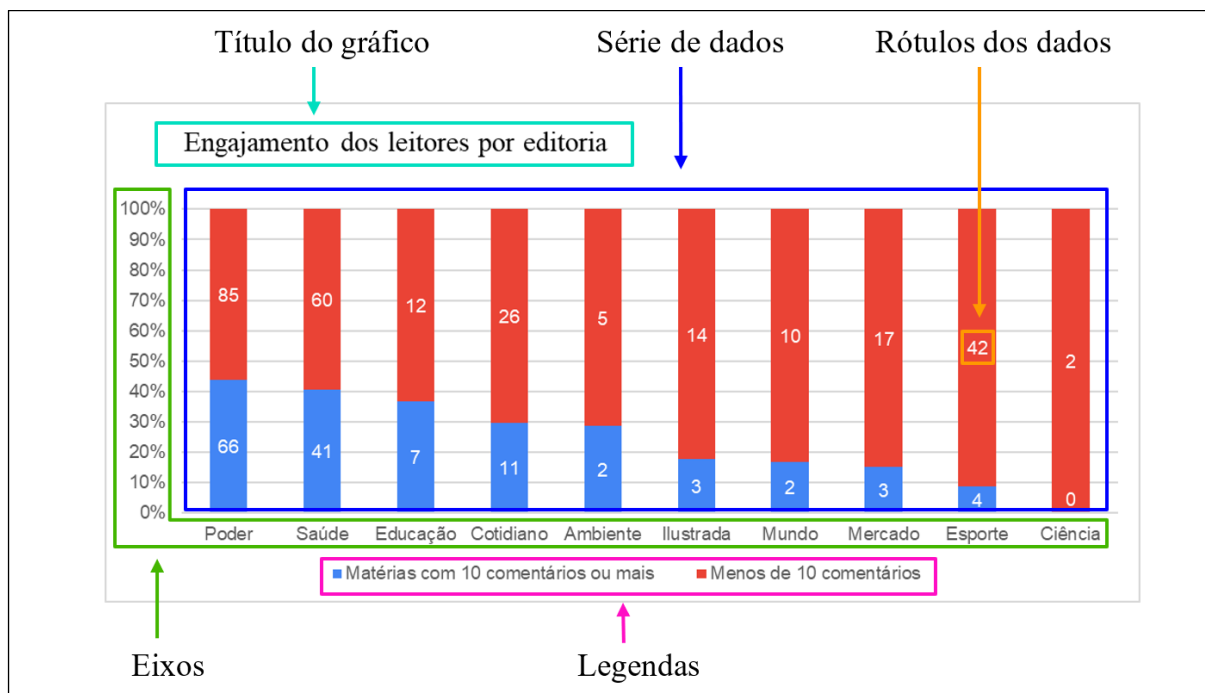
Equação 1 - Fórmula do indicador de visualizações ineficientes

$$\text{Indicador de ineficiência} = \left(\frac{\text{Total de falhas}}{\text{Gráficos validados}} \right) \times 100$$

Fonte: Oliveira *et al.* (2021).

A divisão ocorre para equalizar a nota obtida por grupos com mais ou menos visualizações, e a multiplicação por 100 visa manter o valor final em um número inteiro. Ao final, quanto mais perto de zero, menos visualizações problemáticas o grupo terá e, portanto, maior a compreensibilidade dos gráficos, infografias e visualizações das matérias pertencentes àquele grupo (Oliveira *et al.*, 2021).

Figura 18 - Principais elementos dos gráficos e infografias



Fonte: Elaboração do autor (2023).

Quanto aos principais elementos constitutivos de um gráfico ou infografia, é possível citar: o título, a série de dados, os rótulos, os eixos e as legendas, como demonstrado na Figura 18.

7.1 Resultados da análise de compreensibilidade

De posse da lista de diretrizes, partiu-se então para a análise manual de todos os 92 gráficos, infografias e visualizações presentes nas 43 matérias da amostragem. Uma a uma, buscou-se identificar quais diretrizes foram seguidas e quais não, contabilizando as que não se faziam presentes com auxílio de uma tabela de codificação (ou seja, contabilizando as falhas). A compilação completa das falhas identificadas em cada visualização encontra-se no Apêndice B deste trabalho.

A análise mostrou que a diretriz mais ‘desrespeitada’ foi aquela que recomenda haver apenas uma legenda que transmita as informações mapeadas de uma só vez (21 ocorrências). Considera-se que quanto mais legendas usadas, mais complexo fica o gráfico ou infografia, exigindo maior esforço cognitivo e mais tempo para interpretação. Em seguida aparece a sugestão de eliminar as legendas projetando as figuras de forma que fique óbvio a que informação cada elemento gráfico representa (13 ocorrências).

As escalas de cores também foram problemas frequentes, por exemplo, com gráficos em que muitas linhas se sobrepunham, cada uma com uma cor diferente, prejudicando a visualização e distinção de elementos (12 ocorrências). Em algumas imagens, foi identificada

a desordem visual de elementos, mostrando muitos dados de uma só vez ou informações desnecessárias (11 ocorrências). Também houve problemas nos eixos de gráficos, especialmente os de linhas, onde as escalas dos valores cresciam de maneira irregular (11 ocorrências), e com legendas sendo apresentadas em ordem inversa ou diferente daquela em que os dados são apresentados (10 ocorrências).

Na somatória de falhas por tipo de diretriz, houve destaque para o tipo Legenda, com 44 falhas. Na sequência aparecem as diretrizes ligadas a Cores e também Eixos, com 33 falhas cada; as diretrizes para o Design dos gráficos, com 18 falhas; depois aquelas ligadas às Marcas Visuais, com 16 falhas, e as específicas para os Gráficos de linhas, com 4 falhas. As demais foram as diretrizes para Gráficos de barras (3), Gráficos de mapas (1) e as de Apresentação (1).

Tabela 3 - Total de falhas verificadas nos gráficos que compõem as 43 matérias da amostragem

Diretrizes para construção dos gráficos	Tipo de diretriz	Total de falhas encontradas
Deve haver uma única legenda que transmita todos os mapeamentos de uma só vez.	Legenda	21
Busque eliminar a legenda projetando a figura de tal maneira que seja imediatamente óbvio o que os vários elementos gráficos representam.	Legenda	13
As escalas de cores para diferentes objetos não devem interferir com outros.	Cores	12
Não propague desordem visual mostrando muitos dados de uma só vez ou informações desnecessárias.	Design	11
Mantenha os eixos de unidades iguais com escalas iguais.	Eixos	11
Se houver uma ordem visual em seus dados, use a legenda na mesma ordem.	Legenda	10
Rotule cada eixo com títulos e suas unidades.	Eixos	9
Mantenha sempre um título sobre todo o gráfico.	Eixos	8
Evite grandes quantidades de marcas visuais quando os dados não podem ser agrupados.	Marca visual	8
Evite usar muitas marcas se sobrepondo umas sobre as outras, afetando a identificação.	Marca visual	7
Em qualquer escala de cores, a diferença de tons de uma mesma cor deve ser evidente.	Cores	6
Em gráficos com um pequeno número de valores, use rótulos sobre os dados.	Design	6

Em dados qualitativos, use no máximo cinco cores diferentes.	Cores	4
Em gráficos que abordam as mesmas variáveis, use a mesma cor para a mesma representação.	Cores	4
Em valores absolutos, use o eixo vertical começando em zero.	Eixos	4
Em dados quantitativos, use escala da mesma cor com valores baixos em tons mais claros e altos em tons mais escuros.	Cores	3
Em dados qualitativos, use cores contrastantes em igual intensidade.	Cores	2
Use as conotações culturais das cores ao seu favor.	Cores	2
Avalie a proporção entre altura e largura do gráfico.	Gráfico de linha	2
Se houver informações que devam mais atenção, exiba nas áreas de maior destaque.	Apresentação	1
Ajuste a escolha do plano de fundo de acordo com os outros elementos do gráfico.	Design	1
Em valores relativos, use o eixo mais próximo do intervalo dos dados.	Eixos	1
Mantenha a ordem natural dos dados ou agrupe por itens semelhantes.	Marca visual	1
Use até 25 barras para categorias não recorrentes.	Gráfico de barras	1
Não rotacione os rótulos de eixo grandes, prefira inverter os eixos.	Gráfico de barras	1
Mantenha um espaço em branco intercalado entre cada barra para que sejam distinguíveis.	Gráfico de barras	1
Em mapas coloridos, de preferência use escala de cores discretas e não sequenciais.	Gráfico de mapas	1
Preencha a área sob a curva de um gráfico de linha apenas se o eixo começar em zero.	Gráfico de linhas	1
Não diferencie as linhas por traços ou pontilhados pois dificultam a distinção.	Gráficos de linhas	1
Total		153

Fonte: Elaborado pelo autor (2023), com base em Oliveira *et al.* (2021).

Quanto ao indicador de ineficiência, foi necessário agrupar as matérias a partir de algum crivo, já que a equação usada divide o total de falhas pela quantidade de gráficos válidos de um mesmo grupo. A primeira escolha — e mais óbvia — foi considerar cada editoria de matérias

como um mesmo grupo, portanto, sendo eles: Poder, Saúde, Esporte, Cotidiano, Mercado, Educação, Ilustrada, Mundo, Ambiente e Ciência.

Das 43 matérias, três não apresentaram nenhum gráfico, infografia ou visualização, todas da editoria Poder. Considerando todas as 153 falhas de diretrizes encontradas, divididas pelas 40 matérias restantes, a média foi de 3,8 falhas por notícia ou reportagem. Todas as editorias apresentaram ao menos um dos recursos visuais com falhas.

Proporcionalmente, as editorias de Cotidiano e Educação foram as que mais usaram gráficos e infografias, com uma média de 3,5 gráficos por matéria. As que menos usaram os recursos foram as de Mundo, com uma média de apenas 1 gráfico por matéria, e a de Saúde, com média de 1,5.

Na pontuação do indicador de visualizações ineficientes, a editoria Mundo outra vez se destacou negativamente, com 400 pontos, o que na prática significa que houve uma média de 4 falhas para cada gráfico ou infografia. Contudo, o resultado pode ter sido influenciado pela baixa quantidade de matérias e de recursos visuais desta editoria existentes em meio a amostragem.

As editorias que obtiveram as menores pontuações e, portanto, tiveram os gráficos, infografias e visualizações mais eficientes e compreensíveis, foram: (1) Cotidiano, com 100 pontos. Com 14 gráficos avaliados e 14 falhas registradas, a média da editoria foi de apenas uma falha por gráfico; (2) Ambiente e Ciência, também com 100 pontos. A primeira contabilizou apenas dois gráficos e duas falhas (média de uma falha por gráfico), e a segunda com três gráficos e três falhas (média de uma falha por gráfico); (3) Mercado, com 125 pontos. Foram 4 gráficos avaliados e 5 falhas registradas, perfazendo uma média de 1,25 falha por gráfico; (4) Poder, com 161 pontos. Com 28 gráficos avaliados e 45 falhas registradas, a média da editoria foi de 1,61 falha por gráfico.

Tabela 4 - Indicador de ineficiência dos gráficos com base nas editorias

Editoria	Quant. de matérias analisadas	Matérias com gráficos ou visualizações	Total de gráficos ou visualizações	Média de gráficos por matéria	Total de falhas encontradas	Pontuação
Poder	15	12	28	2,3	45	161
Saúde	10	10	15	1,5	22	147
Esporte	5	5	13	2,6	31	238

Cotidiano	4	4	14	3,5	14	100
Educação	2	2	7	3,5	15	214
Ilustrada	2	2	5	2,5	12	240
Mercado	2	2	4	2,0	5	125
Mundo	1	1	1	1,0	4	400
Ambiente	1	1	2	2,0	2	100
Ciência	1	1	3	3,0	3	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Como se observa, a amostragem proporcional ocasionou uma grande diferença entre a quantidade de matérias de cada editoria, o que influencia nos resultados da análise. Por exemplo, a editoria de Poder, com 15 matérias e 28 gráficos ou infografias analisadas, está muito distante das editorias Mundo, Ambiente e Ciência, com apenas uma matéria e poucos gráficos cada.

Assim, com o objetivo de afastar a análise do tendenciamento causado pela amostragem proporcional, buscou-se uma outra forma de agrupamento das matérias, que pudesse formar grupos mais homogêneos. Optou-se então pelo agrupamento a partir do aspecto temporal. Com esse objetivo, observou-se que a matéria mais antiga da amostragem foi publicada em setembro de 2019 e a mais recente em fevereiro de 2023, e que entre elas há uma diferença de 42 meses. Com isso em mente, foram feitos 7 grupos, cada um formado por um espectro temporal de 6 meses de publicações de matérias. Os grupos formados foram:

- 1º - Matérias publicadas de setembro de 2019 a fevereiro de 2020
- 2º - Matérias publicadas de março de 2020 a agosto de 2020
- 3º - Matérias publicadas de setembro de 2020 a fevereiro de 2021
- 4º - Matérias publicadas de março de 2021 a agosto de 2021
- 5º - Matérias publicadas de setembro de 2021 a fevereiro de 2022
- 6º - Matérias publicadas de março de 2022 a agosto de 2022
- 7º - Matérias publicadas de setembro de 2022 a fevereiro de 2023

Sob este novo enfoque, foi possível notar que as matérias mais recentes foram as que mais fizeram uso de gráficos ou infografias. As matérias publicadas pelo núcleo DeltaFolha que estão na amostragem de 10% mais comentadas, e que foram publicadas entre março e agosto de 2022, tiveram uma média de 3,3 gráficos ou infografias cada. Já aquelas publicadas no semestre seguinte, entre setembro de 2022 e fevereiro de 2023, apresentaram, em média, 2,9 gráficos por matéria.

Tabela 5 - Indicador de ineficiência dos gráficos com base em períodos

Período	Quant. de matérias analisadas	Matérias com gráficos ou visualizações	Total de gráficos ou visualizações	Média de gráficos por matéria	Total de falhas encontradas	Pontuação
9/2019 a 2/2020	8	8	19	2,4	29	153
3/2020 a 8/2020	6	6	11	1,8	15	136
9/2020 a 2/2021	9	9	19	2,1	36	189
3/2021 a 8/2021	5	5	10	2,0	17	170
9/2021 a 2/2022	2	2	3	1,5	4	133
3/2022 a 8/2022	6	3	10	3,3	17	170
9/2022 a 2/2023	7	7	20	2,9	35	175

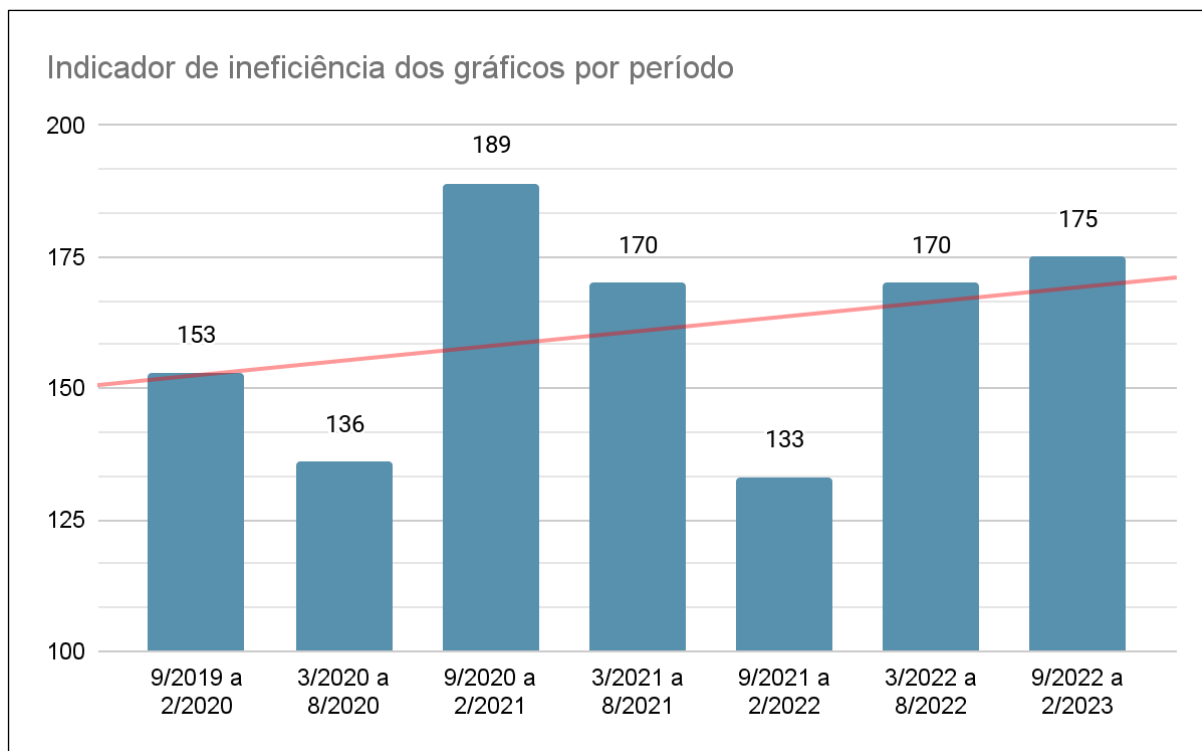
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Por outro lado, o período em que menos houve a exploração dos recursos visuais foi entre setembro de 2021 e fevereiro de 2022, com média de 1,5 gráfico por matéria. Novamente, a baixa quantidade de matérias no grupo aparenta influenciar a pontuação do indicador de ineficiência. Também houve baixa exploração de recursos visuais no período entre março e agosto de 2020, com média de 1,8 gráfico por matéria.

No indicador de visualizações ineficientes, o período que mais apresentou falhas foi o de setembro de 2020 a fevereiro de 2021, com 189 pontos. Com 19 gráficos avaliados e 36 falhas registradas, a média foi de 1,8 falha por gráfico. Na sequência aparece o período mais recente, de setembro de 2022 a fevereiro de 2023, com 175 pontos. Foram 20 gráficos avaliados e 35 falhas registradas, perfazendo uma média de 1,75 falha por gráfico; e os períodos de março

a agosto de 2021 e de março a agosto de 2022, com 170 pontos cada. Em ambos os casos foram 10 gráficos avaliados e 17 falhas registradas, com média de 1,7 falha por gráfico.

Gráfico 5 - Indicador de ineficiência dos gráficos por período



Fonte: Elaboração do autor (2023).

Como é possível observar no Gráfico 5, houve uma tendência de crescimento no indicador de ineficiência dos gráficos, infografias e visualizações usadas nas matérias do DeltaFolha ao longo do tempo.

Conforme o que foi debatido ao longo do trabalho com relação ao uso de gráficos, infografias e visualizações por parte do Jornalismo de Dados, sua aplicação atende a uma demanda imperativa no atual contexto social de imersão nas pós-verdades e *fake news*: fazer com que textos jornalísticos façam apelos à uma visada de captação juntamente à visada de informação.

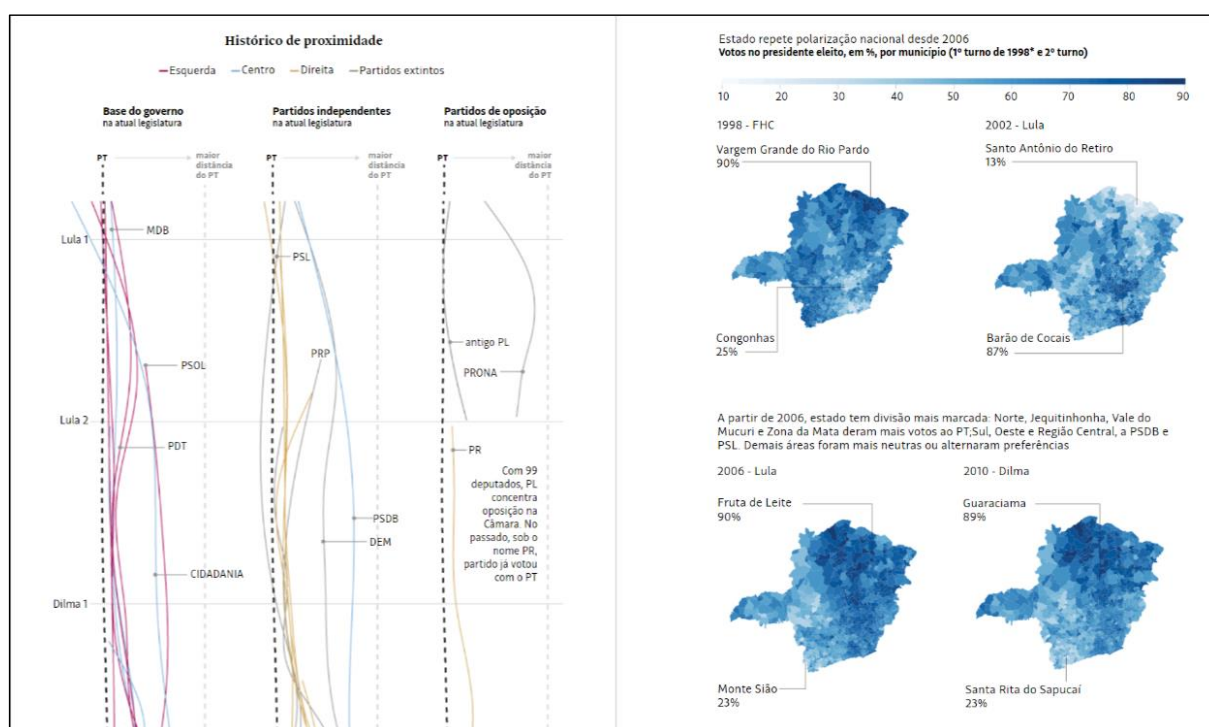
Em outras palavras, os recursos visuais empregados pelo Jornalismo de Dados têm o potencial de não somente informar, mas também de causar impacto sensorial, talvez até emocional nos leitores, proporcionando sensações de prazer, conforto e satisfação no ato da leitura. Isso naturalmente beneficia a capacidade de criar vínculos ligados à percepção de credibilidade.

A avaliação que se pode fazer com relação ao uso dos recursos visuais pelo núcleo DeltaFolha é que há um notório esforço para a construção de gráficos que complementem as

descrições dos dados investigados, com a apresentação de artes complexas, algumas vezes extensas e que resultam do trabalho em conjunto de vários profissionais.

Também é válido ressaltar que algumas visualizações tinham a capacidade de imergir o leitor nos fatos históricos descritos, como nos casos de linhas do tempo que descreviam fatos importantes da política nacional, caso do gráfico ‘Histórico de proximidade’, da reportagem ‘Histórico de votações sugere base de Lula ainda mais frágil na Câmara’⁵⁷. Ou ainda, nas visualizações de mapas ‘Votos no presidente eleito, em %, por município (1º turno de 1998* e 2º turno)’, da reportagem ‘Entenda por que Minas Gerais é o espelho do Brasil na eleição presidencial’⁵⁸.

Figura 19 - Exemplos de recursos visuais usados pelo DeltaFolha



Fonte: Folha de São Paulo (2023; 2022).

Apesar dos pontos positivos, a média de 3,8 falhas de visualizações por notícia ou reportagem acende um sinal de alerta. O problema mais impactante que a análise pôde demonstrar, sem ignorar os demais, foi com relação a desordem visual e o acúmulo de muitos elementos que tornavam a leitura carregada e mais complexa, o que se contrapõe ao predado de fácil compreensão e baixo custo cognitivo que o Jornalismo de Dados deveria ter.

⁵⁷ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/02/historico-de-votacoes-sugere-base-de-lula-ainda-mais-fragil-na-camara.shtml>>.

⁵⁸ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/entenda-por-que-minas-gerais-e-o-espelho-do-brasil-na-eleicao-presidencial.shtml>>.

Respaldam tal argumento as repetidas falhas de diretrizes ligadas a legenda, design e marca visual, como: ‘Busque eliminar a legenda projetando a figura de tal maneira que seja imediatamente óbvio o que os vários elementos gráficos representam’, com 13 falhas encontradas; ‘Não propague desordem visual mostrando muitos dados de uma só vez ou informações desnecessárias’, com 11 falhas encontradas; ‘Evite grandes quantidades de marcas visuais quando os dados não podem ser agrupados’, com 8 falhas encontradas, e ‘Evite usar muitas marcas se sobrepondo umas sobre as outras, afetando a identificação’, com 7 falhas encontradas.

Para um público com maior escolaridade, tais falhas podem não afetar a experiência de consumo da informação, mas certamente prejudica a daqueles com menor escolaridade e de maior suscetibilidade para acreditar em *fake news*.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo jornalístico, assim como os diversos agentes que o integram, atravessam na contemporaneidade um terreno pantanoso. A presente pesquisa originou-se a partir de inquietações causadas por este cenário, no qual a credibilidade da imprensa e dos jornalistas, assim como de outras instituições responsáveis por fornecer os alicerces de verdade para a vida em sociedade, se vê profundamente abalada. Com essa premissa, o estudo se debruçou sobre a investigação do que venha a ser credibilidade, conceito abstrato, mas que ao mesmo tempo é tão perceptível no consumo diário de informações.

Um primeiro ponto de grande relevância sobre o qual o trabalho lançou luz foi com relação a dupla natureza da credibilidade em meio ao jornalismo. Por um lado, ela pode ser considerada o capital simbólico deste campo, sendo constituída pela transmutação de outras formas de capitais e de inúmeros processos históricos que foram institucionalizados ao jornalismo e ao seu modo de fazer, processos estes que se relacionam até mesmo com a formação das sociedades democráticas. Por outro lado, ela também se forma no campo da percepção em meio ao consumo da informação, nos processos individuais de julgamento de valor que permitem ao cidadão consumidor de informação crer no que é noticiado.

O caminho teórico percorrido evidenciou a ideia de que a atual conjuntura sociopolítica, propensa à circulação de pós-verdades e *fake news*, tem abalado significativamente o potencial da população de perceber como credível o conteúdo noticioso produzido pela imprensa. Também mostrou que o cerne dos processos de desconfiança instaurados se configura como uma derrocada da verdade, ou ao menos da percepção da verdade dos fatos.

A partir disso, a contribuição teórica central da dissertação foi com relação aos caminhos pelos quais os integrantes do campo jornalístico podem revitalizar a percepção de sua verdade. Essa tarefa, claro, é ampla e envolve questões que vão além do campo jornalístico, como o enfrentamento jurídico aos agentes políticos que disseminam mentiras trajadas de verdades. Contudo, dentro do próprio campo jornalístico existem importantes iniciativas que contribuem nesta missão, como o Jornalismo de Dados.

A visada teórico-metodológica mostrou que a prática do Jornalismo de Dados aglutina uma gama de processos com potencial de conceber maior verossimilhança ao que é noticiado. Não em uma linguagem inexpressiva e ascética, pelo contrário, com uma visada de captação capaz de desencadear interesse pelo que é informado, com uso de gráficos, infografias e visualizações cativantes e ao mesmo tempo altamente informativos.

Além disso, as técnicas de coleta e análise de dados usadas para informar aproximam-se dos métodos usados pelas ciências sociais e da transparência científica. Com isso, o conhecimento construído pelo Jornalismo de Dados não se limita à divulgação de acontecimentos isolados, mas alcança análises substanciais passíveis de replicabilidade transpessoal como forma de permitir a existência de uma verdade verificável. Ainda foi defendida a capacidade do Jornalismo de Dados de promover o acesso à informação de interesse público proveniente de dados governamentais e, com isso, possibilitar o *accountability* político.

Quanto ao esforço analítico empreendido nesta pesquisa, este objetivou um estudo de caso sobre a prática do Jornalismo de Dados no jornal Folha de São Paulo. O uso conjugado de abordagens quali e quantitativas, com a mineração textual e análise de conteúdo, contribuiu eficientemente para que a análise apreciasse diversos aspectos das notícias e reportagens publicadas pelo núcleo. Conforme os resultados encontrados, o conteúdo produzido a partir de dados apresentou alta relevância e impacto social, sendo recorrente as denúncias de interesse público e a exploração de dados provenientes de órgãos governamentais. Nas etapas de apuração dos fatos e recurso a provas, o núcleo também demonstrou alto grau de autonomia, com dados investigados e cruzados de maneira autoral, apresentando a explicação, superficialmente que seja, dos métodos utilizados na investigação dos dados.

Em um segundo momento, a pesquisa focou especificamente nos recursos visuais usados pelo núcleo, de modo a avaliar a compreensibilidade alcançada. Ficou evidente que o recurso a gráficos, infografias e visualizações por parte do núcleo DeltaFolha não é escasso. Pelo contrário, é nítido o esforço empregado por parte de seus integrantes para a construção de recursos visuais variados, interessantes e informativos. Entretanto, um ponto negativo encontrado diz respeito ao excesso de informação e a complexidade com a qual são apresentados. Em que pese o fato de o público leitor do jornal ser elitizado, uma das premissas do Jornalismo de Dados é demandar um baixo custo cognitivo para que bancos de dados possam ser compreendidos pelo maior número de pessoas. Quanto mais complexas forem as visualizações, menos eficientes serão.

O que se deve ter em mente é que, apesar de importante, a atratividade visual não pode se sobrepor ao potencial de compreensão do recurso visual. Se a compreensibilidade e a ‘beleza’ gráfica entrarem em conflito, deve-se priorizar a compreensibilidade, mesmo que isso resulte na criação de gráficos simples, o que por vezes foi negligenciado pelo DeltaFolha.

Outros pontos importantes e que devem ser esclarecidos neste trabalho relacionam-se às dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa e as lacunas verificadas. O objetivo inicial da análise de conteúdo era o de analisar as 412 notícias e reportagens publicadas pelo

DeltaFolha e incluídas no *corpus*, mas a quantidade era demasiadamente grande para uma análise qualitativa não-computadorizada. A solução encontrada, ou seja, a extração de uma amostragem proporcional de textos, tornou o trabalho possível, porém, é natural que alguns aspectos do *corpus* possam ter se perdido neste processo.

Outro desafio da pesquisa foi com relação a análise das infografias. Poucos trabalhos dentro da área da Comunicação abordam especificamente o que a análise pretendia: investigar a compreensibilidade de uma grande quantidade de recursos visuais. Algumas alternativas foram avaliadas, como por exemplo as análises ligadas aos estudos da Semiótica, porém estas não satisfaziam os objetivos ou iriam demandar tempo maior do que aquele disponível. Mesmo com os percalços, a avaliação é de que a metodologia empregada possibilitou bons resultados. Além disso, o intercâmbio de métodos de diferentes áreas (Comunicação, Informação, Ciência de Dados, e até da Computação e Informática) enriqueceu o trabalho e contribuiu para a aproximação dos campos acadêmicos.

Uma lacuna encontrada e que deve ser investigada em pesquisas futuras diz respeito a parte da recepção do conteúdo noticioso ligado ao Jornalismo de Dados. Um dos interesses iniciais da pesquisa era o de avaliar como os consumidores do núcleo DeltaFolha recebem aquilo que é produzido, o que permitiria criar um contraste entre a credibilidade constituída pelo Jornalismo de Dados com a credibilidade percebida pelo público. Entretanto, o desafio se mostrou complexo, exigindo novos métodos e, novamente, mais tempo do que o disponível.

No mais, ressalta-se que este trabalho acadêmico apresentou algumas tentativas de respostas para um problema bastante complexo, que é a queda do capital simbólico e imaterial de credibilidade. Seu recorte foi restrito à atual situação histórica e sociopolítica pela qual atravessam as sociedades e as instituições jornalísticas. O objetivo, desde o início, não foi o de trazer respostas concretas e certezas absolutas sobre o tema e a questão da pesquisa, mas sim, fazer uma reflexão sobre os possíveis caminhos para enfrentar a descredibilização que tem afetado a imprensa.

A dissertação abre caminho para que futuras investigações sobre o problema da credibilidade e dos benefícios do Jornalismo de Dados possam ser feitas, sejam em situações históricas e conjunturas políticas diferentes, sejam com objetos empíricos mais amplos, ou ainda, com uma metodologia que seja capaz de averiguar os impactos de uma variável sobre a outra, por exemplo, com um estudo sobre a percepção de credibilidade dos leitores de alguma iniciativa de Jornalismo de Dados.

Apesar das lacunas e necessidades de mais investigações sobre os temas estudados, o trabalho foi capaz de elucidar e contribuir em importantes debates nas áreas da Comunicação, Informação, Jornalismo e Ciência de Dados.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO SILVA, Ricardo George. Verdade e Política: considerações a partir da obra de Hannah Arendt. **Cadernos Arendt**, v. 1, n. 2, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.26694/ca.v1i2.2163>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ARENDT, Hannah. **Verdade e Política**. The New Yorker. Tradução: Manuel Alberto, fev. 1967.

ARORA, Sanjay K.; LI, Yin; YOUTIE, Jan; SHAPIRA, Philip. Using the Wayback Machine to mine websites in the social sciences: a methodological resource. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, v. 67, n. 8, p. 1904–1915, 2016.

ASSIS, Cássia Lobão; NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **Processos culturais: endoculturação e aculturação**. Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008. Disponível em: <http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Estudos_Contemporaneos_Cultura/Est_C_C_A08_J_GR_260508.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2022.

BALDESSAR, Maria José. **Apontamentos sobre o uso do computador e o cotidiano dos jornalistas**. In: XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 24., 2001, Campo Grande, MS. *Anais...* Campo Grande: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2BALDESSAR.PDF>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital em base de dados (JDBD): um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos**. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

BARBOSA, S. A.; TORRES, V. O paradigma ‘Jornalismo Digital em Base de Dados’: modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. **Galáxia (São Paulo, online)**, n. 25, p. 152-164, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/gal/v13n25/v13n25a13.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BARSOTTI, Adriana. **Jornalista em mutação: do cão de guarda ao mobilizador de audiências**. Florianópolis: Insular, 2014.

BAZZO, Jéssica; MARTINS, Dalton L.; BARBOSA, Filipe A. C. O surgimento da pesquisa em Jornalismo de Dados no Brasil. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS. online First. 2020.

BERGER, C. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1998.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 33. ed. Petropolis: Vozes, 2011. Trad. Floriano de Souza Fernandes.

BONAMINO, A.; ALVES, F.; FRANCO, C. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, p. 487–499, 2010.

BOWMAN, Shayne; WILLIS, Chris. We Media: How audiences are shaping the future of news and information. In: **The Media Center at The American Press Institute**, 2003. Disponível em: <http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BOURDIEU, P. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. G. (Ed.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood Press, 1986. p. 241–258.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas – SP: Papirus, 1996.

_____. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRADSHAW, P. The inverted pyramid of datajournalism. **Online Journalism Blog**, v. 7, 2011.

BUCCI, E. Pós-política e corrosão da verdade. **Revista USP**, n. 116, p. 19–30, 2018.

CAMARGO, G. A. Sobre o conceito de verdade em Nietzsche. **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche**, v. 1, n. 2, p. 93–112, 2008.

CAMPOS, P.; LIMA, R. Capital simbólico, representações sociais grupos e o campo do reconhecimento. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 167, p. 100–127, 2018.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: BARBOSA, Suzana (Org.). **Jornalismo digital de terceira geração**. Universidade da Beira Interior: Livros LabCom, 2007, p. 24-40.

CAPELATO, Maria Helena; *et al.* **Um país aberto: reflexões sobre a Folha de S. Paulo e o jornalismo contemporâneo**. São Paulo: Publifolha, 2003.

CARVALHO, Luciana Menezes. **Legitimação institucional do jornalismo informativo nas mídias sociais digitais: estratégias emergentes no conteúdo de Zero Hora no Twitter**.

Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

CERVI, E. U. Análise de conteúdo automatizada para conversações em redes sociais online: uma proposta metodológica. In: **Anais do 48º Encontro Anual Anpocs**. Caxambu, Minas Gerais: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2019.

CHRISTOFOLETTI, R.; LAUX, A. Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na blogosfera. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 31, n. 1, p. 29–49, 2008.

DEAN, J. **Big data, data mining and machine learning**. Hoboken, New Jersey: Wiley, 2014. ISBN 978-1-118-92069-5.

DEIRO, Bruno. O ônus da agilidade no jornalismo online. In: **9º Interprogramas de Mestrado em Comunicação**, 2013, São Paulo, SP. Anais... São Paulo: 9º Interprogramas de Mestrado em Comunicação, 2013.

DERRIDA, J. História da mentira: prolegômenos. **Estudos Avançados**, v. 10, n. 27, p. 7–39, 1996.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. 1. ed. Barueri: Faro Editorial, 2018. Tradução Carlos Szlak.

FEDERACÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. [S.l.], 2007.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, J. Capital simbólico, dominación y legitimidad: Las raíces weberianas de la sociología de Pierre Bourdieu. **Papers: Revista de Sociologia**, v. 98, n. 1, 2012. ISSN 2013 9004.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio.

FREITAS, Rony Kley. DACORSO, Antonio Luiz. Inovação aberta na gestão pública: análise do plano de ação brasileiro para a Open Government Partnership. **Rev. Adm. Pública**, vol. 48, n. 4, p. 869-888, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0034-76121545>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

GEHRKE, M. **O uso de fontes documentais no Jornalismo Guiado por Dados**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

GOMES, W. S. Verdade e perspectiva. a questão da verdade e o fato jornalístico. **Textos de Cultura e Comunicação**, v. 29, p. 63–83, 1993.

GUERRA, Josenildo Luiz. **O percurso interpretativo na produção da notícia**. São Cristóvão - SE: Editora UFS, 2008.

GULLICH, G.; SIQUEIRA, F. Jornalismo de dados: a importância da apresentação gráfica na interpretação dos dados. In: **Anais do VIII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR)**. FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi – São Paulo: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2018.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C; FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

JAMIL, S. Increasing Accountability Using Data Journalism: Challenges for the Pakistani Journalists. **Journalism Practice**, v. 15, n. 1, 2019. ISSN 1751-2794.

KEYES, Ralph. **Era da pós-verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Mil dias: seis mil dias depois**. São Paulo: Publifolha, 2005.

LIMA SANTOS, M. D. Tem DDJBR aqui? mapeando a presença do jornalismo de dados no Brasil. In: **Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belém, PA: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019.

LISBOA, Sílvia. **Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor**: independência, imparcialidade, objetividade, honestidade e coerência. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/54507>>.

LISBOA, Sílvia; BENETTI, Marcia. O jornalismo como crença verdadeira justificada. **Brazilian Journalism Research**, v. 11, n. 2, p. 10–29, 2015.

_____. Credibilidade no jornalismo: uma nova abordagem. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 14, n. 1, p. 51-62, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n1p51/35053>>. Acesso em: 8 jan. 2022.

MANCINI, Leonardo; VASCONCELLOS, Fábio. Jornalismo de Dados: conceito e categorias. **Revista Fronteira – estudos midiáticos**, vol. 18, n. 1, p. 69-82, 2016. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2016.181.07/5300>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo**: A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2000.

MEDEIROS, Ana B. **A reportagem com base na extração, análise e visualização de dados**. 2016. 275f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MEYER, P. **Os jornais podem desaparecer?** Como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo: Contexto, 2007.

MITCHELL, R. **Web scraping com Python**: coletando mais dados da web moderna. Santos: São Paulo: Novatec Editora, 2019. ISBN 978-85-7522-734-3.

MORAES, A. Teorias do jornalismo: Um estudo do campo a partir da ideia de formação discursiva. In: MAIA, J. (Ed.). **Gêneros e formatos em Jornalismo**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011. p. 35–54.

MORAES, A.; MACHADO, L. **Comunicação e discursividade**: teoria e dispositivos analíticos da AD. Goiânia: FAC/UnB: Kelps, 2019.

MURPHY, Jamie; HASHIM, Noor H.; O'CONNOR, Peter. Take Me Back: Validating the Wayback Machine. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, p. 60-75, 2007.

OLIVEIRA, Cândida. **Credibilidade no discurso jornalístico**: tradição e autoridade nos editoriais da Folha de S.Paulo no marco de seus 90 anos. 2012. 258f. Dissertação (Mestrado em

Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

OLIVEIRA, Rodrigo; CAPPELLI, Claudia; OLIVEIRA, Jonice. An indicator of inefficient visualizations: the challenge of transparency during the COVID-19 pandemic in Brazil. In: **Anais do Simpósio Brasileiro de Sistemas de Informação (SBSI) 2021**. Uberlândia, Minas Gerais: Sociedade Brasileira de Computação, 2021.

PARK, R. A notícia como forma de conhecimento. In: STEINBERG, C. (Ed.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 168–185.

PEFFERS, K.; TUUNANEN, T.; ROTHENBERGER, M.; CHATTERJEE, S. A Design Science Research Methodology for Information Systems Research. **Journal of Management Information Systems (JMIS)**, v. 24, n. 8, p. 45–78, 2007.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, n. 24, p. 38-57, 2011. Disponível em: <<https://seer.ufgrs.br/intexto/article/view/19208/12362>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PEUCER, T. Os relatos jornalísticos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 1, n. 2, p. 13–29, 2004. Trad. Paulo da Rocha Dias.

PROETTI, Sidney. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen**, v. 2, n. 4, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.32459/revistalumen.v2i4.60>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

RAMONET, Ignacio. Meios de comunicação: um poder a serviço de interesses privados?. In: MORAES, Dênis (org.). **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 53-70.

REINERT, M. Alceste, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurelia de gerard de nerval. **Bulletin de Methodologie Sociologique**, v. 26, p. 24–54, 1990.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. Reuters Institute Digital News Report – 2019. Oxford, United Kingdom, 2019. 156 p.

RIBEIRO, A.; MARTIN, R. M.; JÚNIOR, J. L.; G., F. J. **Jornalismo de Dados: conceitos, rotas e estrutura produtiva**. 1. ed. Curitiba: Editora InterSaberes, 2018.

RIBEIRO, L. A condição cidadã. In: SIGNATES L., M. A. (Ed.). **Cidadania comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa**. Goiânia: UFG, 2016. p. 69–112.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Claudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis - SC: Insular, 2007.

SALVADOR, A. D. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre, RS: Sulina, 1986.

SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D.; CORDATO, A. N.; MARIOTO, D. J. F.; M, B.; NICHOLS, B. W. Uma técnica parada no tempo? Mapeamento da produção científica baseada em análise de conteúdo na SciELO Brasil (2002-2019). **Preprint Scielo**, 2021.

SANTOS, I. G. **A imprensa na era da desconfiança**: análise dos fatores internos e externos ao campo jornalístico que contribuem para a desconstrução da credibilidade da imprensa, 2020. Monografia (Bacharelado em Jornalismo). Curso de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

SANTOS, I. G. A credibilidade jornalística entendida a partir de um processo histórico-discursivo legitimador. In: **Anais do XX Encontro Nacional de Professores de Jornalismo**. Brasília, DF: Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo, 2021.

SANTOS, I. G; CASSIANO, K. K. O impacto do discurso político no processo de descredibilização da imprensa: estudo de recepção a matérias jornalísticas. In: **Anais do Seminário Jornalismo Contemporâneo no Contexto da Desinformação**. São Paulo (SP): Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Casper Líbero, 2021.

SANTOS, I. G; CASSIANO, K. K. Jornalismo e desinformação: quando informações imprecisas são difundidas no imaginário social por narrativas jornalísticas. In: **Anais do XV Seminário Internacional de Mídia, Cultura, Cidadania e Informação**. Goiânia (GO): Programa de Pós-Graduação em Comunicação – FIC/UFG, 2021.

SANTOS, K. **Em busca da credibilidade perdida**: a rede de investigação jornalística na era das *fake news*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SEIXAS, R. A retórica da pós-verdade: o problema das convicções. **EIDA - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, n. 18, p. 122–138, 2019.

SERRANO, Pascual. Outro jornalismo possível na internet. In: MORAES, Dênis (org.). **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 145-182.

SILVA, M. M.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, G. O. A pesquisa bibliográfica nos estudos científicos de natureza qualitativos. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 91-103, 2021.

SILVA, R. A influência tecnológica sobre a prática jornalística. In: **Anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia**. Ouro Preto, MG: Alcar - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2013.

SILVA, R. G. A. Verdade e política: considerações a partir da obra de Hannah Arendt. **Cadernos Arendt**, v. 1, n. 2, 2020. ISSN 2675-4835.

SILVEIRA, Ada Cristina M.; SANCHOTENE, Carlos; LAVARDA, Suélen L. Quando as notícias mais compartilhadas são falsas: a circulação de boatos durante a semana do impeachment no Facebook. **Comunicação & Informação**, Goiânia, GO, v. 20, n. 3, p. 99-112, out./dez. 2017.

SOUSA, J. P. Tobias Peucer: Progenitor da teoria do jornalismo. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 1, n. 2, p. 31-46, 2004.

SOUZA, R. Investigando as fake news: análise das agências fiscalizadoras de notícias falsas no Brasil. In: **Anais do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Volta Redonda, RJ: Intercom Sudeste, 2017.

THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.

TOMBASI, O. Jornalismo e teorias da verdade. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 30, n. 1, p. 35-48, 2007.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. v. 1. ISBN 857474204X.

TRÄSEL, Marcelo. **Entrevistando planilhas**: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

TRÄSEL, Marcelo; LISBOA, Sílvia; VINCIPROVA, Giulia. Pós-verdade e confiança no jornalismo: uma análise de indicadores de credibilidade em veículos brasileiros. **Brazilian Journalism Research**, vol. 15, n. 3, p. 452-473, 2019. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1211/pdf_1>. Acesso em: 10 jan. 2022.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2. ed. Tradução Luís Manuel Dionísio. Lisboa, Portugal: Vega, 1999, p. 74-90.

VASCONCELLOS, Fábio. Jornalismo Guiado por Dados e sua contribuição para a agenda pública no Brasil: Um estudo de caso sobre as publicações online do Globo e do Estadão. In: I Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, 2014, São Paulo, SP. **Anais... São Paulo: Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo**, 2014.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa (Portugal): Editora Presença, 1987.

ZUCKERMAN, Ethan. Fake news is a red herring. Deutsche Welle. Disponível em: <<http://www.dw.com/en/fake-news-is-a-red-herring/a-37269377>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

APÊNDICE A - TABELA DE CATALOGAÇÃO DAS MATÉRIAS DO *CORPUS*

	Título da matéria	Data de publicação	Link	Editoria	Mais de 10 comentários?	Nº de comentários	Link dos comentários
T1	População dobra e ocupação quadruplica desde os anos 1990 no litoral norte de SP	28/02/2023	Link	Cotidiano	Não	2	Link
T2	Estratégia do governo Lula para ampliar base no varejo desafia histórico dos deputados	26/02/2023	Link	Poder	Não	1	Link
T3	Região mais populosa de São Paulo, zona leste é a que tem menos blocos de Carnaval	17/02/2023	Link	Cotidiano	Não	0	Link
T4	Entidade que cobrava beneficiário por cisterna tem contratos em 3 estados	16/02/2023	Link	Poder	Sim	10	Link
T5	Histórico de votações sugere base de Lula ainda mais frágil na Câmara	12/02/2023	Link	Poder	Sim	89	Link
T6	Firme dos 18 aos 38, LeBron James quebrou recorde com força e durabilidade	08/02/2023	Link	Esporte	Não	4	Link
T7	Folha publica reportagem a partir de documentos públicos, em parceria com o Google	29/01/2023	Link	Poder	Não	0	Link
T8	Famílias pobres são enganadas e pagam para receber cisternas sob Bolsonaro	29/01/2023	Link	Poder	Sim	95	Link
T9	Criado para divulgar dados sobre Covid, consórcio de veículos de imprensa chega ao fim	28/01/2023	Link	Saúde	Sim	38	Link

T10	Conheça detalhes de edifícios icônicos concentrados no coração de São Paulo	24/01/2023	Link	Cotidiano	Não	3	Link
T11	Nascidos no início do ano têm até o triplo de chance de chegar à elite do futebol	21/01/2023	Link	Esporte	Não	9	Link
T12	Presos por ataques golpistas receberam verba pública e de bolsonaristas nas eleições	18/01/2023	Link	Poder	Sim	25	Link
T13	Veja áreas do Congresso, Planalto e STF atingidas nos ataques golpistas	16/01/2023	Link	Poder	Não	1	Link
T14	Ministra de Lula desgastada por elo com milicianos teve domínio local recorde de votos no país	07/01/2023	Link	Poder	Sim	133	Link
T15	Brasil atinge menor número de praias limpas em 6 anos; veja a sua	21/12/2022	Link	Cotidiano	Sim	20	Link
T16	Veja os números que deram a Messi o troféu de melhor jogador da Copa	18/12/2022	Link	Esporte	Não	3	Link
T17	Argentina teve o dobro de perigo em relação à França na final da Copa	18/12/2022	Link	Esporte	Sim	14	Link
T18	Brasil avança em pesquisa multidisciplinar, mas cortes recentes ameaçam projetos	16/12/2022	Link	Educação	Não	0	Link
T19	Emenda de relator acentua abismo na verba da saúde entre cidades parecidas	16/12/2022	Link	Poder	Não	0	Link
T20	Chutes e gols de fora da área são exceção na Copa do Qatar	15/12/2022	Link	Esporte	Não	0	Link
T21	Goleiro da Croácia defendeu 11 de 12 chutes certos do Brasil	09/12/2022	Link	Esporte	Não	0	Link

T22	Se futebol fosse música: ouça os gols do Brasil na Copa	08/12/2022	Link	Esporte	Não	0	Link
T23	Adversários nas quartas, croatas jogaram em média 66 minutos a mais que brasileiros	08/12/2022	Link	Esporte	Não	0	Link
T24	Veja como jogam os principais craques das quartas de final da Copa	08/12/2022	Link	Esporte	Não	0	Link
T25	Estatística mostra grau de ameaça do ataque na Copa; veja desempenho do Brasil	06/12/2022	Link	Esporte	Não	0	Link
T26	Verba privada na eleição sobe 23% com doadores novatos e bolsonaristas	04/12/2022	Link	Poder	Não	5	Link
T27	Eliminada, Alemanha é seleção com mais chutes e dribles certos; veja curiosidades da 1ª fase da Copa	03/12/2022	Link	Esporte	Não	3	Link
T28	Fase de grupos da Copa tem tempo de acréscimos equivalente a 5 partidas e meia	03/12/2022	Link	Esporte	Não	0	Link
T29	Brasil é vazado pela primeira vez, mas avança com melhor defesa da Copa	02/12/2022	Link	Esporte	Não	7	Link
T30	Repeteco do Brasil contra Suíça teve Casemiro mais adiantado e ataque mais econômico que em 2018	30/11/2022	Link	Esporte	Não	1	Link
T31	Plano B de Tite, Rodrygo dá dinâmica a ataque do Brasil e muda jogo contra Suíça	29/11/2022	Link	Esporte	Não	8	Link
T32	Brasil é seleção com mais chutes certos e dribles tentados; veja o balanço da primeira rodada da Copa	26/11/2022	Link	Esporte	Não	2	Link

T33	Após 4 anos, Brasil domina Sérvia com ataque mais equilibrado e centroavante de ofício	25/11/2022	Link	Esporte	Não	1	Link
T34	Veja as maiores zebras da Copa do Mundo segundo o ranking da Fifa	22/11/2022	Link	Esporte	Não	7	Link
T35	De seleções com 4 goleiros a domínio inglês, veja curiosidades das convocações	20/11/2022	Link	Esporte	Não	0	Link
T36	Direita leva maior parte das doações eleitorais, que decolam em área do agro e travam no Nordeste	20/11/2022	Link	Poder	Não	7	Link
T37	Final da Copa já teve até 20º colocado, e líder do ranking da Fifa nunca foi campeão	18/11/2022	Link	Esporte	Não	0	Link
T38	Deputados gastaram do próprio bolso mais do que o patrimônio declarado na campanha	12/11/2022	Link	Poder	Sim	13	Link
T39	Seleção terá recorde de 'estrangeiros' e marcas individuais no Qatar; veja curiosidades	10/11/2022	Link	Esporte	Não	3	Link
T40	Urnas com 100% dos votos em Lula ou Bolsonaro são só 0,03%; situação ocorreu em outras eleições	08/11/2022	Link	Poder	Sim	20	Link
T41	Mudança em autodeclaração de cor pode render até R\$ 23 milhões extras a partidos	06/11/2022	Link	Poder	Não	1	Link
T42	Lula venceu na Europa, e Bolsonaro, na América do Sul; veja a votação no exterior	04/11/2022	Link	Mundo	Sim	11	Link

T43	Haddad avançou no interior, mas Tarcísio ampliou vantagem para 3,2 milhões de votos	02/11/2022	Link	Poder	Não	8	Link
T44	Lula terá Congresso mais dividido e com centro esvaziado	01/11/2022	Link	Poder	Não	3	Link
T45	Diferença da votação entre Nordeste e outras regiões volta a cair após recorde em 2018	01/11/2022	Link	Poder	Sim	13	Link
T46	Eleição mais apertada da história tem virada pró-Bolsonaro em 251 cidades e nenhuma para Lula	31/10/2022	Link	Poder	Sim	38	Link
T47	Lula conquista 368 cidades onde Haddad perdeu em 2018	31/10/2022	Link	Poder	Não	0	Link
T48	Distribua votos de Ciro e Tebet e veja quem seria eleito presidente	27/10/2022	Link	Poder	Não	8	Link
T49	Viradas a partir das votações de Lula e Bolsonaro são raras; conheça casos	26/10/2022	Link	Poder	Sim	10	Link
T50	Simule a eleição nos estados e veja quem seria o presidente eleito	25/10/2022	Link	Poder	Não	8	Link
T51	Ministro 'da boiada', Salles teve votos em bairros ricos e arborizados de São Paulo	24/10/2022	Link	Cotidiano	Sim	28	Link
T52	Eleição de SP teve 521 mil votos nulos 22; Tarcísio 'conta' como seus e busca estratégia	20/10/2022	Link	Poder	Não	0	Link
T53	Guerra contra abstenção tem feriado adiado, transporte gratuito e aliados mobilizados	20/10/2022	Link	Poder	Sim	15	Link
T54	Eleição de 2018 teve virada no 2º turno presidencial em apenas 3% das cidades	17/10/2022	Link	Poder	Não	3	Link

T55	Políticos eleitos somam quase R\$ 24 milhões em multas ambientais	15/10/2022	Link	Ambiente	Não	5	Link
T56	Bolsonaro e Tarcísio foram melhor onde Rodrigo venceu em São Paulo	15/10/2022	Link	Poder	Não	1	Link
T57	Abstenção cai entre idosos no 1º turno das eleições na contramão dos mais jovens	14/10/2022	Link	Poder	Não	3	Link
T58	Centro perde espaço para direita nas Assembleias Legislativas	13/10/2022	Link	Poder	Sim	14	Link
T59	PT e PL têm 'duopólio' em ranking de votação em variados cargos	11/10/2022	Link	Poder	Não	0	Link
T60	Grupo de puxadores de voto para a Câmara encolhe 78% e se resume a 4 deputados	08/10/2022	Link	Poder	Sim	19	Link
T61	PT recupera 258 cidades de Minas Gerais, termômetro da eleição presidencial	07/10/2022	Link	Poder	Sim	35	Link
T62	Número de negros em Assembleias Legislativas aumenta; dados oficiais são contestados	06/10/2022	Link	Poder	Não	0	Link
T63	Pantanal tem ilhas lulistas em meio à vitória de Bolsonaro em MT e MS	05/10/2022	Link	Poder	Não	3	Link
T64	Mulheres crescem 16% em Assembleias estaduais, menos do que em 2018	05/10/2022	Link	Poder	Não	0	Link
T65	Itapura é a cidade mais lulista de SP, e Saltinho, a mais bolsonarista	04/10/2022	Link	Poder	Não	3	Link
T66	Bolsonaro avança, mas só vence em 15 cidades do Nordeste	04/10/2022	Link	Poder	Sim	17	Link

T67	Aumento do Auxílio Brasil por Bolsonaro não reverte tendência de votos no PT entre mais pobres	03/10/2022	Link	Poder	Não	0	Link
T68	Lula recupera maioria das cidades que deixaram PT em 2018	03/10/2022	Link	Poder	Sim	11	Link
T69	Branco e nulos têm menor percentual de votos para presidente desde 2002	03/10/2022	Link	Poder	Não	0	Link
T70	Mais mulheres são eleitas para o Congresso, mas bancada feminina cresce menos que em 2018	03/10/2022	Link	Poder	Não	4	Link
T71	Piauí tem a cidade mais lulista do país e Rio Grande do Sul, a mais bolsonarista	03/10/2022	Link	Poder	Não	5	Link
T72	PT e PL elegem mais mulheres para a Câmara e bancada será polarizada	03/10/2022	Link	Poder	Não	0	Link
T73	PSDB tem pior resultado da história e sai da eleição quase como nanico	03/10/2022	Link	Poder	Sim	14	Link
T74	Bancada negra cresce no Congresso, mas aumento é abaixo do registrado em 2018	03/10/2022	Link	Poder	Não	2	Link
T75	Lula quase dobra votos de Haddad, e Bolsonaro leva 1,8 milhão a mais que em 2018	03/10/2022	Link	Poder	Não	9	Link
T76	Abstenção chega a 20,9% e se mantém estável nas eleições de 2022	02/10/2022	Link	Poder	Não	0	Link
T77	Partidos se aliam até a rivais e formam mais de cem coligações nas eleições 2022	30/09/2022	Link	Poder	Não	2	Link

T78	Agro doa 21 vezes mais para candidatos do PL de Bolsonaro que para PT de Lula	30/09/2022	Link	Poder	Sim	27	Link
T79	Deputado candidato à reeleição tem 7 vezes mais recursos do fundo eleitoral	26/09/2022	Link	Poder	Sim	13	Link
T80	Rodrigo imita Doria e multiplica repasse de verba política para aliados em ano eleitoral	25/09/2022	Link	Poder	Não	5	Link
T81	Uso do nome social dispara entre eleitores trans e ainda confunde candidatos	24/09/2022	Link	Poder	Não	0	Link
T82	Lula e Bolsonaro focam economia e ignoram corrupção no YouTube	22/09/2022	Link	Poder	Sim	28	Link
T83	O que faz um partido ser de direita ou esquerda: Folha cria métrica que posiciona legendas	21/09/2022	Link	Poder	Sim	41	Link
T84	Com 12% do eleitorado, Amazônia Legal tem voto mais feminino e jovem	19/09/2022	Link	Ambiente	Não	0	Link
T85	País tem recorde de candidaturas ligadas a candomblé e umbanda	18/09/2022	Link	Poder	Não	1	Link
T86	Bolsonaro 'esquece' ataques ao sistema eleitoral e troca xingamento por vaias ao STF	07/09/2022	Link	Poder	Sim	33	Link
T87	Candidaturas coletivas se multiplicam e chegam aos batalhões de polícia	05/09/2022	Link	Poder	Não	6	Link
T88	Milionários, candidato salva-vidas e concorrência recorde: veja curiosidades das eleições 2022	03/09/2022	Link	Poder	Não	5	Link

T89	Policiais miram governos estaduais, mas amenizam discurso bolsonarista	28/08/2022	Link	Poder	Sim	16	Link
T90	Câmara fica mais negra com registro de candidatura de 2022	23/08/2022	Link	Poder	Não	7	Link
T91	Histórico eleitoral paulista embaralha apostas e indica pesos de interior e Grande SP	20/08/2022	Link	Poder	Não	9	Link
T92	Tentativa de reeleição chega a 87% na Câmara dos Deputados	19/08/2022	Link	Poder	Sim	12	Link
T93	Bens de deputados da coligação de Bolsonaro são o dobro dos da aliança de Lula	18/08/2022	Link	Poder	Sim	28	Link
T94	Da creche ao ensino médio, 17% dos brasileiros estão em escolas particulares	16/08/2022	Link	Educação	Não	7	Link
T95	País bate recorde de candidaturas de mulheres e negros em eleição nacional	16/08/2022	Link	Poder	Não	1	Link
T96	Candidaturas de PMs e pastores crescem, enquanto militares permanecem estáveis	16/08/2022	Link	Poder	Sim	14	Link
T97	Conheça perfil do eleitor do país, com explosão de jovens e de aptos a votar no exterior	15/08/2022	Link	Poder	Sim	12	Link
T98	País tem proporção recorde de candidaturas de mulheres e negros	15/08/2022	Link	Poder	Não	5	Link
T99	Número de famílias que recebem Auxílio Brasil supera emprego formal em metade das cidades	06/08/2022	Link	Mercado	Não	5	Link
T100	Preço médio do metro quadrado cai em SP; veja variação por distrito	27/07/2022	Link	Mercado	Não	1	Link

T101	Mulheres são quase metade de filiados, mas têm baixa representatividade em candidaturas	24/07/2022	Link	Poder	Não	5	Link
T102	Bolsonaro deve encarar ações em série na Justiça comum se reeleição fracassar	22/07/2022	Link	Poder	Sim	110	Link
T103	A cada aborto legal, 11 meninas são internadas por interrupções provocadas ou espontâneas	26/06/2022	Link	Cotidiano	Sim	13	Link
T104	Entenda por que Minas Gerais é o espelho do Brasil na eleição presidencial	19/06/2022	Link	Poder	Sim	48	Link
T105	São Paulo construiu 1,2 milhão de apartamentos em seis décadas	06/06/2022	Link	Cotidiano	Não	3	Link
T106	Brasil patina para completar vacinação de crianças e idosos contra Covid-19	28/05/2022	Link	Saúde	Não	2	Link
T107	Só 30% dos jovens até 24 anos tomaram 3ª dose de vacina contra Covid	21/05/2022	Link	Saúde	Não	9	Link
T108	Parlamentares trans convivem com isolamento político e boicote a projetos	19/05/2022	Link	Poder	Sim	15	Link
T109	Cotista tem nota de corte maior que não cotista em 25% dos cursos do Sisu	07/05/2022	Link	Educação	Sim	16	Link
T110	Renda dos trabalhadores mais ricos cai 16% na pandemia	24/04/2022	Link	Mercado	Não	3	Link
T111	Codevasf tem obra parada, asfalto 'movediço' e indícios de fraude em série	17/04/2022	Link	Poder	Sim	90	Link

T112	Entenda por que Anitta e 'Envolver' não são o sucesso tão global que parecem	11/04/2022	Link	Ilustrada	Sim	32	Link
T113	Empreiteira usa empresa de fachada e domina licitações sob Bolsonaro	10/04/2022	Link	Poder	Sim	248	Link
T114	Menos de 1 a cada 5 jovens de 16 e 17 anos tirou o título de eleitor	09/04/2022	Link	Poder	Sim	45	Link
T115	Quase metade dos adultos vacinados contra Covid está com 3ª dose atrasada	26/03/2022	Link	Saúde	Não	8	Link
T116	Risco de morrer por Covid é até 18 vezes maior para idosos não vacinados	21/03/2022	Link	Saúde	Não	2	Link
T117	Aumento de casos de Covid na Ásia e Europa acende alerta para o Brasil	18/03/2022	Link	Saúde	Não	5	Link
T118	Pandemia de Covid completa 2 anos em meio a tsunami de infecções	10/03/2022	Link	Saúde	Sim	13	Link
T119	Internações de crianças por Covid saltaram de 284 para 2.232 de dezembro para janeiro	19/02/2022	Link	Saúde	Sim	39	Link
T120	Brasil leva triplo do tempo da Argentina para vacinar 15% das crianças contra Covid	12/02/2022	Link	Saúde	Sim	29	Link
T121	Times brasileiros jogam 20 partidas a mais por ano que europeus	30/01/2022	Link	Esporte	Não	1	Link
T122	Cidade de SP registra 700 mil casos de Covid a mais do que o estado aponta para capital	28/01/2022	Link	Saúde	Sim	12	Link
T123	Isolamento cresce no país com explosão da ômicron e férias	18/01/2022	Link	Saúde	Não	5	Link

T124	Brasil completa um ano de vacinação contra Covid com déjà-vu de 2021	14/01/2022	Link	Saúde	Não	4	Link
T125	O que o curso da ômicron no Reino Unido pode indicar sobre a pandemia no Brasil	13/01/2022	Link	Saúde	Sim	13	Link
T126	Brasileiro tem 28% menos trocas de técnicos em 1º ano com limite de demissões	21/12/2021	Link	Esporte	Não	1	Link
T127	Maioria das capitais ainda não deu reforço contra Covid em metade dos idosos	11/12/2021	Link	Saúde	Não	2	Link
T128	Apenas 9 capitais vacinaram mais de 70% da população contra Covid; veja ranking	09/12/2021	Link	Saúde	Não	7	Link
T129	Questões ineficientes compõem 2% do Enem e não contam para nota	23/11/2021	Link	Educação	Não	7	Link
T130	Questões do Enem na mira de Bolsonaro são eficientes em testar conhecimento	20/11/2021	Link	Educação	Sim	30	Link
T131	Candidato do Enem, comece sempre pelas perguntas fáceis	19/11/2021	Link	Educação	Não	0	Link
T132	Brasil tem queda recorde de Covid em grandes cidades desde início da pandemia	14/11/2021	Link	Saúde	Sim	32	Link
T133	Aos 22, Marília Mendonça se tornou a mais ouvida do Brasil	05/11/2021	Link	Ilustrada	Não	0	Link
T134	Estado de SP tem mais vacinados contra Covid que EUA, Reino Unido e Alemanha	27/10/2021	Link	Saúde	Sim	49	Link

T135	Brasil completa vacinação contra Covid de metade da população	20/10/2021	Link	Saúde	Não	2	Link
T136	Brasil já vacinou mais jovens contra a Covid que EUA e Inglaterra	02/10/2021	Link	Saúde	Não	5	Link
T137	Dez estados enfrentam problema para registrar casos de Covid em sistema do Ministério da Saúde	01/10/2021	Link	Saúde	Não	1	Link
T138	Partidos à esquerda e PSL seriam mais beneficiados por 'voto dobrado' aprovado no Congresso	01/10/2021	Link	Poder	Não	3	Link
T139	Brasileiro-2021 tem menos trocas de técnicos, mas está distante de Europa	18/09/2021	Link	Esporte	Não	0	Link
T140	Aumento de vacinados entre internados por Covid não significa falha da imunização; entenda	15/09/2021	Link	Saúde	Não	3	Link
T141	Mortes por Covid caem 79% no Brasil, redução menor do que em outros países	03/09/2021	Link	Saúde	Não	1	Link
T142	Brasil tem a terceira maior diferença entre parcialmente e totalmente imunizados contra Covid	27/08/2021	Link	Saúde	Sim	13	Link
T143	Variante delta do coronavírus já assusta mais de 120 países; veja o que se sabe	21/08/2021	Link	Saúde	Não	1	Link
T144	Análise de 3.015 notas enfraquece reclamação de Medina nas Olimpíadas	20/08/2021	Link	Esporte	Não	6	Link
T145	Folha passa a informar cobertura da vacina contra Covid na população total	16/08/2021	Link	Saúde	Não	0	Link

T146	Com avanço da vacinação, proporção de mortes por Covid se aproxima de padrão do início do ano	13/08/2021	Link	Saúde	Não	0	Link
T147	Infográfico mostra evolução de medalhas dos principais países nas Olimpíadas de Tóquio	09/08/2021	Link	Esporte	Não	2	Link
T148	Atletismo das Olimpíadas vê queda de desempenho de EUA e Jamaica na pista	08/08/2021	Link	Esporte	Não	0	Link
T149	Olimpíadas têm hegemonia dos EUA ameaçada pela China e êxito de Japão e Brasil	08/08/2021	Link	Esporte	Sim	10	Link
T150	Análise mostra que seleção feminina de vôlei depende da força do ataque para pontuar	05/08/2021	Link	Esporte	Não	0	Link
T151	Especialização e mulheres impulsionam Oceania nas Olimpíadas de Tóquio	05/08/2021	Link	Esporte	Não	0	Link
T152	Brasil chega a 19 medalhas nas Olimpíadas e alcança desempenho raro para ex-anfitrião	05/08/2021	Link	Esporte	Sim	14	Link
T153	Natação tem melhor desempenho desde Pequim-08, e descanso na pandemia é tido como trunfo	02/08/2021	Link	Esporte	Não	0	Link
T154	Brasil chega a 10 medalhas nas Olimpíadas com protagonismo feminino pela 1ª vez	01/08/2021	Link	Esporte	Não	2	Link
T155	Pódio com Rayssa Leal é o mais jovem já registrado nas Olimpíadas desde 1896	30/07/2021	Link	Esporte	Não	1	Link

T156	Arrancadas de Brasil e Japão em Tóquio-20 estão entre as melhores da história	30/07/2021	Link	Esporte	Não	2	Link
T157	Após Rio-2016, Brasil tem trunfo para boa campanha em Tóquio-2020	29/07/2021	Link	Esporte	Não	1	Link
T158	Tribunais descumprem norma e não divulgam dados mensais sobre indenizações pagas por condenados	26/07/2021	Link	Poder	Não	0	Link
T159	Natação em Tóquio-2020 começa com perseguição a recordes de Pequim-2008	23/07/2021	Link	Esporte	Não	1	Link
T160	Tribunais adotam critérios diferentes para doar milhões a entidades e viram alvo de questionamento pelo país	18/07/2021	Link	Poder	Não	4	Link
T161	Atraso no Censo pode prejudicar até vacinação contra Covid, diz demógrafo	16/07/2021	Link	Mercado	Não	0	Link
T162	Veja a evolução da população no Brasil em mapas	16/07/2021	Link	Mercado	Não	7	Link
T163	Brasil tem desaceleração de casos de Covid pela primeira vez em 8 meses	16/07/2021	Link	Saúde	Sim	26	Link
T164	Governadores ampliam base de prefeitos de olho nas eleições de 2022	10/07/2021	Link	Poder	Não	0	Link
T165	PSOL e Republicanos têm onda de novos filiados após avanço em eleições municipais	04/07/2021	Link	Poder	Não	1	Link
T166	Cidades mais desenvolvidas do país vacinam mais rápido contra a Covid	04/07/2021	Link	Saúde	Não	0	Link

T167	Número de vacinados contra a Covid no país mais que dobra de maio para junho	01/07/2021	Link	Saúde	Não	0	Link
T168	Mortes e internações por Covid-19 agora também encolhem na faixa dos 60 anos	29/06/2021	Link	Saúde	Não	4	Link
T169	Pandemia de Covid-19 causa queda de consultas e internações no SUS e aumenta desassistência	26/06/2021	Link	Saúde	Não	4	Link
T170	Porta de entrada do SUS, atenção primária tem queda de 49% de consultas	26/06/2021	Link	Saúde	Não	0	Link
T171	Infografias da Folha sobre vacinação contra a Covid ganham novos dados	25/06/2021	Link	Saúde	Sim	13	Link
T172	Com dados novos, SP estuda antecipar meta da vacinação de adultos outra vez	20/06/2021	Link	Saúde	Não	7	Link
T173	Mortes por Covid passam a atingir mais a faixa dos 50 anos e cidades pequenas; veja gráfico	19/06/2021	Link	Saúde	Não	0	Link
T174	Na contramão do mundo, América do Sul vive há meses disparada de casos de Covid	10/06/2021	Link	Saúde	Não	7	Link
T175	Seleção vai do neutro ao politizado no Twitter após Brasil assumir Copa América	09/06/2021	Link	Esporte	Não	5	Link
T176	Reserva de segunda dose breca ritmo de vacinação contra Covid	05/06/2021	Link	Saúde	Não	1	Link
T177	Copa América vai da Argentina ao Brasil, mas pouca coisa muda em relação à pandemia	31/05/2021	Link	Esporte	Sim	22	Link

T178	Brasil tem menos isolamento social que campeões de vacinação como Reino Unido e Israel	25/05/2021	Link	Saúde	Sim	17	Link
T179	Ritmo de vacinação contra a Covid cai no Brasil em maio	20/05/2021	Link	Saúde	Não	3	Link
T180	Estado de São Paulo não consegue esvaziar UTIs de Covid	19/05/2021	Link	Saúde	Não	8	Link
T181	Proporção de mortos por Covid com mais de 80 anos cai 60% em abril	17/05/2021	Link	Saúde	Não	5	Link
T182	Bolsonaro tuita mais sobre economia na Amazônia e soberania do que preservação	10/05/2021	Link	Ambiente	Não	8	Link
T183	Monitor da Política Ambiental passa a analisar redes sociais de autoridades	10/05/2021	Link	Ambiente	Não	0	Link
T184	São Paulo chega a 100 mil mortos por Covid, com vírus que se espalha pelo interior	08/05/2021	Link	Saúde	Sim	43	Link
T185	Cidades grandes passam, em média, 40 dias com crescimento acelerado de casos de Covid	30/04/2021	Link	Saúde	Não	1	Link
T186	Internações de nonagenários por Covid desaceleram após vacinação no país	27/04/2021	Link	Saúde	Não	3	Link
T187	Países com vacinação acelerada veem aumento de casos de Covid e queda de mortes	25/04/2021	Link	Saúde	Sim	21	Link
T188	Após pico, vacinação contra a Covid-19 desacelera no Brasil	24/04/2021	Link	Saúde	Sim	12	Link

T189	Número de casos de Covid se estabiliza no Brasil, mas segue entre maiores do mundo	18/04/2021	Link	Saúde	Sim	18	Link
T190	Mais da metade da população vive em países com ritmo acelerado ou nível alto de Covid-19	11/04/2021	Link	Mundo	Não	6	Link
T191	Vacinação contra Covid na cidade de SP entre quem tem 70 anos ou mais é menor na periferia	10/04/2021	Link	Saúde	Não	3	Link
T192	Brasil acelera vacinação para Covid após liberação da 2ª dose, mas 7 estados patinam	31/03/2021	Link	Saúde	Sim	19	Link
T193	Letalidade entre internados com Covid cresce e bate recorde em 11 estados	30/03/2021	Link	Saúde	Não	3	Link
T194	Branços são quase o dobro dos negros entre vacinados contra Covid no Brasil	26/03/2021	Link	Saúde	Sim	18	Link
T195	Circulação em locais de trabalho no Brasil segue maior que no exterior, mesmo com descontrole da pandemia	24/03/2021	Link	Saúde	Não	2	Link
T196	Internações em UTIs por Covid em SP estão 85% acima de pico de 2020; há avanço em todas as regiões	22/03/2021	Link	Saúde	Não	3	Link
T197	Ventilação de salas é inadequada em mais da metade das escolas públicas	21/03/2021	Link	Educação	Não	3	Link
T198	Mortes por Covid-19 explodem em 50 grandes cidades do país	13/03/2021	Link	Saúde	Sim	19	Link

T199	Infografias da Folha sobre Covid ganham novos dados sobre vacinação e aceleração da Covid	09/03/2021	Link	Ciência	Não	0	Link
T200	Última semana somou mais mortes do que primeiros 72 dias de pandemia no Brasil	08/03/2021	Link	Saúde	Não	1	Link
T201	Número de internados em UTI bate recorde em 13 das 18 regiões do estado de SP	05/03/2021	Link	Saúde	Sim	14	Link
T202	Brasil bate recorde e supera EUA em novas mortes por Covid por milhão de habitantes	04/03/2021	Link	Saúde	Sim	95	Link
T203	Inglês no Enem é obstáculo entre aluno de escola pública e a faculdade	27/02/2021	Link	Educação	Sim	35	Link
T204	Pico atual de mortes por Covid-19 supera fase mais grave de 2020 em sete estados	24/02/2021	Link	Saúde	Sim	10	Link
T205	Imunidade de rebanho está longe, mesmo com avanço das vacinas, dizem especialistas	23/02/2021	Link	Saúde	Sim	13	Link
T206	Mortes de pessoas com menos de 60 anos por Covid registram crescimento	19/02/2021	Link	Saúde	Sim	26	Link
T207	Falhas de planejamento, atraso em compras e mudanças no processo emperram vacinação contra Covid	12/02/2021	Link	Saúde	Sim	14	Link
T208	Mortes por Covid param de crescer no estado de São Paulo após dois meses de alta	11/02/2021	Link	Saúde	Não	6	Link

T209	Com aprovação de vacina, Bolsonaro cai e Doria cresce em popularidade digital	18/01/2021	Link	Poder	Sim	119	Link
T210	Nota de quem erra só uma questão no Enem pode variar até 92 pontos	16/01/2021	Link	Educação	Não	7	Link
T211	Disco de Fiona Apple foi o queridinho da crítica em 2020; veja levantamento	29/12/2020	Link	Ilustrada	Não	0	Link
T212	Folha lança monitor para acompanhar atividade do governo federal no meio ambiente	17/12/2020	Link	Ambiente	Não	0	Link
T213	Governo Bolsonaro acelera atos de impacto na área ambiental em 2020	17/12/2020	Link	Ambiente	Sim	11	Link
T214	Abstenção na eleição cresce 124% entre eleitores de 18 anos e supera avanço dos mais velhos	12/12/2020	Link	Poder	Não	2	Link
T215	Pela 1ª vez neste século, 264 municípios do país terão prefeitas, sendo 33% negras	11/12/2020	Link	Poder	Não	3	Link
T216	Números mostram piora da Covid na maior parte do país e desmentem Bolsonaro	10/12/2020	Link	Saúde	Sim	79	Link
T217	Apesar de cota financeira, 768 cidades terão Câmaras Municipais sem nenhum vereador negro	8/12/2020	Link	Poder	Não	8	Link
T218	Apenas 44 cidades do país terão maioria de mulheres nas Câmaras Municipais	6/12/2020	Link	Poder	Não	2	Link
T219	Lupa em zonas eleitorais mostra ilhas de Boulos e Crivella em redutos de Covas e Paes; veja mapas	04/12/2020	Link	Poder	Não	0	Link

T220	Um em cada três prefeitos eleitos trocou de partido neste ano	03/12/2020	Link	Poder	Não	1	Link
T221	1 em cada 10 Câmaras terá só dois partidos, resultado do fim das coligações eleitorais	01/12/2020	Link	Poder	Não	2	Link
T222	Veja o desempenho de cada partido por estado nas eleições municipais	01/12/2020	Link	Poder	Não	0	Link
T223	Eleição muda correlação de forças nos estados e deve influenciar disputas em 2022	30/11/2020	Link	Poder	Não	0	Link
T224	Eleição 2020 traz poucas mudanças ideológicas nas capitais	30/11/2020	Link	Poder	Não	0	Link
T225	Bruno Covas avança mais em áreas ricas das zonas leste e norte de São Paulo	29/11/2020	Link	Poder	Não	0	Link
T226	Apesar de cotas, situação de mulheres e negros fica praticamente estável nas grandes cidades	29/11/2020	Link	Poder	Sim	15	Link
T227	Cinco partidos de centro-direita conquistam maioria das grandes cidades; PT fica sem capitais	29/11/2020	Link	Poder	Sim	38	Link
T228	Nova alta de casos na Europa e nos EUA reflete efeitos das respostas ao coronavírus	26/11/2020	Link	Mundo	Não	1	Link
T229	Covid acelera, mas apagão de dados prejudica medir exatamente quanto	26/11/2020	Link	Saúde	Não	9	Link
T230	Doria decidirá na segunda-feira, após a eleição municipal, se haverá recuo no plano SP	26/11/2020	Link	Saúde	Sim	67	Link

T231	Apenas 1 em cada 10 alunos de escolas privadas de São Paulo é negro	22/11/2020	Link	Educação	Sim	32	Link
T232	Escolas reconhecem falha na coleta de dados da cor da pele de alunos e professores	22/11/2020	Link	Educação	Não	1	Link
T233	Pais relatam discriminação e exclusão de alunos negros em escolas privadas	22/11/2020	Link	Educação	Sim	15	Link
T234	Bem-intencionada, ideia de aumentar diversidade na escola particular traz desafio para escola pública	22/11/2020	Link	Educação	Não	6	Link
T235	Dados do 1º turno indicam que Covas foi mais afetado por aumento da abstenção	20/11/2020	Link	Poder	Não	3	Link
T236	Fora das capitais, novos prefeitos tendem a deslocamento para a direita	17/11/2020	Link	Poder	Não	1	Link
T237	Abstenções, brancos e nulos superam votos de 1º colocado para prefeito em 483 cidades	17/11/2020	Link	Poder	Não	3	Link
T238	Taxa de reeleição de prefeitos cresce em 2020 e chega a 63% pelo país	17/11/2020	Link	Poder	Não	1	Link
T239	Negros e mulheres avançam nas urnas e aumentam presença no 2º turno das eleições	16/11/2020	Link	Poder	Não	5	Link
T240	Eleição mostra tendência de leve deslocamento à esquerda em capitais	16/11/2020	Link	Poder	Sim	13	Link
T241	Eleição nas capitais dificilmente terá onda de direita como nas disputas de 2016 e 2018	11/11/2020	Link	Poder	Sim	57	Link

T242	Folha lança página Minha Cidade na Eleição com indicadores de todos os municípios do país	10/11/2020	Link	Poder	Não	2	Link
T243	País tem 75 municípios que há duas décadas vivem uma espécie de dinastia partidária	10/11/2020	Link	Poder	Não	1	Link
T244	Hegemonia de MDB e PSDB nos municípios será colocada em xeque nas urnas	07/11/2020	Link	Poder	Não	1	Link
T245	Em SP, isolamento não é fator chave para explicar alta ou queda de casos de Covid-19	02/11/2020	Link	Saúde	Sim	12	Link
T246	Partidos descumprem regra de repasse de verba eleitoral para negros e mulheres	01/11/2020	Link	Poder	Sim	11	Link
T247	Repique da Covid em estados-chave mina chances de reeleição de Trump	29/10/2020	Link	Mundo	Não	6	Link
T248	Sabatina nos EUA para Suprema Corte deixa juiz falar menos que no Brasil	27/10/2020	Link	Mundo	Não	0	Link
T249	Menos de 1% dos candidatos concentram 80% dos fundos públicos de campanha	25/10/2020	Link	Poder	Sim	13	Link
T250	Com até 44 anos de mandato, 'eternos vereadores' tentam reeleição	17/10/2020	Link	Poder	Não	5	Link
T251	Vereadores migram para grandes partidos após veto das coligações nas eleições	16/10/2020	Link	Poder	Não	1	Link
T252	Indicado por Bolsonaro ao Supremo, Kassio foge do padrão dos demais ministros da corte	14/10/2020	Link	Poder	Sim	28	Link

T253	Homem branco é o candidato padrão a prefeito nas 95 maiores cidades do país	13/10/2020	Link	Poder	Não	9	Link
T254	Eleição tem 108 candidatos únicos a prefeito, 11 mil milionários e uma série de peculiaridades; veja algumas	09/10/2020	Link	Poder	Não	6	Link
T255	Em onda bolsonarista, Republicanos e PSL viram campeões em candidatos a vereador nas grandes cidades	06/10/2020	Link	Poder	Não	3	Link
T256	Fora da reforma administrativa, juízes têm 36% da remuneração em extras salariais	03/10/2020	Link	Mercado	Sim	145	Link
T257	PSDB e MDB conseguem maior arco de apoio na eleição das grandes cidades	03/10/2020	Link	Poder	Não	1	Link
T258	PT isolado e avanço do bolsonarismo marcam candidaturas nas maiores cidades do país	01/10/2020	Link	Poder	Sim	32	Link
T259	Puxado por SP, Brasil entra em estágio desacelerado da Covid pela 1ª vez, mostra monitor da Folha	30/09/2020	Link	Saúde	Sim	41	Link
T260	Número de militares e policiais candidatos a prefeito é o maior em 16 anos	29/09/2020	Link	Poder	Não	3	Link
T261	Metade das chapas para prefeituras é formada apenas por candidatos brancos	28/09/2020	Link	Poder	Não	9	Link
T262	1 em cada 10 escolas privadas de SP não tem nenhum professor negro	27/09/2020	Link	Cotidiano	Sim	28	Link

T263	Chegam a 42 mil os candidatos que mudaram declaração de cor para eleição deste ano	27/09/2020	Link	Poder	Não	9	Link
T264	Eleição tem recorde de mulheres candidatas e, pela 1ª vez, mais negros que brancos	27/09/2020	Link	Poder	Sim	11	Link
T265	Negros tiveram menos de 30% de vagas e verbas na última disputa às prefeituras	26/09/2020	Link	Poder	Não	6	Link
T266	Guerra do streaming turбина novidades e faz clássicos sumirem das plataformas	15/09/2020	Link	Ilustrada	Não	0	Link
T267	No Brasileiro sem torcida, mandantes levam mais cartões e vencem menos	12/09/2020	Link	Esporte	Não	0	Link
T268	Cidade de São Paulo entra pela 1ª vez em desaceleração da Covid, mostra monitor da Folha	10/09/2020	Link	Saúde	Não	2	Link
T269	Voos voltam a crescer no mundo e atingem maior patamar desde março	07/09/2020	Link	Mercado	Não	1	Link
T270	Sem diversidade em cúpulas, partidos derrapam em inclusão e são vistos como barreira	03/09/2020	Link	Poder	Não	1	Link
T271	Casos de Covid param de crescer na maioria das cidades grandes do Brasil	03/09/2020	Link	Saúde	Não	7	Link
T272	Folha faz ajustes em monitor da Covid-19 para deixar resultados mais estáveis	03/09/2020	Link	Saúde	Não	5	Link

T273	No 2º ano sob Bolsonaro, influenciadores se deslocam da direita para o centro em rede social	02/09/2020	Link	Poder	Não	4	Link
T274	Sem cotas, negros e LGBTQs tentam abrir espaço na política e celebram avanços	02/09/2020	Link	Poder	Sim	23	Link
T275	Instável, avanço da atuação feminina na política será testado com novas regras	31/08/2020	Link	Poder	Não	7	Link
T276	Mesmo sem controle da Covid-19, metade das cidades grandes retoma movimento normal	25/08/2020	Link	Saúde	Não	8	Link
T277	Mortes por Covid se estabilizam no estado de SP, mas patamar ainda é alto	16/08/2020	Link	Saúde	Não	7	Link
T278	Problemas em sistema do Ministério da Saúde prejudicam análise de dados da Covid-19	06/08/2020	Link	Saúde	Sim	11	Link
T279	Cinco meses após 1º caso, Covid-19 atinge 98% das cidades do Brasil	01/08/2020	Link	Saúde	Não	7	Link
T280	Perfis mais à direita superam em quatro vezes total de contas mais à esquerda suspensas em rede social	29/07/2020	Link	Poder	Sim	13	Link
T281	Governo acelerou canetadas sobre meio ambiente durante a pandemia	28/07/2020	Link	Ambiente	Sim	45	Link
T282	Brasileiros abandonam quarentena antes de a Covid-19 arrefecer no país	25/07/2020	Link	Saúde	Sim	27	Link
T283	Taxa de cura da Covid-19 é 50% maior em hospitais privados	23/07/2020	Link	Saúde	Sim	20	Link

T284	Com Doria, PSDB atrai prefeitos e passa a comandar um terço dos municípios de São Paulo	23/07/2020	Link	Poder	Não	2	Link
T285	Contágio de Covid ainda acelera em 60% das grandes cidades brasileiras	16/07/2020	Link	Saúde	Não	3	Link
T286	Folha passa a informar estágio da pandemia em cidades, estados e no geral do país	16/07/2020	Link	Saúde	Não	2	Link
T287	Taxa de cura da Covid volta a crescer nos hospitais do Brasil, mas ainda é baixa	13/07/2020	Link	Saúde	Não	3	Link
T288	Média móvel mostra crescimento da Covid-19 no Centro-Oeste e no Sul	11/07/2020	Link	Saúde	Não	2	Link
T289	Esquerda perde prefeitos, e centrão cresce em janela partidária antes da eleição	08/07/2020	Link	Poder	Sim	12	Link
T290	Veja o desempenho da sua escola no Enem 2019	02/07/2020	Link	Cotidiano	Sim	13	Link
T291	Colégio particular de MG lidera ranking do Enem 2019, mostra levantamento da Folha; notas caem	01/07/2020	Link	Educação	Não	5	Link
T292	Número de mortos pelo novo coronavírus no Brasil passa de 60 mil	01/07/2020	Link	Saúde	Sim	18	Link
T293	1 a cada 5 cidades do Brasil tem crescimento acelerado de casos de Covid-19	22/06/2020	Link	Saúde	Não	4	Link
T294	Pesquisas mostram Biden com vantagem menor do que Hillary em 2016	20/06/2020	Link	Mundo	Sim	14	Link

T295	Brasil é o país que mais passou a ouvir músicas tristes na quarentena	20/06/2020	Link	Ilustrada	Não	2	Link
T296	Companhias aéreas retomam voos a cidades com expansão de coronavírus	14/06/2020	Link	Mercado	Não	3	Link
T297	Método defendido pelo governo deixa de fora de boletim 44% das mortes por Covid-19	11/06/2020	Link	Saúde	Sim	61	Link
T298	Brasil supera 40 mil mortes por Covid-19, revela consórcio jornalístico	11/06/2020	Link	Cotidiano	Sim	26	Link
T299	PSL é partido que mais cresce mesmo após saída de Bolsonaro	09/06/2020	Link	Poder	Não	1	Link
T300	Brasil tem 1.185 novas mortes nesta terça, revela consórcio de veículos de imprensa; total passa de 38 mil	09/06/2020	Link	Saúde	Sim	25	Link
T301	Brasil tem 849 mortes por coronavírus em 24 horas, revela consórcio de veículos de imprensa; são 37.312 no total	08/06/2020	Link	Saúde	Sim	31	Link
T302	Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19	08/06/2020	Link	Saúde	Sim	35	Link
T303	80% das cidades brasileiras têm casos de coronavírus	07/06/2020	Link	Saúde	Não	1	Link
T304	Brasil vai na contramão da quarentena e vê explosão de mortes por Covid-19	05/06/2020	Link	Saúde	Sim	93	Link
T305	Paulistanos vão para praia em ritmo semelhante ao do pré-quarentena	03/06/2020	Link	Saúde	Não	2	Link

T306	Subnotificação de 6.000 mortes por coronavírus pode ter sido causada por falha em testes	02/06/2020	Link	Saúde	Não	3	Link
T307	Dados do governo indicam 140% a mais de mortes por Covid no país	31/05/2020	Link	Saúde	Sim	17	Link
T308	Em bairros ricos paulistanos, até 10% dos moradores passam quarentena fora de casa	29/05/2020	Link	Cotidiano	Não	7	Link
T309	Internet não chega a 34% dos alunos da rede pública que fizeram Enem	28/05/2020	Link	Cotidiano	Não	0	Link
T310	Voos no mundo crescem 26%, e Europa faz planos para retomada do turismo pós-coronavírus	28/05/2020	Link	Mercado	Não	0	Link
T311	Levantamento mostra que comércio aberto não evita perdas econômicas com coronavírus	28/05/2020	Link	Mercado	Não	1	Link
T312	Dados mostram que França sai de quarentena rígida para abertura veloz	25/05/2020	Link	Mundo	Não	1	Link
T313	3 a cada 5 cidades têm casos de Covid-19, e vírus chega a mais de 600 municípios em 10 dias	21/05/2020	Link	Saúde	Não	6	Link
T314	Quarentena no interior de SP é 38% mais fraca que na região da capital	20/05/2020	Link	Saúde	Não	4	Link
T315	Meio milhão de mortes somem de sistema usado para monitorar Covid-19	14/05/2020	Link	Saúde	Sim	17	Link
T316	Base de dados de cartórios traz falhas que impedem calcular efeito real do coronavírus no Brasil	13/05/2020	Link	Saúde	Não	4	Link

T317	Em menos de 5 meses, coronavírus escreve sua biografia em 181 países	13/05/2020	Link	Mundo	Não	2	Link
T318	Europa inicia reabertura com queda de até 70% nas mortes	11/05/2020	Link	Mundo	Não	2	Link
T319	Acompanhe a adesão à quarentena em seu estado	06/05/2020	Link	Cotidiano	Não	0	Link
T320	Movimentação de pessoas cresce em 25 estados e no DF, em meio a alta de casos de coronavírus	06/05/2020	Link	Cotidiano	Sim	17	Link
T321	Quarentena de jovens em áreas ricas é 7 vezes maior do que nas mais pobres em SP	01/06/2020	Link	Cotidiano	Não	2	Link
T322	Buscas no Google por UTI disparam em meio a superlotação e aumento de mortes por coronavírus	01/06/2020	Link	Saúde	Não	0	Link
T323	Com aceleração da Covid-19, Brasil tem tendência pior que Itália, Espanha e EUA	29/04/2020	Link	Saúde	Sim	13	Link
T324	Após pronunciamento de Bolsonaro, direita radical se isola no apoio a presidente	24/04/2020	Link	Poder	Sim	22	Link
T325	Mortes por coronavírus ultrapassam assassinatos em São Paulo	24/04/2020	Link	Saúde	Não	0	Link
T326	Lives de Bolsonaro priorizaram pesca mesmo em meio à pandemia do coronavírus	23/04/2020	Link	Poder	Sim	11	Link
T327	22 milhões vivem em regiões críticas para epidemia do coronavírus	21/04/2020	Link	Saúde	Não	4	Link

T328	Esquerda inflama após ato pró-intervenção com Bolsonaro, e direita fala de golpe contra presidente	20/04/2020	Link	Poder	Sim	21	Link
T329	Coronavírus provoca redução de 90% dos voos no Brasil, mais que média global	20/04/2020	Link	Mercado	Não	0	Link
T330	Coronavírus já matou mais de 150 mil pessoas no mundo em cerca de três meses	17/04/2020	Link	Saúde	Não	0	Link
T331	Mandetta foi de 'grande exemplo' a 'traidor' para a direita no Twitter	16/04/2020	Link	Poder	Sim	24	Link
T332	Coronavírus mata negros e pobres de forma desproporcional nos EUA	15/04/2020	Link	Mundo	Não	6	Link
T333	Assassinatos de mulheres em casa dobram em SP durante quarentena por coronavírus	15/04/2020	Link	Cotidiano	Sim	22	Link
T334	Pico das mortes por coronavírus representa 6% dos óbitos diários no Brasil	14/04/2020	Link	Saúde	Não	3	Link
T335	Trânsito aumenta em capitais brasileiras, em meio a embates sobre quarentena	09/04/2020	Link	Cotidiano	Não	3	Link
T336	92 mil pessoas vindas de países foco de coronavírus desembarcaram no Brasil na última semana de fevereiro	08/04/2020	Link	Cotidiano	Sim	27	Link
T337	Direita vê Mandetta como golpista e chegou a comemorar sua queda em rede social	08/04/2020	Link	Poder	Sim	22	Link
T338	Mortes por coronavírus se concentram em poucas cidades no mundo	07/04/2020	Link	Mundo	Não	0	Link

T339	Transporte no Brasil perde 62% dos passageiros com coronavírus; queda na Europa chega a 90%	04/04/2020	Link	Cotidiano	Não	0	Link
T340	Direita 'racha' sobre Mandetta no Twitter, após crítica pública de Bolsonaro	03/04/2020	Link	Poder	Sim	32	Link
T341	Com quarentena, São Paulo tem queda de 56% em registros de roubos de celulares	02/04/2020	Link	Cotidiano	Não	3	Link
T342	Coronavírus reduz trânsito e turbina busca por serviços de delivery	31/03/2020	Link	Cotidiano	Não	1	Link
T343	Doria é apoiado pela esquerda, mas também ironizado, após confrontos com Bolsonaro	30/03/2020	Link	Poder	Sim	32	Link
T344	Coronavírus causa cancelamento em massa de voos no mundo, e Guarulhos perde 76% das decolagens	27/03/2020	Link	Mercado	Não	2	Link
T345	Bolsonaro se isola com direita em rede social após pronunciamento, e centro e esquerda se unem de novo	26/03/2020	Link	Poder	Sim	51	Link
T346	Brasil tem ao menos 172 cidades com casos confirmados de coronavírus	25/03/2020	Link	Cotidiano	Não	1	Link
T347	Google registra explosão de buscas por seguro-desemprego em meio a MP de Bolsonaro e coronavírus	23/03/2020	Link	Mercado	Não	0	Link
T348	Comparação entre países sobre coronavírus é imprecisa	20/03/2020	Link	Cotidiano	Não	1	Link

T349	Centro se alinha à esquerda contra Bolsonaro ao tratar sobre crise do coronavírus	18/03/2020	Link	Poder	Sim	15	Link
T350	Bolsonaro é antepenúltimo em ranking de tuítes de presidentes sobre coronavírus	18/03/2020	Link	Poder	Não	0	Link
T351	Piadas sobre coronavírus fazem sucesso no Twitter, da direita à esquerda	15/03/2020	Link	Poder	Não	2	Link
T352	Grandes eventos concentram registros de roubos e furtos de celulares em SP	12/03/2020	Link	Cotidiano	Não	0	Link
T353	Deputados focam campanha, e atividade legislativa da Câmara cai em ano eleitoral	09/03/2020	Link	Poder	Não	2	Link
T354	Em postagens, Bolsonaro tem um celular pró-Carlos e outro pró-ministros	08/03/2020	Link	Poder	Sim	18	Link
T355	Sanders é a estrela entre os jovens, enquanto Biden domina voto dos mais velhos	05/03/2020	Link	Mundo	Não	3	Link
T356	Chuvas e secas em São Paulo estão mais intensas com aquecimento, mostram dados	04/03/2020	Link	Cotidiano	Não	9	Link
T357	Direita se divide entre defesa de Bolsonaro e ataques a STF e Congresso ao tratar de manifestação	01/03/2020	Link	Poder	Sim	40	Link
T358	Axé, antes massivo, perde espaço no Carnaval e vira trilha sonora de trintões	21/02/2020	Link	Ilustrada	Não	2	Link

T359	São Paulo revive mesmas enchentes há 91 anos	15/02/2020	Link	Cotidiano	Sim	18	Link
T360	Aos 40 anos, PT acumula vitórias e escândalos; relembre a trajetória do partido	10/02/2020	Link	Poder	Sim	16	Link
T361	Oscar privilegia atrizes jovens e atores acima dos 51	07/02/2020	Link	Ilustrada	Não	1	Link
T362	Camisa 24 é 4 vezes mais comum no exterior que no futebol brasileiro	30/01/2020	Link	Esporte	Não	0	Link
T363	Billie Eilish, vencedora do Grammy, tem as músicas mais melancólicas entre hits mundiais	29/01/2020	Link	Ilustrada	Não	1	Link
T364	Cidade imigrante', São Paulo recebe quase 57 mil bolivianos em 20 anos	25/01/2020	Link	Cotidiano	Não	9	Link
T365	Joice, Doria e Witzel desabam em popularidade digital após embates com Bolsonaros	01/01/2020	Link	Poder	Sim	52	Link
T366	Bolsonaro e Lula se impulsionam na briga por atenção nas redes sociais	23/12/2019	Link	Poder	Sim	62	Link
T367	Abastecidos por verba pública, partidos pagam R\$ 18 mi a empresas de filiados	22/12/2019	Link	Poder	Sim	10	Link
T368	Bolsonaro prioriza economia e segurança em lives semanais	18/12/2019	Link	Poder	Não	4	Link
T369	Times do Brasil melhoram menos com trocas de técnicos que europeus	15/12/2019	Link	Esporte	Não	0	Link
T370	Ainda democrático, Brasileiro vê concentração de campeões crescer	10/12/2019	Link	Esporte	Não	0	Link
T371	Com melhor 1º e piores rebaixados, Brasileiro-19 é o mais desigual	09/12/2019	Link	Esporte	Não	2	Link

T372	Brasil é 57º do mundo em ranking de educação; veja evolução no Pisa desde 2000	03/12/2019	Link	Educação	Sim	10	Link
T373	Só 5% dos produtos em destaque em site em outubro entram na Black Friday	30/11/2019	Link	Mercado	Não	1	Link
T374	Só 13% dos produtos aumentam de preço antes da Black Friday	28/11/2019	Link	Mercado	Sim	10	Link
T375	Pesquisas brasileiras sobre racismo e desigualdade racial crescem 28 vezes em 20 anos	20/11/2019	Link	Ciência	Não	1	Link
T376	Prefeitura é maior empregador em 56% das cidades pequenas	16/11/2019	Link	Mercado	Sim	41	Link
T377	Brasil é o país que mais escuta música 'ao vivo' no mundo todo	12/11/2019	Link	Ilustrada	Não	0	Link
T378	Defensoria Pública supera advogados particulares em casos revistos por STJ e STF	06/11/2019	Link	Poder	Sim	29	Link
T379	Hits clássicos e improváveis resistem como clichês de Brasil no exterior	04/11/2019	Link	Ilustrada	Não	2	Link
T380	Sul global cresce no mundo pop sob o termo 'músicas urbanas'	03/11/2019	Link	Ilustrada	Não	0	Link
T381	Recurso de Lula em tribunal da Lava Jato andou mais rápido que 76% dos casos	29/10/2019	Link	Poder	Sim	123	Link
T382	41% das calçadas de SP descumprem requisito básico e obrigam paulistano a se equilibrar	27/10/2019	Link	Cotidiano	Não	1	Link
T383	Funk é o gênero musical brasileiro mais ouvido em países estrangeiros	22/10/2019	Link	Ilustrada	Não	2	Link

T384	Uma em cada três decisões judiciais em segunda instância é alterada no STJ	17/10/2019	Link	Poder	Sim	15	Link
T385	Maioria dos recursos após 2ª instância é julgada em até 1 ano no STJ e no Supremo	16/10/2019	Link	Poder	Sim	52	Link
T386	Saiba quais músicas fazem sucesso apenas no Brasil	15/10/2019	Link	Ilustrada	Não	0	Link
T387	Brasil é o país mais isolado musicalmente no mundo	14/10/2019	Link	Ilustrada	Sim	20	Link
T388	Brasileiros são os que mais ouvem a própria música entre todos os países	14/10/2019	Link	Ilustrada	Sim	23	Link
T389	Perfil médio de conselheiro tutelar em SP é mulher, estudou até o ensino médio e foi reeleita	10/10/2019	Link	Cotidiano	Não	0	Link
T390	Arrancada do Flamengo passa por grande posse de bola até fora de casa	10/10/2019	Link	Esporte	Não	1	Link
T391	No Brasileiro, 80% dos times trocam de técnico durante torneio	06/10/2019	Link	Esporte	Não	1	Link
T392	Inverno 2019 teve maior variação de temperaturas em 20 anos em São Paulo	03/10/2019	Link	Cotidiano	Não	2	Link
T393	42% das crianças e adolescentes que sofrem abuso sexual são vítimas recorrentes	30/09/2019	Link	Cotidiano	Não	5	Link
T394	Reforma da Previdência deve ser maior mudança na Constituição, em número de palavras	23/09/2019	Link	Mercado	Não	3	Link
T395	Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento	09/09/2019	Link	Cotidiano	Sim	40	Link

T396	Black Friday' verde-amarela reúne 3.000 participantes	03/09/2019	Link	Mercado	Não	3	Link
T397	Músicas de Sandy & Junior ficaram mais tristes com o tempo, mostra pesquisa	20/08/2019	Link	Ilustrada	Não	0	Link
T398	PSL de Bolsonaro cresce com 10 mil ex-filiados ao PT e a outros partidos de esquerda	15/08/2019	Link	Poder	Sim	35	Link
T399	Nomes femininos são apenas 16% dos que batizam ruas de São Paulo	04/08/2019	Link	Cotidiano	Não	1	Link
T400	Netflix brasileira tem 30% menos filmes e séries do que nos Estados Unidos	28/07/2019	Link	Ilustrada	Não	1	Link
T401	Compare o seu tempo de deslocamento com o restante da Grande SP	03/07/2019	Link	Cotidiano	Não	0	Link
T402	Explosão de ciclistas em SP fica restrita às camadas mais ricas	03/07/2019	Link	Cotidiano	Não	2	Link
T403	São Paulo ganha nova hora do rush com aumento de viagens ao meio-dia	03/07/2019	Link	Cotidiano	Não	1	Link
T404	Presença de negros avança pouco em cursos de ponta das universidades	01/07/2019	Link	Educação	Sim	13	Link
T405	Bolsonaro elogia mais militares do que políticos nas redes sociais	20/06/2019	Link	Poder	Não	4	Link
T406	Colégio particular do Piauí lidera ranking do Enem 2018 por escola	18/06/2019	Link	Educação	Não	3	Link
T407	Veja o desempenho da sua escola no Enem 2018	18/06/2019	Link	Educação	Não	2	Link
T408	Mulheres levam mais tempo e ganham menos para dirigir escolas	16/06/2019	Link	Educação	Não	3	Link

T409	Greve empolga menos no Twitter que atos por educação em maio	14/06/2019	Link	Mercado	Não	0	Link
T410	Bruno Covas reverte enxugamento de Doria e aumenta número de comissionados em SP	07/06/2019	Link	Cotidiano	Não	2	Link
T411	Após eleição, Novo e PSL têm onda de filiados, enquanto PT e PSDB vivem estagnação	01/06/2019	Link	Poder	Não	1	Link
T412	Maiores anunciantes no Airbnb são empresas com até 157 imóveis	24/05/2019	Link	Mercado	Não	4	Link

ANEXO - DIRETRIZES COMPILADAS POR OLIVEIRA *et al.* (2021) PARA VISUALIZAÇÕES EFICIENTES

Apresentação

Código	Descrição da diretriz	Referências
[A01]	Se houver informações que devam mais atenção, exiba nas áreas de maior destaque.	(Lee N; Rojas, 2009), (Isett; Hicks, 2018)
[A02]	Procure apresentar suas visualizações contando uma história ou com metáforas apropriadas.	(Wilke, 2019. P.333-337), (Isett; Hicks, 2018)
[A03]	Explique o significado dos gráficos e como funcionam para o público não habitual.	(Isett; Hicks, 2018)
[A04]	Forneça um resumo ou dicionário dos dados fornecidos pelos gráficos.	(Isett; Hicks, 2018)

Canal visual

Código	Descrição da diretriz	Referências
[V01]	Use canais visuais o mais eficiente possível.	(Kelleher C; Wagener, 2011), (Munzner, 2014. P.99-103), (Lee N; Rojas, 2009)
[V02]	Adicione canais visuais redundantes do mesmo dado para facilitar a percepção.	(Munzner, 2014. P.97-98), (Wilke, 2019. P.243-246), (Rheingans, 2000)

Uso de cor

Código	Descrição da diretriz	Referências
[C01]	Em dados qualitativos, use no máximo cinco cores diferentes.	(Wilke, 2019. P.233-235)
[C02]	Em dados quantitativos, use escala da mesma cor com valores baixos em tons mais claros e altos em tons mais escuros.	(Kelleher C; Wagener, 2011), (Grainger, Et Al, 2016)
[C03]	Em dados com valores altos e baixos em relação a um valor médio, use cores divergentes para cada extremo.	(Grainger, Et Al, 2016), (Rheingans, 2000), (Kelleher C; Wagener, 2011)
[C04]	Em qualquer escala de cores a diferença de tons de uma mesma cor deve ser evidente.	(Wilke, 2019. P.30-32)

[C05]	As escalas de cores para diferentes objetos não devem interferir com outros.	(Rheingans, 2000)
[C06]	Garanta que não há cores se destacando sobre outras e se houver destaques que somente eles sobressaíam.	(Wilke, 2019. P.33-35)
[C07]	Evite grandes áreas preenchidas com cores excessivamente saturadas, pois torna difícil inspecionar cuidadosamente a figura.	(Wilke, 2019. P.235-237), (Rheingans, 2000)
[C08]	Em dados qualitativos, use cores contrastantes em igual intensidade.	(Grainger, Et Al, 2016), (Kelleher C; Wagener, 2011)
[C09]	Em gráficos que abordam as mesmas variáveis, use a mesma cor para a mesma representação.	(Isett; Hicks, 2018)
[C10]	Use as conotações culturais das cores ao seu favor.	(Rheingans, 2000), (Grainger, Et Al, 2016)
[C11]	Garanta que seus números funcionem para pessoas com deficiência de visão colorida.	(Wilke, 2019. P.238-242)

Design

Código	Descrição da diretriz	Referências
[D01]	Não use 3D sem justificativa.	(Munzner, 2014. P.117,118), (Wilke, 2019. P.305-307)
[D02]	Ajuste a escolha do plano de fundo de acordo com os outros elementos do gráfico.	(Wilke, 2019. P.282,283)
[D03]	Em gráficos com um pequeno número de valores, use rótulos dos dados.	(Kopp; Rieker, 2018), (Wilke, 2019. P.53)
[D04]	Crie um gráfico mais simples que transmita as informações que você deseja transmitir.	(Kelleher C; Wagener, 2011), (Wilke, 2019. P.337-340), (Lee N; Rojas, 2009), (Munzner, 2014. P.140,141)
[D05]	Não propague desordem visual mostrando muitos dados de uma só vez ou informações desnecessárias.	(Isett; Hicks, 2018), (Wilke, 2019. P.337-340), (Grainger, Et Al, 2016), (Lee N; Rojas, 2009)

Eixos

Código	Descrição da diretriz	Referências
[X01]	Mantenha sempre um título sobre todo o gráfico	(Isett; Hicks, 2018), (Senay; Ignatius, 1994), (Wilke, 2019. P.267-268)

[X02]	Mantenha os eixos de unidades iguais com escalas iguais.	(Kelleher C; Wagener, 2011), (Wilke, 2019. P.13-16)
[X03]	Em valores absolutos, use o eixo vertical começando em zero.	(Kelleher C; Wagener, 2011)
[X04]	Em valores relativos, use o eixo mais próximo do intervalo dos dados.	(Kelleher C; Wagener, 2011)
[X05]	Rotule cada eixo com títulos e suas unidades.	(Senay;Ignatius, 1994), (Wilke, 2019. P.270-273), (Isett; Hicks, 2018)

Marca visual

Código	Descrição da diretriz	Referências
[M01]	Mantenha a ordem natural dos dados ou agrupe por itens semelhantes.	(Gramazio, Et Al, 2014), (Munzner, 2014. P.111,112), (Isett; Hicks, 2018)
[M02]	Não repita a mesma marca visual para dados diferentes, para um item distinto se destacar de muitos outros imediatamente.	(Wilke, 2019. P.10-12), (Isett; Hicks, 2018), (Senay;Ignatius, 1994), (Munzner, 2014. P.109-111)
[M03]	Evite grandes quantidades de marcas quando os dados não podem ser agrupados.	(Gramazio, Et Al, 2014)
[M04]	Evite usar muitas marcas se sobrepondo uns sobre os outros afetando a identificação.	(Kelleher C; Wagener, 2011), (Wilke, 2019. P.2019-222)

Legenda

Código	Descrição da diretriz	Referências
[L01]	Se houver uma ordem visual em seus dados, use a legenda na mesma ordem.	(Wilke, 2019. P.248-250)
[L02]	Busque eliminar a legenda projetando a figura de tal maneira que seja imediatamente óbvio o que os vários elementos gráficos representam.	(Wilke, 2019. P.250-253)
[L03]	Deve haver uma única legenda que transmite todos os mapeamentos de uma só vez.	(Wilke, 2019. P.250-253)

Gráficos de Barras

Código	Descrição da diretriz	Referências
--------	-----------------------	-------------

[E01]	Use até 25 barras para categorias não recorrentes	(Lee N; Rojas, 2009)
[E02]	Não rotacione os rótulos de eixo grandes, prefira inverter os eixos.	(Wilke, 2019. P.45-48)
[E03]	Mantenha um espaço em branco intercalado entre cada barra para que sejam distinguíveis.	(Munzner, 2014. P.150)
[E04]	Em barras empilhadas, mantenha o dado mais importante empilhado primeiro pois são mais facilmente comparáveis.	(Munzner, 2014. P.151-153)
[E05]	Em barras empilhadas, não empilhe mais de uma dúzia de barras.	(Munzner, 2014. P.152)

Gráficos de Pizza

Código	Descrição da diretriz	Referências
[E06]	Adicione no máximo 7 fatias	(Siirtola, 2019)
[E07]	A soma de todas as fatias deve ser 100%	(Wilke, 2019. P.105,106)
[E08]	Não adicione cortes entre as fatias	(Siirtola, 2019)
[E09]	Enfatize frações simples e não deixe fatias pequenas pois dificultam a comparação.	(Siirtola, 2019), (Wilke, 2019. P.97-99)

Gráficos de Mapas

Código	Descrição da diretriz	Referências
[E10]	Adicione somente camadas de informações relevantes.	(Wilke, 2019. P.169)
[E11]	Escolha a melhor projeção que evite distorções desnecessárias.	(Wilke, 2019. P.161-166)
[E12]	Em mapas coloridos, use valores de densidade na escala de cores.	(Wilke, 2019. P.174)
[E13]	Em mapas coloridos, use valores totais se as áreas individuais que colorimos têm aproximadamente o mesmo tamanho e formato ou são menores que o tamanho geral.	(Wilke, 2019. P.174-176)
[E14]	Em mapas coloridos, use valores totais se a quantidade que a cor representa mudar em uma escala maior que as áreas coloridas individuais.	(Wilke, 2019. P.174-176)
[E15]	Em mapas coloridos, use escala de cores discretas de preferência e não sequenciais.	(Wilke, 2019. P.174,175)

Gráficos de Linha

Código	Descrição da diretriz	Referências
[E16]	Avalie a proporção entre altura e largura do gráfico.	(Kelleher C; Wagener, 2011), (Munzner, 2014. P.157,158)
[E17]	Retire os pontos em dados densos.	(Wilke, 2019. P.133)
[E18]	Preencha a área sob a curva apenas se o eixo começa em zero.	(Wilke, 2019. P.134,135)
[E19]	Não diferencie as linhas por traços ou pontilhados pois dificultam a distinção.	(Wilke, 2019. P.247)
[E20]	Não use a largura da linha para diferenciar mais de quatro valores.	(Munzner, 2014. P.106,107)
[E21]	Dados não sequenciais não devem ser ligados por pontos.	(Kelleher C; Wagener, 2011)

APÊNDICE B - RELATÓRIO DE FALHAS ENCONTRADAS NA AMOSTRAGEM DE VISUALIZAÇÕES DO NÚCLEO DELTA FOLHA

Poder

Gráfico	Diretrizes violadas	Gráfico	Diretrizes violadas
Maioria dos recursos no STF e no STF 4 julgada em até um ano Levantamento analisou mais de 40 mil processos na área criminal Tempo entre a sentença e o trânsito em julgado no Supremo Tribunal Federal em milhares de recursos extraordinários até 4 meses 77% dos processos foram julgados em até 1 ano	[D03], [E16]	Atribuição em 2018 em % Proporção de processos em que houve recurso a uma instância superior em relação ao total de casos em que não houve recurso estadual federal 1ª instância Varia (1 a 13) 2ª instância Tribunais de Justiça (25) Tribunais Regionais Federais (25) Quando a decisão contestada contraria uma lei federal Superior Tribunal de Justiça (9) Quando a decisão contestada contraria a Constituição	[C08], [L02]
T385	Publicado em 16/10/2019	T385	Publicado em 16/10/2019
Tempo de tramitação dos processos na primeira instância, segundo o CRJ 3 anos e 10 meses 4 anos e 7 meses Tempo entre o momento em que o processo chega ao tribunal e a sentença em primeira instância	[A01]	Processo contra Lula é um dos mais rápidos no STF-4 Análise aponta tempo entre início do processo e decisão para o reitor da 4ª turma processo contra Lula processos contra outros 100 dias processados (75%) 125 dias processados (93%)	
T385	Publicado em 16/10/2019	T381	Publicado em 29/10/2019
Popularidade nas redes sociais de Bolsonaro, Lula e Huck Avaliação feita por índice calculado por consultoria, que considera Facebook, Instagram e Twitter Bolsonaro Lula Huck Crusga de Bolsonaro realizada no começo do mês Diferença se mantém semelhante ao longo do ano Lula aumenta seu índice por causa da repercussão da recusa do STF de libertá-lo da prisão Lula teve melhora na popularidade devido a homenagens por seu aniversário 5145 posts de Bolsonaro 334 de Luciano Huck 4391 de Lula	[X03], [L02], [E18], [E19]	As dimensões avaliadas O personagem com mais êxito em cada quesito ganha nota 3, e os demais são posicionados abaixo disso Bolsonaro Lula Huck Mobilização Considera número de compartilhamentos de postagens no Facebook e Twitter Validade Soma de likes e retweets no Facebook, dividida pelo número de angústia em cada post / soma de comentários negativos nas redes, dividida pelos registros	[L02]
T366	Publicado em 23/12/2019	T366	Publicado em 23/12/2019
Luciano Huck O índice de popularidade do apresentador não segue o movimento de Bolsonaro e Lula Luciano Huck Consegue bom resultado no indicador de fama, por ter muitas seguidores, mas seus posts engajam pouco	[D03], [L02]	Validade versus engajamento Bolsonaro Lula Huck Bolsonaro consegue um grande engajamento, seja em posts com repercussão positiva ou negativa (Lula se beneficia) Lula conseguiu grande engajamento em recente, quando saiu da prisão, mas uma validade (recepção positiva) não muito alta	[L01], [L02]
T366	Publicado em 23/12/2019	T366	Publicado em 23/12/2019

PT venceu no Nordeste e perdeu no Sul nos últimos 4 eleições Votos no estado 1998 (2ª turnos) Fernando Collor do Mello 2002 (1º turnos) Fernando Henrique Cardoso 2006 (2º turnos) Fernando Henrique Cardoso 2010 (1º turnos) Luiz Inácio Lula da Silva T104	Publicado em 19/06/2022	Estado repete polarização nacional desde 2006 Votos no presidente eleito, em %, por município (2ª volta de 1998 a 2ª volta de 2010) 1998 - FHC Vargem Grande do Rio Paraíba 90% 2002 - Lula Santa Antônia do Rio Preto 13% 2006 - Lula Praia de Leste 90% 2010 - Dilma Cassiporã 80% A partir de 2006, estado tem divisão mais marcada Norte, Nordeste, Vale do Paraíba e Zona da Mata além das votas do PT/Col, Centro e Região Central, a PSD e PSL. Demais áreas foram mais neutras ou alternaram preferências. [C04] T104 Publicado em 19/06/2022
Candidatos mais votados em Belford Roxo Daniela Carneiro Voto Real 114.345 Sally de Carmo Avante 8.433 Rosângela Gomes República 5.725 De Fátima PL 4.32 Sergio Carmo PL 3.687 Estado tem mais de 150 mil votos a mais, que a segunda colocada T14	Publicado em 07/01/2023	Votos na deputada Daniela Carneiro no estado do Rio de Janeiro em % Colado com mais de 200 mil eleitores Colado entre Daniela e a candidata mais votada São José de Itaipua 10,2% Carvalho Moreira 25,3% Alfarrones 1,12% votos São João do Bonf 5,2% Belford Roxo 19,54% votos [M04], [L03] T14 Publicado em 07/01/2023
Candidatos mais votados em cidades brasileiras com mais de 200 mil eleitores em % Quantidade de eleitores de 200 mil e mais Carvalho Moreira 25,3% São João do Bonf 5,2% Belford Roxo 19,54% votos T14	[D05], [M04] Publicado em 07/01/2023	Como é feita a cisterna de placas de 16 mil litros A cisterna de placas de 16 mil litros deve ser um equipamento em manutenção de placas de alumínio integradas a um sistema de captação instalado no telhado para captação da água da chuva. O sistema deve conter os seguintes acessórios: sistema de filtragem e decantação automático de água da chuva, placa de identificação, bomba manual, campo, calado, a fibra de burrão de 8 litros com válvula. O procedimento para instalação se faz em 5 etapas: montagem das placas de alumínio, instalação do sistema de filtragem e decantação, instalação do sistema de captação, instalação do sistema de distribuição e instalação do sistema de controle. T8 Publicado em 29/01/2023
Previsão de construção de cisternas em municípios contemplados por comércio Tecnologia Alguns 5% Valor da cisterna R\$ 4.731,17 Quantidade de cisternas Condição de risco São João do Bonf 1.700 Carvalho Moreira 1.700 Alfarrones 1.700 São João do Bonf 1.700 Legião dos Patões 1.700 T8	Publicado em 29/01/2023	Partidos da base de Lula tem padrão de votação distante do PT Proximidade por governo Base de governo atual Partidos independentes [D05], [L03], [L02] T5 Publicado em 12/02/2023
Atuação de premissas Base de governo Partidos independentes Partidos de oposição T5	[C04], [C05], [X05] Publicado em 12/02/2023	Base de Lula no Clima PT 223 PT 102 PT 102 [C01] T5 Publicado em 12/02/2023

Saúde

Gráfico	Diretrizes violadas	Gráfico	Diretrizes violadas
----------------	----------------------------	----------------	----------------------------

O mundo na história das Olimpíadas

Os EUA já foram ameaçados por soviéticos e alemães orientais. Agora, é a China quem disputa hegemonia no quadro geral de medalhas. Brasil tem crescido nas últimas edições

Quantidade de medalhas distribuídas por Jogos



Quadro de medalhas, Tóquio 2020

Em número de pódios	Ouro	Prata	Bronze	Total
1ª EUA	39	41	33	113
2ª China	38	32	18	88
3ª Coreia	20	28	23	71
4ª Grã-Bretanha	22	21	22	65
5ª Japão	27	14	17	58
6ª Austrália	17	7	22	46
7ª Itália	10	10	20	40
8ª Alemanha	10	11	16	37
9ª Holanda	10	12	14	36
10ª França	10	12	11	33
12ª Brasil	7	6	8	21

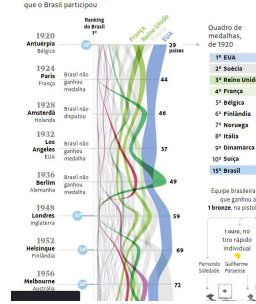
*Comitê Olímpico Russo

O Brasil bateu o recorde de medalhas conquistadas em uma edição olímpica (21) e igualou o número de ouros obtidos no Rio-2016 (7)

Batalha pela liderança

Os EUA já foram ameaçados por soviéticos e alemães orientais. Agora, é a China quem disputa hegemonia no quadro geral de medalhas. Brasil tem crescido nas últimas edições

Rainha dos 23 Jogos Olímpicos que o Brasil participou



Entenda o gráfico

Espessura total de medalhas

Altura posição no ranking geral

[C04], [C05], [D05], [M04], [L02]

T149

Publicado em 08/08/2021

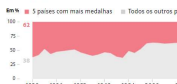
T149

Publicado em 08/08/2021

Medalhas de Tóquio-2020, por milhão de habitantes



Concentração de medalhas em Tóquio-2020 manteve estabilidade na concentração de medalhas, com o top 5 se mantendo dono de 37% dos pódios olímpicos



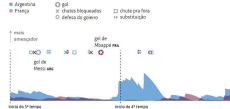
T149

Publicado em 08/08/2021

T17

Publicado em 18/12/2022

Nível de ameaça no 2º tempo (xT)



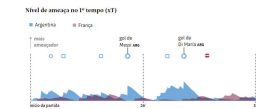
Tempo em que cada time foi mais ameaçado



T17

Publicado em 18/12/2022

Nível de ameaça no 1º tempo (xT)



Tempo em que cada time foi mais ameaçado



T17

Publicado em 18/12/2022

Campeonato Brasileiro feminino de 2022

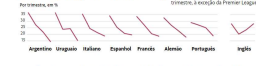


Pontuação não se repete no futebol feminino. Na primeira divisão do Brasil, há mais jogadores marcando em agosto (36) que em fevereiro (20)

T11

Publicado em 21/01/2023

Padrão de outros campeonatos no mundo

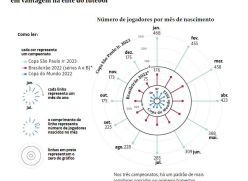


[X03]

T11

Publicado em 21/01/2023

Padrão internacional mostra mudanças no início do ano em comparação com o fim do ano



T11

Publicado em 21/01/2023

[L02]

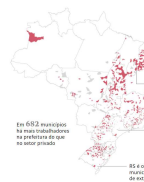
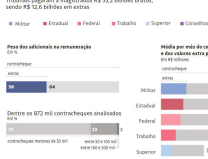
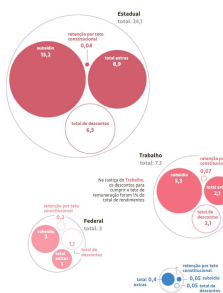
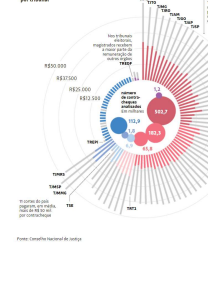
Cotidiano

Gráfico	Diretrizes violadas	Gráfico	Diretrizes violadas
A maior parte das vítimas de violência (física, sexual, psicológica, entre outras) é mulher Fonte: Survey/Ministério da Saúde, dados de 2018, não preferências e estão sujeitos a alterações	[C08], [C10]	As agressões de mulheres por homens não param de crescer, ano a ano em diferentes categorias previstas pelo sistema de notificações do Ministério da Saúde Fonte: Survey/Ministério da Saúde, dados de 2018 não preferências e estão sujeitos a alterações	[M01]
Na maioria das vezes, o agressor é o pai ou o atual companheiro Fonte: Vigilância da Violência e Acidentes (VIVA/Unicamp)	[C01]	Estratos coletivos contra mulheres feitos por homens também atingem recorde Fonte: Survey/Ministério da Saúde, dados de 2018 não preferências e estão sujeitos a alterações	
Estados Unidos Fonte: Survey/Ministério da Saúde, dados de 2018 não preferências e estão sujeitos a alterações	[X01]	Número de passageiros que chegaram ao Brasil Fonte: Survey/Ministério da Saúde, dados de 2018 não preferências e estão sujeitos a alterações	
Origem dos passageiros que chegaram ao Brasil Fonte: Survey/Ministério da Saúde, dados de 2018 não preferências e estão sujeitos a alterações		Escolas privadas com pais no coletivo antirracista Fonte: Survey/Ministério da Saúde, dados de 2018 não preferências e estão sujeitos a alterações	
Perfil dos professores na cidade de SP Fonte: Survey/Ministério da Saúde, dados de 2018 não preferências e estão sujeitos a alterações		Escolas com pais participando do coletivo Fonte: Survey/Ministério da Saúde, dados de 2018 não preferências e estão sujeitos a alterações	

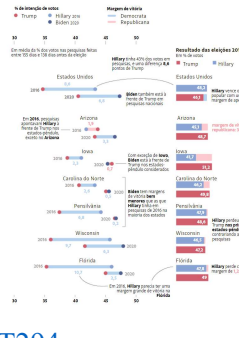
Votação nas eleições municipais em que foi o maior votado	Votação nas eleições em que foi o 2º maior votado	Ricardo Salles liderou votação na região de Araçatuba e em distritos ricos da capital Candidatos a deputado federal mais votados no estado	Publicado em 24/10/2022
Resultados de Salles, por distrito da capital	[L03]	Resultados de Salles, por região	[D03], [L03]
Publicado em 24/10/2022	Publicado em 24/10/2022	Publicado em 24/10/2022	Publicado em 24/10/2022

Educação

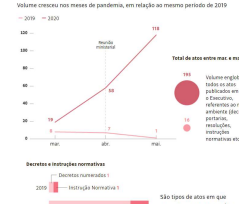
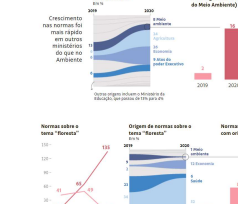
Gráfico	Diretrizes violadas	Gráfico	Diretrizes violadas
Presença de alunos negros nas escolas paulistas Em São Paulo, região metropolitana: 13% dos alunos de escolas privadas 44% dos alunos de escolas públicas	[C04], [L01], [L03]	O peso da prova de inglês contra alunos da rede pública no Enem Alunos com maior desempenho geral no exame têm resultados diferentes na língua estrangeira	[C05], [X05]
T231	Publicado em 22/11/2020	T203	Publicado em 27/02/2021
T203	Publicado em 27/02/2021	T203	Publicado em 27/02/2021
T203	Publicado em 27/02/2021	T203	Publicado em 27/02/2021

Impacto da possível extinção de 1.217 municípios pequenos Governo quer extingui municípios pequenos com baixa arrecadação em 100 dias. Há mais trabalhadores na prefeitura do que com carteira no setor privado  ■ Municípios com mais de 10 mil habitantes na prefeitura do que no setor privado ■ 11 terço maior número de municípios com mais habitantes do que empregos (27) em que o setor privado (27) ■ Em 14 há 60 municípios com mais servidores dos municípios do que no setor privado (70) ■ Em 652,3 municípios há mais trabalhadores na prefeitura do que no setor privado ■ Há 2 estados com mais municípios extinguidos de 2015 a 2019, segundo o IBGE (22)	O que se paga no Judiciário Trilobares pagaram a magistrados R\$ 31,3 bilhões brutos, sendo R\$ 5,2 bilhões em extras  Paga de salários na remuneração Trilobares pagaram a magistrados R\$ 31,3 bilhões brutos, sendo R\$ 5,2 bilhões em extras Mais por mês de contracheques Trilobares pagaram a magistrados R\$ 31,3 bilhões brutos, sendo R\$ 5,2 bilhões em extras Os dos tribunais que mais pagaram por mês, em média Trilobares pagaram a magistrados R\$ 31,3 bilhões brutos, sendo R\$ 5,2 bilhões em extras
Principais itens dos contracheques  Valor médio dos contracheques por tribunal 	

Mundo

Gráfico	Diretrizes violadas	Gráfico	Diretrizes violadas
Biden lidera pesquisas nacionais e em estados decisivos Vantagem em relação a Trump e menor do que a de Hillary em 2016 	[D05], [M03], [L01], [L03]		

Ambiente

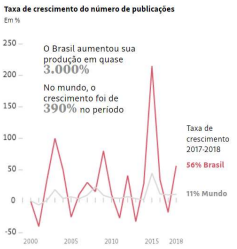
Gráfico	Diretrizes violadas	Gráfico	Diretrizes violadas
Atos publicados pelo governo Bolsonaro sobre meio ambiente Volume cresceu nos meses de pandemia, em relação ao mesmo período de 2019 		Origem de normas sobre meio ambiente 	[C09], [X01]

Ciência

Gráfico	Diretrizes violadas	Gráfico	Diretrizes violadas
---------	---------------------	---------	---------------------

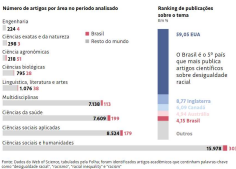
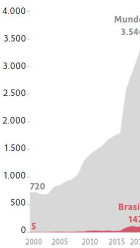
Produção científica sobre desigualdade racial
Número de artigos sobre o tema cresceu mais no Brasil do que no mundo nos últimos 20 anos

[X02]



Número absoluto de publicações

[X02]



[L01]